

**UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E**  
**MEIO AMBIENTE**

**DENISE HADDAD**

**MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA: RESGATE DE EXPERIÊNCIAS**  
**EM ARTE E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ARARAQUARA - SP  
2018

DENISE HADDAD

**MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIAS: RESGATE DE EXPERIÊNCIAS EM  
ARTE E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de Mestrado, na Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

ORIENTADORA: Profa. Dra Janaina Florinda Ferri Cintrão

ARARAQUARA – SP  
2018



## FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME DO(A) ALUNO(A): *Denise Haddad*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de Mestrado, da Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

### BANCA EXAMINADORA

*Profa. Dra. Janaina Florinda Ferri Cintrão*  
UNIARA – Araraquara

*Prof. Dr. Fabio Tadeu Reina*  
UNIARA – Araraquara

*Prof. Dr. José Maria Gusman Ferraz*  
UNIARA - Araraquara

Araraquara – SP, 08 de março de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais por me trazerem ao mundo e, com muito amor, proporcionarem-me uma infância feliz, a qual tenho muito orgulho de ter vivido! A todos irmãos com os quais compartilhamos momentos intensos de aprendizado e convivência.

Agradeço a todos que contribuíram para existência da Aldeia Recreação Infantil, sócias, professores, pais, alunos e funcionários, como também aos que deram continuidade após a minha saída.

Agradeço minha orientadora Janaina Florinda Ferri Cintrão pelo apoio e direcionamento, a querida amiga Dulce Whitaker, que muito contribuiu nesta pesquisa, e ao professor José Maria de Gusmão Ferraz e Fabio Tadeu Reina pelas contribuições.

Agradeço especialmente aos alunos que gentilmente contribuíram com seus depoimentos e encontros com muito amor e disponibilidade, como também aos pais e professores que contribuíram com seus depoimentos.

Agradeço a todos queridos amigos que contribuíram para a construção desta pesquisa, em especial à Edmiriam Modulo, Marcella Cabaz e Rosana Silva pela dedicação e apoio. Ao Rui Barbosa pela edição do vídeo, Nivaldo Dakuzaku, Élide Mendonça pela captação das imagens.

Agradeço a vida, pela oportunidade de vivenciar esta experiência que com certeza foi de muito crescimento, referência e maturação.

Agradeço a todas as crianças que nos inspiram a esperança ao novo tempo por nos mostrar a direção da verdade e do amor.

## RESUMO

Essa pesquisa propôs recuperar a trajetória vivenciada pelas crianças que frequentaram a “Aldeia Recreação Infantil” nos anos de 1980 a 1986, em Araraquara- SP, a fim de identificar o quanto as práticas junto à natureza, como o cultivo e a elaboração de alimentos, o contato com animais, a arte criativa, o respeito ao brincar e o convívio com a comunidade escolar, entre outras, proporcionaram referências e valores pessoais e culturais em suas vidas adultas. A partir das narrativas desses ex-alunos, que, na época, encontravam-se na faixa etária entre 2 a 6 anos de idade, foram recolhidos depoimentos de suas memórias significativas que trouxeram base para uma análise, que teve como referências princípios e valores repercutidos na sua vida adulta. Teve como base analítica os conceitos da Alfabetização Ecológica e a educação pelo sensível, cuja essência fomenta a possibilidade de nutrir o sentimento de afinidade para com o mundo natural, a partir de um respeito ao brincar e à livre expressão da criança. Os depoimentos foram organizados a partir da História Oral, tendo como interface os princípios da Análise Textual Discursiva e da Corporeidade e buscou evidenciar, por meio do conteúdo das vivências sensoriais e cognitivas dos sujeitos da pesquisa, os valores que se manifestaram em suas vidas. Pelo viés da Teoria Sistêmica, que entende o mundo como um todo integrado, evidencia-se que os fenômenos vividos pelos sujeitos da pesquisa estão interconectados e tecem uma teia de relações que se retroalimentam, de modo a favorecer a apropriação de uma nova visão de mundo. Percebe-se ainda que, apesar das experiências deste grupo terem se dado em tão tenra idade, elas permaneceram vivas, posto que impressas na memória corporal por eles registradas e que elas são de ordem sensorial e não mental e/ou intelectual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincar, Natureza; Educação Infantil; Memória; História Oral; alfabetização ecológica

## ABSTRAT

This research proposes to recover the experiences lived by the children who attended the "Aldeia Recreação Infantil" between 1980 to 1986 in Araraquara-SP, in order to assess how much the practices with nature, such as the cultivation and preparation of food, the contact with animals, creative art, respecting others while playing and conviviality with the school community, among others, have provided personal and cultural references and values in their adult lives. From the narratives of these alumni, who at the time were between the ages of 2 to 6, were collected testimonials of their memories that brought basis for an analysis, which had as references principles and values in their adult lives. It was based on analytical concepts of ecological literacy, and education by the sensitive, whose essence promotes the possibility of nurturing the feeling of affinity for the natural world, from a respect to the play and the free expression of the child. The testimonies were organized from verbal history, having as an interface the "Discursive Textual Analysis and Corporeity" and sought to highlight, through the content of the sensory and cognitive experiences of the subjects of the research, the values that manifested in their lives. By the bias of the "Systemic Theory", which understands the world as an integrated whole, it is evidenced that the phenomena experienced by the subjects of the research are interconnected and weave a web of relationships that feed on each other, in order to favor the appropriation of a new vision of the world. It is also understood that, although the experiences of this group were given at such an early age, they remained alive, as they were printed in the body memory they recorded and that they are of a sensory and non-mental and/or intellectual order.

**KEY WORDS:** Play, Nature; Child education; Memory; Oral History, Ecological Literacy.

## Memórias de uma História

*Ao contarmos nossa história, revivemos o passado, e isto abre possibilidades de repará-lo e senti-lo diferente, à medida que vivemos um presente outro, sem ressentimentos ou saudosismos*  
“(FERREIRA-SANTOS, 2012, p.106)

Figura 01- Brincando com água.



Fonte: Arquivo da Autora

*Respiramos menos, pois não cabem em nossos corpos o vento da mudança... O amor é alado... Aprendo que é preciso coragem para voar e deixar voar. E não há estrada mais bela do que essa. (RUBEM ALVES)*

### **Rememorar para recuperar a visão.**

*Falar de minha infância....*

*Uma das coisas que mais me incomodava na minha vida era não ter muitas recordações de minha infância e, quando perguntava para minha mãe, ela me dizia poucas coisas ou sempre as mesmas coisas: “Que fui programada para nascer no mês de Maria, porque ela sendo devota de Nossa Senhora, queria que um filho nascesse nesse mês, inclusive gostaria que meu nome fosse Denise Maria, e meu pai não deixou”;*

*“Que era uma boneca, quando nasci o médico disse que eu era o bebê mais lindo que ele havia posto ao mundo”.*

*“Que, quando eu era pequena, gostava de ficar só de calçinha no portão de casa, e falava com todas as pessoas que passavam, algumas vezes seguia de mãos dadas com elas e meus pais tinham que correr atrás de mim... ou às vezes me buscar na casa de algum vizinho. Também não gostava de dar as mãos para atravessar a rua”.*

*“Quando havia festas de família, eu era a atração com às minhas apresentações de dança, adorava dançar twiste, e a todos encantava”.*

*As lembranças de meu pai são muito semelhantes as da minha mãe.*

*Do que me lembro... minha casa tinha um quintal amplo e atrativo, com duas jabuticabeiras, goiabeiras, parreira de uva e vários canteiros de flores, que eram a paixão de minha mãe. A horta, no fundo, ficava aos cuidados do meu pai.*

*Tinha também uma garagem cheia de sucatas que entretia primos e vizinhança por horas a fio. Nela havia uma escada que dava acesso a um segundo andar, uma espécie de cantinho mágico, um esconderijo, onde eu tinha um pouco de privacidade e adorava ficar. Lá, eu podia fazer as coisas proibidas como, por exemplo, brincar com um gatinho que às vezes aparecia em casa. Embaixo da escada havia um colchão grande sobre o qual pulávamos de cima, numa verdadeira aventura. Meus amigos amavam brincar na minha casa.*

*Meu lugar preferido era a jabuticabeira. Havia um galho que era muito confortável onde eu conseguia até fazer a tarefa da escola. Adorava dar nome aos passarinhos que se aproximavam e se tornavam amigos. Mas o que me incomodava era o meu irmão mais novo, que tinha vários estilingues e matava os pássaros ou os prendia na gaiola. Vivia brigando com ele e soltava, às escondidas, os pássaros presos...*

*Minha casa sempre estava cheia de pessoas. Além da minha família, que já era numerosa, pois somos sete filhos, vinham os primos, amigos, vizinhos... todos gostavam de lá brincar por causa do espaço e da liberdade que havia.*

*Num quartinho, no fundo do quintal que minha mãe usava para costurar, havia uma lousa grande e uma mesa de ping-pong na qual, frequentemente, fazíamos campeonato. Era também um local de estudos onde, eventualmente, minhas irmãs mais velhas davam aulas particulares. Com elas aprendi as primeiras letras.*

*Lembro-me de um extenso terreno baldio ao lado, que fazia parte da casa dos padres jesuítas, onde eu e os amigos de meus irmãos soltávamos pipas, sendo que eu era a única menina desta turma.*

*Também gostava de brincar de bonecas e, principalmente, fazer comidas e experimentos com o liquidificador da minha mãe, uma novidade para minhas amigas, pois suas mães não permitiam esse acesso. Juntávamos vários ingredientes e criávamos pratos exóticos e misteriosos, uma verdadeira alquimia, alguns até conseguíamos comer, outros eram puras experiências.*

*Sempre tive muita intimidade com a cozinha. Nela fui iniciada desde muito cedo, com o privilégio de ter uma mãe e duas avós exímias cozinheiras, que frequentavam diariamente minha casa. Lembro-me de que em todas as festas era uma aventura aquela mulherada fazendo as guloseimas, os salgados, enrolando os docinhos..., era uma briga para raspar as panelas de brigadeiros. Herança que mantenho viva até hoje...*

*Minha mãe sempre foi dedicada e caprichosa, costurou para os 7 filhos. Cozinhou muito bem e fazia festas lindas para todos nós...*

*Já meu pai era festeiro, adorava a casa cheia. Além de todos os filhos, ele frequentemente trazia como convidados para o almoço os vendedores ambulantes que chegavam de fora para abastecer o armazém que tínhamos. Ele também sempre convidava amigos e familiares para conversar, jogar baralho, ou para tomar um aperitivo. Sempre foi um homem muito simpático, social, provedor e dedicado à família.*

*Eu adorava andar de patins. Lembro-me de que ganhei da minha madrinha, um patins vermelho de presente de Natal, que só tirava do pé pra dormir. Passava o dia de patins, ia até para a Escola com ele e minha mãe vivia brigando para não usar dentro de casa, pois que iria riscar o chão...*

*Outra parceira inseparável era a minha bicicleta: sempre fui apaixonada, trazia-me a sensação de liberdade, abria as minhas asas... lembro-me de muitas aventuras com amigos e até de passeios noturnos. Essa prática perdurou até hoje, como meu transporte preferido.*

*Com 4 anos de idade, meu pai me ensinou a nadar na piscina do clube que frequentávamos. Lembro-me de que a maioria de minhas amigas ainda não nadavam sem a*

*boia. Me chamavam de peixinho, pois fazia a vez de pular com toda coragem... Amava nadar com meu pai, ele me liberava, me jogava longe, eram momentos mágicos que nunca se apagaram de minha memória.*

*Lembro-me de ter uma infância livre, embora, no âmbito emocional, não tenha sido fácil. Não conseguia me expressar e muitas vezes era mal interpretada, levava broncas sem merecer e até apanhava por mentiras que meu irmão inventava, e “sempre levava por ele” ...*

*Por outro lado, meus pais eram liberais, principalmente com o livre brincar. Neste aspecto, minha infância foi extremamente rica: brincadeiras tradicionais, de bola, amarelinha, corda, roda, queimada, vivenciadas na rua, muitas vezes até tarde da noite, trouxeram alegria e encantamento.*

*Sempre me senti diferente dos meus irmãos e até de minhas amigas. Por ser muito sensível, era pouco compreendida e, quando comentava com minha mãe que me sentia excluída, ela nunca me dava atenção ou razão. Nesse sentido, foi uma infância difícil. Por saber a dor de não me sentir ouvida, identifico, nessa situação, um dos aspectos que busquei preservar na Aldeia: a escuta sensível das crianças.*

*Uma das coisas que mais me incomodou na minha educação foi o extremo valor dado pelos meus pais às aparências e às etiquetas sociais e a conseqüente desconsideração da expressão da nossa individualidade. Preocupados com a opinião dos outros, muito mais do que como nos sentíamos, tendiam a promover a padronização de um comportamento, que fosse socialmente aceito, embora de forma aparente. Neste sentido e por nunca aceitar a condição de ser padronizada, moldada, de não ter a minha essência respeitada, sempre fui muito rebelde.*

*Considero este outro valor que busquei vivenciar na Aldeia a preservação da identidade de cada criança, a possibilidade de poderem se expressar de forma autêntica e verdadeira.*

*Outro motivo de tristeza na minha infância foi o fato de vivenciar a desigualdade e a ausência de diálogo, no que tangia às questões divergentes e conflituosas, ganhava quem gritava mais alto ou quem tinha maior influência dialógica. Nunca houve, por exemplo, um enfrentamento no sentido de valorizar as verdadeiras razões de um conflito e promover um consenso diante de situações delicadas.*

*Por perceber o desrespeito e sentir-me impotente, preferia me afastar dessa situação, pois era muito difícil entender o que não dava pra entender. Reconheço, nessa conduta, valores caros à sociedade patriarcal, com os quais eles sempre se identificaram.*

*Sempre gostei de estudar. Embora não sendo numa escola ideal, pela repressão de nossas expressões. Lembro que gostava das férias, mas adorava voltar às aulas, talvez pelo ritmo e amigos. Algumas disciplinas que marcaram minha trajetória foram a Literatura e a História. Além de indicar bons livros, minha professora de literatura me estimulou a escrever. Frequentemente me chamava para ler as minhas redações e me elogiava para a classe.*

*A professora de História, por sua vez, possibilitava-me que eu me transportasse para lugares mágicos, como a Grécia, Egito... por seu talento em narrar os fatos. Amava suas aulas, pois sempre sonhei em conhecer o mundo e me interessava por saber as histórias.*

*Boas leituras acompanharam minha infância, meu pai era um bom contador de histórias e tinha por hábito ler para nós os livros da coleção “O mundo da Criança” (1971). Talvez isso tenha me estimulado a ter hábitos de leitura desde menina. Quando gostava do livro, devorava até terminar. Lembro de alguns autores que me marcaram, como a coleção de Monteiro Lobato, Jorge Amado, Herman Hess, Gabriel Marcia Marques, entre outros.*

*Sempre amei estar com as crianças pequenas, e elas me adoravam. Vivia dizendo que teria muitos filhos, no mínimo cinco! Minha mãe falava que meus problemas na coluna, que iniciaram aos doze anos, eram de tanto carregá-las. Com quatorze anos tive grave desvio de escoliose lombar e passei a usar um colete de ferro, que vinha até o pescoço e o qual tive que usar por dois anos, vinte e três horas por dia... um martírio! Foram anos muito difíceis numa idade delicada, início da adolescência, momento em que me distanciei de quase todos os meus amigos.*

*Quando cursava o colegial, comecei a trabalhar como voluntária no Orfanato Cristo Rei em Araraquara, onde auxiliava as crianças em suas atividades. Foi uma rica experiência conviver com a carência e poder repartir o meu amor e, ao mesmo tempo, receber tanto amor.*

*Quando entrei na Faculdade de Serviço Social, fui trabalhar em um Projeto da Prefeitura chamado PLIMEC, “Plano de Integração ao Menor Carente”. Foi uma experiência muito rica, pois, além de atuar como professora, desenvolvi vários projetos com a comunidade local. Entre várias atividades, criamos um grupo de mães e uma horta comunitária. Neste período, final de 1979, fui convidada por uma amiga para abrir, em sociedade com mais duas pessoas, uma Escola de Educação Infantil. Fiquei indecisa, pois meu objetivo, na ocasião, era sair de Araraquara assim que terminasse a Faculdade. Mas, como a proposta era interessante e pela insistência da minha amiga, aceitei fazer parte da sociedade com a condição de sair quando finalizasse o meu Curso.*

*Ela mesmo desistiu de entrar na sociedade e iniciamos, em 1980, a Escola Aldeia, em três pessoas: a Ana Maria Arnoldi Dias de Souza, Marcia Remanaschi Cabrini e eu. Ana Maria ficou responsável pela parte administrativa e Marcia e eu, pela parte pedagógica. No final do primeiro ano, a Marcia saiu e continuamos em duas por mais três anos. Em 1984, Ana Maria também saiu da sociedade e acabei ficando sozinha até 1986.*

*A Escola oferecia extensa área verde, propiciando o desenvolvimento de atividades com hortas, animais, jardinagem, culinária e artes. Um espaço diversificado composto de salas temáticas como: Música, Artes, Cozinha Experimental, Jogos criativos, Oficina de criação, Casinha de boneca. Primava pelo respeito ao desenvolvimento integral da criança, sua individualidade e liberdade de expressão. A criança era livre para expressar e expandir seu potencial criativo, e a família era uma integrante efetiva desse contexto*

*A proposta era a construção de uma Escola na qual a participação da Comunidade Escolar fosse valorizada.*

*Minhas recordações deste período são as melhores possíveis. Foi um tempo feliz, éramos muito unidas, gostávamos de estar juntos. Erámos uma equipe solidária e participativa. Fazíamos reuniões de avaliação diária e sempre com muito humor e disponibilidade procurávamos resolver todos os problemas nessas reuniões, inclusive ideias e acréscimos nas práticas pedagógicas. Os pais participavam com frequência das atividades propostas e acabamos criando uma grande família.*

*Embora com muitos desafios e dificuldades, que fazem parte da história, foram os anos que mais me realizei profissionalmente e pessoalmente, pois acreditava no que fazia e aos poucos pude colocar meus sonhos em prática. Talvez meu desejo maior fosse proporcionar às crianças aquilo que sempre quis pra mim, no sentido de ter liberdade, ser ouvida, respeitada, ter espaço para manifestar minha identidade e expressar minha essência.*

*Neste período, pude concretizar um sonho: uma construção coletiva, na qual estudávamos um caminho para possibilitar um espaço mágico, envolvendo os pais nessa empreitada. Foi um encontro sincrônico em que uma equipe de pessoas se dispunha a investigar o melhor de si na Educação e Auto-educação em uma metodologia nova, sem parâmetros de repetição, em que cada dia era vivido intensamente e avaliado minuciosamente, positiva ou negativamente, até chegarmos num consenso. Acho que isso foi o mais bonito da equipe: de ser cooperativa e construtiva.*

*Em todos estes anos, venho refletindo sobre a importância da primeira infância como determinante de padrões de comportamento na vida adulta. Foram experiências que perduram*

*e direcionam valores, hábitos e paradigmas para o resto de suas vidas. Falar sobre minha vida tem esse efeito de perceber como tais experiências me afetaram e dão, assim, ensejo aos relatos que busco em minha pesquisa com a finalidade de significar as experiências escolares das crianças que frequentaram a Escola Aldeia.*

*Instigar uma reflexão sobre a importância desta tarefa, a fim de proporcionar ambientes favoráveis a uma educação integral, talvez seja a intenção desta pesquisa. Aguçar a sensibilidade para a escuta das crianças, que chegam com imenso potencial e desejo de desabrocharem; que elas possam encontrar terrenos férteis, pessoas sensíveis, jardineiros dedicados a essas sementes em formação.*

## SUMÁRIO

<b>1. O CAMINHO.....</b>	<b>15</b>
<b>Objetivo Geral do trabalho de pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
2.1 - Entrevistas.....	23
2.2 - Análise Textual Discursiva.....	27
<b>3. UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>30</b>
3.1. Reflexões sobre o sistema educacional.....	30
3.2. A criança e o mundo natural.....	34
3.3. A escola Aldeia no contexto das escolas alternativas.....	40
3.4. Escolas Alternativas que marcaram uma época.....	46
<b>4. (RE) CONHECENDO A ESCOLA ALDEIA.....</b>	<b>53</b>
<b>5. MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA.....</b>	<b>78</b>
5.1. Corpo.....	81
5.2. Liberdade.....	82
5.3. Brincar.....	85
5.4. Natureza.....	88
5.5. Horta e Cozinha.....	90
5.6. Coletividade.....	93
5.7. Espaço Escola.....	95
5.8. Vivência comunitária.....	98
5.9. Valores.....	102
5.10. Escolha da profissão.....	106
5.11. Visão de Educação.....	108
5.12. A entrada no ensino convencional.....	112
5.13. Vínculos afetivos.....	116
5.14. Reverberação da memória: Encontro com alguns depoentes.....	118
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE- A.....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE- B.....</b>	<b>134</b>

## 1. O CAMINHO

*Lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. (BOSI, 994, p. 55)*

Figura 02 - Criança plantando



Fonte: Projeto Plantar Sementes, 2011

Minha trajetória no âmbito da Educação se iniciou em 1979, durante o primeiro ano da Faculdade de Serviço Social, que cursei em Araraquara – SP, quando ingressei em um projeto social, na região periférica da cidade, denominado PLIMEC (Plano de Integração ao Menor Carente), cuja proposta era implantar um Centro de Educação Infantil para atender crianças de 2 a 6 anos. A proposta também visava integrar um trabalho com a comunidade do entorno.

Inicialmente, fez-se um levantamento socioeconômico com as famílias envolvidas, a fim de levantar o interesse pela implementação do referido projeto no local; partiu-se, então, para a construção coletiva do centro, com a participação dos interessados.

Atuei, nesse projeto, durante um ano, como professora de quarenta crianças entre dois e três anos e, também, em vários programas com a comunidade, como a construção da horta escolar e as reuniões do grupo de mães, com as quais ministrávamos cursos sobre alimentos, atividades de práticas corporais e palestras sobre diferentes temas sócio culturais, entre outras intervenções.

Na sequência, em 1980, com mais duas sócias, criamos a Aldeia Recreação Infantil, que atendia crianças de um a seis anos de idade. Essa escola contava com uma proposta inovadora para a cidade de Araraquara-SP, tratava-se de um local com extensa área verde, animais, hortas, jardinagem, cozinha, música, arte cênica, modelagem com argila, brincadeiras livres no espaço aberto, entre outras atividades.

A metodologia de ensino foi construída a partir do aproveitamento das metodologias educacionais contemporâneas naquilo que entendíamos ser adequado ao modelo que a Escola pretendia (Construtivista, Piagetiana, Montessoriana, Freireana, Frenet, Steiner). Não havia métodos específicos, pois tratava-se, antes de tudo, de criar um espaço aberto para a construção conjunta com os educadores e os pais, e, portanto, suas práticas estavam sujeitas a uma constante reavaliação.

Tínhamos um planejamento semestral, em que as atividades criativas e o brincar livre eram priorizados. O educador era instruído para ser mais um mediador do que um condutor nas brincadeiras junto à natureza. Aproveitando temas advindos das próprias crianças, no que acontecia no momento.

Tínhamos salas temáticas, as quais diversificavam as atividades cotidianas, portanto as crianças não tinham salas fixas. A proposta da escola incluía atividades de aprendizado prático, tais como o plantio, a elaboração de alimentos, a realização de receitas naturais e a utilização dos produtos colhidos na própria horta. Havia restrições quanto ao lanche: só aceitávamos produtos que contribuía para a saúde da criança. A família exercia um papel fundamental de integração com os conteúdos propostos, pois os pais acompanhavam os programas desenvolvidos.

Defendíamos a liberdade de expressão e a criatividade da criança; assim, no que se aplicava às artes, não utilizávamos um modelo preestabelecido com a finalidade de estimular que a criança fizesse seu próprio registro e o interpretasse livremente. Além disso, eram desenvolvidos vários processos criativos na modelagem com argila, no teatro, na música e nas brincadeiras que fazíamos no espaço livre da Escola.

Concomitantemente, realizávamos com os pais um trabalho de conscientização sobre os conceitos adotados pela escola, no que tange a importância de uma alimentação naturalmente saudável, ao aproveitamento dos materiais recicláveis, ao contato com a natureza e com os animais e, sobretudo, a liberdade de expressão das crianças. Essa participação dos pais em atividades interativas e de acompanhamento de programas e conteúdos era intensa e contribuía para aumentar a consciência em relação aos temas abordados. Realizávamos muitos passeios e

festas em chácaras, possibilitando um contato mais próximo com a natureza e construímos, assim, um núcleo de integração e de novas dimensões de aprendizado.

As brincadeiras livres eram estimuladas e valorizadas como processo fundamental da formação das crianças.

Partindo desta perspectiva, brincar é uma necessidade da criança. É brincando que a criança tem acesso a práticas culturais, práticas através das quais: a criança se humaniza, apropria-se de formas de comunicação e familiariza-se com processos de interação social: ela aprende a ouvir, esperar a sua vez, negociar, a defender seu ponto de vista, a rir com as outras crianças, a criar. Brincar envolve emoção e humor, dimensões importantes na relação entre as pessoas (LIMA, 2007, p.5).

Atuei na direção da Aldeia durante intensos seis anos entre 1980 a 1986 etomei outros rumos, fui morar na Amazônia, e, depois, em outros lugares, optando por ampliar minha visão de mundo a partir de novos horizontes vivenciais. Desde então, passaram-se quase trinta anos! Após aproximadamente 20 anos, tive encontros esporádicos não planejados com ex-alunos da Aldeia, que me relataram o quanto essa experiência havia deixado marcas em suas vidas. Esses encontros me levaram a uma profunda reflexão sobre como as vivências significativas podem deixar marcas referenciais na vida de uma pessoa e o quanto as propostas educacionais, desenvolvidas na primeira infância, norteiam os valores essenciais para o futuro.

Partindo dessa reflexão, procurei encontrar elementos que justificassem as práticas como as que os ex alunos da Aldeia receberam, que dessem sentido e fundamento a um novo olhar sobre a Educação, que proporcionassem um resgate da proximidade da criança com os ciclos naturais, por meio de proposições e ferramentas, essenciais para a construção de uma visão inovadora com relação à natureza, às artes e ao meio ambiente.

Dessa reflexão, em meados de 2007, elaborei um projeto “Plantar Sementes”, pensado para ser desenvolvido em ambientes escolares, com a função de resgatar a conexão com os valores essenciais associados à natureza e à sustentabilidade. Isso se daria através da Natureza Viva,<sup>1</sup> empresa criada para oferecer Consultoria em Educação.

A ideia de empreender tal projeto partiu da tentativa de integração entre o campo e a cidade, já que, nos centros urbanos, perdeu-se o contato com a natureza e seus ciclos, fonte de nossas riquezas, e desenvolveu-se um automatismo, rápido e vazio, que chega de forma acelerada às crianças. Uma das consequências desta ruptura com a natureza, é a obesidade infantil, vida sedentária e péssimos hábitos de saúde. A obesidade infantil tem sido um assunto

---

<sup>1</sup> Natureza VIVA. Empresa de propriedade da autora, fundada em 2008 na cidade de São Paulo, com o intuito de desenvolver projetos voltados à alfabetização ecológica em Escolas, Instituições privadas e públicas.

que se destaca na área pediátrica e na nutrição, chegando a ser considerado um grave problema de saúde pública. Sua prevalência está aumentando principalmente nos países de primeiro mundo, devido à inatividade física e por consumo excessivo de alimentos industrializados e ricos em gorduras (MARA; LUIZ, 2002).

Figura 03- Oficina de alimentos



Fonte: Projeto Plantar Sementes, 2011

“Plantar Sementes” foi escrito para desenvolver um projeto de capacitação de educadores, a fim de sensibilizar e oferecer subsídios teóricos e práticos que resgatem a vinculação amorosa com a Terra, suas formas, texturas, cores, odores e sons, a partir do conhecimento sobre o ciclo alimentar, como o cultivo de alimentos, elaborações saudáveis com seus frutos e sua relação com a saúde integral.

Paralelamente, propõe desenvolver um “jardim escola”, como meio de engajamento de toda comunidade escolar e proporcionar um conhecimento ecológico, visando contribuir para a construção de um futuro sustentável. Esse projeto foi implantado em várias instituições de educação infantil por meio de oficinas para educadores, consultorias para gestores e atuação direta com as crianças.

Em 2011, iniciei um Curso de Pós-Graduação em Ecologia Arte e Sustentabilidade na UNESP/UMAPAZ - São Paulo - SP. No mesmo ano, fui chamada pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Araraquara para desenvolver o projeto “Plantar Sementes”, entre Março e Agosto de 2011. Isto me deu oportunidade de colocar o projeto como tema de pesquisa de Monografia.

A partir daí, o projeto abrangeu duas atividades paralelas: de um lado, a capacitação para agentes escolares (sendo composto de um diretor, um agente educacional e um professor) de 17 Centros de Educação e Recreação, como multiplicadores em um total de 75 educadores; por outro, a implantação de um Projeto Piloto desenvolvido no CER Maria Enaura Malavolta Magalhães, localizada no Vale do Sol –Araraquara- SP.

Dessa experiência surgiu o tema de Pesquisa que desenvolvi na minha Monografia, intitulada “Semeando caminhos: Arte e natureza na educação escolar”, aprovada na Instituição de Ensino supracitada.

Em busca de referências que associassem educação ao meio ambiente, tomei conhecimento e utilizei várias referências bibliográficas, usadas no processo do *Centro Ecoliteracy*, que tem Fritjof Capra como um de seus fundadores. Como centro de Alfabetização Ecológica, esta instituição promove a propagação do pensamento ecológico e sistêmico em escolas de primeiro e segundo graus, além de capacitação de educadores. O Centro é sediado em Berkeley, no Estado da Califórnia.

Em novembro de 2012 tive a oportunidade de visitá-lo, onde fui recebida por um dos seus coordenadores, Jacob L Wright, que me alertou para o registro dos relatos dos ex-alunos da Aldeia, minha antiga Escola, como valiosos para o aprofundamento de minha futura pesquisa, cujo intuito seria avaliar os efeitos da qualidade dessas vivências nas infâncias desses mesmos alunos. De seu ponto de vista, tal pesquisa seria valorosa, tendo em vista o fato de cobrir um período da infância não abrangido pelo Centro, pois trabalham com crianças a partir do ensino fundamental.

Foi assim que me propus a recuperar a trajetória da Aldeia e ingressar nesse programa de Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da UNIARA, em 2016, para aprofundar minha pesquisa a partir da justificativa abaixo descrita.

O resgate da memória de vivência da infância na Escola Aldeia pode trazer contributos de várias naturezas, dentre elas identificar a essência das experiências que se manifestam pela memória e sua contribuição para pensar a educação.

### **Objetivo Geral do trabalho de pesquisa:**

Esta pesquisa teve por objetivo identificar o quanto as práticas integradas à natureza e à arte criativa de ex- alunos da Aldeia Recreação Infantil, proporcionaram referências e valores pessoais e culturais em suas vidas adultas.

A partir daí passamos pelos seguintes passos (objetivos específicos):

- Reconstruir a trajetória da Aldeia Recreação Infantil no período de 1980 a 1986, enquanto uma proposta pedagógica inovadora de metodologia ao contexto histórico da época.
- Resgatar informações de memórias significativas de adultos que frequentaram a escola quando crianças e identificar as principais ações vivenciadas na referida Escola, principalmente no que diz respeito ao convívio com a natureza e a criatividade.
- Identificar como as experiências vivenciadas na escola repercutiram na idade adulta, na perspectiva dos adultos entrevistados.

A primeira sessão descreve a trajetória do autora dentro da Educação e o que a mobilizou a chegar ao interesse desta pesquisa.

Na segunda sessão, são citados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, tendo como recurso a História Oral a partir de entrevistas com 13 ex alunos da Aldeia, tendo utilizado como ferramenta a análise textual discursiva para organização e análise dos depoimentos levantados.

A terceira sessão foi dividida em três subitens, sendo que o primeiro aponta uma reflexão e crítica ao sistema educacional convencional, utilizando-se alguns autores que fundamentam a teoria do Sistemas, a Ecopedagogia e a Alfabetização Ecológica, como caminhos a um sistema mais integrado e uma visão educacional mais ampla e inclusiva.

Evidencia-se, no segundo, a importância e os benefícios de uma educação que integra a criança ao mundo natural, como caminho para o despertar de seu potencial criativo, respeitando o brincar livre, a saúde e o tempo de desabrochar de cada criança.

No subitem seguinte, apresenta-se a Aldeia no contexto das escolas alternativas. No período da repressão (política, cultural), tais escolas simbolizaram uma oposição e buscavam para as crianças a liberdade de ação, de expressão e pensamento, com caráter de resistência aos mecanismos de poder, propondo uma educação para autonomia para uma sociedade mais igualitária.

O último subitem, apresenta como referência algumas Escolas Alternativas que marcaram uma época como a Sumerhill, a Escola da Ponte, a Te-Arte e a Escola da Vila.

Na quarta sessão, inicia-se a análise dos dados, sendo o primeiro subitem a apresentação da Aldeia, descrevendo sua metodologia a partir das atividades desenvolvidas nas salas temáticas e o seu Espaço físico.

No subitem seguinte, valeu-se da análise textual discursiva para organizar e analisar os conteúdos dos depoimentos recuperados pelas entrevistas, possibilitando uma investigação de suas memórias relevantes.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizou-se pesquisa qualitativa para recuperar a trajetória da Aldeia. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Utilizou-se como recurso a História Oral. De acordo com Thompson (1992), a História Oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação. Implica não apenas uma certa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação. A reconstrução da história se torna, ela mesma, um processo de colaboração muito mais amplo, podendo o locutor da própria história adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorar a própria vida e fornecer informações valiosas a uma geração mais jovem.

A História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

Quem busca os fios de ligação na história de sua vida já terá criado, de diferentes pontos de vista, uma coerência naquela vida que agora esta pondo em palavras. Em sua memória, já terá separado e salientado os momentos que experimentou como significativos; outros terá deixado perderem-se no esquecimento. Assim, o primeiro problema, de captar e apresentar as conexões históricas, já estará meio resolvido pela vida. (Wilhelm Dilthey apud RICKMAN, 1961, p. 85-86)

O processo da memória depende da percepção. Para aprendermos alguma coisa, temos primeiro que compreendê-la. Nós a aprendemos em categorias, percebendo como as informações se ajustam, e isso nos possibilita reconstruí-la numa ocasião futura, ou reconstruir alguma aproximação daquilo que compreendemos.

Recordar é um processo ativo. O lembrar, numa entrevista, é um processo recíproco, que exige compreensão de parte a parte. A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. A História Oral é um documento do presente, porque é composta por narrativas no no presente. Contudo trazem em

si, ao mesmo tempo, uma mensagem do passado. Devem ser compreendidas como refletindo simultaneamente o passado e o presente. (THOMPSON, 1992)

Assim, os principais recursos metodológicos foram:

## **2.1. Entrevistas**

Identificamos 18 ex-alunos que frequentaram a Aldeia entre os anos de 1980 a 1986, esse contato se deu através de conhecidos entre nós, pela internet e telefone. Dos que foram contatados, 13 concordaram em participar da pesquisa.

Entramos em contato com cada participante para agendar as entrevistas. O lugar proposto foi o *Poitara*, uma chácara próxima a cidade de Araraquara- SP, na qual desenvolvemos atividades culturais, oficinas com agroecologia, produção orgânica e saúde alimentar, entre outros e que guarda certa semelhança com a Aldeia. Estiveram, nesse lugar, nove dos entrevistados, os demais realizamos em sua casa ou local de trabalho.

Os depoimentos foram realizados de modo informal, buscando ao máximo um ambiente tranquilo e descontraído, a fim de estabelecer uma relação de afinidade entre as partes, para que eles se sentissem à vontade na exposição de suas percepções, sensações, emoções e memórias e assim contribuir com dados que oferecessem subsídios à sustentação da hipótese levantada por esta pesquisa. Utilizou-se como referência um pequeno roteiro (Apêndice-A), que contemplou temas básicos, como o convívio com a natureza, arte criativa, coletividade, memórias relevantes, entre outros temas. Iniciamos cada entrevista com exposição de algumas fotos de acervo da autora a fim de auxiliar na rememoração de sua infância.

As entrevistas foram devidamente autorizadas e arquivadas. Procuramos rememorar, juntamente com os depoentes, a pedagogia proposta na Escola Aldeia e situar essa experiência no contexto da época.

Alguns encontros contaram com a presença dos filhos desses depoentes, que possibilitou uma intimidade familiar e uma abordagem relacionada ao fato aos filhos, principalmente ao desejo de oferecer aos mesmos experiências semelhantes às vividas na Aldeia pelos pais já adultos.

Tais entrevistas foram iniciadas em novembro de 2016 e finalizadas em abril de 2017. Foi uma experiência emocionante em cada encontro, rememorado de forma muito agradável, tanto pela escuta das memórias de cada um como pela reconstrução de um tempo vivido coletivamente e em harmonia.

Dentre a diversidade das memórias, foi observado que, enquanto alguns tiveram poucas recordações, outros nos surpreenderam com sua visão crítica e amadurecida de suas vivências na Escola. Suas recordações foram muito precisas, com conteúdos maturados em valores e percepções de sua trajetória de vida, superando as expectativas. Os 13 adultos que aceitaram contribuir com seus depoimentos, hoje, encontram-se na faixa etária de 37 a 40 anos, tendo frequentado a escola Aldeia quando tinham 2 a 6 anos de idade. Alguns desses participantes moram em Araraquara, outros em diferentes localidades, como São Paulo- SP e Recife- PE. A maioria são casados, alguns com filhos, outros, não. Foram eles:

- **Aluisio Baracat**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1981 a 1985. Cursou Direito, separado, uma filha, atua como Consultor, reside em Araraquara- SP.
- **Ana Silvia de Moraes**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Jornalismo, Psicologia e está cursando Doutorado em Educação, casada, uma filha, reside em São Paulo- SP.
- **André Nigro**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1982 a 1985. Cursou Engenharia Civil, casado, um filho. Possui uma Construtora, reside em São Paulo- SP.
- **Antonio Carlos Avelino Junior**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 5 anos entre 1981 a 1985. Cursou Direito e Ciências Contábeis, casado, não tem filhos, possui um Escritório de Contabilidade, reside em Araraquara- SP.
- **Claudia Petlik**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Psicologia, casada, tem 2 filhos, reside em São Paulo- SP.
- **Carolina Guimarães**, 40 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Pedagogia e Enfermagem, solteira, atua na Secretaria da Cultura na área de Comunicação, reside em Araraquara- SP.
- **Denise Zakaib**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Arquitetura, casada, não tem filhos, atua como Educadora em Artes, reside em Araraquara- SP.
- **Fernanda Serafim**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 2 anos entre 1982 a 1984. Cursou Psicologia, casada, tem dois filhos, reside em Araraquara- SP.
- **Luciana Lupo**, 37 anos, permaneceu 4 anos entre os anos de 1980 a 1984. Cursou Administração de Empresa, casada, uma filha, Empresária, reside em Recife- PE.

- **Luiza de Miranda Costa Moldan**, 39 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos, entre 1981 a 1985. cursou Fisioterapia, casada, 2 filhos. Atua como Fisioterapeuta, reside em Araraquara- SP.
- **Mariana Gaspar Lauand**, 39 anos, permaneceu na Aldeia por 3 anos entre os anos de 1983 a 1985. cursou: Ciências Sociais, Letras e Psicopedagogia, casada, tem 2 filhas, atua como Educadora, reside em Araraquara- SP.
- **Mariana Gianechchini Ferrari**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre os anos de 1980 a 1984. cursou: Psicologia, Especializada em Psicanálise Infantil, casada, dois filhos, atua como Psicanalista Infantil, reside em Araraquara- SP.
- **Rodrigo Gatti**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. cursou Administração de Empresa, casado não tem filhos, Empresário, reside em São Paulo- SP.

Em julho de 2012, realizamos um primeiro encontro com cerca de vinte integrantes, entre eles, ex alunos, pais e professores que estiveram na Aldeia, a intenção era, além de nos reunirmos depois de tantos anos, registrar seus depoimentos para gravarmos um áudio. Foi muito emocionante a oportunidade de ouvir, rever e reconstruir parte dessa história (figura 04). Neste dia, registramos entrevistas individuais com alguns desses participantes, alguns desses registros utilizamos no áudio desta pesquisa.

Figura 04 - Encontro com ex alunos, professores e pais 2012



Fonte: Acervo da Autora

Depois de realizadas as entrevistas, programamos um segundo encontro, sendo que a iniciativa veio de um depoente durante sua entrevista, que propôs uma reunião com todos incluindo as famílias, (companheiros e filhos). O segundo encontro para além de se reencontrarem e conhecerem suas famílias, foi pensado para que pudessem reviver atividades que realizávamos na Aldeia. Esse encontro aconteceu no dia 9 de Setembro 2017, no Poitara, infelizmente somente cinco, dos treze participantes, puderam estar presente (figura 05). Aproveitamos a presença das crianças (filhos) para realizarmos algumas das atividades lúdicas que desenvolvíamos na Aldeia. Concluímos com uma roda de conversa, onde os depoentes expuseram impressões que reverberaram após a entrevista. O fato deste encontro ter ocorrido, favoreceu lembranças que surgiram de suas conversas, intensificando as memórias que eram complementadas entre eles.

Figura 05 – Encontro com entrevistados 2017



Fonte: Acervo da autora, 2017

Houve ainda um terceiro encontro no dia 11 de novembro, no Poitara, com a presença de mais dois depoentes que trouxeram seus filhos (figura 06). Tivemos uma roda de conversa e gravamos seus depoimentos. Realizamos também algumas vivências muito prazerosas com as crianças, como plantio de mudas, elaboração de um suco verde, entre outras brincadeiras.

Figura 06 – Segundo encontro com depoentes



Fonte: Acervo da Autora, 2017

Para ilustrar este processo de pesquisa, aproveitamos alguns áudios dos depoimentos que conseguimos gravar de algumas entrevistas e também dos encontros que houveram, para documentar em um pequeno vídeo que estará disponível junto à Dissertação. Podendo ser acessado pelo link: <https://youtu.be/3HRugssWRQQ>

Para uma abordagem mais ampla, foi contemplado a visão de alguns pais e educadores que estiveram na Aldeia, nesse período, a fim de complementar a fala dos depoentes. Em contato rápido por meio das redes sociais (internet), pedimos para alguns enviarem por email seus depoimentos, que acabaram entrando no decorrer da análise.

Os participantes foram:

- *Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora*; - *Eloina Barbosa Leal, professora*; - *Julia Pimenta, professora*; - *Adalberto do Carmo Grifoni, professor de Educação Física*; - *Suzana Volpe, professora*; *Claudia Cavicchia, professora*; - *Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe*; - *Regina Gatti, mãe*.

## **2.2. Análise Textual Discursiva**

Uma vez coletados, os depoimentos foram classificados em 12 tópicos, de forma a favorecer o desenvolvimento da análise, a saber: corpo, liberdade, natureza, horta e cozinha,

coletividade, espaço Escola, valores, escolha de profissão, visão de Educação, vínculos afetivos, reverberação da memória.

Utilizamos, para tanto, a Análise Textual Discursiva, que, por ser uma ferramenta aberta, exigiu do investigador uma flexibilidade para aprender a conviver com uma abordagem de constante reconstrução de caminhos e desconstrução de hipóteses pré- concebidas. A construção do novo, processo ao mesmo tempo rigoroso, prazeroso e gratificante, é sempre insegura e exige a criatividade. É um processo em que o pesquisador se movimenta com a averiguação das verdades que tenta expressar: um movimento em direção a novos paradigmas, com ênfase na autoria de um sujeito que assume sua própria voz ao mesmo tempo em que dá voz a outros sujeitos. A intenção foi trazer um novo olhar sobre as narrativas coletadas e buscar a escuta da essência que brota de cada participante.

A análise textual discursiva mais do que um conjunto de procedimentos definidos constitui metodologia aberta, caminho para um pensamento investigativo, processo de colocar-se no movimento das verdades, participando de sua reconstrução. É abordagem claramente incluída em metodologias que se situam em um paradigma de pesquisa emergente (SANTOS, 2002).

Sobre a importância da narrativa, Giroux e McLaren (1993) chamam a atenção de que é através dela que, ao mesmo tempo, nomeamos a experiência e agimos como resultado desta interpretação.

Apenas quando podemos nomear nossas experiências - dar voz a nosso próprio mundo e afirmar a nós mesmos como agentes sociais ativos, com vontade e um propósito - podemos começar a transformar o significado daquelas experiências, ao examinar criticamente os pressupostos sobre os quais elas estão construídas (GIROUX; MACLAREN, 1993, p.26).

Valendo-nos das narrativas de cada entrevistado, foi possível reconstruir uma visão mais abrangente, que incluiu tanto as sensações expressas do universo de cada um como as percepções do entrevistador, a partir da releitura desses depoimentos.

Como cita Thompson (1992), a reconstrução dessa trajetória possibilitou um novo olhar sobre suas vivências, a partir da reflexão e avaliação de novos conceitos.

Ao coletar narrativas e memórias sobre como as pessoas viviam no passado, (...) sobre as brincadeiras das crianças e as mudanças da paisagem – por mais primitivas que possam ser suas técnicas de entrevista e de gravação -, as crianças estão coletando evidências. Ao mesmo tempo, acabam se envolvendo criativamente em sua avaliação. Enfrentam questões fundamentais: quando

confiar numa informação ou duvidar dela, ou como organizar um conjunto de fatos (THOMPSON, 1992, p.218-219).

De fato, de acordo com Thompson, em muitas entrevistas a memória se manifestava a medida que íamos conversando sobre a escola. Alguns citaram que não imaginavam que tinham tantas memórias, sendo perceptível seu despertar a medida em que as narrativas se desenvolviam e o envolvimento emocional se manifestava. Essas narrativas foram gravadas e transcritas com fidelidade à cada palavra e a cada sentimento emanado.

É fato que ao delinear um tema, as narrativas podem remeter a uma certa imposição do objeto em estudo, muitas vezes induzindo a respostas desejadas. Mas é fato também, e isso foi observado, que, a medida em que os entrevistados buscavam organizar suas memórias e a partir delas analisar o seu presente, alguns passaram a entender melhor suas histórias e puderam se sentir parte do contexto em que viveram. Como cita Pollack (1992, p.204),

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente muito importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Ao manifestarem suas memórias, os participantes foram se apropriando de suas peculiaridades, obtendo uma sinalização mais evidente, inclusive do que gostariam de oferecerem aos seus filhos.

### 3. UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO

#### 3.1. Reflexões sobre o sistema educacional

Figura 07 - Criança plantando



Fonte: Acervo da autora- Projeto Plantar Sementes, 2011

Gaia era o nome dado à Deusa Terra, cultuada como divindade suprema na Grécia Antiga. Traz, em seu espírito, a ideia de rede, pela qual estamos interligados, e somos responsáveis por sua manutenção. Na contemporaneidade, de acordo com Lovelock (2006), a Teoria de Gaia defende basicamente o planeta Terra como um sistema autorregulador, que mantém o clima e a composição atmosférica, garantindo sua própria existência.

E é desta maneira que criamos, aprendemos e nos comunicamos. Reconhecer essa Deusa da Natureza como nossa Mãe Terra amorosa, ajuda a expandir nosso respeito ao meio ambiente e nossa busca do equilíbrio entre as energias masculinas e femininas, para que, em lugar de competir, trabalhemos juntos, para o bem individual e coletivo.

A palavra natureza tem origem no latim (nasci, nascor) e significa nascer, crescer, ser criado. Refere-se a uma visão processual da vida. Na origem grega, “natureza” provém da palavra Physis que significa germinar e refere-se a um processo permanente e contínuo de nascer e morrer. Pelos povos da antiguidade, a natureza era vista como um todo dinâmico, em eterno movimento, incluindo os aspectos humanos.

Uma das inspirações deste projeto vem do conceito de pensamento sistêmico apresentado por Fritjof Capra, cientista, ambientalista, educador, ativista e diretor do Centro Ecoliteracy de Alfabetização Ecológica em Berkeley, Califórnia.

Trata-se de uma nova maneira de ver o mundo e também uma nova forma de pensá-lo a partir das relações entre as partes e o todo. Essa teoria diz que todos os sistemas vivos compartilham propriedades e princípios organizacionais comuns. Emerge de um paradigma por ele chamado de

Visão holística que entende o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas e, reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (CAPRA, 1997, p.25).

Para enfatizar o significado mais profundo da ecologia, filósofos e cientistas começaram a fazer uma distinção entre a ecologia profunda e o ambientalismo superficial. Enquanto o ambientalismo superficial se preocupa com o controle e a administração do meio ambiente natural em benefício do homem, o movimento da ecologia profunda exige mudanças radicais na percepção do papel dos seres humanos no ecossistema planetário. Esse novo conceito requer da sociedade uma nova base filosófica e religiosa.

A noção de sistemas no âmbito da Teoria Sistêmica (TS) surgiu na primeira metade do século XX, com os trabalhos de Köhler sobre a aplicação dos princípios da Gestalt na Física, Lotka, na Estatística e de Von Bertalanffy, em diversas áreas do conhecimento, em especial na Biologia (VON BERTALANFFY apud KRÜGER, 2012) e adquire hoje em dia mais e mais importância com as contribuições de Fritjof Capra e Humberto Maturana, entre outros. Apesar de não se opor à ciência como lógica e razão, a grande revolução proposta pela Teoria Geral dos Sistemas foi não aceitar a forma analítica, lógica e racional como único meio para se compreender o mundo.

Para essa teoria, o conceito de ambiente natural consiste em ecossistemas habitados por incontáveis organismos que coevoluíram durante bilhões de anos, usando e reciclando continuamente as mesmas moléculas do solo, da água e do ar. Os princípios organizadores desses ecossistemas podem ser considerados superiores aos das tecnologias humanas baseadas em invenções recentes. Para Capra, o meio natural não é só vivo, mas também inteligente:

A inteligência dos ecossistemas, em contraste com tantas instituições humanas, manifesta-se na tendência predominante para estabelecer relações

de cooperação que facilitam a integração harmoniosa de componentes sistêmicos em todos os níveis de organização (CAPRA, 2006, p. 382).

A Teoria dos Sistemas criou uma ciência holística e interdisciplinar, buscando conclusões semelhantes observadas entre as diversas áreas da ciência e vem aplicando soluções de uma ciência em outra, por entender que inserir a realidade sistemicamente significa, literalmente, colocá-la dentro de um contexto e estabelecer a natureza de suas relações.

A ciência sistêmica mostra que os sistemas não podem ser compreendidos por meio da análise individual. As propriedades das partes não são necessariamente propriedades extrínsecas, mas precisam ser vistas e entendidas dentro do contexto do todo. Nessa perspectiva, os pensamentos cartesiano, holístico e o sistêmico, apesar de cada qual possuir uma identidade, método e história diferentes, não são diretamente opostos, apenas tomaram caminhos diferentes, visando chegar em algo comum, pensando na busca da verdade do todo (CAPRA, 2006 s.p)

Afinada com esta visão sistêmica, a Ecopedagogia sustenta um novo paradigma teórico da complexidade, em sintonia com autores, como Morin, Maturana, Capra, Boff e traz a ideia de formação da cidadania ambiental e planetária no processo de construção da democracia, indicando a interligação e a interdependência das coisas. Esse conceito foi criado por F. Gutiérrrez, educador e pesquisador costa-riquenho, estudioso da obra de Paulo Freire, no início da década de 1990, no contexto da conferência da RIO-92.

O novo paradigma que emerge atualmente pode ser descrito de várias maneiras. Pode-se chamá-lo de uma visão de mundo holística, que enfatiza mais o todo que as suas partes. Mas negligenciar as partes em favor do todo também é uma visão reducionista e, por isso mesmo, limitada. Pode-se também chamá-lo de visão de mundo ecológica, e este é o termo que eu prefiro. Uso aqui a expressão ecologia num sentido muito mais amplo e profundo do que aquele em que é usualmente empregado. A consciência ecológica, nesse sentido profundo, reconhecer a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza. Essa percepção profundamente ecológica está agora emergindo em várias áreas de nossa sociedade, tanto dentro como fora da ciência. (CAPRA, 1996, s.p)

Gadotti (2000) se refere à Ecopedagogia como uma Teoria da Educação que traz em si novas categorias interpretativas relacionadas à subjetividade, à cotidianidade, ao mundo vivido, à visão holística; considera a utopia, o imaginário, valoriza a paixão, o sentimento, as emoções, o desejo, o olhar, a escuta e critica o modelo da racionalidade instrumental. Apresenta princípios pedagógicos para uma sociedade sustentável, entre eles, a promoção da vida humana, a comunicação, o compartilhamento, o relacionamento e o despertar para uma nova consciência

que faça sentido para cada ato e construa uma vivência harmoniosa com todas as formas de vida. Na verdade, os princípios da ecologia podem ser também interpretados como princípios da comunidade.

O pensamento sistêmico é fundamental para a compreensão do funcionamento das comunidades de aprendizagem. Considerando a Escola como uma organização viva, que envolve grande complexidade de relações, as quais permitem uma variedade de interações entre seus membros, a comunidade e o espaço físico escolar, entendemos como fundamentais as abordagens supracitadas por apontarem para um modelo de educação que guarda uma afinidade intrínseca com aquele adotado pela Escola Aldeia Recreação Infantil, onde buscávamos uma pedagogia integrada à vida e a toda comunidade escolar.

Um novo modelo de educação que defronta com aquele praticado na forma tradicional, a qual, via de regra, restringe suas atividades à sala de aula e busca o preenchimento de toda abordagem curricular com atividades fragmentadas e desconectadas da realidade, condicionadas mais pelo resultado final que se espera do aprendizado do que pelo próprio processo de construção e aquisição dos conhecimentos.

Na atual configuração escolar, vemos as disciplinas abordadas, desvinculadas de um projeto educacional integrado e tal ruptura se apresenta insatisfatória no que se refere à construção do conhecimento, pois não se pode desvincular totalmente o conhecimento conceitual dos processos perceptivos em geral, gerando um conhecimento superficial e sem sentido.

Nesta caminhada histórica, reducionista e linear, perdeu-se em termos de sensibilidade, estética, sentimentos e valores, especialmente, em função da supervalorização dada pela mensuração, quantificação e comprovação dos fenômenos. Gerou-se uma concepção de vida em sociedade pautada na competitividade, no isolamento, no individualismo e no materialismo desenfreado. A crença no progresso material a ser alcançado pelo crescimento econômico e tecnológico como fim em si mesmo não considerou as conseqüências para a sociedade, a natureza e o próprio ser humano. (BEHRENS, OLIART, 2007, p.60).

Os conceitos de Ecopedagogia e Educação constituem a base de um processo de transformação que envolve, fundamentalmente, a constituição das pessoas, a formação dos professores e o papel da escola no contexto da comunidade. Este processo de reconstrução de valores sociais, econômicos, culturais e ambientais compõe um novo olhar para a Educação e visa possibilitar as condições básicas para que os alunos possam se constituir mais críticos, humanos e com compreensão ampla da dinâmica do mundo.

Para tanto, é preciso contemplar uma proposta pedagógica que reconheça a diversidade de fenômenos da natureza e o ser humano como um indivíduo com multidimensionalidades, ou seja, dotado de múltiplas inteligências e com diferentes estilos de aprendizagens. Nesse sentido, a formação docente precisa reconhecer o processo de aprendizagem complexa, envolvendo no ensino os aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, estéticos, culturais, sociais e espirituais, entre outros (BEHRENS, OLIART, 2007, p.64).

O que se percebe é que não existem receitas e o futuro é uma indagação. É importante manter o senso crítico para que se converta numa prática reflexiva, numa educação permanente, em que o homem se educa a vida inteira, aberto para o novo de forma alegre, autônoma, criativa e inventiva, afirmando-se como indivíduo, para aperfeiçoar sua evolução, “abrindo-se à essência e à plenitude da própria existência” (MCLUHAN apud GADOTTI, 2004, p. 296).

### 3.2. A Criança e o mundo natural

(<http://www.summerhillschool.co.uk>, 2016)



Fonte: Acervo da Autora- Projeto Plantar Sementes, 2011

A ‘criança’ nasce do útero do inconsciente, gerada no fundamento da natureza humana, ou melhor, da própria natureza viva. É uma personificação das forças vitais, que vão além do alcance limitado de nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. É uma impossibilidade de ser-de-outra-forma, equipada com todas as forças instintivas naturais, ao passo que a consciência sempre se emaranha em uma suposta possibilidade de ser-de-outra-forma. O

impulso e a compulsão da autorrealização é uma lei da natureza e, por isso tem uma força invencível, mesmo que seu efeito seja no início insignificante e improvável (JUNG, 2011, p. 135).

A força da natureza da infância, aqui descrita por Jung (2011), naturalmente se direciona sem necessidade de estímulo artificial, quanto mais se permite a interação, integração e conexão ao mundo natural, tudo acontece de forma fluida, orgânica e mágica. A autorrealização como “lei da natureza” nos liga a ideia de que a criança, convivendo plenamente em um ambiente natural, terá fortalecido o desenvolvimento de suas potencialidades criativas e emocionais.

A escola deveria levar em conta todas as formas do ser humano de se relacionar com o mundo externo e interno, dentro das suas práticas pedagógicas, em vez de apenas privilegiar o pensamento cognitivo. “É importante o desenvolvimento não-unilateral do ser e a visão da criança em sua totalidade, considerando os dois aspectos: objetivo e subjetivo, extrovertido e introvertido”. (CRUZ, 2005, p.61).

O perigo - e o que mais acontece é que se anula muitas vezes este processo natural de desenvolvimento, pela imposição de parâmetros antagônicos ao que intrinsecamente emerge de seu ser advindos de atitudes educativas que reprimem, impõem formas sistemáticas de condutas, limitam e restringem sua capacidade criativa, traindo e inibindo sua natureza intuitiva de autodescoberta.

Vivemos um período da história humana em que o tempo dedicado às tecnologias da informação, sem desmerecer sua importância, no universo infantil, essa prática é crescente, bem como o acesso irrestrito às mídias digitais de entretenimento e recreação, que criam hábitos de dependência em longos períodos diários. Suas consequências nocivas são muitas, entre elas: o sedentarismo, que acarreta doenças precoces, obesidade infantil e hiperatividade, além de diminuir cada vez mais o contato com ambientes naturais.

Inúmeros estudos mostram uma redução do tempo de lazer nas famílias modernas, mais tempo diante da televisão e do computador, além do aumento da obesidade entre adultos e crianças, devido a um estilo de vida sedentário. Segundo (LOUV, 2016, p. 30): “Infâncias sedentárias passadas em espaços fechados estão ligadas a problemas de saúde mental”.

Uma infância passada em espaços confinados aumentam riscos à percepção de comunidade da criança, riscos à confiança e habilidade de discernir o perigo real e a beleza. Experiências na vizinhança e na natureza ajudam a amadurecer a cognição das crianças, incluindo sua habilidade de análise, síntese e avaliação.

A exposição direta à natureza é essencial para saúde física e emocional. Novos estudos sugerem que a exposição à natureza pode reduzir sintomas do TDAH (Transtorno Déficit de

Atenção e Hiperatividade) e melhorar as habilidades cognitivas e a resistência das crianças ao estresse e a depressão. (LOUV, 2016, p. 57).

Segundo Pearce (1989, p.123):

A criança é programada para interagir com o mundo real: um lugar de pedras, árvores, insetos, sol, lua, vento, nuvens, chuva, neve e milhões de coisas; um mundo guiado por princípios, onde há um equilíbrio de causa e efeito, onde “caiu, fez bum” quer dizer joelhos esfolados, onde fogo queima e quente significam não toque” ...Os conceitos constituem a questão principal da inteligência na infância (e através de nossas vidas). Novos padrões para organização sensorial e ações corporais só se formam no cérebro da criança quando ela interage com o mundo por meio do corpo.

São estas vivências primordiais e essenciais que movem seu ser para um estado fértil e feliz de estar no mundo, de se perceber em seu pleno potencial, no mais harmonioso estado de descoberta, além de proporcionar ferramentas para enfrentar e superar desafios e que será referência em sua vida adulta. De acordo com LOUV (2016, p.253): “as crianças que frequentam escolas com ambientes naturais diversificados são mais ativas fisicamente, mais conscientes em termos de nutrição, mais civilizadas umas com as outras e mais criativas”.

A experiência sensível, aliada aos usos e percepção cultural dos seres do meio ambiente, traz novos significados como as plantas, animais, céu, terra, pensando em um conjunto de múltiplas inter-relações, como diz Capra, sistêmico, que envolvem saberes, técnicas e uma constante interpenetração intelectual e prática entre a natureza e a sociedade. Esses atributos fazem com que a natureza não seja algo estático, mas esteja em permanente movimento cósmico.

As crianças vivem pelos sentidos. As experiências sensoriais ligam o mundo exterior da criança ao mundo interior, escondido, afetivo. Como o ambiente natural é a principal fonte de estímulo sensorial, liberdade para explorar e brincar com o mundo exterior dos sentidos em seu próprio espaço e tempo essenciais para o desenvolvimento saudável de uma vida interior. Esse tipo de interação automotivada e espontânea é o que chamamos de brincar livre. Cada criança testa a si mesma interagindo com o ambiente, ativando seu potencial e reconstruindo a cultura humana. O conteúdo do ambiente é um fator fundamental nesse processo. Um ambiente rico e aberto vai apresentar continuamente escolhas alternativas para um envolvimento criativo. Um ambiente rígido e insosso acaba limitando o crescimento e o desenvolvimento saudável do indivíduo e do grupo (MOORE, 1997. p.203 p.87).

Brincar em ambientes naturais oferece benefícios especiais, as crianças ficam fisicamente mais ativas, além de ampliar sua capacidade motora, equilíbrio e agilidade. Como

cita Louv (2016, p.89): “qualquer espaço natural contém uma reserva infinita de informações, portanto um potencial inesgotável para novas descobertas”.

A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela (BARBIERI, 2012, p.116).

A primeira fase da vida é o fundamento, o primeiro degrau sobre o qual se edifica todo o desenvolvimento futuro. O ‘Bem’ da criança é o brincar. Há, aqui, uma tão íntima aproximação entre a natureza e o brincar da criança que o consenso do belo encarna no lúdico, fazendo dos gestos da brincadeira a confirmação sincrônica entre macro e microcosmos.

O mundo toca a criança em suas intenções criadoras, o espaço repercute e anima, na criança, tudo o que depois ela irá valorar. Primeiro repercute, depois, compõe-se de sentido.

A terra, em sua materialidade intransigente, que sempre escapa, resiste e opõe seu sentido do olhar, que sempre dispõe de um sentido não aparente é o objeto primordial primeiro de amor e luta no brincar.

Segundo Gandhi Piorski Aires (2012, s.p.), “Criança é assim mesmo: quer a verdade do mundo. Bota o real em atividade, mesmo que na imaginação. É despreocupada com o tempo, não quer contê-lo e por aí cria, interliga saberes, encontra a dimensão da alma”.

Os brinquedos da criança permitem a inquisição livre do olhar, a sondagem e investigação da natureza, o encontro com a integridade de suas formas, com a individualidade oculta em seus contornos e texturas, com a intimidade de inúmeras formas de ser. Para a imaginação das coisas materiais, no brincar, todo corpo é espaço de ser, é território ôntico moldando as primícias íntimas da criança. Moldando para intimar-se com a natureza e para que a natureza lhe desperte a interioridade de ser parte, participante, organismo da vida. (AIRES, 2013, p.68)

Segundo Capra (1990), a Alfabetização Ecológica amplifica o conceito de educação ambiental, nela está contida o sentido pelo qual a educação deveria exercer em todos o seu âmbito de desenvolvimento.

Por estar intelectualmente fundamentada no pensamento sistêmico, a Alfabetização Ecológica é muito mais que Educação Ambiental. Ela oferece um poderoso arcabouço para a abordagem sistêmica da reforma escolar que hoje está sendo amplamente discutida pelos educadores. A sensibilidade do cérebro a influências ambientais é especialmente acentuada na primeira infância, quando a maior parte da rede neural está se formando. Desde que as pesquisas nesta área começaram, no final da década de 1950, tem havido amplo consenso entre os psicólogos infantis de que a exposição precoce a um ambiente rico em experiências sensoriais e desafios cognitivos tem efeitos benéficos duradouros, enquanto a privação dessas experiências pode inibir o desenvolvimento neurológico futuro (...) um ambiente de aprendizagem rico, multissensorial - envolvendo as formas e texturas, as cores, odores e sons do mundo real, é essencial para o pleno desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. (CAPRA, 1990, s.p.)

As crianças constroem ativamente seus conhecimentos. Do ponto de vista evolutivo, a busca de significados está voltada para a sobrevivência e constitui um elemento básico da natureza humana. Temos uma tendência inata a dar um sentido a nossas experiências, a buscar significados. O cérebro não gosta de lidar com peças isoladas de informação. O ensino não acontece de cima para baixo, mas existe uma troca cíclica de informações.

O foco está na aprendizagem e todos no sistema são, ao mesmo tempo, mestres e aprendizes. Laços de realimentação são intrínsecos ao processo de aprendizagem e a realimentação passa a ser o principal objetivo da avaliação. O pensamento sistêmico é crucial para a compreensão do funcionamento das comunidades de aprendizagem. Na verdade, os princípios da ecologia podem ser também interpretados como princípios da comunidade. (CAPRA, 2006, p. 88):

A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. No jardim, aprendemos sobre os ciclos dos alimentos, um dos mais antigos e mais importantes conceitos ecológicos. Desde o início da ciência ecológica, os ecologistas vêm estudando os relacionamentos da alimentação. Inicialmente, formularam o conceito da cadeia alimentar, usada ainda hoje; ou seja, pequenas criaturas devoradas por outras grandes, as quais, a seu turno, são devoradas por outras ainda maiores e assim por diante. Depois, os ecologistas compreenderam que, ao morrer, todas as grandes criaturas são devoradas por minúsculas outras, que são chamadas organismos de decomposição. Isto levou ao conceito dos ciclos alimentares. Finalmente, reconheceram a existência de uma interconexão entre todos esses ciclos alimentares, uma vez que muitas espécies se alimentam de diversas outras e, assim, os ciclos alimentares tornam-se parte de uma rede interconectada. Portanto, o conceito ecológico contemporâneo é o da teia alimentar, uma rede de relacionamentos englobando a alimentação.

A criança aprende pela ação com sentido, que emerge de sua natureza intrínseca e essa reverberação parte da proximidade com ambientes naturais onde todos os elementos aguçam

sua curiosidade, permitem ação espontânea de sua criatividade, promove desafios constantes que requer emoção, ação, interação e autoconhecimento.

Atividades com o ciclo alimentar na infância permite o acessar esta cadeia de ciclos, o cuidar, o tempo, a transformação, o sentido de que para tudo existe o tempo de maturar. Assim nada vem pronto, é preciso “o cuidar”, essa simples ação reproduz um significado existencial maior do que podemos imaginar.

No jardim, aprendemos que um solo fértil é um solo vivo com bilhões de organismos vivos em cada centímetro cúbico. As bactérias desse solo realizam várias outras transformações químicas essenciais à manutenção da vida na Terra. Devido à natureza do solo vivo, precisamos preservar a integridade dos grandes ciclos ecológicos em nossas práticas de jardinagem e agricultura. (CAPRA, 2006, p.89)

Observar o presente é vivenciá-lo em todas as milhões de possibilidades que nos oferece, o educador seria um propositor das mensagens ouvidas pelo ambiente, sensível para despertar o ensejo em todo seu potencial e fazer desabrochar o ilimitado ser que se apresenta investigando sua própria existência e o preparando para a vida. Compactuamos com o pensamento de Aires (2012, s.p):

Em um ambiente criativo, de paz estética e acolhimento imaginário, crianças crescem perguntando do mesmo modo que perguntaram os jônios e todos os pré-socráticos nas suas formulações cosmológicas. Criam imagens mitológicas para suas perguntas que são as mesmas perguntas originárias das grandes mitologias, das mais antigas histórias da criação. Sondam a natureza do sol e os mistérios da lua, a origem do homem e do mundo. Toda criança que tem a oportunidade e a paz para expressar seu ser é capaz de desenhar os contornos de uma teologia do mundo, de uma filosofia do homem, e de uma hermética do seu brincar.

Quando passamos a olhar a natureza como a grande mestra de nossas vidas, nos assombramos com a sua beleza, a sua força e seus mistérios. Somente assim é possível criar uma relação amorosa e integrada a todo sistema natural. Nas culturas tradicionais, que ainda estão vinculadas à natureza, percebemos uma comunhão e reverência à natureza, à criança, ao humano, em que tudo faz parte de um todo maior, como uma unidade, um sistema, como diz Capra, com a compreensão da natureza interna e externa de maneira integrada.

Tendo assim uma nova visão atrelada à natureza viva em constante transformação, neste contexto de interconexão, como cita Morin (1997, p.97) “faz parte de um sistema social, no seio de um ecossistema natural, que por sua vez está no seio de um sistema solar, que por sua vez está no seio de um sistema galáctico”. Ao tomar consciência desta complexidade totalizada,

o homem se reconhece como natureza e permite às crianças uma experimentação da sua própria manifestação.

A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela (BARBIERI, 2012, p.116).

Através do resgate das experiências vivenciadas na primeira infância em um ambiente que buscou favorecer esta interconexão harmoniosa com os diversos ambientes naturais e educativos, a escola Aldeia assim como outras Escolas alternativas da época favoreceram a livre exploração da criança em ambientes naturais e sua expressividade diante da descoberta da vida.

### **3.3. A escola Aldeia no contexto das escolas alternativas**

Viver de acordo com sua natureza, tratada corretamente, e deixada livre, para que use todo seu poder (...) A criança precisa aprender cedo como encontrar por si mesmo o centro de todos os seus poderes e membros, para agarrar e pegar com suas próprias mãos, andar com seus próprios pés, encontrar e observar com seus próprios olhos. (FROBEL, 1912c, p.21)

Figura 09 - Criança plantando árvore



FONTE: Acervo da Autora - Projeto Plantar Sementes, 2011

Refletir sobre um modelo escolar ideal, que contemple um ambiente livre e rico de natureza selvagem, onde todos os sujeitos envolvidos estão integrados e comprometidos com o espaço, desde a arquitetura, a estética, os relacionamentos, até a logística de atendimento à criança. Contar com um grupo de profissionais dispostos a evoluírem como pessoa, buscar um caminho de aprendizados e ações cooperativas, em que todos contribuam para criar um sistema harmonioso e evolutivo e assim favorecer um ambiente propício para florescer a comunidade escolar. Sonhos que, em algum momento, tornaram-se realidade.

O conhecimento, seja científico, espiritual, cultural, mobiliza, amplia a consciência, tornando-nos reflexivos; propicia a flexibilidade, a diversidade e a inclusão. Educar crianças pequenas, sem dúvida, é uma das tarefas mais importantes em uma sociedade, pois a infância é o momento mais sublime e incrível da vida humana, uma fase de transformação e formação corporal, mental, psíquica, espiritual, que demarca seu futuro adulto. Para educá-las, faz-se necessário um ambiente propício para seu desenvolvimento pleno, que servirá como o continente ideal para seu amadurecimento. O que fazer para que esse terreno seja fértil, para que possam se desbrochar e mostrar quem são?

Isto requer um preparo profundo dos educadores, para criar um ambiente onde a criança

se reconheça, onde ela possa ser ouvida, acolhida, respeitada em seu ritmo, suas escolhas, sua forma de lidar com o outro e com o mundo. O afeto, o carinho, a atenção é o que as nutre. As crianças precisam se sentir amadas e com liberdade para expressar sua criatividade nata. Só assim elas se tornam receptivas, e sentem prazer em crescer no aprendizado da vida, fundamental para acessar sua autonomia e criatividade em sua fase adulta. Como cita Rudolf Steiner:

Não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a auto-educação. [...] Toda educação é auto-educação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior. (STEINER, 1923 s.p.)

Em meados dos anos 70, 80, essas reflexões se tornaram mais aguçadas em diferentes lugares do mundo. A criança passou a ser vista com mais atenção em seu processo de desenvolvimento, e, assim como a Aldeia, outras escolas fizeram parte deste movimento inovador, pertencente ao movimento das escolas alternativas, as quais tinham como um dos principais objetivos criar espaços para que as crianças desenvolvessem suas potencialidades e fossem entendidas como sujeito no seu caminho de aprendizagens.

A palavra alternativa, muito usada nos anos 70, início dos anos 80, simbolizou uma oposição contra todo tipo de repressão, uma forma ousada de viver, com força e desejo de criar outros modelos sociais e educacionais. Neste período, apareceram diversos tipos de espaços que possibilitaram a diversidade de pensamentos, influenciados por pensadores como Piaget, Neill, Melanie Klein, Reich, Paulo Freire, Freinet, Bettelheim, Winnicott, Jung e outros tantos autores, afinados com o “clima de seu tempo” (REVAH, 1995, p.57). Considerando que essa foi uma época de grande efervescência política, em que vivíamos o fim de um longo período de ditadura militar, em que imperava a opressão e a proibição de manifestação do pensamento livre, em queurgia a busca pela democratização.

Nessa época, era difícil se conviver com o regime militar. As limitações impostas para a liberdade de expressão e pensamento, incomodavam em especial a classe intelectual brasileira. Começava a se configurar um vasto campo de iniciativas consideradas alternativas. Esse termo, difundido e usado durante esta década, caracterizava manifestações de contracultura que ocorriam na Arte, Teatro, Cinema e Música. Mais que isso, designava um comportamento de contestação em relação à ordem vigente e às Instituições.

Foi, em parte, influenciado por este clima de questionamento e rebeldia que surgiram as escolas alternativas. Havia uma identificação muito grande dos pressupostos teóricos destas escolas com a mentalidade da época, marcada pelo desejo de mudanças que se estendeu também ao sistema educativo tendo como base críticas radicais a escola. As críticas não se restringiam somente a função social da escola, mas também aos métodos de ensino empregados por ela. (SÁ, 1995, p.47)

Tal qual o depoente discorre:

*- Acho também que coincidiu com o pós-ditadura, independente do posicionamento político, um ambiente de mais liberdade, mais abertura com os filhos, que favoreceu todo convívio, na época do final de uma ditadura, começo da geração que marcou o Brasil, geração hit, Titãs, Legião, isso envolve todo ecossistema, toda convivência, momento de vasta produção. ... Foi uma década com abertura política que todo mundo teve mais liberdade, e na educação que vocês passaram pra nós foi fundamental". (Aluisio Baracat, 2017 ex-aluno).*

A escola Aldeia foi uma dentre muitas escolas que fugiram do sistema convencional de Educação. Essas escolas alternativas se propunham a desenvolver um trabalho de vanguarda e de oposição ao ensino designado conservador. Nesse contexto, os próprios adultos envolvidos, pais, educadores, estudantes, viram-se imersos num processo em que eles próprios estavam se reeducando, avaliando e mudando seus próprios comportamentos e valores, contestando o sistema vigente, manipulativo, empregado de interesses capitalista cuja meta seria a massificação dos valores de consumo.

As escolas alternativas se organizaram, se constituíram e se legitimaram através de uma intensa interação com essa fração de classe que, na sua maioria, vivenciou ou foi influenciada pelas transformações socio culturais ocorridas durante a década de 60. A fragilidade dessas novas experiências ao mesmo tempo que unia esforços, criava um terreno fértil para crises e cisões de várias ordens política, econômica, filosófica e administrativa. (SA, 1995, p.53)

*Pelo olhar de uma depoente:*

*- Ela foi uma escola de vanguarda, até hoje, que faz muito mais sentido do que muitas escolas atuais, com o que eu penso na formação do indivíduo. Você sabe o quanto foi importante? Você tem essa consciência do que foi construído dentro de cada pessoa que estudou lá? É uma forma*

*de saber que este trabalho repercutiu por anos e gerações, porque agora eu estou redigindo um projeto e lembrando do que aconteceu lá! (Carolina Guimarães, 2016 ex- aluna.)*

Assim como a Aldeia, as escolas alternativas buscavam a liberdade para experimentar, discutir, criar, tendo um elemento central na constituição de suas pedagogias. “Dar liberdade para criança, respeitar os seus interesses, criar um ambiente afetivo, desafiador, valorizar o prazer, o lúdico, o jogo, a criatividade e a imaginação”. (REVAH, 1995.p.55)

As escolas alternativas tinham alguns fundamentos similares como questionar um sistema repressivo de ensino; criar ambientes de ensino aprendizagem em que todas as pessoas da comunidade escolar se tornassem sujeitos participativos; propor atividades que respeitassem as crianças em suas individualidades e permitissem um o desenvolvimento de sua autonomia. Como cita Revah: “O abandono de uma postura maniqueísta, abrindo-se para uma outra mais complexa, foi um dos percursos seguidos por essas experiências pedagógicas, um percurso que teve inflexões e que resultou numa nova postura.” (REVAH, 1995, p.60)

*- Eu acho que foi uma proposta revolucionária, tudo de bom sem ser maçante, com liberdade e ao mesmo tempo rica nas experiências, foi uma evolução. É difícil ter uma escola assim hoje em dia, não tinha aquela coisa maçante de regras, tudo muito divertido e com prazer. (Mariana Gaspar Lauand, 2016 ex- aluna).*

Nesse contexto, a escola Aldeia não está sozinha. Nos anos 80, as escolas alternativas começaram a aparecer, além de crescer, diversificaram-se, conforme ressalta a socióloga Helena Singer (2014) “Cada uma inventa seu próprio modelo, cria sua cultura, desenvolve suas metodologias”. Crescia a procura por uma escola, sobretudo, democrática, onde as crianças pudessem desfrutar de um ambiente que valorizasse a liberdade de ação, de expressão e pensamento. Em comum, as escolas alternativas possuíam ambientes que favoreciam a participação de todos na construção de seu projeto político pedagógico e currículos flexíveis, que acompanhavam os interesses e necessidades de seus estudantes.

No contexto mundial, o período dos anos 60 a 80 foi marcado por criações de escolas democráticas. Segundo Helena Singer, as escolas democráticas são compreendidas com um caráter de resistência aos mecanismos de poder, propondo uma educação para a autonomia, para uma sociedade mais igualitária. Seria uma “vida em comunidade sem ativar o dispositivo de moralização que opera mediante a identificação com a norma e a submissão.” (SINGER, 1997, p. 164-5).

Singer fala sobre o papel das escolas democráticas, opondo-se ao modelo básico da escola, propondo uma transformação social e “questionando a primazia do saber, que advoga a técnica e a disciplina como elemento básico da educação.” (SINGER,1997, p.169).

Essa posição de resistência refere-se a uma atitude diante da atualidade definida pela escolha voluntária por um modo de pensar e agir que se apresenta como uma tarefa de crítica transcendental e busca indefinida da liberdade no campo da educação porque recusa o estatuto de verdade da pedagogia que, em nome da supremacia do conhecimento, desenvolve técnicas de aprendizado que visam o treinamento de corpos mais dóceis e eficientes. (SINGER, 1997, p.170-1).

Além de transmitir conhecimentos acadêmicos, elas se preocupavam em formar sujeitos ativos, capazes de atuar no mundo de maneira criativa e sensível e ofereceram, aos seus educandos, uma formação que valorizava o desenvolvimento de habilidades e competências transformadoras. Autoconsciência, criatividade, solidariedade e responsabilidade passaram a ser conceitos significativos, norteando novos modelos de atitudes e relações nas práticas pedagógicas.

*- É por sentir seu coração batendo junto com outras pessoas, numa vibração parecida, de paz, de respeito, de harmonia, nossa, acho que era de vanguarda há 35 anos atrás e hoje ainda continua, poxa vida, já passou mais de uma geração, quase duas gerações, mas assim a contagotas acho que o mundo vai caminhando para este lado, me sinto bem de poder ter na formação experiências que colaborem até para eu ajudar neste desenvolver do mundo, estar no mundo de uma maneira, eu acho que um pouco contra corrente... e ter ferramentas pra também fazer isso acontecer, faz parte da Educação dar essas ferramentas... na minha vida só foram me dadas na educação na Aldeia, depois me deram outras ferramentas para outras coisas, passar no vestibular enfim, mas esta construção do mundo... só lá. (Denise Zakaib, 2016 ex- aluna).*

*- Falar da Aldeia me remete a um tempo da minha vida, onde algumas questões eram importantes, sou da década de 60, 70. Eu vim pra Araraquara, tinha feito Psicologia e vim trabalhar na Faculdade de Educação da UNESP. Não conhecia muitas coisas sobre Araraquara, mas sabia muito bem o que eu queria para os meus filhos, pra colocar um filho na escola é de uma responsabilidade muito grande para os pais e para a escola que recebe. Eu acredito que poucas pessoas refletem neste momento da vida, mas acho fundamental que as pessoas reflitam pra quem a gente entrega seus filhos para educar. Tinha um conceito pra as crianças pequenas que não era de escolarização. Decidi visitar todas as escolas de*

*Araraquara, inclusive da prefeitura, que eu gostava, porém tinha um número muito grande de crianças. Fui para escolas particulares, e encontrava espaço pequeno e muitas carteiras, mesinhas com as cadeirinhas que ocupavam todo espaço que tinha pra escola, até que entrei na Aldeia e tinha muito espaço e poucas cadeiras e mesas e aí eu pensei: aqui meus filhos irão brincar e não seguir um currículo pré formal. Encontrei na Aldeia isso. Meus três filhos estudaram lá, e não me arrependo das escolhas. (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012)*

### **3.4. Escolas Alternativas que marcaram uma época**

A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência. Sob este aspecto, cultura é a consciência no grau mais alto possível (JUNG, 2008, p. 56).

Sendo um movimento natural pós-ditadura, em vários lugares surgiram Escolas que propunham outra dimensão de pensamento em que a criança poderia participar efetivamente de seu aprendizado e desenvolvimento. Levantamos aqui algumas Escolas que trouxeram essa bandeira para uma nova sociedade, que fizeram a diferença em seus modelos inovadores, com resultados positivos, algumas existem até hoje, outras fecharam, como a Aldeia.

Referenciaremos algumas escolas que exerceram influência na época, em diversos aspectos nesse período. Não podendo deixar de citar a Summerhill, talvez a pioneira nestas práticas, a Escola da Ponte, a Te-Arte e a Escola de Vila.

## **Summerhill**

Figura 10 - Escola Summerhill



Fonte: (Summerhillschool, 2016)

Fundada em 1921 pelo educador Alexander Sutherland Neill, é uma das pioneiras dentro do movimento das chamadas "escolas democráticas". Localizada em Leiston, no condado de Suffolk, na Inglaterra, foi praticamente uma das primeiras escolas a propor uma metodologia completamente revolucionária para época.

Essa se tornou ícone das pedagogias alternativas ao concretizar um sistema educativo em que o importante é a criança ter liberdade para escolher e decidir o que aprender e, com base nisso, desenvolver-se no próprio ritmo.

A escola construiu a si mesmo em torno das necessidades práticas e emocionais das crianças e dos adultos que ali vivem. A única premissa é a confiança de que as crianças aprenderão a seu ritmo e não devem ser moldadas nem impulsionadas por adultos ansiosos para se tornarem cidadãos decentes.

Essa escola tem um longo caminho percorrido, atualmente atende a crianças dos ensinos fundamental e médio (secundário) e é dirigida pela filha do fundador, Zoe Neill Readhead.

Summerhill se destaca por defender que as crianças aprendem melhor se livres dos instrumentos de coerção e repressão utilizados pela grande maioria das escolas. Nela, todas as aulas são opcionais, os alunos podem escolher as que desejam frequentar e as que não desejam.

Summerhill atua com base no princípio de que, se as emoções estiverem livres, o intelecto cuidará de si próprio. Como escola democrática que é, todas as regras de convívio e as soluções aos problemas que surgem no dia a dia são resolvidas conjuntamente em uma assembleia que ocorre semanalmente, na qual cada pessoa, seja criança, professor ou funcionário, tem direito a falar e votar, sendo que o peso do voto é igual para todos. As normas da escola são construídas por todos, todos se sentem parte do coletivo e se empenham em aprimorá-lo.

Muitas ideias oriundas de Summerhill foram incorporadas ou adaptadas nas escolas alternativas dos anos 70-80, maior influência teve a Pedagogia Nova e princípios do Construtivismo que encontraram nesse período de efervecência um terreno fértil para sua expansão. Atualmente, mais de 200 escolas espalhadas pelo mundo seguem os seus ensinamentos (50 delas só nos Estados Unidos) e estão a crescer todos os dias<sup>2</sup>.

Nesse cenário, podemos considerar que essa escola proporcionou um caminho de possibilidades e inspiração na história das novas pedagogias, sendo a escola Aldeia uma delas, como o respeito à individualidade de cada um, a oportunidade das crianças expressarem seu potencial, decidirem suas ações, brincarem, dialogarem em rodas diárias.

---

<sup>2</sup> <http://www.summerhillschool.co.uk>, 2016.

## Te-Arte

Figura 11 - Escola Te-Arte



Fonte: (Band, 2014)

A Te-Arte foi fundada em 1975, no bairro de Perdizes pela educadora Thereza Soares Paganini. Therezita, como é mais conhecida, hoje está localizada no bairro do Butantã, em São Paulo- SP e atende crianças dos dois aos sete anos, cuja proposta é de ser um espaço para o livre desenvolvimento da criança, para ela viver seu corpo através da experimentação concreta de todos os sentidos. Nessa escola, não há separação por idades e as crianças aprendem a se constituir enquanto sujeitos em um ambiente com muita natureza, privilegia-se o brincar usando como elementos e referência a natureza, a arte e a cultura popular.

A Te-Arte acredita que a educação infantil deve ser vivida de maneira plena, intensa, livre. É preciso, segundo ela, proporcionar à criança o contato com a natureza e seus elementos: ar, terra, fogo e água. Essa sua concepção de educação infantil valoriza a infância como momento único, que deve ser vivido como tal (BUIIONI, 2006).

O espaço físico da escola dispõe de um quintal com um jardim, animais e o pomar, que se tornam as salas de aula, o lugar aonde a criança vai para brincar sem horários rígidos e rotina programada, vivendo as experiências de uma maneira mais livre.

Tudo é arte na Te-Arte, no agir de cada criança, mas uma arte que parte do próprio corpo, como o lidar com o jardim, com a flor, o correr, o pular, os obstáculos, o brincar. Importante que tanta liberdade não seja confundida com falta de regras ou de supervisão. Monitores experientes estão o tempo todo apoiando as crianças, dando suporte às suas descobertas. “Nossa missão é formar cidadãos conscientes da necessidade de trabalhar o local

onde vivem para transformar. Pessoas independentes, que para o resto da vida pretendam se conhecer de dentro para fora.” (PAGANINI, T. Idealizadora da Te-Arte)

Multiculturalidade é uma marca da Te-Arte, o erudito e o popular, a cultura da cidade e do campo das varias regiões do Brasil, a cultura indígena, a cultura da America Latina, a cultura européia, a Africana, estão presente no dia da dia em cada objeto daquele mundo contido no espaço de um quintal. Também elementos de várias religiões convivem em música dança e comemorações (BUIIONI, 2006, p.273).

A Te-Arte sempre foi uma inspiração e referência para nós como uma das escolas que oferecia um espaço de liberdade e magia. Assim como na escola Aldeia, a criança pode se expressar livremente; são respeitados seu tempo, seu jeito, seus limites, ao mesmo tempo em que são estimulados o bom convívio e a interação social. O desenvolvimento acontece através das brincadeiras, valoriza-se o contato com a natureza, as brincadeiras, as artes, a convivência, garantidos pelo cuidado e profissionalismo dos educadores, criando um ambiente fértil para o pleno florescimento da criança.

## Escola da Ponte

Figura 12 - Escola da Ponte



Fonte: (Nós Cidadãos, 2015)

É uma Instituição pública de Portugal, fundada em 1976, idealizada pelo educador José Pacheco, influenciado pelos pensamentos de Paulo Freire e Celestin Frenet, compreende que o percurso educativo de cada estudante supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e um relacionamento solidário com os outros.

Foi inserida no sistema público de educação e localizada no município de Santo Tirso (próximo à cidade do Porto). A Escola da Ponte não adota um modelo de séries ou ciclos. Os estudantes de diferentes idades se organizam a partir de interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. Os grupos se formam e se desfazem de acordo com os temas e a partir das relações afetivas que estabelecem entre si, os que sabem mais determinados assuntos ensinam uns aos outros.

Ao invés de séries e turmas pré-determinadas, os alunos se organizam a partir de interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. O processo de aprendizagem é acompanhado por um tutor, que pode ser qualquer um da comunidade escolar (professor, funcionário ou pais). O modelo pedagógico da escola almeja formar pessoas autônomas, responsáveis, solidárias, mais cultas e comprometidas<sup>3</sup>.

Segundo Rubens Alves (2000),

Podemos dizer que a Escola da Ponte é uma Comunidade educativa profundamente democrática e auto regulada.

Democrática no sentido de que todos os seus membros concorrem genuinamente para a formação de uma vontade e de um saber coletivo. Auto regulada no sentido de que as normas e as regras que orientam as relações sociais não são impostas mas são regras próprias decorrentes das necessidades sentidas por todos.

Um único espaço, partilhado por todos, sem separação por turmas, sem campanhas anunciando o fim de uma disciplina e o início da outra. A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam. Não há competição. Há cooperação. Ao ritmo da vida: os saberes da vida não seguem programas. É preciso ouvir os "miúdos", para saber o que eles sentem e pensam. É preciso ouvir os "graúdos", para saber o que eles sentem e pensam. São as crianças que estabelecem as regras de convivência: a necessidade do silêncio, do trabalho não perturbado, de se ouvir música enquanto trabalham. São as crianças que estabelecem os mecanismos para lidar com aqueles que se recusam a obedecer às regras. E assim vão as crianças aprendendo as regras da convivência democrática, sem que elas constem de um programa

A Escola da Ponte também foi uma referência para nós, no âmbito social, político e educacional. No que tange à semelhança com Escola Aldeia: as crianças aprendem com liberdade, vivenciando cada experiência, em um ambiente solidário, harmônico e cooperativo, em que todos aprendem e todos ensinam. Sendo assim, sentem prazer em aprender e a se desenvolverem.

---

<sup>3</sup> <http://www.escoladaponte.pt/novo/>, 2016.

## Escola da Vila

Figura 13 - Escola da Vila



Fonte: (Escola da Vila, 2016)

Originada em 1980, a partir da criação de uma escola considerada pioneira no Brasil, a Criarte, fundada em 1972 e dissolvida em 1979, a Escola da Vila foi desdobrada junto com a Escola Novo Horizonte.

A escola da Vila, dissidente da escola Criarte, era tida como a escola alternativa a ser seguida como modelo, em vista dos sucessos que vinha tendo, tanto a nível de proposta pedagógicas como administrativa. Além disso a Escola da Vila contava com educadores de peso como era o caso de Madalena Freire, filha do pedagogo Paulo Freire, sendo a pessoa que dava mais prestígio a escola. (SÁ, 1995, p.55)

Em 1980, a Escola da Vila iniciou seu projeto pedagógico com o objetivo de educar crianças de 2 a 6 anos e formar professores através de seu Centro de Formação. Seus fundadores, todos professores, compartilhavam o desejo de trabalhar na vanguarda do pensamento sobre educação escolar no país.

As ações de seu Centro de Formação se ampliaram para além dos limites da cidade de São Paulo e, hoje, a Escola da Vila se transformou em um importante centro de referência nacional.

É importante salientar o seu papel na formação de centenas de professores da rede pública e privada por meio do seu Centro de Estudos e o fato de ter-se tornado uma espécie de paradigma de escola construtivista bem-sucedida. Vale dizer que, para nós, essa Escola teve

uma importância singular, pois cheguei a fazer vários cursos de formação enquanto estava na direção da Aldeia. Inclusive o livro de Madalena Freire (1983), que atuava como educadora nesta escola, “*A paixão de conhecer o mundo*”, foi lido por todos os professores da Aldeia na época.

O projeto pedagógico da Escola da Vila se organiza a partir de três valores essenciais – conhecimento, cooperação e autonomia; três aspectos fundamentais na construção de personalidades que acreditam na estreita relação entre conhecimento e transformação social e cultural, cooperação e construção de comunidades solidárias e sustentáveis, autonomia e desenvolvimento de relações democráticas<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> <http://www.vila.com.br> , 2016.

#### 4. (RE)CONHECENDO A ESCOLA ALDEIA

Figura 14 - Escola Aldeia - Crianças brincando no parque (1982)



Fonte: Acervo da Autora

“Senti que o tempo é apenas um fio. Nesse fio vão sendo enfiadas todas as experiências de beleza e de amor por que passamos. Aquilo que a memória amou fica eterno.” (ALVES, 2010)

A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança do desenvolvimento humano neste período; pois ela é a representação autoativa do interno – representação do interno, da necessidade e dos impulsos internos. A brincadeira é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana como um todo – da vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem a fonte de tudo que é bom. A criança que brinca muito com determinação autoativa, perseverantemente até que a fadiga física proíba, certamente será um homem (mulher) determinado, capaz do autossacrifício para a promoção do bem estar próprio e dos outros. Não é a expressão mais bela da vida da criança neste momento, uma criança brincando? – uma criança totalmente absorvida em sua brincadeira? – uma criança que caiu no solo tão exausta pela brincadeira? Como já indicado, a brincadeira neste período não é trivial, ela é altamente séria e de profunda significância. Cultive-a e crie-a, mãe; proteja-a e guarde-a, pai! Para a visão calma e agradável daquele que realmente conhece a Natureza Humana, a brincadeira espontânea da criança revela o futuro da vida interna do homem. As brincadeiras da criança são as folhas germinais de toda a vida futura; pois o homem todo é desenvolvido e mostrado nelas, em suas disposições mais carinhosas, em suas tendências mais interiores (FROEBEL, apud ARCE, 2002, p. 60-61).

A escola “Aldeia Recreação Infantil” foi fundada em 1980 e nasceu do desejo de oferecer uma vivência educativa ampla, inovadora e diferenciada para as crianças da cidade de Araraquara - SP. Instalada num local privilegiado, com extensa área verde, propiciou o desenvolvimento de atividades com hortas, com animais, jardinagem, culinária e teatro.

Era uma Escola particular que atendia um público, em sua maioria, da classe média, com crianças na faixa etária de 1 a 6 anos; primava por ser uma escola inclusiva, atendia alguns bolsistas, oriundos de classes menos favorecidas e recebia algumas crianças especiais. Ressalto o termo inclusão no aspecto mais amplo de tratar todos com o mesmo respeito e direito, sem excessão.

Nesse momento histórico, as famílias da classe média, buscavam novos modelos educacionais em consequência do declínio da escola pública em relação à formação do cidadão.

A Aldeia integrava uma equipe de 22 pessoas, sendo 1 secretária, 1 responsável pela limpeza, 1 coordenadora pedagógica, 1 administradora, 18 educadores, sendo 9 professores e 9 assistentes. Parte desses educadores cursavam Pedagogia, sendo que o critério de seleção priorizava mais as pessoas que compreendessem a importância da proposta pedagógica e que tivessem abertura e flexibilidade para trabalhar nesse sistema, do que propriamente sua formação acadêmica. Contava com uma organização aberta, participativa e cooperativa, com a missão de buscar uma vivência coletiva que integrasse as necessidades da Escola, das crianças e das famílias.

Vale destacar o fato de que, nesse período, o atendimento às crianças de 0 a 6 anos ainda não era reconhecido pela Constituição Federal, tornando-se um dever do Estado e um direito da criança do ponto de vista legal a partir 1988 (BRASIL, artigo 208, inciso IV da Constituição Federal). Essa determinação foi reafirmada pela a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº9.394, promulgada em 1996. Tanto que, nessa época, contávamos com poucas creches da Prefeitura na cidade de Araraquara.

Tratava-se de uma ação educacional de vanguarda, numa época em que a ideia de práticas sustentáveis na educação não era contemplada pelo currículo escolar. Primava fundamentalmente pelo respeito ao desenvolvimento integral da criança no seu processo de aprendizagem e estimulava o seu contato direto com os elementos da natureza, como: os ciclos, as estações, as plantas, o solo, a água, os alimentos, os animais e desenvolvia atividades que incluíam todo um sistema integrado de vivências práticas da vida, além de criar conexões entre a criança e a terra.

Nela, a criança era respeitada em sua liberdade de expressão e sua individualidade era valorizada em todas suas manifestações. Valia-se de todo e qualquer material expressivo que não delimitasse a comunicação, mantendo a criança livre para usufruir de todo seu potencial criativo. Todos os desenhos e expressões artísticas tinham que ser inspirados pelas próprias crianças e cabia ao professor, como observador, incentivá-los, para que sua criação ganhasse forma e vida.

*- A proposta da Aldeia era baseada na educação pelo sensível, através da experiência da criança com o mundo (a matéria e os materiais; o pensamento e a criatividade; o seu mundo próprio e o mundo coletivo). O educador era visto como um acompanhante, e não como um mestre. A pedagogia não era diretiva, mas acreditando que a criança sabe do que necessita, o papel do adulto era de saber / aprender a ouvi-la, respeitando sua identidade. O aprendizado pelo brincar, pela experiência, o contato com a natureza e a compreensão dos ciclos, o desenvolvimento da criatividade livre pelas artes, o respeito pela identidade e pelas diferenças, o viver em grupo. A brincadeira era considerada atividade primordial da criança, e nesse sentido, como coisa muito séria. Através da brincadeira a criança entrava em contato com sua identidade, com o ambiente e com o outro. A brincadeira era um modo de apre(e)nder o mundo (Claudia Cavicchia, professora Aldeia, 2017).*

*- Uma escola voltada para a infância através da experimentação e vivenciadas pelas crianças para aprender e ampliar o contato com as artes, com as ciências através da horta, do contato com os animais, da cozinha experimental, das diferentes expressões como teatro, a música, o jornal, os jogos e brincadeiras, as aulas passeio. Uma escola com uma proposta pedagógica avançada para a época e ao mesmo tempo tão atual (Eloina Barbosa Leal, professora Aldeia, 2017).*

Haviam salas temáticas como: Música, Artes, Casinha de Boneca, Cozinha Experimental, Jogos criativos; Oficina de criação. A seguir, as descrições das salas temáticas:

**Música:** A música era utilizada em todas as atividades como um elemento de conexão com a alma, propiciando a vivência de diferentes estados de humores, do estímulo corporal e contemplava a dança, o canto, o estado de relaxamento e a meditação.

Além dos instrumentos comprados, haviam outros feitos de sucatas, como a casca do côco seco, sementes, madeiras em diferentes tamanhos, entre outros; construídos pelas próprias crianças.

*- Na Aldeia tínhamos muita música, com sucata, batendo panela, coco, tinha uma sala de música, lembro muito... Essas atividades com certeza tiveram influência hoje na minha vida. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

A música, na cultura tradicional da infância, faz parte de um organismo maior, vivo, constituído pelo brinqueado, cujas dimensões são: a palavra, a música, a movimentação, o caráter, a relação com o outro. Todas essas dimensões não existem separadamente para a criança, tudo faz parte de um todo indivisível.

A música é indutora da atividade motora, afetiva e intelectual em razão de seus elementos constitutivos – ritmo, melodia, harmonia, timbre –, de seus parâmetros formadores – duração, altura, intensidade, densidade, textura – e de seus movimentos sintáticos e relacionais, todos com poder de co-mover o receptor que, na escuta, acaba por responder afetiva, intelectual e corporalmente a esses elementos de “comunicação” postos em jogo por ela, música (SEKEFF, 2007, p. 42 – 43).

Por entender que a música ajuda a harmonizar e equilibrar o processo respiratório, físico, anímico e social entre outros benefícios, tínhamos como objetivo dar vasão à musicalidade latente em cada um e propiciar momentos de escuta, de valorização do silêncio, de apreciação das músicas de várias culturas, incluindo as canções tradicionais da cultura popular brasileira, cirandas, parlendas, cantigas de rodas, a experimentação e a criação. E, ainda, desenvolver a consciência corporal utilizando o corpo como instrumento. A sonorização de histórias também era um recurso para enfatizar as emoções. (Figura 15) Vale ressaltar que a música, assim como a arte e por fazer parte desta, era contemplada em quase todas as atividades desenvolvidas na escola, não se detendo apenas a um ambiente.

*- Música, me lembro de muitas músicas, a gente fazia roda de músicas, me lembro o Balão Mágico, de cantigas de roda, lembro da forma de roda, a gente em roda com músicas. O papel da Escola é muito importante, pois não tenho memória na minha casa de ter música, as lembranças de todos estes aprendizados foi na escola. Todos os aprendizados de Artes, foi na escola. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Figura 15 - Escola Aldeia - Crianças tocando instrumentos (1980)



Fonte: Acervo da Autora

Uma música com movimento, aliada à representação e a uma geometria no tempo. É uma música no corpo, próxima ao outro, com o outro, movida pura e simplesmente pela livre vontade de brincar. É a cidadania plena, por índole e direito, sensível e inteligente. Sua prática proporciona o exercício espontâneo da música em todas as suas dimensões, mesmo que de forma elementar, e se constitui, por si mesma, a base de uma educação do sensível e pressuposto fundamental da identidade cultural. (HORTÉLIO, 2012, s.p.)

**Sala de Sucata:** Esse espaço era equipado com a colaboração da família, que trazia de suas casas os mais variados materiais, propiciando, assim, o desenvolvimento de atividades multisensoriais que contemplavam: a forma, o tamanho, as cores, a textura e as infinitas possibilidades de criação de objetos sonoros, brinquedos, jogos, experiências na área da física e química e a livre manipulação imaginativa. Caixas de diferentes tamanhos, latas, botões, tubos, carretéis, tampinhas de garrafas, tubos de papel, tubos de pvc. Além do oferecimento de objetos rústicos naturais, tais como pinhas, sementes de vários tamanhos, tocos de madeira de vários tamanhos e formas, conchas, pedras, raízes e tudo que poderia estimular a fantasia da criança, que logo encontraria uma “utilidade” para suas criações.

Além de servir como material didático, essa proposta visava sensibilizar os pais quanto à questão cultural do consumo irrefreado e seus impactos sobre a natureza, e apontar para outras possibilidades de criação de brinquedos, outros que não os industrializados.

As crianças, esses seres em constante criação e transformação, merecem de nós o não pronto, o não estruturado, para poderem se sentir respeitadas como produtores de conhecimento, de cultura, de imagens e poesia. Oferecer sempre

o já imaginado, o fechado para novas possibilidades, e sem espaço para a criação, é deixar claro que não acreditamos no seu potencial criador e, assim, que estão longe de conseguirem criar algo interessante. Quando possibilitada de reunir materiais com características flexíveis e mutáveis, as crianças revelam gestos e formas de uma estrutura imaginária que dá base para o mais humano de si. Mostram seus saberes e necessidades genuínas através da conversa com esses materiais que lhes permitem estar no protagonismo da ação. Uma valorização estruturante que lhes abre o canal do ousado, do imprevisto e da experimentação, fundamentais no processo de potencializar-se (MEIRELLES, 2009, s.p).

Atualmente, a indústria de brinquedos tem se utilizado das crianças como objeto de consumo. O imaginário das crianças é manipulado através da mídia, que as leva a conviverem com um mundo adulto infantilizado, criando uma ruptura com a essência do brincar.

Os brinquedos industrializados, na sua maioria, são descartáveis, propiciando uma concepção das relações também descartáveis. Muitos promovem o comodismo, pois já vêm prontos, não exigindo nenhuma criação por parte da criança, outros não fazem parte da nossa cultura e ficam destituídos de sentido.

*- Não era sistemático, no passado as pessoas buscavam algum sistema, mas, na época, a própria Aldeia buscava a criatividade. Uma coisa que eu lembro, algumas aulas, a gente não podia levar brinquedo, a gente fazia com sucata, por exemplo, rolo de papel higiênico, fazia brinquedo com macarrão. Não levava brinquedo pronto (Rodrigo Gatti, 2016, ex-aluno).*

**Sala de construção:** brinquedos pedagógicos, jogos de madeiras, como quebra-cabeça, dominó, pinos, tijolinhos, jogo de memória, alguns construídos por eles, outros comprados. Realizávamos experiências com tubos de ensaios, entre outras atividades científicas.

*- Era um sala de laboratório de química e física, um brinquedo de tubo de ensaio, a gente fazia experiências, tinha um brinquedo de tubo de ensaio, fazia muito sucesso, me lembro bem (Aluisio Baracat, 2016, ex-aluno).*

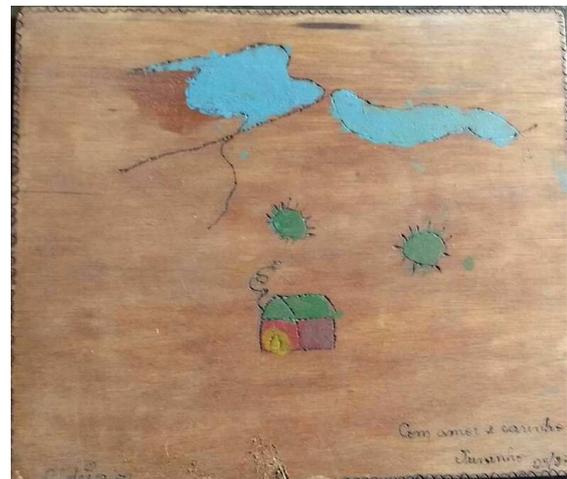
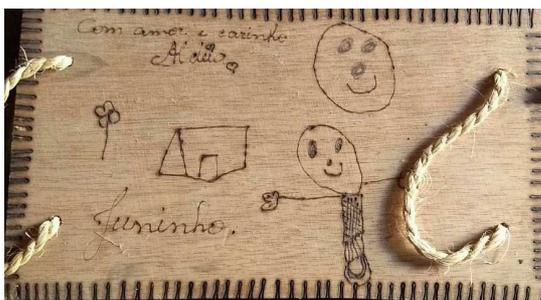
**Artes Integradas:** Localizada na área externa, a sala de artes tinha a função multiuso, onde as crianças desenvolviam atividades com argila, pintura, desenho e teatro.

Utilizávamos a arte em todas as atividades da Aldeia, no brincar, na imaginação, na areia, na casinha de bonecas, enfim era um espaço que oferecia à criança a oportunidade de criar e expressar sua arte em todos os parâmetros. Pois a arte pode ser uma ferramenta fundamental:

Ao dar livre curso às expressões das imagens internas, o indivíduo, ao mesmo tempo em que as modela, transforma a si mesmo. Ao conhecer aspectos próprios, ele se recria, se educa e, sobretudo, pode experimentar inserir-se na realidade de uma maneira nova. A pintura, o desenho e toda expressão gráfica ou plástica, bem como a música, a dança, a expressão corporal e dramática formam um instrumental valioso para o indivíduo reorganizar sua ordem interna, e ao mesmo tempo reconstruir a realidade. (ANDRADE, 2000, p.125)

- *Lembro muito de desenho livre, da pintura a dedo, adorava pintar, tenho ainda trabalhos em casa, tenho uma desenho pirografado na madeira. Lembro da argila, lembro muito, aquela massa que ficava na mão, tenho um trabalho de argila daquela época (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno). (Figuras 16, 17).*

Figuras 16 e 17 - Atividades com pirógrafo em madeira. (1982)



Fonte: (Antonio Carlos de Avelino Junior)

- *Este tipo de atividade me lembro fazendo, com pirógrafo (...) o que me marcou mais forte foi as atividades artísticas, lembro de contar histórias, da música. Eu acho que tem a ver com esta ideia do livre, de uma liberdade, de uma criatividade que permanecem até hoje (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).*

- *Lembro muito de desenho, de sentar no chão, fazendo desenho, argila, são atividades que eu lembro. Muita arte, brincar, música, a gente ensaiava no teatro música para apresentar. Eu acho que esta relação com a Escola, natureza, horta, Artes, Música, ficou muito mais desta primeira infância do que nos outros anos porque não me lembro destas atividades em outra escola. Era uma escola feliz... Música, dança, correndo, cantando. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna). (Figura 18).*

Figura 18 - Pintura coletiva na área externa da escolar (1982)



Fonte: Acervo da Autora

Não há praticamente nada mais eficaz que as artes (as artes visuais, a música, as artes cênicas) para desenvolver e refinar a capacidade natural de uma criança de reconhecer e expressar padrões. Assim, as artes podem ser um instrumento poderoso para ensinar o pensamento sistêmico, além de reforçarem a dimensão emocional que tem sido cada vez mais reconhecida como um componente essencial do processo de aprendizagem. (CAPRA, 2006)

Várias técnicas eram utilizadas na manipulação de diferentes tipos, texturas e tamanhos de papel para gerar criações individuais ou coletivas. Bonecos de papelão, colagem, entre outras criações. O teatro também estava incluso:

O teatro, também conhecido como jogo de papéis, constitui-se no maior jogo de faz-de-conta, no qual os atores brincam de serem outros, representam, simbolizam, transformam-se, assumem personagens e expressam suas verdades e suas dúvidas. (FRIEDMANN, 2014 p. 49)

Havia um palco de teatro e um baú cheio de fantasias (de animais, panos e peças que os pais traziam de casa como roupas exóticas, colares e panos). Serviam de estímulo para as criações cênicas (figura 19). Tinham liberdade de criarem suas próprias histórias. Normalmente, além das apresentações em festas temáticas, criavam cenas para as comemorações de aniversário.

Figura 19 - Pintando as crianças no palco de teatro



Fonte: Acervo da Autora.

Fazer uso da arte e da criatividade para dar nova forma e cor às coisas do mundo, expressando sentimentos e novos significados – eis uma ferramenta de trabalho que não poderia faltar em um projeto voltado para o relacionamento das crianças com a natureza. A arte devolve a liberdade à alma e leva à concretização das necessidades do ser humano. (ARCURI, 2004)

Desenvolvíamos a modelagem com argila e visitávamos com frequência uma olaria que, além de fornecer a argila, queimava as obras feitas pelas crianças que ali tinham a oportunidade de conhecer todo o processo de feitura e de transformação do barro em peças de cerâmica, a manipulação do torno, o tempo para queimar, etc.

*- Lembro dos trabalhos de argila, que a gente fazia e que depois ia pro forno e voltava pronto durinho, eu achava o máximo. Lembro de uma coisa que eu adorava que era o pirógrafo, que até hoje eu tenho um quadrinho que fiz com pirógrafo, lembro muito dos trabalhos manuais (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

Assim, pela nossa experiência e pelos aportes teóricos utilizados nesta pesquisa, concluímos que:

A arte, seja ela qual for, é um canal de expressão que se utiliza de diferentes técnicas, instrumentos e materiais para trazer nossos sentimentos, nossa alma, nosso momento específico. A arte é uma forma de brincar e o brincar é uma forma de arte. (FRIEDMANN, 2014, p.53)

**Casinha de boneca:** Construída com alvenaria, contava com muitos detalhes e apetrechos como panelinhas, utensílios de cozinha, vassourinha, rodinho entre outros que permitiam as crianças criarem e vivenciarem suas histórias. Era o lugar preferido das crianças que, nas horas livres, brincavam e imitavam frequentemente os padrões familiares, o que nos servia de base para uma maior proximidade e compreensão do cotidiano vivido por elas (figura 20).

Figura 20- Casinha de boneca (1980)



Fonte: Acervo da Autora

- *Brincar de casinha, eu adorava entrar, sair, tinha um tanque do meu tamanho, era pra criança, aquela porta, enfim lá era um espaço muito apropriado pra brincar, amava. Eu não tinha em casa um espaço para criança. Era esse brincar aprendendo que era bem bom que não tem nada a ver em sentar e abrir uma apostila, enfim, não tem nada a ver então ficou isso (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

- *Casinha de boneca, eu adorava brincar na casinha. Aprontando, lembro que a gente se escondia pra não entrar na sala, correndo atrás do outro... (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

- *Lembro da casinha, tenho muita memória da casinha, a gente brincava muito de fazer comidinha (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

**Horta:** Tínhamos um espaço dedicado à horticultura, onde plantávamos diversas espécies de verduras, legumes e ervas. Este espaço foi posteriormente ampliado de modo que em todos os canteiros de terra plantávamos árvores, cultivávamos flores. Aprendendo assim a importância do solo, da água, do vento, dos ciclos. As crianças acompanhavam o desenvolvimento das sementes ou mudas e eram responsáveis pelos cuidados necessários para sua manutenção. (figura 21)

Figura 21 - Plantando árvores (1983)



Fonte: Acervo da Autora

Na jardinagem, integramos os ciclos alimentares naturais nos nossos ciclos de plantar, crescer, colher, descartar e reciclar. Através desta prática, aprendemos também que o jardim como um todo está integrado a sistemas maiores que são, novamente, redes vivas com seus próprios ciclos. Os ciclos

alimentares interseccionam-se com esses ciclos maiores, ou seja, os ciclos de água, estações, e assim por diante, formando em conjunto a cadeia de elos da rede de vida planetária. (CAPRA 2006, p.89)

*- Lembro da horta, de plantar, colher, tínhamos uma relação ali, não era só que alguém cuidava e a gente estava alheio, lembro das coisas da alimentação, a gente cuidava, participava de tudo (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Estas atividades marcaram sobremaneira a memória de muitas crianças, pois achavam mágico o crescimento do milho, da cenoura, que se transformava em receitas saborosas nas aulas de culinária ou nas refeições coletivas.

*- Lembro de como vocês lidavam com a questão da terra, com a questão do cultivo, eu lembro de cenoura, da gente pegando a cenoura, e eu tenho na minha memória, a gente ficava regando, a gente via aquilo crescer, a gente brincava muito, tanto que eu falei que eu não me recordo muito da sala de aula. O que a gente planta a gente vai comer, a cenoura foi fantástico. Quando me lembro da cenoura, aquela descoberta, e aquilo a gente fez, porque a gente plantava, colocava água pra crescer e colher aquela cenoura era mágico pra mim. A horta nos ensinava a plantar, nos ensinava a cuidar, foi uma semente plantada lá que nos fez adultos mais preparados. A culinária prepara a criança pra vida, lembro muito destas atividades (Luisa de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

Plantávamos periodicamente árvores frutíferas e nativas, abordando a importância fundamental das florestas e das árvores em nossas vidas como fonte de alimento, energia, água, entre tantos outros. Algumas plantávamos no próprio espaço da escola, algumas vezes em vasos.

*- Foi uma época muito boa, lembro da horta, dia da árvore, de plantar árvores, de regar, cavocar plantar, sujava a mão de terra, cuidava das plantas, ensinavam a plantar (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno). (Figura 22).*

Figuras 22 - Plantando árvore (1983)



Fonte: Acervo da Autora

Uma sala de aula apropriada para criança é a horta da escola. Por religá-las aos fundamentos básicos da comida – na realidade, com a essência da vida – ao mesmo tempo em que integra e enriquece praticamente todas as atividades escolares. Quando a horta da escola passa a fazer parte do currículo, aprendemos sobre os ciclos alimentares, por exemplo, e integramos os ciclos alimentares ao ciclo do cultivo, colheita, elaboração de alimentos, compostagem, reciclagem. Por meio desta prática, descobrimos também que a horta da escola esta embutida também em sistemas maiores que são teias vivas com seus próprios ciclos. Os ciclos alimentares se cruzam com estes ciclos maiores, da água, das estações, e assim por diante, todos formando conexões na teia de vida planetária (CAPRA, 2006, p.14)

**Cozinha:** Construída de forma adequada ao tamanho das crianças, era utilizada para aproximá-las do universo alimentar, propiciando a manipulação e o conhecimento da origem, da forma, das cores e sabores dos alimentos. Elaborávamos receitas saudáveis que somavam os ingredientes produzidos na nossa horta a outros trazidos por eles. O viver a experiência de todo o processo de fazê-lo, são momentos de saber que possibilita a elas o pertencimento. A sociedade em que vivemos nos convida, diariamente, para afastarmo-nos dos processos das

coisas para experimentá-las prontas. Essas experiências marcaram a lembrança de muitos alunos:

*- Lembro que a gente ia na cozinha, fazia bolachinha de goiaba, toda semana tinha uma receita que a gente levava pra casa, única época que lembro de cozinhar na minha vida... agora quando vou fazer alguma coisa, lembro de uma sementinha plantada naquela época... A cozinha eu adorava, as receitas que tenho até hoje, tenho muita memória... que levávamos talvez uma vez por semana pra casa, eu sempre queria fazer em casa. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna)*

*- A gente fazia muita culinária, na cozinha, colhia a mandioca da horta. Até hoje eu trago esta paixão comigo pela culinária, adoro cozinhar, acho que foi daí, então tenho muitas memórias boas. Adoro cozinhar. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno)*

*- A coisa de fazer comida, eu lembro que vocês mandavam uma receitinha depois um pouco do que fazíamos, eu sentia muito prazer com este tipo de atividade... a comida tem uma preparação, tem o cuidado, acho que é um valor, que faz diferença, não é só saúde, isso interfere nas relações, na maneira de se relacionar. (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluno)*

*- De novo a Bolachinha, eu lembro desta coisa, todo mundo junto, então também tinha um coletivo ali, neste momento da cozinha, de fazer que nossa, todo mundo fazia junto, lembro de todos com garfinho, a massa de enrolar, fazíamos uma cobrinha, cortar e amassar com garfinho. Eu sou “docenta”, lembro muito da bolachinha de nata. Eu amo até hoje e a massa..., é a coisa da massa, enrola, escultura, argila, é uma coisa que eu adoro, moldar com as mãos o que for, acho que a bolachinha também tinha isso, não era só o comer, era uma experiência toda ali. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna)*

Os valores saudáveis dessa experiência eram extensivos à família que recebia uma mostra dos quitutes elaborados, junto com as receitas escritas, para que pudessem ser repetidas em casa.

*- Participei muito como mãe na Aldeia, nós trabalhávamos com o lanche, a gente ia algumas vezes, auxiliar a fazer lanchinho. Uma coisa que foi muito importante da Aldeia pra vida dos meus filhos e da minha casa foi a introdução de uma alimentação mais natural, eu nunca pensei*

*introduzir na minha casa o açúcar mascavo, que passou a ter por causa da proposta da Aldeia de ter uma alimentação mais saudável e mais natural. (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012)*

### **Animais**

A Escola tinha ainda alguns animais como coelhos, tartarugas, patos, gato e cachorro. Era um grande atrativo e uma forma de possibilitar um vínculo afetivo no processo de integração e aprendizado. O contato com os animais permite uma vivência mágica e preciosa para a criança, possibilita uma relação fraterna e comunicativa, principalmente quando há diversidade de espécies. É notável as observações de suas naturezas específicas, como ritmo, comunicação, ação, permeando a identificação, a observação e o toque. Em muitos casos propicia a superação de medos incultidos desde cedo em ambientes familiares (tipo quais?), além de inúmeros benefícios que essas relações trazem no cotidiano da escola, como as brincadeiras que se expressam em diferentes linguagens (Figuras 23, 24).

Figuras 23 e 24 - Crianças brincando com animais (1983)





Fonte: Acervo da Autora

A criança pequena está com seus sentidos todos muito abertos para o mundo que elas vão descobrir. Em um ambiente natural, a criança está cercada de estímulos que proporcionam que ela descubra o mundo enquanto se descobre.

Segundo Richard Louv (2016), ambientes naturais são essenciais para um desenvolvimento saudável da criança, porque esses estimulam todos os sentidos e integram a brincadeira à aprendizagem. Experiências multissensoriais em ambientes naturais ajudam a desenvolver estruturas cognitivas necessárias para um desenvolvimento intelectual.

*- Os animais, o coelhinho, a tartaruga, a horta, estar na cozinha, era muito legal pra mim, não percebia na época, mas agora fazendo um link eu gostava de reproduzir o dia a dia, digamos assim, mas brincando, né, aquela coisa de brincar de boneca, acho que eu brincava de ser gente grande acho... não sei... (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

Figura 25 e 26 – Crianças observando os coelhos (1983)



Fonte: Acervo da Autora

*- Em termos de natureza eu acho que o que me marcou foi os bichos, os coelhos, da horta, mas mais dos bichos, de histórias que aconteceu com os eles... Minha mãe costuma falar que eu fiquei fanática por bichos, gato, cachorro, por culpa da Aldeia, porque eu lembro que lá a gente falava que os animais eram seres vivos, lembro deste termo (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

Sempre demos muita importância ao brincar livre, tanto no tanque de areia como nas brincadeiras imaginárias, embaixo das árvores, as cabanas para os animais, os balanços, os pneus, as corridas no campo de futebol, no parquinho, no jardim, na horta; aos professores e educadores cabiam incentivá-las, sem interferir na liberdade e criatividade espontânea inata dessa fase de desenvolvimento. Brincar, para a criança, implica muito mais que a própria ação. Durante o ato de brincar, podemos conhecer a criança, suas emoções, a maneira como ela

interage com seus colegas, seu desempenho físico-motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico e sua formação moral.

O brincar nasce no corpo, e o corpo é natureza. A criança, antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar sua relação com o mundo. A criança evidencia a presença do pensamento corporal e sensorial como formas de interagir com o mundo e conhecê-lo. Nossos sentidos assimilam, produzem e são continentes de conhecimentos significativos da nossa existência. Lembremos, como afirma Schiller, que “o impulso sensível começa a trabalhar antes do racional porque a sensação precede a consciência; e é nessa prioridade do impulso sensível que encontramos a chave de toda a história da liberdade humana. (HORTELIO, 2016)

### **Comunidade Escolar**

A Aldeia oferecia tempo para a diversão, o convívio, a alegria e a fraternidade se instaurarem. Por contar com um ambiente familiar, acreditamos que, para muitos pais, foi uma oportunidade de se integrarem no processo educativo de seus filhos com participação e acompanhamento dos conceitos que buscávamos desenvolver, permitindo uma comunidade feliz e harmoniosa.

Nossas festas eram famosas por proporcionarem vivências inusitadas para os pais. Em uma delas, no dia das Mães, preparamos 3 opções de atividades envolvendo o Teatro, as Artes e a Culinária, para que a mãe e seu filho(a) pudessem optar por uma delas e no final apresentassem os resultados para os participantes. Essa proposta visava a aproximação das mães com os seus filhos, fato que raramente acontecia em seu cotidiano. Foi emocionante ver o resultado dessas interações e os relatos narrados pelas mães.

No dia dos Pais, fomos a uma chácara onde cada pai tinha que fazer uma pipa para ele e para seu filho(a). Muitos pais relataram que nunca haviam feito uma pipa antes... Foi simplesmente maravilhoso ver a interação entre pais e filhos manifestada num céu forrado de pipas coloridas (figura 27).

Figura 27 - Pais soltando pipa com os filhos (1984)



Fonte: Acervo da autora

*- Dia dos pais, não era aquelas festas que as crianças ficavam dançando que nem um robozinho, lembro de uma festa dos pais, que era o dia da Pipa, uma festa muito legal, que os pais tinham que levar a seda, leva o bambu, montava junto com os filhos e ficava soltando as pipas e sempre tinha estas coisas bacanas (...) Lembro da festa da pipa que a gente foi num local que era o dia dos pais, os pais e os filhos fizeram a pipa no local, lembro do céu bem repleto de pipa com bastante crianças, foi um momento bacana, diferente do que se possa ter. (Rodrigo Gatti, 2016, ex-aluno)*

No mesmo evento, com o intuito de promover um contato mais íntimo entre pais e filhos, foi proposta uma atividade sonora corporal entre pais e filhos, cuja vivência foi permeada pelo toque e o movimento.

- Uma coisa que me traz sempre na memória eram as festinhas que integravam os pais com as crianças e professores. Lembro também da parte social, da convivência com os amigos, aprendizados, estes encontros, eram muito legais. Lembro da corrida com os pais de andar em cima do pé do pai. Essas oportunidade de estar mais próximo com os pais eram importantes. (André Nigro, 2017, ex-aluno) (figura 28)

Figura 28- Pais vivenciando movimentos e brincadeiras (1984)



Fonte: Acervo da Autora

- Eu tenho uma memória fotográfica, lembro de várias festas, a “Festa do sorvete”, tinha morango e chocolate, “Festa da Bicicleta”, você aprendia os sinais vermelho, amarelo, verde. Festa da pipa, né? Era muito bons tempos, lembro que tinha um senhor que tocava violão para os alunos, lembro de uma vez que minha mãe foi lá ensinar a escovar os dentes (Aluisio Baracat, 2017, ex-aluno).

- Era uma proposta natural, tomavam este cuidado em todas as datas que festejavam, inclusive no Natal, o primeiro Natal da Aldeia foi na Fazenda Salto Grande, me lembro muito bem de uma cena que meu filho estava interpretando um mago, eles interpretaram uma cena de Natal, eu tinha esta imagem na minha cabeça, dele com o chapeuzinho de mago, e tudo isso ficou

*muito marcado em minha vida. O carinho de vocês sempre esteve presente (Regina Gatti, mãe, 2012).*

Os pais tinham um papel fundamental nas atividades da Escola, buscávamos, nas frequentes reuniões, aproximá-los dos conceitos que buscávamos desenvolver para que pudessem acompanhar, contribuir e se integrarem na comunidade escolar. Vale ressaltar que tivemos dificuldades por parte de alguns pais em aceitarem a liberdade que oferecíamos para as crianças como, por exemplo, o fato de voltarem “sujas” para casa, sendo motivo de até a saída de alguns alunos. Outro fator que demandou esforço, informações e participação foi a proposta de uma alimentação saudável, para os quais pedíamos para evitar determinados lanches nocivos, mas que, mesmo assim, alguns insistiam em colocar na lancheira de seus filhos. A maioria que nos apoiava passou até a introduzir novos hábitos em suas casas.

## **Equipe**

*“Quando são as crianças que ensinam nós nos tornamos sábios: aprendemos a arte de viver”*  
(ALVES, 1999, p. 199).

Nossa equipe técnica era formada por educadores que se afinavam a essa pedagogia, que, na verdade, era uma nova proposta (sugestão) em que todos éramos aprendizes. Primávamos pelo respeito a liberdade da individualidade de cada criança, principalmente no que se refere a sua expressividade, tanto na comunicação como na arte e ação na vida. A proposta parece ter cada vez mais fundamento na medida em que nos apoiamos em diferentes autores para justificá-la:

Sou de parecer que, por outra parte, o coração do educador deve desempenhar uma tarefa cuja importância mal podemos avaliar devidamente. Recordamos com reconhecimento os professores competentes, mas sentimos gratidão em relação àqueles que se dirigiram ao nosso íntimo. A matéria do ensino se assemelha ao mineral indispensável, mas é o calor que constitui o elemento vital que faz crescer a planta e também a alma da criança. (JUNG, 2008, p. 149)

Diariamente, após as aulas, eram realizadas reuniões de avaliação com os educadores, na qual eram abordadas as questões ocorridas no dia para uma troca de experiência e refinamento da metodologia e ideologia da Escola. Essas reuniões possibilitavam uma análise crítica das nossas ações e promoviam uma integração maior entre o corpo docente, favorecendo

uma construção coletiva e coesa nas expectativas e superação de dificuldades. Afinal, como alerta Freire:

O educador é o sujeito social de sua prática e sua formação deve ser constante e sistematizada; a prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento; o programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular. (FREIRE, 1996 )

*- Uma escola com uma proposta pedagógica avançada para a época e ao mesmo tempo tão atual. Estudávamos muito nas reuniões o trabalho em equipe também era um fator importante. Aprendia junto com as crianças... Aldeia, todos juntos para educar uma criança (Eloina Barbosa Leal, professora, 2017). (figura 29)*

Figura 29- Professores da Escola Aldeia – Encontro 2012



Fonte: Acervo da Autora

Para dar suporte teórico e reflexivo mais amplo a toda equipe da escola, constantemente chamávamos profissionais de várias áreas (Pediatra, Psicólogos, Pedagogos) que colaboravam para uma adequação nas nossas ações diárias. Tendo caráter inclusivo necessitávamos, sobretudo, de orientação para casos específicos que exigiam relevância no encaminhamento de crianças especiais, que nos traziam desafios de comportamento.

Possibilitar um espaço que envolva o respeito e a cooperação; a harmonia biológica e cultural, a confiança e o prazer da convivência, o afeto, a doçura e o amor; a participação, a flexibilidade e a solidariedade; a admiração pela beleza e o mistério da vida, a união e a veneração pela natureza, a criatividade, o conhecimento intuitivo e a dimensão espiritual do ser humano. (GUTIERREZ 2008, p.84)

*- Tudo era muito conversado, tínhamos muitas reuniões onde trocávamos ideias e experiências. Foi um pouco empírico também. A nossa relação com as crianças o tempo todo: não tínhamos grupos de pessoas conversando enquanto as crianças brincavam, brincávamos juntos. Minha palavra, amor. Amor pelo trabalho, amor pela nossa convivência, pelo prazer em ir trabalhar, nossa união e amor; que tive e recebi das crianças, pais e amigas(os) (Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora, 2017).*

A articulação dessas atividades era a fonte de diretrizes para a sistematização de conteúdos que eram trabalhados nas diferentes idades pelos educadores. Fazíamos constantes reuniões com os pais em que apresentávamos conteúdos pedagógicos que vínhamos trabalhando com as crianças e, na sequência, fazíamos reuniões individuais com cada família para apresentar um diário de classe sobre a participação e desenvolvimento da criança.

*- Eu lembro dos registros também, que foram importante depois, acho que eu devia ter 7 anos, já sabia ler e minha mãe ainda tinha guardado os registros da Aldeia, das nossas atividade. Hoje a Denise fez... não sei o quê... Nossa, que trabalho, hein?! Escrever de todos os alunos? Nossa!! Mas era uma coisa consistente a descrição do que a gente tinha feito lá, eu ficava encantada de ler aquilo e saber que era o registro do meu dia a dia, de quando eu era menor. Eu lembro de olhar com curiosidade assim estes registros que ela guardou depois (Denise Zakaib, 2016).*

O registro e a reflexão-ação sempre foram prerrogativas para o desenvolvimento da Escola na medida em que

A escola não deve ser concebida como simples agência repassadora de conhecimentos prontos, mas como contexto e clima organizacional propício à iniciação em vivências personalizadas do aprender a aprender. A flexibilidade é um aspecto cada vez mais imprescindível de um conhecimento personalizado e de uma ética social democrática” (ASSMANN, 2007, p.3).

*- Tivemos momentos de avanço pedagógico sem mesmo nos apercebemos disso, o compromisso e o gosto com que trabalhávamos nos dava esse vanguardismo. Lembro-me de nossos encontros ao fim das tardes, nós, professores nos colocávamos como profissionais discutindo situações reais e efetivas de nossa prática, legitimando nossa ação com o desenvolvimento profissional – e olha que éramos todas iniciantes, acho que isso foi outro ponto importante, todos estávamos muito interessados em aprender. Essa forma de trabalhar era uma excelente oportunidade de desenvolver temas que perpassavam as ações sociais,*

*cognitivas, emocionais e da natureza. O mais importante era a preocupação e o respeito com o desenvolvimento do grupo e do aluno/indivíduo. Lembro até de psicólogas que iam às nossas reuniões, quando necessário. Foi importante e lindo!! (Julia Pimenta, professora, 2017)*

Como diz Paulo Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Assim eram os nossos encontros diários: euma construção coletiva, um laboratório de aprendizado, em que compartilhávamos os sucessos e refletíamos sobre novas possibilidades de caminhos, que eram apresentadas pelas próprias crianças.

*- A relação profissional foi sempre muito sã, nenhuma forma de desrespeito, autoritarismo ou conflito de função jamais existiu. Apesar da liberdade que existia na Aldeia, as funções de cada um eram muito claras e eu jamais me senti desamparada, apesar de minha pouca idade e experiência. Uma experiência totalmente positiva que serviu de base para que eu pudesse acreditar no sucesso das posteriores; que existia um lugar / modo de trabalho coerente e harmonioso para os que pensavam “diferente” (Claudia Cavicchia, professora, 2017)*

A Aldeia primava por ter uma gestão democrático-participativa; valorizava a participação da comunidade escolar no processo de tomada de decisão; concebia a docência como trabalho interativo e apostava na construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola, por meio da dinâmica intersubjetiva, do diálogo.

*- Como eu trabalhava na Unesp, na área da Educação, algumas vezes fui convidada para participar das reuniões pedagógicas. A direção teve o cuidado de encontrar professores que tivessem os mesmos propósitos educacionais, a mesma concepção de educação, sem dizer que tipo de linha teórica, mas sabendo o que queria fazer com uma criança, e estas reuniões se passaram de uma maneira muito informal, como tudo na Aldeia, sentávamos nas cadeirinhas das crianças, às vezes até no chão, fazíamos as nossas discussões, sobre o que seria bom que as crianças pudessem receber de atividades, no aprender através do brincar, do lúdico. As professoras estavam muito engajadas no processo de cuidar, de brincar sem perder a emoção do sorrir e do chorar (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

A participação da família evidencia que a metodologia da Aldeia estava inserida na teoria sistêmica como abrangência a uma educação inclusiva e participativa, em que todos aprendiam, cada qual tecendo suas habilidades, unindo os saberes. Foi fundamental a

contribuição dos pais neste caminho. Como afirma, Capra (2006), precisamos criar comunidades de aprendizado, compatíveis com um sistema vivo, com disposição para o diálogo e inclusão, criando um clima de amizade, benevolência e vínculos. Um contexto educacional que traga sentido a vida, a uma mobilização ao encontro.

## 5. MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA

Figura 30 - Escola Aldeia (1980)



Fonte: (Acervo da Autora)

Falamos de nossas lembranças de quando criança. Falamos também daquilo que não lembramos, mas que é parte de nós e nos deixou marcas. Ainda falamos do que está para além de nossa biografia que é a imaginação. Esta fonte, este reino antigo pertencente à memória coletiva dos homens que se manifesta com conteúdos muito anteriores, além da pouca idade da criança. Ao falarmos da imaginação dissemos que ela se manifesta na infância com muito mais vigor, pois é também responsável por auxiliar nas forças formadoras do corpo e da alma da criança. É tão poderosa que por muito tempo não permite que existam fronteiras entre a criança e o mundo, entre o mundo e a criança. Assim, a imaginação na criança é força criadora, com capacidade estruturadora, construtora e regeneradora. (AIRES, 2012)

A coleta de dados, aqui, feita nos possibilitou penetrar no campo da memória, reviver histórias, redirecionar sensações, fatos significativos, como reconstrução de uma época na qual a fantasia e o descobrimento pulsavam a vida. Seguir neste caminho até ouvir as vozes que trouxeram um alinhavo para cada fato revisado, ouvir a voz do corpo pela descrição vivenciada das emoções e sentimentos que permaneceram como imagens significativas. Diante da magia do encontro, da descoberta do outro, das lembranças revividas e percorridas que, girando tal qual uma ciranda, todos puderam reavaliar, um passado, ainda presente, que possibilitou um conhecimento e reconhecimento de si.

Ao ouvir os depoimentos desses meninos e meninas, hoje adultos, ficamos impressionados com os detalhes resgatados que chegam repletos de emoções, mas também a capacidade crítica que permite a eles avaliarem o que vivenciaram, e o que de valor ficou. Conteúdos riquíssimos que trouxeram vida e voz a esta pesquisa. Como cita Bosi, a memória acorda e ressignifica o presente.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Utilizamos a Análise Textual Discursiva que permitiu ter uma abordagem de constante reconstrução de caminhos. “É um processo em que o pesquisador movimenta-se com as verdades que tenta expressar: um movimento em direção a novos paradigmas, com ênfase na autoria de um sujeito que assume sua própria voz ao mesmo tempo em que dá voz a outros sujeitos” (MORAES; GALIAZZI, 2006). Realizada a partir de um conjunto de dados inicialmente dispersos, essa metodologia sugere uma delimitação rigorosa dos temas mais relevantes à pesquisa que, uma vez organizados em categorias e construídos a partir de um referencial teórico, possibilitam comunicar novos sentidos e significados à mesma. Como cita (LÉVY, 2003, p. 35): “Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações”.

Neste processo de pesquisa e, principalmente durante a análise dos depoimentos, houve uma reconstrução conjunta de parte da trajetória da autora, na qual pôde rever conceitos e desconstruir tendências, em busca de certa neutralidade, para melhor entender o ponto de vista dos narradores, sentir suas emoções, sem, no entanto, buscar uma lógica dos caminhos por eles percorridos, mas sim buscando uma reconstrução dos conceitos que emergiam das suas próprias percepções. Remetendo às palavras de Morin: “As fronteiras são sempre vagas, os conceitos não se definem nunca por suas fronteiras, mas a partir de seu núcleo” (MORIN, 2003, p. 106)

A criança não estetiza o mundo, mas habita, em suas imagens do brincar, a virtude estética, o halo criacional, do qual o homem deixando sua infância, distanciado do poder mágico das imagens, só se beneficiará quando voltar-se à estetização, à esperança. Por isso, como Durand (2002) nos diz, que “qualquer recordação de infância é, em si, um ato estético, pois a nostalgia da infância é a nostalgia do ser”. (AIRES, 2013, p.19)

Envolta em sentimentos nostálgicos diante dos depoimentos realizados, cada aluno trouxe, com suas lembranças e contextualizações desse período, conteúdos significativos que

tocou-nos profundamente. A vida é um espiral de muitas passagens, na qual reaprendemos a aprender e essa é, sem dúvida, a maior magia: quando deixamos que a rigidez dos conceitos padronizados, cedam espaços aos saberes internos que são sempre reconstruídos para melhor nos atualizarmos no presente da vida.

A possibilidade de rememoração, provocou uma série de reflexões sobre o passado, o presente, o futuro e possibilitou a reconstrução dos sentidos das experiências vividas a partir da ótica do presente. Uma reavaliação de percurso e do processo de compreensão de suas práticas.

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade” (BOBBIO, 1997 p. 30-31).

Esse processo rememorativo pode alterar o futuro de cada sujeito pesquisado, pois, ao terem a oportunidade de modificar o presente por meio da instauração de uma outra perspectiva de compreensão de suas práticas, eles passam a ter a oportunidade de uma nova consciência de si mesmo.

Pois conhecer o passado é uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar estrelas, já que, mesmo bem documentado, ele tende a se tornar fugidío e imenso em sua extraordinária dimensão e variedade de situações. (LOWENTHAL, 1981, p. 73)

A partir de alguns tópicos, separadas por temas, que foram abordados nos depoimentos, traçamos o caminho de construção de uma análise em que o próprio discurso sinalizou a direção a ser tomada. Assim, embora buscássemos dar voz aos depoentes em sua íntegra, em muitas categorias, percebemos uma transversalidade de temas que se interconectam, tornando difícil a especificidade de cada uma delas. Confirmando assim a visão de Frijot Capra sobre a teoria dos Sistemas, segundo a qual existe uma conexão de todo sistema vivenciado que se expressa em diferentes áreas das memórias. Desta forma, o eixo da análise se deu na interrelação dos seguintes tópicos: Corpo, Liberdade, O Brincar, Natureza, Horta e Cozinha, Coletividade, Espaço Escola, Vivência Comunitária, Valores, Escolha de Profissão, Visão de Educação, A entrada no ensino convencional, Valores e Reverberação da memória.

## 5.1. Corpo

Temos que nos dar conta de que nosso corpo é a nossa vida. Em nosso corpo, todo inteiro, estão inscritas todas nossas experiências. (...). E quando aqui digo o corpo, digo a vida, digo eu mesmo, você, você inteiro, digo (GROTOWSKI, 1993, p.43).

Tomando o corpo como o centro de recepção das vivências, da subjetividade e das memórias, buscamos situá-lo no âmbito desta análise, seguindo a conceituação de Merleau-Ponty (2006, p. 203): “o corpo é nosso modo próprio de ser-no-mundo”. É o corpo que realiza a abertura do homem ao mundo, colocado-o em situação: “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (Merleau-Ponty, 1994 p.203). Assim, em contraposição à visão positivista para a qual o corpo é tomado como uma estrutura mecânica, que recebe o conhecimento unicamente através do intelecto, adotaremos como referência o conceito de corpo permeado de subjetividade e que conserva, na memória, o campo de suas vivências. Visto por este ângulo, justifica-se que, apesar das experiências desse grupo ter se dado em tão tenra idade, elas permanecem vivas, posto que estão impressas na memória corporal, que responde aos gatilhos sensoriais e afetivos contemplados nesta pesquisa. Percebemos, ao longo da análise, que as sensações registradas em cada entrevistado, são de ordem sensorial e não da mental e intelectual. Afinal: “Tenho consciência do mundo por meio de meu corpo” (Merleau-Ponty, 2006, p.122).

O corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda (LELOUP, 2011, p.15).

A inteligência se desenvolve através do corpo. A criança conhece suas possibilidades e seus limites enquanto descobre o mundo concretamente: experimentando-o. A partir da aprendizagem concreta, a transição ao pensamento abstrato acontecerá de forma natural.

*- Eu não tenho tantas lembranças visuais, me lembro do espaço, mas o que ficou mais forte pra mim foram as impressões, que marcou muito a minha vida.... Não é por que não registrou o fato e por que não marcou, o que ficou foi o afeto, que ficou de outro modo, uma memória corporal... (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna)*

*- A sensação para mim é muito importante, do sentidos, pra mim é muito vivo, muito significativo, então eu busquei isso dentro da minha profissão, porque pra mim foi muito importante (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

- *Eu tenho uma memória afetiva de passar pela frente da escola e lembrar do tempo que estudei lá. Gosto de terra, cheiro de terra quando chove me lembra Aldeia. (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

- *Eu fico impressionado com o tanto das memórias que eu tenho, porque eu converso com outras pessoas sobre o jardim I, jardim II e a maioria das pessoas não tem as memórias que eu tenho, e foi muito marcante, eu realmente adorava a Aldeia, foi um luto quando eu sai... Eu tenho uma memória da gente desenhando em volta do corpo, eu não sou boa de identificar... (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Podemos observar, pelos depoimentos acima mencionados, que as memórias sensoriais são gravadas como sensações a todos os sentidos corporais, como o cheiro e o afeto, advindos de um prazer sentido. Impressões que remetem a um registro de um tempo de um corpo vivido feliz.

## **5.2. Liberdade**

A criança é eminentemente um ser que explora, experimenta e transforma o ambiente em que vive por meio da inteligência de seu corpo. Privada dessa experimentação livre, a criança deixa de exercer sua dignidade. Movimentos espontâneos brotam de camadas muito profundas, revelando infinitudes de gestos que estão ali encobertos a espera do momento propício de se revelar. É brincando que ela desenha no seu espaço vital ritmos que vão afirmando sua singularidade. É nesse exato momento que o Brincar cumpre sua função transcendente, ordenando os elementos singulares em um espaço que se liberta do cotidiano e, suspendendo o tempo, cria outra realidade. Esse corpo que brinca carrega o mistério da espontaneidade e naturalidade como linguagem humana de origem. O Brincar é o território da Alegria em que a ação da alma é também a ação do corpo e vice-versa. O conhecimento que vem da infância é considerado o mais importante, porque pertence à linguagem do sensível em que a vida, pulsando em liberdade, abre caminho para o imprevisível encontro consigo mesmo, com o outro e com seu entorno. O exercício de ser criança é, pois, o direito mais significativo da criança, aquele que lhe permite “Ser em plenitude e liberdade”. Tendo conhecido o que isto significa, a criança guardará para sempre a lição maior, a experiência mais inteira de Vida, como tesouro e meta de toda sua busca como ser humano. (HORTÉLIO apud CRUZ 2005. p. 78).

A escola Aldeia primava por permitir que a criança se expressasse livremente, em suas diferentes linguagens, proporcionando espaços de acesso ao brincar livre, respeitando o tempo, as escolhas e ampliando as possibilidades de criação das crianças. As experiências lúdicas pressupõem a não obrigatoriedade, a liberdade de expressão de seus desejos, a necessidade de tempos alongados e não fragmentados, o convívio espontâneo entre pessoas, objetos e equipamentos que não imprimam uma resposta única preestabelecida. Um lugar de sensibilização do olhar para as belezas produzidas diariamente pelas crianças, sendo ela a própria geradora de conteúdos e brincadeiras.

Figura 31 - Desenho na madeira- Escola Aldeia (1980)



Fonte: (Arcervo da Autora)

- *Era um lugar muito livre, que deixava a criança muito livre, tinha muitas atividades artísticas... Acho que era uma liberdade que me marcou, que eu experimentei e que acho que se eu não tinha outros espaços em que eu vivia isso, naquele momento aquele era um espaço que me dava mais liberdade do que outros que eu tinha (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna). (Figura 31).*

- *É isso mesmo acho que respeito e liberdade para se expressar. Porque eu não sentia uma rigidez, mas eu não sentia uma bagunça, sabe quando o negócio é tão rígido que você precisa dar uma liberada pra extravasar, não tinha porque eu acho que a liberdade também estava fluindo junto com a responsabilidade, quando a gente tem que fazer a nossa parte para tudo acontecer, nem sabia que eu tinha tantas memórias, de uma coisa tão remota. Me admiro de ter tantas memórias, está fazendo 35anos... (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- A Aldeia remete, pra mim, uma coisa solta, uma coisa livre, do brincar... Aldeia era o quintal de casa, parecia uma extensão, até me arrepiar... Fecho o olho e vejo a gente correndo, isso tá ligado à liberdade.... Na Aldeia sentia que eu tinha liberdade, acho que é a maior lembrança que me vem. Ficava muito à vontade, não tenho memórias de eu chorando, eu ficava muito confortada... Lembro das tias brincando com a gente, correr, isso é algo muito legal. Não tinha uma ideia de escola, era uma extensão da casa, um lugar que eu podia brincar com amigos. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

Sensações gravadas de um espaço onde a liberdade era permitida. Nesse contexto, as memórias registradas confirmam a afirmação de Friedmann, “O ambiente deve constituir uma força geradora de situações emocionais e cognitivas de bem estar e confiança; deve deixar à criança desenvolver sensações físicas, psicológicas olfativas, imaginativas, auditivas, táteis”. (FRIEDMANN 2014, p.111)

*- No geral, eu guardei boas lembranças, uma época boa, tinham muitas brincadeiras, não tinha cobrança.... Engraçado que não me lembro de atividades dentro da sala. Me lembro disso que as coisas eram mais soltas eu não trabalhei com conteúdos formais, mas me lembro muito de ter espaço pra correr livremente, me lembro de ter aprendido isso, que é o que mais chega. **Aldeia simplesmente dava espaço para a criança poder se desenvolver de um jeito bom pra criança. Ela respeitava o tempo da criança, trabalhar os sentidos, o motor, a natureza. Tudo acontecia naturalmente, era um espaço que respeitava o tempo da criança. Quando me lembro, era um espaço muito gostoso, porque a gente ia lá fazer o que a criança gosta de fazer, então tinha essa conexão com o tempo da criança, isso acho que era muito legal** (Luciana Lupo, 2016, ex-aluna, grifos nossos).*

A possibilidade de vivenciar a liberdade, marcaram esse percurso. Percebemos que as lembranças ao livre brincar são mais citadas que as atividades dentro das salas; ao ponto de muitos dos entrevistados chegarem a perguntar se realizávamos de fato atividades dentro das salas, pois os mesmos não tinham registros em ambientes internos. Como diz Friedmann (2014, p. 37): “No ato de brincar, assim como no ato de dançar, há movimento, entrega, expressão. Assim como na dança, no brincar podemos atingir uma elevação do nosso espírito através do nosso corpo”.

*- Tinha liberdade para desenvolver e amplitude para brincar, para jogar água nas crianças,*

*as crianças só usarem calcinhas, coisas que nunca vi em outras escolas, não tinham essa abertura, esse diferencial, eu carreguei e carreguei como experiência. A alegria de trabalhar; foi o período profissional mais gostoso que teve. A liberdade que a gente tinha de brincar com eles sem camisa, descalço, eu não me sentia um professor, eu era criança com eles. Eles me viam como criança, chegava muito sujo em casa, minha mãe até brincava, nossa você veio mais sujo que as crianças. Tudo isso me fez ter um olhar muito diferente, pois lá eu tinha que vê-los pelo olhar deles, descobrir os multimovimentos de coordenação, de ritmo, de lateralidade, brincando, que se apresentaram nas experimentações (Adalberto do Carmo Grifoni, professor de Educação Física, 2017).*

*- O que mais me marcou na Aldeia foi a questão da liberdade que tínhamos lá dentro, tanto os professores, os funcionários e os alunos. Este contato com a natureza, a coisa gostosa do cheiro, do gosto, do respeito, do zelo pelos animaizinhos, a gente tinha de tudo um pouco... A horta, um zoológico pequenininho com coelhinhos, tartarugas onde as crianças podiam ter este contato direto. Aprendi muito mais do que ensinei, o amor a vida! (Suzana Volpe, professora da Aldeia 2017).*

É nítido observar que os professores também partilhavam deste sentimento de liberdade, o que assegurava a intenção de proporcionar às crianças um ambiente feliz, pois se sentiam parte desta construção. Havia um interesse comum e prioritário em criar um espaço livre em que sua identidade fosse protegida.

### **5.3- O brincar**

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação.” (WINNICOT, 1975, p.63)

No projeto pedagógico da escola Aldeia sempre evitamos proporcionar às crianças brinquedos prontos que lhes reduzissem as possibilidades por meio de uma pré-determinação de uso. Ao contrário, oferecíamos elementos da natureza, como água, pedras, areia, conchas, folhas, madeiras, flores, sementes, sucata e outros com os quais as crianças pudessem dar vazão ao seu mundo de fantasia e criar a partir daquilo que se encontrava em seu interior. O estímulo à criatividade e à comunicação daquilo que as crianças desejavam expressar era respeitado e considerado em todas as expressões artísticas e gráficas, inseridas em vivências cooperativas de inclusão e harmonia.

Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e também sobre os significados culturais do meio em que está inserida. O brincar é, portanto, experiência de cultura, por meio da qual valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças (BORBA, 2009, p.70).

“Ser uma consciência, ou antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.142).

O sujeito não é um espectador imparcial frente à vida, mas participa dela ativamente, por meio de seu corpo, com seus movimentos, afetos, pensamentos, percebendo, sendo percebido e se auto-percebendo, reconhecendo-se como ator e co-autor de sua história, ao lado dos outros significativos com os quais convive em sociedade.

*- A gente brincava muito, tanto que eu falei que eu não me recordo muito da sala de aula.... Vocês estimulavam a criatividade, deixavam a gente assumir outros papéis. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

*- Atividades com criatividade, com companhia de amigos, brincando mas aprendendo, uma delícia, acho que foi momentos deliciosos, por isso que ficou, marcou e que ficou, acho que absorvi tudo isso, porque foram momentos bons, se fosse momentos ruins, eu ficaria com aquela aversão... lembro da natureza na Aldeia, mas além da natureza (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- Lá a gente não sabia que a gente estava aprendendo, a gente estava achando que estava brincando o tempo todo, não tinha uma coisa que diferenciava o aprender do brincar, este é um valor importante, entender que você pode fazer as coisas sérias importantes da vida, até na vida adulta de uma forma mais leve. (Mariana Ferrari Smirne, 2017, ex-aluna).*

Aprender pelo brincar pressupõe (sugestão) leveza, permite o prazer e o sentido do desenvolvimento; permite a lembrança feliz que ousa perpassar pelo tempo e querer perpetuar nas gerações vindouras. O brincar, na natureza, resignifica os sentidos. “Os elementos da

natureza convidam a criança a agir ativamente no mundo, transformando a matéria a partir de sua imaginação e ação” (MEIRELLES, 2016, p.64).

Brinquedos da flora, brinquedos da fauna, brinquedos minerais são reinos do brincar. Nestes reinos do brincar a imaginação é senhora soberana. Traz informações e imagens de grande conteúdo valorativo, pois são imagens oriundas da natureza acumuladas na experiência humana. Assim quando a criança vive o brincar neste universo material, quando faz das flores secas hélices de voo, do sabugo ou da palha do milho sua boneca, esta matéria imaginada pela criança repercute em reconhecimentos imaginários. Amplifica a imaginação às longínquas ramificações. Traz valores deste *quando* vivido pelos homens do decorrer dos tempos. Isto não quer dizer que brincar com outros materiais não seja brincar. Mas brincar com os materiais naturais, nas árvores, na terra, com a água, com as folhas e cascas, as sementes e frutos aproxima a criança das impressões mais íntimas da imaginação. (AIRES, 2012, s.p.)

*- A brincadeira era considerada atividade primordial da criança e, nesse sentido, como coisa muito séria. Através da brincadeira a criança entrava em contato com sua identidade, com o ambiente e com o outro. A brincadeira era um modo de apre(e)nder o mundo (Claudia Cavicchia, professora 2017).*

Conceituar o brincar foi uma tarefa constante dos profissionais da Aldeia, o respeito e permissão a adentrar em suas fantasias, era sempre o mais relevante olhar pedagógico.

*- As crianças tinham muitas atividades fora de brincar e o brincar era sempre desde a chegada até a saída; neste brincar aparecia a natureza, por exemplo, o dia da água, eles chamaram o bombeiro pra jogar água nas crianças, era falado sobre a água, desenhavam e o bombeiro molhavam todas as crianças na área livre. Elas brincavam e se divertiam junto com as professoras, todos saíam sujos e felizes da escola, e isso fazia muito bem pra gente que era a mãe (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

O aprender era feito de forma lúdica, assegurando à criança em seu brincar, permitindo o seu tempo de ser criança, sendo apoiada pelos professores e pais.

## 5.4 - Natureza

*“A natureza do brincar é a alegria.  
A natureza é seu território primordial.” (LYDIA HORTÉLIO, 2012)*

“A natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 4).

A relação da criança com a natureza propicia múltiplos movimentos, como correr, pular, saltar, rolar, trepar, escorregar, subir, descer, viver, respirar, sentir, plantar, colher desafios físicos que o corpo precisa para promover novas sinapses necessárias ao seu desenvolvimento neuromotor. Viver é sinônimo de conhecer; o ser humano aprende com o corpo inteiro. O conhecimento é corpóreo, está gravado no corpo humano e inclui as sensações e os sentimentos vivenciados, além da dimensão racional. De acordo com Frijot Capra (2006), o homem é dependente do meio. Sua atividade será modelada por influências ambientais e é importante que corpo, mente e ambiente constituam um sistema equilibrado.

É com seu corpo brincante no chão da natureza que a criança recebe e celebra a memória, ampliando e atualizando o passado. Os ensinamentos do brincar dizem respeito a algo como a memória do futuro. O brincar é uma função transcendente do humano, uma vez que extrapola a condição de tempo e espaço do cotidiano. Ao brincar as crianças sabem transitar naturalmente entre esses dois lugares: vão da Terra ao Céu em poucos minutos, conversam com seres imaginários, inventam personagens, projetam mundos, inauguram espaços novos, solucionam possíveis conflitos do cotidiano através dos recursos de sua capacidade de imaginação. Brincando, são capazes até de suspender o tempo. Nas brincadeiras, as crianças representam em ato um imaginário com infinitas possibilidades de exploração, alterando a ordem estabelecida e criando outras ordens. (HORTELIO, 2009, s.p.)

*- Lembro do meu contato, com terra, com bichos, tinha brincadeiras, tinha coisa de usar fantasia, de fazer comida, lembro do biscoitinho de goiabada, de fazer pipoca. Tenho alguns flashes (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).*

Experiências na natureza ajudam a amadurecer a cognição das crianças, incluindo sua habilidade de análise, síntese e avaliação. Segundo Louv (2016, p.118), “a natureza oferece um ambiente onde facilmente contemplam o infinito e a eternidade”.

*- Eu olhando hoje, do que aprendi quando criança, acho que a melhor coisa que eu tenho hoje é a consciência com a natureza, com os animais, com o meio ambiente, com o mundo, adoro estar no meio do mato. Recentemente fui pra África, não fui porque está na moda, mas porque eu sinto prazer de estar na natureza, minha mulher é envolvida em proteção aos animais, se a gente pegar minhas últimas viagens são todas na natureza selvagem, sinto prazer. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno)*

Segundo Louv (2016, p.235), “As crianças que frequentam escolas com ambientes naturais diversificados são mais ativas fisicamente, mais conscientes em termos de nutrição, mais civilizadas umas com as outras e mais criativas”. É notória a percepção de que, uma vez vinculadas a espaços junto a natureza na infância, ampliam-se a sensibilidade e o vínculo amoroso na idade adulta, a sensação de estar mais pleno em ambientes naturais.

*- Eu adoro a natureza, sempre procuro estar em um lugar mais próximo à natureza, me sinto bem. Hoje eu adoro estar no meio da floresta... (André Nigro, 2017, ex-aluno).*

*- Gosto muito de apreciar a natureza, deixo minhas filhas plantarem, adoro flores, plantar, entender de onde vem os alimentos, de simplicidade, isso que tem valor. Fui criada perto da natureza, de estar solta, de liberdade, sem dúvida isso é importante, ficar nesta parte mais simples, tenho muita lembrança gostosa disso, vejo elas felizes brincando na terra, plantando... Meu marido também gosta de plantar. (Fernanda Serafim, 2017)*

O desejo de proporcionar aos filhos esse contato tão rico com a natureza traz muito significado pelo fato desses valores se revelarem como eixo de conexão. “Na Educação ecológica domina a consciência de que as interações são mais importantes sobre o objeto de estudo do que o objeto em si mesmo.” (FRIEDMANN, 2014, p.114). Uma vez experimentadas essas vivências em ambientes naturais na infância a sensação de liberdade permanecem como signos de referências na idade adulta.

*- Lembro que tinha muito contato com a natureza, plantávamos árvores, que as professoras contavam histórias de como preservar a natureza... Acho que a Aldeia teve muita influência a gostar de natureza e gostar de animais, tanto que eu não fumo, não gosto de beber... Eu protejo muito a natureza, não gosto de ver alguém jogar lixo na rua, sou até meio chato com essas*

*coisas... Pego lixo dos outros; fui bem instruído quando era pequeno (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016).*

*- Lembro muito do contato com a natureza, não sei se aquele quintal que a gente tinha era tão grande tão cheio de natureza como eu imagino... (Luciana Lupo, 2016).*

A vivência com a natureza, na infância, propicia um vínculo amoroso com ambientes naturais, uma atração e uma certa familiaridade que, para alguns, se tornam-se necessárias às suas vidas. Como diz Louv (2016, p.140): “o tempo na natureza não é de lazer, é um investimento na saúde infantil”. Isso comprova a evidência da necessidade da natureza para o desenvolvimento saudável das crianças.

## 5.5- Horta e Cozinha

Figura 32 - Arquivo Aldeia - Crianças plantando na horta (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

Quando a vivência é inteira plena de significados, ela permanece viva na memória, a referência ao plantar, ao semear, o cuidar e o colher, vivenciada pelo corpo se expressam de diferentes formas e ficam gravados de forma muito peculiar. Esta relação com a terra, no contato íntimo com os ciclos, acompanhando o desenvolvimento da semente magicamente se transformar em frutos e depois ser degustado ou transformado e elaborado. Práticas que

demarcam um valor que muitos recuperam e reposicionam em suas vidas. Como cita Gadotti (2009, p.03),

Perceber a Terra através da terra. Ver a semente assumir a forma de planta e a planta forma de alimento, o alimento que nos dá vida. Ensinamos a paciência e o manuseio cuidadoso da terra entre o semear e o colher. Aprender que as coisas não nascem prontas. Precisam ser cultivadas, cuidadas. Aprendendo, também, que o mundo não está pronto, está se fazendo, está nos fazendo; que sua construção exige persistência, paciência esperançosa da semente que, em algum momento, será broto e será flor e será fruto.

*- Não tem nada mais que adoro do que plantar sementes, mudas, ver crescer; na minha casa, eu fiz uma horta, e sei que isto vem da Aldeia, porque na minha casa não tive esta oportunidade. Na minha casa fiz uma horta vertical, lógico que isso eu carrego de algum lugar, por isso procurei uma escola para meu filho que tivesse este contato. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- Lembro de plantar na horta, de fazer os buraquinhos e plantar, esta é uma atividade que me lembro. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro que tínhamos uma horta e que usávamos as coisas da horta na cozinha, isto eu lembro, mas não consigo ver a imagem, só lembro da horta e usávamos na cozinha depois. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

Cozinha é fundamento, através da comida você se comunica, manifesta seu amor. Fazer juntos o alimento é amor em ação. Na cozinha aprendemos sobre culturas, sobre de onde vem os alimentos, como são plantados. Possibilitar esse ciclo na educação de plantar, colher e processar o alimento, envolve tudo de belo e sustentável.

Na cozinha trabalhamos a variedade de cores, aromas e sabores, cuja vivênciapassa a ser um aprendizado para toda vida. A verdadeira Educação permite o cuidar o compartilhar e o incorporar a natureza. Assim, acionamos a interconecção de todos os ciclos e nos inserimos ao sistema que pulsa vida. São saberes que permanecem e se estabelecem em diferentes referências.

*- A gente fazia muita culinária, na cozinha, colhia a mandioca da horta. Até hoje eu trago esta paixão comigo pela culinária, adoro cozinhar, acho que foi daí, então, tenho muitas memórias boas. Adoro cozinhar. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

*- A coisa de fazer comida, eu lembro que vocês mandavam uma receitinha depois um pouco do que fazíamos, eu sentia muito prazer com este tipo de atividade, e tento passar pra ela, a coisa*

*com a comida, a Ana Clara (filha), faz comigo, na cozinha, ela vai ao mercado comigo... Em casa eu tento fazer isso, eu fico um período com ela, de ver a preparação do alimento, e ela come super bem, brócolis, verduras, frutas. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna)*

*- A cozinha eu adorava, as receitas que tenho até hoje, tenho muita memória que levamos talvez uma vez por semana pra casa, eu sempre queria fazer em casa.*

*Lembro da horta, de plantar, colher, tínhamos uma relação ali, não era só que alguém cuidava e a gente estava alheio, lembro das coisas da alimentação, a gente cuidava, não era alheio. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

É fato que cada vez mais a cozinha está distante na educação e no convívio familiar. Esse acesso ao manuseio do alimento, especialmente quando acompanhado de seu crescimento gera uma intimidade com valores intrínsecos e com os diversos ciclos por ele associado, propõem uma compreensão do tempo, do desenvolvimento. Tempo de plantar, de colher, tempo de coser, além da diversidade de elementos que esta prática acompanha, como os cheiros, as cores, as formas e a alquimia da transformação.

*- A gente tinha lá o cuidado, mas a preocupação com a preservação, o quanto é importante, o quanto é bom ter uma horta, um privilégio, um luxo, tenho um canteirinho em casa, vasos, meu maior prazer é comer o tomatinho que eu colho da horta. Lembro bastante da bolachinha de nata, fazia bolachinha de nata... Teve isso né? Que a gente amassava com garfinho e cortava e enrolava também. Eu lembrava das coisas, sabe, pequenas ali do fazer, amassar, por exemplo, o olhar, mais micro do que macro, eu acho que tenho mais esta memória das coisas, micro e o que foi super importante, porque levou também para o dia a dia, né, porque eu estou fazendo as coisas na cozinha, cozinho todo dia, e alguma coisa que cozinho em casa, e talvez lá eu tive a oportunidade de participar de uma atividade como esta que está presente no dia a dia de qualquer família, mais talvez do que na minha casa, porque eu não participava de cozinha e marcou pra caramba. É uma coisa que eu sempre lembro, bolachinha de nata, me acompanhou assim... Esta memória durante a vida toda. (Denise Zakaib, 2017, ex-aluna).*

É perceptível que atividades simples como, plantar, cuidar, colher, cozinhar, permanece viva na memória dos depoentes, perdurando como valores que ressignificam hoje em suas vidas, esse tempo de acompanhar o ciclo alimentar proporciona um elemento indicativo como referência em suas memórias e trazem sentido hoje, com novos significados.

O cuidar e o fazer o alimento se manifestam em diversas percepções. Esse cuidar reflete no amor, no vínculo com a terra, na permanência de pertencimento que reproduz na educação uma referência ao adulto sensível ao mundo.

Experiências na natureza ajudam a criança a entender a realidade dos sistemas naturais por meio de uma experiência primária. Elas demonstram os princípios naturais como as teias, os ciclos e os processos evolutivos e ensinam que a natureza é um processo regenerativo único (MOORE, 1997, p.108).

## 5.6- Coletividade

Figura 33 – Escola Aldeia 1980 - Apresentação de teatro



Fonte: (Acervo da Autora)

A Memória tem origem na Cultura. Portanto, não existe Memória desarticulada de um processo de significados construído no social. A Memória individual é ao mesmo tempo plural, por interações de múltiplas vozes que a constituem e que assumem contornos de sentidos a partir do momento presente e não necessariamente da ocorrência no tempo passado (VYGOSTISKY, 1989).

A escola Aldeia sempre buscou proporcionar um ambiente harmonioso, ajustando a criança ao meio, através da sua própria cultura, diminuindo as possibilidades de conflito, adquirindo solidariedade, cooperação, auto-estima e disciplina, exercendo a tolerância dos maiores com os menores, a inclusão de crianças de diferentes classes sociais, de diferentes etnias, comportamentos, experimentando um sentimento que ultrapassasse a consciência coletiva.

- *Por ser filha única, me lembro que Aldeia foi o primeiro lugar de uma vivência coletiva. Nunca tive dificuldade de estar junto com as pessoas, sempre achei gostoso, prazeroso fazer coisas juntas, com certeza essa experiência colaborou pra viver no coletivo. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

- *Eu lembro de todos juntos, e quando chegava a hora de ir pra sala de aula, daí eu não lembro mais... (Luisa de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

- *Eu lembro que era tudo muito coletivo, isso que eu me lembro, desde os lanches, as brincadeiras, eu não tenho muitas lembranças de separação de classes, de quem era da minha classe, parecia que era tudo um pouco todo mundo, essa coisa do coletivo era muito forte lá eu acho que eu gostava bastante (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

- *Talvez seja uma referência mais forte o coletivo, é engraçado, não me lembro muito dos colegas, mas me lembro que sempre fazíamos tudo juntos, atividades, comidinhas, lembro que tinha uma mesa grande que a gente fazia quebra- cabeça, os trabalhos. Quando alguém fazia aniversário, juntávamos todos pra fazermos um presente para o colega, isso eu lembro bem disso (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

- *De valores na vida, o coletivo tenha ficado bastante por entender que as coisas só fazem sentido no coletivo, só acontecem assim, lógico todo mundo tem um mundo individual, mas a construção do dia da cidade, da sua casa, ela é no coletivo da sua vida mesmo, acho que também isso, talvez tenha sido plantado esta sementinha lá. (...) todo mundo fazia com garfinho, entendeu, então, também tinha um coletivo ali neste momento da cozinha de fazer, que nossa, todo mundo fazia junto, lembro de todos com garfinho... a massa de enrolar (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

- *Coletivo, extremamente importante, de não ter diferença, de não prestar atenção no que o outro tinha, não tem registro de comparação, falar mal dos outros. Lugar que a gente podia estar junto sem desrespeitar a individualidade do outro, as regras não invadiam a gente, mas ao mesmo tempo protegiam. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

Vale destacar a menção ao respeito à individualidade, em um ambiente onde não havia comparação ou preferências. Fato esse que ressalta como a criança registra esses valores no decorrer de suas vidas. A construção conjunta possibilita uma integração, uma aceitação das diferenças. Essa oportunidade de vivenciar atividades coletivas harmonicamente propiciou uma referência de valor para alguns depoentes.

### 5.7 - Espaço Escola

“A brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz a relacionamento grupais.” (WINICOTT, 1975, p.63)

Figura 34 – Escola Aldeia (1982)



Fonte: (Acervo da Autora)

A cultura da infância se valoriza em pequenos gestos de vivências, em seu ser múltiplo, que exercitam o corpo em trabalhos emocionais, interpessoais e transpessoais. A educação vinculada à natureza permite vivências diversas; cria princípios que se tornam valores. Ao brincar, a criança desenvolve habilidades que serão utilizadas por toda sua vida. Ela desenvolve a autoestima, a criatividade, a orientação espaço-temporal, desenvolve a noção de si e, a partir daí, a noção do outro, treinando habilidades para a convivência social, aprende a se concentrar e a resolver problemas.

Hoje talvez se possa esperar uma superação efetiva daquele equívoco básico que acreditava ser a brincadeira da criança determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando, na verdade, dá-se o contrário. A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda. Conhecemos muito bem alguns instrumentos de brincar arcaicos, que desprezam toda máscara imaginária (possivelmente vinculados na época a rituais): bola, arco, roda de penas, pipa – autênticos brinquedos, tanto mais autênticos quanto menos o parecem ao adulto. Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva (BENJAMIN, 2002, p. 92).

*- Lembro da área externa, no jardim. Isso me gravou me marcou as atividades livres, acho que a gente passava mais tempo fora do que dentro. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- Acho que esta questão de ter muita arte, muitas atividades criativas, de ter muito contato com a natureza, eu me lembrava dos bichinhos que tinham lá, do espaço, tartaruga, coelho, de que a gente se vestia com fantasia. (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).*

*- A Aldeia trazia estas coisas legais de sucata, de folclore, de fazer pipa. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

*- Não me lembro da gente em sala, me lembro da gente fora de sala, mato, terra... Lembro da gente sentada juntas no chão, de teatro de fantoche, os amigos juntos, da gente assistindo alguma coisa, de brincando fora, de horta. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro das coisas simples, mas foi muito marcante, tipo o esguicho com água, os animais, a toca dos coelhos, a tartaruga, a horta, o futebol, os pneus, que a gente brincava livremente. (Aluisio Baracat, 2017, ex-aluno).*

*- A primeira vez que aconteceu um episódio que todo mundo chorou e vocês souberam lidar com esta situação, que foi uma situação que a tartaruga sentou no rabo do coelho, tinha também um cercadinho onde tinham alguns animais, e todos ficavam juntos. O que aconteceu foi que o coelho quis sair e machucou o rabo, porque a tartaruga era grande, e daí aquela coisa, vamos levar no veterinário tal e a criançada toda chorando e vocês souberam lidar, dizendo que fazia parte da natureza, eles conviverem juntos, mas pode ser que aconteça alguma coisa e a gente tá aqui pra administrar isso, eu tenho esta memória ate hoje, eu tenho 40 anos e tinha 3 ou 4 anos tinha muita grama, não sei explicar da sala de aula, tinha uma sala grande, mexia com argila, pintura, não consigo lembrar que era sala de aula... Lembro que tinha um palco de teatro que fazíamos apresentações, lembro das pias... Lembro que a gente cantava, tinha instrumentos de percussão, talvez eu não me recorde das salas de aula porque era um formato diferente, não tinha um formato formal de sala de aula, por isso não me gravou parecia que não tínhamos aula dentro de salas... (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

As brincadeiras de casinha, de plantar de fazer comidinhas trazem motivos da vida adulta, representam papéis sociais, de modo genérico, dentro da cultura do grupo, colocando-a de modo simbólico em contato com atitudes, comportamentos, valores e que caracterizam o indivíduo como pertencendo a certa comunidade. A criança pequena está com seus sentidos todos muito abertos para o mundo que elas vão descobrir. Em um ambiente natural a criança está cercada de estímulos que proporcionam algo para que descubram o mundo enquanto se descobrem.

É importante enfatizar que o modo próprio de comunicar do brincar não se refere a um pensamento ilógico, mas a um discurso organizado com lógica e características próprias, o qual permite que as crianças transponham espaços e tempos e transitem entre os planos da imaginação e da fantasia explorando suas contradições e possibilidades. Assim, o plano informal das brincadeiras possibilita a construção e a ampliação de competências e conhecimentos nos planos da cognição e das interações sociais, o que certamente tem conseqüências na aquisição de conhecimentos nos planos da aprendizagem formal (BORBA 2006, p.38)

*- Tenho uma memória afetiva muito forte, lembro das professoras, lembro do viveirinho que tinham os bichos, dos trabalhinhos manuais que a gente fazia, eu lembro de quase tudo. Lembro das músicas; que tinha uma coleção das músicas do Chico, que tinha livrinhos, as historinhas*

*e os disquinhos. Lembro bem da casinha de bonecas, mas não gostava muito de brincar de bonecas, preferia brincar de correr com os meninos, trabalhar todos juntos, a gente fazia uns passeios loucos, lembro de irmos em uma pedreira, a gente pegou as pedras para fazer trabalho, colhemos as pedras, pintamos uma pedra e dei para meu pai no dia dos pais, para segurar papel. Paramos no meio do caminho e cortamos cana, chupamos cana, passeios muito legais que fizemos que nunca vou esquecer. Tenho esta pedra até hoje. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro de algum dia da bicicleta. A casinha de boneca eu adorava, eu achava o máximo brincar lá. Eu lembro que na sala tinha uma torneira, a sala de artes, lembro da gente pintando desta torneira, tinha um filtro, um cantinho que ficava perto da casinha de bonecos, me lembro dos pequenos, perto do portão, lembro da gente cantando música, numa sala, lembro da cozinha. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

A diversidade de sensações registrada pelo corpo, ao explorar o espaço da escola, reforça que suas memórias remetem mais ao espaço físico externo da escola, lembram de brincadeiras, de correr, jogar bola, pneu, do amplo espaço. Da casinha de boneca, da mangueira, do convívio livre. Notamos que muitos lembram dos animais e de suas histórias. “O corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda “(LELOUP, 2011, p.15).

## **5.8 - Vivência comunitária**

O Eu é uma dimensão social humana que se realiza por meio de uma dada corporeidade e surge como um entrecruzamento específico das diferentes conversações que constituem e definem a comunidade social em que esse Eu vive com outros Eus em mútua aceitação. Portanto, toda criança deve adquirir seu Eu – ou identidade individual social – como uma forma particular de ser em sua corporeidade, mediante o viver numa comunidade específica de mútua aceitação. Isso ocorre naturalmente, à medida que a criança cresce na estreita intimidade do encontro corporal, em confiança e total aceitação de sua mãe, bem como na de todas as crianças e adultos com as quais convive. (MATURANA; ZÖLLER, 2004, p.141).

Figura 35 - Festa Junina – Aldeia (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

À medida que a cultura da escola se integra à comunidade de aprendizado, em que professores, estudantes, administradores e pais se interligam numa rede de relações, trabalhando juntos para facilitar o aprendizado permite desenvolver coletivamente um currículo integrado.

A família integrada na dinâmica escolar propicia uma apropriação da cultura de conhecimento, todos se interagem na construção desses saberes, existe uma troca real na formação dos valores em questão.

- *“Dia dos Pais”, não era aquelas festas que as crianças ficavam dançando que nem um robzinho, lembro de uma festa dos pais, que era o “Dia da Pipa”, muito legal, uma festa muito legal, que os pais tinham que levar a seda, leva o bambu, montava junto com os pais e ficava soltando as pipas, e sempre tinha estas coisas bacanas. Estas memórias que ficaram gravadas das festas, no “Dia da Pipa”, “Dia da Água” que foi o Bombeiro, nas Festas no Salto Grande, ficaram muito marcadas para mim, de ver minha família participando, Minha mãe sempre falou muito da Aldeia, ela lembrava na minha adolescência da experiência que tivemos na Aldeia, este prazer de estar em grupo, em família, com amigos, vem deste estímulo da infância de curtir estar junto com as pessoas. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

Figura 36 - Festa da Pipa – Chácara (1984)



Fonte: (Acervo da Autora)

Em alguns eventos realizados na escola, o convívio íntimo com os pais ficaram gravados no depoimentos de alguns, relevando sobre o contato físico de carregar a criança, fazer a pipa juntos, andar em cima do pé do pai, à cavalo, o toque que às vezes não é tão frequente, por não haver tempo suficiente para esse diálogo corporal entre pais e filhos; essas atividades deixaram marcas em suas memórias. A educação, quando compartilhada, proporciona uma confiança mútua da escola com a família e a comunidade, abrindo caminhos para que o coletivo congrua para o mesmo ideal.

*- Lembro que vocês faziam comemoração e vocês deixavam os irmãos irem e a KiKa (irmã) ia e me sentia orgulhosa de apresentar a escola pra minha irmã, um lugar que eu não chorava e que eu curtia... A gente fazia muita comemoração no “Dia das Mães”, do dia do índio que a gente pintava, me marcou muito a festa das mães, que eu cantava “Bate Coração”. Eu me lembro que você se fantasiava, de palhaço e outras fantasias... a Carol tinha medo de palhaço. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro dos Bombeiros, que a gente fechou a rua, eu acho que jogaram água, andar no carro. Isso marcou muito. Lembro de algum dia da bicicleta, teve um dia, tem umas fotos da festa da Pipa em uma chácara, um lugar grande aberto, que foi maravilhoso. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

- *Eu adorava as “Festas na Chácara”, lembro de uma festa do papagaio, lembro do teatro, que eu usava uma camisola branca, de meus pais. Ah... Lembro que foi um dia muito feliz, lembro como um dia bom na minha vida. Mas eu adorava as festas na chácara. Escola sem sofrimento, aprendia com alegria, muito acolhida, as professoras conheciam nossos pais, os pais conheciam os professores, eles estavam sempre presente, era uma escola que incluía os pais, as classes não eram tão grandes e a Escola era uma escola que chamava a família pra participar. Tanto que encontra na rua hoje e mantém a amizade. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

- *Tinha um grupo de pais que acreditavam de certa forma, eram crianças de pais que podia ter alguma coisa diferente, e foi um projeto conjunto, um pouco desta coisa mais alternativa, essa construção coletiva da família, que deram espaço para crianças que congruam para estes valores. E que também as famílias deram espaço para este ser montado. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

As festas temáticas nas chácaras, os jogos de voley aos finais de semana, as frequentes reuniões pedagógicas com os pais e também a participação deles em algumas atividades na escola deram suporte para criarmos uma Comunidade Aldeia. Vários depoentes citaram sobre o convívio pós-aula, nas casas de amiguinhos, mesmo após terem deixado de estudar na escola, favorecendo os laços fraternos de amizade que permanecem até hoje.

O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem (MATURANA, 2002, p. 29).

- *Tivemos também muita participação dos pais na escola, foi fundamental. Fomos autênticos, tivemos respeito, e foram sim, crianças cuidadas com amor, dedicação. Fomos muito felizes! (Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora, 2017).*

- *Penso duas coisas: a escola e a família, acho que a família interferia nesta escola e a escola interferia muito na família, meus filhos são o que são hoje, uma parcela da família e com certeza uma parcela veio da Escola, eu diria que é uma história grande educacional dos filhos da gente, e a Aldeia fez um bom começo que com certeza eles se lembram de fatos que ocorriam na escola, são capazes de conversar sobre a Escola, meus três filhos e muitas vezes continuam*

*rindo daquilo que fizeram e o que aconteceu durante o período de aula ou nas festinhas, também (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

*- Eu percebi que era uma amizade verdadeira entre a escola e a família. Esta confiança é muito importante, porque eu trabalhava, e é muito importante deixar seu filho com um tratamento carinhoso, eu tinha confiança e tranquilidade de deixar meus filhos na escola e esta proposta de deixar a criança ficar descalço, em contato com a horta, foi muito importante pra vida dele, com certeza refletiu em sua vida (Regina Gatti, mãe, 2012)*

Fato registrado pelos professores e pais que os vínculos permanecem até hoje de amizade, confiança e amor. Das festas onde todos compartilhavam seus saberes e aprendiam ser possível a harmonia na diversidade, o respeito ao coletivo, uma comunidade de aprendizado.

## **5.9 - Valores**

A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é, portanto, uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base. (...) Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. (BERGSON, 2010, p.280)

Os valores são demarcados pelas vivências que nos tomamos como referências nas práticas da vida, levadas à consciência a partir de uma reflexão somamos conceitos que geram uma compreensão apropriada em nosso caminho. Dos depoimentos, mencionam-se valores em vários aspectos de suas vivências, sendo difícil restringí-los em uma categoria. São referências mencionadas que dialogam no olhar sensível ao mundo, na visão que se adquire a partir de sua base. Princípios que se tornam consciência a partir de uma recuperação de um trajetória estabelecida. É nítido que a apropriação de uma vivência livre em um ambiente harmonioso propicia estabelecer vínculos estruturais na personalidade, que se manifesta na individualidade e nas escolhas da vida adulta. O aprender a cuidar, a compartilhar, acompanhar o crescimento de uma planta, utilizá-la como alimento, o respeito a si mesmo e ao outro perpetuam nas relações.

Ao narrar algo do passado no presente, há uma nova oportunidade de vivenciar a experiência e, com olhos novos, compreendê-la melhor. Sob essa abordagem da narrativa pode-se tentar experimentar outro passado no momento presente. Ainda que os fatos passados não sejam modificados, a percepção sobre eles pode ser modificada. (FERREIRA- SANTOS, 2013, p. 102)

- *Eu acredito que esta experiência que eu tive na Aldeia foi fundamental na construção de meu caráter, acho que começou ali, uma sementinha que foi plantada, irrigada, bem cuidada, para os valores repercutirem na vida adulta. Os valores que eu tenho hoje, eu devo muito a Aldeia, pois foi fundamental na construção do que sou hoje. Acho que isso é uma experiência marcante esta diversidade de alunos, Isso é uma experiência marcante, essa diversidade, é muito rico. (Claudia Petlik,2016, ex-aluna).*

- *Cabiam diferentes personalidades, e eram escutadas, e isso tinha na Aldeia.... Acho que essa experiência foi uma das coisas mais importantes, que todos conseguiram vivenciar todas as coisas do jeito que podiam, emocionalmente podiam, de diferentes formas, e tinham espaço e respeito pra isso... eu não lembro desta demanda na Aldeia, de valorizar o que o outro tinha, isto não me recordo na minha vida... **De respeito por todas as pessoas eu aprendi lá...** Eu gosto de vivenciar, dentro do consultório eu sinto isso, de permitir, capacidade de resolver problema, você poder criar você poder criar mentalmente coisas, soluções e possibilidade, e eu acho que eu tenho isso, **vamos resolver, encontrar caminhos.** Acho que sou mais livre, por exemplo, dentro do consultório, pra mim, é muito importante respeitar a demanda de cada criança, porque eu tenho uma coisa de dançar com as crianças, tenho uma desenvoltura pra fazer coisas, pra interpretar coisas, acho que isso também sinto que vem da minha experiência que vivenciei na minha infância. A fantasia é muito mais importante, é gratificante e realizadora. Eu acho que é isso, eles são bem estimulados a criarem. (Mariana Ferrrari Smirne, 2016, ex-aluna, grifos nossos).*

Referências profundas que remetem a valores fundamentais na visão de mundo como, por exemplo, a sensação de ter espaço para manifestar sua identidade, a segurança de não ser comparado ao outro, de ser aceito, encontrando um caminho de dialogo, merecem relevância. Assim: “Aprender o respeito pelas diferenças dos outros, implica sentirmo-nos respeitados nas nossas diferenças: ritmos, motivações, gostos, aspirações, preferencias” (FORMOSINHO; OLIVEIRA, 2011, p.41). As crianças que têm vivência de ser acolhidas aprendem elas próprias a acolher, a respeitar os ritmos, aprendem a escuta sensível e reproduzem quando adultos esse valor a seus filhos.

- *Acho que isso, a Aldeia proporcionou... e aí quando a gente pensa, eu como ser humano, se eu tiver pego um pouquinho disso, já foi um monte, **de eu poder também olhar pro outro e dar***

*pra ele o tempo dele ter a escuta certa... Então pra mim estas coisas da Aldeia eu acho legal. (Luciana Lupo, 2016, ex-aluna, grifos nossos)*

*- Nossa... A Aldeia foi tão especial pra mim... Guardo lindas e importantes lembranças e tenho certeza que me influenciou demais em ser quem sou hoje... Não sei ver o mundo sem ser pelo sensível e sei que na Aldeia foi onde fui muito estimulada a isso... A horta, a tartaruga, a casinha de boneca, a bolachinha de nata marcada com o garfo... Enfim, **aprender com os sentidos e estimular o saber sensível é a educação que recebi lá e é a educação que acredito até hoje... A Aldeia faz muuuuuitttttaaaaa falta... Hoje sei o quanto era vanguardista a educação que tínhamos lá! Aldeia não era uma escola de Arte, era uma escola de tudo, de vida, mas acho que a Arte permeou demais ali, por todos os ensinamentos, não só um desenho, por exemplo. Eu gostei demais, foi uma ótima experiência ter estudado lá marcou bastante, não sei se os outros alunos, talvez, ficam com o mesmo perfil ou então tenha sido abordado de outra maneira, talvez não, tem a família, tem a própria personalidade que é de cada um. (Denise Zakaib, 2016, ex- aluna, grifos nossos).***

“Olhar o mundo pelo sensível”, “uma escola de vida”, referências relevantes a serem analisadas. A educação integrada à vida, ao tempo da criança, ao universo lúdico, ao aprender pelo que dá sentido proporciona uma apropriação do caminho percorrido, argumentos que apontam o quanto de conteúdo conseguiram trazer em suas narrativas e que reverberam em uma visão mais consciente de sua própria história.

*- Pra mim ficou a humanidade, o respeito pelo próximo, a gente vê o dia de hoje, a poluição no que tange brinquedo, o mundo eletrônico, internet... Lógico que tem o lado positivo, mas você perde um pouco da espontaneidade do ser humano, aquela brasilidade, né... Começa a formação do caráter e da personalidade, eu tenho uma personalidade muito acentuada, tenho um lado político, social, acho que isso contribuiu para minha formação. **O respeito e aprender a respeitar.** (Aluisio Baracat, 2017, ex-aluno, grifos nossos).*

*- Eu acho que tudo isso tem o **aspecto do cuidar**, pois tudo isso tem referências com o aspecto do cuidar, a comida tem uma preparação, tem o cuidado, acho que é um valor, que faz diferença, não e só saúde, **isso interfere nas relações, na maneira de se relacionar.** Por exemplo, eu tento explicar para o meu marido, porque ele valoriza, mas ele não consegue*

*entender que as coisas levam um tempo pra fazer, você precisa comprar, precisa escolher, fazer, o contrário do que comprar uma coisa pronta, que você está passando também uma relação, que uma relação não é imediata... Acho que por ele não ter passado por isso, ele não consegue entender o valor que isto tem. Para o meu marido, a relação com a família é diferente, porque na Aldeia vem o de “fazer junto”, além disso, de “ver de onde ela vem”, o fazer junto, e esta dimensão pra mim hoje é muito importante, porque acentuou, e porque acentua e transforma. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

*- Se eu tivesse estudado em outra escola tradicional na primeira infância não seria o que sou hoje. Ela foi uma escola de vanguarda, até hoje, que faz muito mais sentido do que muitas escolas atuais, com o que eu penso na formação do indivíduo. Do que foi construído dentro de cada pessoa que estudou lá, é uma forma de saber que este trabalho repercutiu por anos e gerações, porque agora eu estou redigindo um projeto e lembrando do que aconteceu lá!!! (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

“Sentir que o tempo é apenas um fio. Nesse fio vão sendo enfiadas todas as experiências de beleza e de amor porque passamos. Aquilo que a memória amou fica eterno.” (ALVES, 2010). A permanência na memória de experiências vividas, demarcam referências que desabrocham e repercurtem em diferentes percepções e dimensões.

*- Eu era muito tímido, eu sou filho único, era meio egoísta, não gostava de dividir e lá eu aprendi a dividir porque a gente dividia o lanche, porque eu não tinha que repartir em casa, mas hoje eu gosto de dividir, de conviver. Na Aldeia **nunca senti qualquer rejeição** e isso foi importante pra mim, porque eu nunca senti bullying e hoje a maioria de meus amigos são brancos, eu nunca namorei uma negra e casei com uma mulher branca, sempre frequentei muitos lugares que só tinha eu de negro e nunca me senti excluído, por isso, sempre me dei bem com todos. Não me preocupo com os outros. (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno, grifos nossos).*

*- Aldeia foi realmente muito importante pra mim, pra minha construção como pessoa, continuando os valores que meus pais quiseram nos dar, continuando com a simplicidade, da maneira que nos conduzia ao respeito à natureza, com respeito às diferenças, foi assim que eu procuro fazer com meus filhos também pra ser mais feliz neste mundo tão conturbado, cheio*

*de diferenças, é assim que me sinto, que a gente cada vez tem que respeitar mais, viva Aldeia!!*  
(Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).

*- Os valores que meus pais me passaram, a Aldeia foi uma continuação e são os valores que eu passo para meus filhos, que é esta simplicidade, o contato e o respeito com a natureza, e ausência de preocupação com as coisas, assim, tipo, vamos brincar com argila, vamos plantar, vamos dançar, fazer atividades ao ar livre. Isso foi importante, sem muitas regras, sem muitas ordens.* (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).

Na infância, a criança vive o mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma... Vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e a respeitar os outros. (MATURANA, 2002, p.29-30)

*- O Rodrigo é um menino muito seguro e com certeza eu acredito que esta formação, este carinho que ele teve desde pequeno, tanto na escola como no lar, ele conseguiu estar onde ele está hoje, esta segurança que ele tem hoje, com certeza, é reflexo deste carinho que teve logo no início da infância com a escola.* (Regina Gatti, mãe, 2012).

A consciência dos valores proeminentes que foram perceptíveis em suas vidas como, o respeito, o cuidado, a vivência na diversidade, o aprender a ver pelo sensível, merecem uma atenção do quanto essas sementes perpetuam como referência em suas vidas, tornando-se conceitos claros em valores que desejam perpetuar.

## **5.10 Escolha de profissão**

A ciência cartesiana acreditava que em qualquer sistema complexo o comportamento do todo podia ser analisado em termos das propriedades de suas partes. A ciência sistêmica mostra que os sistemas vivos não podem ser compreendidos por meio de análise. As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior. Desse modo, o pensamento sistêmico é pensamento 'contextual'; e, uma vez que explicar coisas considerando seu contexto significa explicá-las considerando seu meio ambiente, também podemos dizer que todo pensamento sistêmico é ambientalista (CAPRA, 1996, p. 46).

Como define Capra, a escolha da profissão é um misto de outras vivências e influências no decorrer de suas vidas, mas aqui podemos nos remeter à visão de mundo que também vem

sendo construída, mas que permanece em princípios, que demarcam territórios de referências em algum lugar na atuação e na visão de mundo. Influências que demandam valores experimentados, abrindo opções de escolhas de forma diferenciada se pronunciam com evidências em alguns depoimentos. Em algum momento do passado, a semente germinou.

O corpo é conteúdo e veículo de experiências que, muitas vezes, nem sequer nos damos conta que estão aí, potenciais. Atualizar, experimentar, abrir-se para escutar o corpo-memória nos permite acessar aquilo que nos define como únicos e, ao mesmo tempo, pertencentes a uma cadeia de gerações. Somos herdeiros e portadores de uma ancestralidade (FERREIRA-SANTOS, 2012, s.p.)

- *Comecei a fazer uma Especialização em Arte Terapia e quando comecei a estudar, me veio muitas memórias da Aldeia. Que tinha uma ligação, que eu estava resgatando a alguma coisa que estava lá. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

- *Eu acho que é o primeiro tudo, eu acho que qualquer coisa que venha depois se junta a esta memória, eu acho que quando você vai pra faculdade, você utiliza daquilo que você tem, e é por causa da primeira infância do ambiente que você viveu, se sua escola te proporcionou coisas boas, você vai usar isso na profissão que você escolher, se você é espontânea, você vai escolher e a espontaneidade, e só na primeira infância, ou você tem ou você perdeu. Minha formação em Psicanálise infantil, acho que a escola teve muita influência por ter escolhido a profissão, o desenvolvimento humano, a hora que eu fui escolher a teoria que iria seguir, dentro da Psicanálise infantil, porque basicamente, a princípio tem dois grandes focos: da sensação, Winnicott, que segue mais os sentidos, e o outro e uma escola mais Klein, que trabalha a raiva a inveja. Acho até que faz sentido, mas, pra mim, é muito mais nítido e nesta questão a Aldeia é diferencial, principalmente por causa do cheiro, da questão dos sentidos. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

- *Provavelmente carrego essas memórias no meu trabalho que além de ser engenheiro civil, carrego foco na natureza, criei esta empresa com foco na construção sustentável, telhado verde... Criamos no último projeto uma área verde dentro da casa. Talvez este meu legado de passar as áreas verdes pra frente vem desta fase. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

- *De valores, esta questão de hoje eu trabalhar com arte educação e valorizar a criatividade, tenho certeza que está plantado ali... Me sinto bem de poder ter na formação experiências que*

*colaborem até para eu ajudar neste desenvolver do mundo, estar no mundo de uma maneira, eu acho que um pouco contra-corrente, porque ainda tem muito desrespeito, ainda tem muito segmentação, divisão das pessoas, ainda tem muito, mas eu acredito na corrente que vai contra isso, e assim, e ter ferramentas pra também fazer isso acontecer, faz parte da Educação dar essas ferramentas, e aí eu acho que na minha vida inteira só foram me dadas na educação na Aldeia, depois me deram outras ferramentas para outras coisa, passar no vestibular, enfim, mas esta construção do mundo... só lá. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- Sempre quis fazer alguma coisa pra ajudar, cuidar, sempre tive esta vontade de cuidar das pessoas, de buscar um crescimento, profundo, a gente vai e volta, legal pensar nisso agora, a gente faz uma ponte lá atrás e ver que tudo tem a ver, nossa construção... A minha formação, eu sempre gostei de estar com as pessoas, de compreender, de empatia, de não ficar muito em mim, olhar o outro, se colocar no lugar do outro. Isso sem dúvida contribuiu para minha formação, para a escolha da minha profissão, sendo que a Aldeia foi o primeiro lugar que eu convivi com as pessoas, por ser filha única, de brincar, de dividir, e eu amava a Aldeia. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Eu fui para humanas, porque pra mim ficou muito marcado a importância do lado humano, deste olhar humano pra vida deste desenvolvimento, pode ser que tenha influenciado na escolha da minha profissão. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

## **5.11 Visão de Educação**

É o interesse que nos liga ao que não é nós, a vida que o passado, por sua prova continua, encontra em nós e nos traz, é sobretudo a vida que ele continua a levar em cada criador que reanima, relança e retoma em cada quadro o empreendimento inteiro do passado (MERLEAU-PONTY, 2002, p.99).

Figura 37- Aldeia (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

A visão de educação que orientou a implantação da Escola, de forma intencional ou intuitiva, era orientada pela liberdade, pela escuta das crianças, pela valorização das atividades da criança, que se referia em respeitar o tempo, respeitar a voz, o interesse, e essa visão é compreendida pelas crianças e reelaboradas agora pelos adultos.

Narrar é compreender, enquanto se narra, processos internos que vão ganhando dimensões de leitura e significação mais verticais e amplos, ao mesmo tempo. E ao reviver o antigo sob outro enfoque, o passado se refaz sob as *benesses* da imaginação, narramos de outro modo, depois dessa experiência. Nossos devires se abrem a partir daquele outro passado reconstruído no presente. Ao relembrar nossa origem, reconhecer nossos processos identitários, abrimo-nos ao devir, esperando pelo inevitável fim com a aceitação da vida de quem constata a tradição da filosofia trágica (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012 p.102).

Interessante observar que a maioria dos entrevistados mencionou que voltaram a rememorar a escola Aldeia quando tiveram filhos e gostariam de oferecer a mesma vivência que tiveram em sua infância, na escolha da Escola para seus filhos.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança. (POULET, 1992, p. 54-5)

- *Eu comecei a lembrar muito mais na Aldeia, depois que eu tive a minha filha, porque eu comecei a pensar que tipo de escola eu queria oferecer pra ela. Foi ai que eu descobri que o mundo está muito diferente do que o que a gente viveu... Eu senti muita falta disso, porque na minha lembrança, a gente teve uma educação livre até eu ir para o Pré-Primario, isso eu me lembro bem, porque este período da Aldeia não foi marcado por regras, das coisas acontecerem de forma rígida, de cumprir horários.... Porque quando eu comecei a escolher a escola para minha filha me vieram todas estas questões, o que a gente quer ensinar, como que a gente faz pra encontrar uma escola como a gente acha que tem que ser.... Como a nossa infância reaparece quando a gente se torna pai e mãe, ai que a gente começa a perceber a importância de algumas vivências de alguns elementos que eram parte daquele comecinho, e que a gente talvez nem soubesse, e dai, chega uma responsabilidade como essa, e ter tido uma base legal, aparece neste momento, eu queria uma Aldeia para meus filhos!!! Queria uma Aldeia em Recife. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

Como afirma Froebel (1887, p. 55), “A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança – do desenvolvimento humano neste período; é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem a fonte de tudo que é bom.” A educação precisa abordar não só a vida intelectual do aluno, mas também sua vida afetiva, corporal, social e espiritual, em busca do reencantamento do processo ensino-aprendizagem, por meio destes depoimentos confirmamos que, ao receber essas vivências, é natural o desejo de reproduzir a seus filhos este bem.

- *Queria que meus filhos tivessem uma Aldeia pra estudar, porque acho que foi fundamental na minha vida e vou sempre carregar no meu coração, e obrigado por esta oportunidade de rever, pra reviver estas histórias. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

- *Depois que a Julia (filha) nasceu, veio o desejo de proporcionar pra ela este contato com a natureza e com os animais. Quero passar para minha filha essa simplicidade, a ligação com a essência do que é natural, a alimentação saudável. (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).*

- *Meus filhos estudam em uma escola muito parecida com Aldeia, com horta, animais, arte, areia, voltam imundos, nunca vai ser igual pra mim pois a relação que eu tinha com as professoras, é diferente, falta, mas consegui um lugar que dá um pouco disso pra eles... Eles*

*tém música, é um bairro alemão, as professoras tocam flauta, violão... Hoje fico pensando muito se meus filhos podem lembrar como eu, se eles irão ter a mesma vivência que eu tive...Se eles irão ter tão boas memórias como eu tive. Eu fico tentando proporcionar as melhores experiências para eles receberem o que eu recebi, isso confirma o quanto foi boa esta minha experiência, pra você ver como essa experiência me marcou até hoje porque quero oferecer com a mesma intensidade. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

*- Nos finais de semana, eu chorava que queria ir pra escola, eles tinham que me levar na Escola, pra provar que a Escola estava fechada, minha mãe teve que me subir no muro pra mostrar que não tinha ninguém pra me acalmar, de tanto que eu queria ir pra Aldeia. Tanto que ficou isso na minha cabeça quando fui escolher uma escola para meu filho, e encontramos uma que tem uma imensa área verde, mas acompanha que tem este incentivo no contato com a natureza, e a primeira palavra dele foi árvore, antes de mamãe... Eu deixo muito meu filho livre, sentado na grama, regar as plantinhas, coisas que foram passadas pra mim. Sempre quis participar muito com meu filho, estar presente, me interagir com meu filho, porque eu vivi isso na minha infância, e também procurei uma creche que tivesse espaço verde, contato com natureza, colocar o pé na terra, pois vejo as crianças que não têm este contato faz muita diferença na evolução, custa colocar a criança em uma escola com espaço verde, sim, mas vale a pena, pois eu vivi isto por isso quero dar ao meu filho. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- É difícil pra mim não querer dar pra minha filha um pouco do que vivi, seria uma violência, simplesmente negar isso, eu não consigo colocar ela numa escola o dia inteiro sem nenhum tipo de vivência doméstica. Porque eu acho que na Aldeia tínhamos atividades domésticas, um pouco uma continuidade de casa, e isso que era interessante também e hoje fica difícil não dar uma partezinha possível, do que tive pra ela. Acho que algo disso marca um ponto de querer transmitir uma vivência um pouco mais próxima. Que também tem a ver com ritmo, deixar a criança mais livre, tive uma briga com a escola dela o ano passado, porque a professora era muito inexperiente, porque as crianças não ficavam paradinhas, ouvindo a história no momento que tinham que ouvir, e reclamando porque ela tinha sono e briguei pelo desrespeito não respeitava o ritmo da criança. Eu briguei muito, porque é um desrespeito em relação ao ritmo da criança. A Escola, pra mim, tem que ser uma continuidade da família (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

A busca de uma educação aos seus filhos, próxima ao que receberam na infância, pressupõe uma apropriação da valorização do que viveram, na idade em que eles se encontram, sendo que, em sua maioria, não encontraram um espaço adequado em relação ao que buscavam como referência, acentuando a dificuldade de Escolas que ofereçam essa visão mais amplificada de valorizar o tempo e o espaço que valorize o ser criança

- *Eu procurei uma escola para minhas filhas que elas pudessem receber o que eu recebi de liberdade, uma experiência bacana (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

O central na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. A biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela. (MATURANA, 2002, p.32)

## **5.12 A entrada no ensino convencional**

Essa compreensão de corporeidade poderá incendiar a paixão de ensinar e aprender como princípio educativo, visível nos gestos, no tom de voz, na palavra, no olhar, no silêncio, na impaciência e na quietude, no riso e no choro, no medo e na ousadia, no abraço, na proximidade e na distância. A agenda do corpo na educação e no currículo deverá necessariamente alterar espaços e temporalidades, considerando o ato educativo um acontecimento que se processa nos corpos existencializados e é atravessado pelos desejos e pelas necessidades do corpo e que, seguramente, não é propriedade de nenhuma disciplina curricular, mas que pode oferecer-se, não sem resistência, como projeto de inusitadas colaborações nesse espaço e tempo da educação que compreendemos como currículo. (NÓBREGA, 2005, p.613)

Falas que se expressam de um corpo vivido. Deixaram-nos impressionados as memórias referidas à saída da Escola e a entrada em um modelo de ensino convencional, muitas vezes usado com o termo ruptura. A perda da liberdade, talvez, foi a menção mais citada em todos os depoimentos, que sinalizam a percepção dos sentidos no corpo quando alteradas suas possibilidades. Fatos que trouxeram até uma certa nostalgia ou responsabilidade de não termos dado continuidade a este sistema de Educação.

Num mundo assim, sem uma relação básica com a natureza, sem liberdade de movimentos e de escolha de companheiros para brincar, não é possível desenvolver adequadamente uma consciência corporal, uma autoconsciência, uma consciência social e uma consciência de mundo. Num mundo estranho, elas vivem alienadas de si mesmas e crescem como seres manipuláveis e socialmente alienados. Assim, desprotegidas, num ambiente que não lhes

proporciona confiança nem aceitação, elas jamais alcançam um desenvolvimento total de suas possibilidades humanas naturais de auto-orientação, auto-respeito, responsabilidade pessoal e social, liberdade e amor (MATURANA; ZOLLER, 2004, p.195- 196).

Infelizmente, o nosso sistema educacional tradicional não permite que a criança explore e se descubra, em seu próprio ambiente. Privada de liberdade e expressão ela se torna passiva diante de seus impulsos naturais, submetendo-se a uma ordem relativa que molda projetos unilaterais de visões de ordem puramente cognitivas, tendo seu tempo de infância aprisionada em salas de aulas com métodos e regras inflexíveis a individualidade de seu ser.

*- Quando sai, senti muita dificuldade de adaptar, a falta de liberdade, de seguir regras, de ser direcionado, impositivo, mais responsabilidade, principalmente a perda de liberdade (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Porque aquele ambiente, pra mim, era acolhedor, eu precisava de mais tempo na Aldeia, porque depois eu voltei a ter medo, fui pra uma Escola Municipal, alguém tinha que ficar comigo, eu precisava olhar o pé da pessoa, eu chorava todos os dias na escola, dai eu fui transferida, pra outra Escola Estadual, e também encontrei uma professora um acolhimento, mas eu não me sentia bem, só fui melhorar no terceiro e quarto ano da Escola, quando eu voltei pro Escola Municipal de novo. Na minha memória, depois que sai da Aldeia, era um martírio ir pra Escola, não era nada de gostoso, não me traz boas recordações (Luiza de Miranda Moldan, 2017).*

*- Aí eu identifico uma ruptura quando fui para uma Escola particular, enfim porque a proposta era outra, outro momento, mas esta idéia do ritmo mudou, na Aldeia era um ritmo mais orgânico. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

*- Passei esses 3 anos na Aldeia sendo muito livre ... uma aluna ativa , era totalmente diferente e não teve uma continuidade, porque depois eu fui para outra escola particular, e é muito engraçado porque na minha memória escolar, lembro da Aldeia como ótimos anos da minha vida, os melhores anos da minha vida naquela época, e os três anos que passei no outra escola, foram os piores anos escolares da minha vida, principalmente porque eu era muito livre, eu queria brincar na areia do parquinho e, não podia, aquela saia de preguinhas eu ia com shorts embaixo e queria tirar a saia na hora do intervalo e não podia... e não podia fazer nada, enfim a professora chegou a chamar o meu pai pra falar que eu tinha problemas que eu tinha dislexia, e, na verdade, eu não tinha dislexia coisa nenhuma. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

*- Quando eu sai da Aldeia, eu senti muito, senti falta dos professores, como era, da liberdade, tinha atividade livre, quando entrei na Escola eu chorei muito, senti muita dificuldade em me adaptar. Eu não queria ir, chorei mais de uma semana, porque não tinha liberdade, ficava dentro de uma sala sentado, na Aldeia eu podia correr, dei muito trabalho para minha mãe, eu queria voltar a ter aquela liberdade. Demorou pra me acostumar. (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2017, ex-aluna).*

De acordo com Friedmann, (2014), os sistemas tradicionais precisam dar este passo desafiador de se flexibilizarem já que nossa história é testemunha da grande falta de flexibilidade e adaptação, aspectos que realmente são imprescindíveis para abrir caminho para a transformação e adequação, tão necessárias, nos diversos âmbitos e propostas educacionais.

*- Foi um período conturbado, inclusive depois que sai da escola, não parava quieta, falava pra caramba, me mudavam de lugar, eu não parava de falar com quem estava do meu lado de novo. Eu tive dificuldade inclusive na Escola em relação a isto depois, porque o ensino da Arte não é muito enfatizado na criatividade, a maioria das vezes, é geralmente enfatizado no conteúdo, enfim, quando é enfatizado, digamos assim.... E acho que é o maior benefício que pode se tirar de um momento de criação que exercita outras linguagens que não só as letras, é a criatividade, né, então eu acho que plantou esta semente e hoje eu só consigo ver sentido na arte educação desta maneira e assim, quando estava na escola tive esta dificuldade por não ter uma habilidade fina motora pra entregar um desenho muito bem pintado exatamente como era pedido, era difícil e eu ficava de recuperação de artes imagine isso? ... Que não exige de repente que você fique quieta. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

Segundo Lydia Hortelio, 2009, o atual discurso pedagógico e psicológico, em geral, encontra-se ainda carregado de uma compreensão do brincar como meio para se atingir uma finalidade específica de aprendizagem destituindo dele seu caráter de liberdade e criatividade humana.

*- Eu me lembro de ser tratada igual a todas as crianças. Não tinham diferenças de tratamento. Ali, era um respeito a minha produção, livre, solto, podia cantar, dançar, brincar... Não tinha nenhuma censura, critica, eu tinha uma sensação de felicidade... Depois eu tive outras referências de professores, que me reprimiam.*

*Se a gente tivesse tido outras escolas na mesma linha, porque quando eu fui para escola particular... Talvez seria mais fácil e melhor se tivesse continuada no ensino pedagógico da Aldeia (Claudia Petlik, 2017, ex-aluna).*

A fala do corpo na educação, descrito por Nobrega onde podemos refletir elementos que infelizmente ainda imperam no atual currículo escolar.

Quando perguntamos sobre o lugar do corpo na educação, indagamos fundamentalmente sobre o modo pelo qual o corpo foi compreendido nos currículos escolares, sobretudo na relação com a construção e apropriação dos saberes na cultura escolar. A perspectiva de currículo aqui abordada certamente não esgota a questão; o objetivo principal é refletir sobre algumas maneiras de compreender a cultura do corpo na educação. Neste sentido, apresentamos elementos para o debate e aprofundamentos em contextos mais específicos e que consideram as distintas realidades que configuram o espaço escolar (NÓBREGA, 2005, p. 60)

Pelos apontamentos destes depoimentos, notamos que, para muitos, a passagem ao ensino convencional foi traumática, ocorrendo uma ruptura de um sistema integrado, principalmente no aspecto da liberdade de escuta e expressão. Fato este que alguns anos após ser aberta a Aldeia, a pedido de alguns alunos que haviam saído e dos pais, iniciamos uma turma extra curricular, para que pudessem dar continuidade ao sistema de ensino que oferecíamos. (Figura 38).

Figura 38 - Turma extra curricular Aldeia (1984)



Fonte: Acervo da Autora

### 5.13 Vínculos afetivos

A vinculação é uma forma não verbal de comunicação psicológica, uma harmonia intuitiva que funciona fora e além dos modos de pensamentos e percepções comuns, racionais e lineares. A vinculação envolve o que chamo de “processamento primário”, função biológica de valor prático imenso, mas perdida em grande parte pela tecnologia. (PEARCE, 1989, p.75)

Como cita Pearce, o vínculo criado em um processo de comunicação harmônica permanece e se fortalece com o tempo. Vários participantes fizeram menções a estes vínculos que de alguma forma tiveram continuidade pós Aldeia. Pensamos que esta referência foi nutrida pela forte integração da família na Escola, que possibilitou criar uma Comunidade participativa, em que os próprios pais se afinaram entre si, criando uma extensão desses convívios que se perpetuou, em alguns casos até hoje.

Devido a intenso desenvolvimento tecnológico temos hoje crianças com déficit de amizades, crianças solitárias, com alto risco de depressão, devido ao longo período na televisão e no computador, que, além da falta de atividade física, não criam vínculos afetivos tão importantes neste período da vida.

*- Até hoje tenho vínculo com crianças que estudaram comigo, varias crianças, a Caca, a Lala, a Aninha, a Chica, a Mala, a Marilia Baracat, até hoje somos amigas e começou na Aldeia. Permaneceram mesmo estudando em outras escolas. (Luiza de Miranda Moldan, 2017)*

*- Engraçado que todos os meus amigos atuais são daquela época, então muita gente que eu convivo hoje, éramos amigos da época da Aldeia, o Felipe, o Fabio, a Claudia, que criou este vínculo de amizade. E a gente mantém ate hoje (Rodrigo Gatti, 2016).*

Quando é proporcionado uma aceitação da individualidade favorece a instauração de vínculos,

Somente se minhas relações com o outro se derem na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência e, portanto, na confiança e no respeito, minhas conversações com esse outro se darão no espaço de interações sociais (MATURANA, 2002, p .69).

*- E amigos que tenho até hoje por causa da Aldeia, isso eu acho forte, porque o vínculo que mantemos, realmente foi um vínculo importante. Algumas mudaram de escola e a gente*

*mantinha este vínculo, mesmo em escolas diferentes, minha mãe levava na casa, os pais incentivavam este vínculo, e a gente continuou este vínculo, mesmo quem não era da minha classe, ah, você estudou na Aldeia, ficou uma Comunidade mesmo. Lembro de todos meus amigos, as poucas fotos que eu tinha me ajudaram a manter a memória, mas me lembro de situações de cada um.*

*A maior parte de meus amigos de Araraquara são os que estudaram comigo na Aldeia, eu tive esta escolha por toda vida. (Claudia Petlik, 2016)*

*- Algumas conexões, que estabeleci na Aldeia eu nunca perdi. Este vínculo, mesmo com as que não estavam na minha sala. A Mala, por exemplo, foi uma pessoa com quem eu mantive, mesmo sem estudar na mesma escola. A Claudinha eu também mantive. Quando eu me lembro da Aldeia, (ficou emocionada) ela era amiga que eu tinha maior conexão, eu tinha muita troca com amigos, ia na casa brincar. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

*- Todas as primeiras vivências da minha vida, de felicidade, de morte, de machucado foram todas na Aldeia, isso fez eu querer de alguma forma manter isso na minha vida. Sou amiga da Fernanda desde a Aldeia, eu acho que a importância deste período pra criança e até pra minha vida é essencial, não tenho duvida nenhuma. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

*- É interessante como ficou uma aliança muito gostosa entre nós, uma união muito boa, parece que os 35 anos não passaram, ficou este vínculo até hoje com os professores. (Regina Gatti, mãe, 2012)*

A Aldeia foi significativa na vida de todos que passaram por lá, a troca de informações de forma informal, mas direcionada, permitiu a toda equipe e pais construirmos um ambiente de harmonia e confiança, o que propiciou um vínculo presente até hoje – como se fosse a criação de um espaço de possibilidade de afeto para que as relações pudessem florescer da forma como podiam ser, aqui descrita por PEARCE (1992, p.140-141):

A criança vinculada, em geral é a mais inteligente que a não vinculada. A presença constante dos pais- comunicando-se, acompanhando e sancionando eventos na experiência do filho- determina, num grau incomensurável, a profundidade da capacidade cognitiva da percepção sensorial daquela criança.

#### 5.14 Reverberação da memória: Encontro com alguns depoentes

Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade” (BOBBIO, 1997, p.30)

Figura 39 - Encontro 2017



Fonte: Acervo da Autora

No decorrer da pesquisa, tivemos dois encontros sucessivos com alguns dos depoentes, sendo uma das questões em nossas rodas de conversa, se houve alguma reverberação após os depoimentos realizados.

Interessante observar que todos afirmaram que o que mais reverberou depois de nosso encontro, foi a atenção na educação com seus filhos, alguns passaram a proporcionar algumas atividades semelhantes das que fazíamos lá. Provavelmente a apropriação de suas memórias na infância, intensificou o desejo de proporcionar a eles experiências semelhantes, posto que, em sua maioria, seus filhos se encontram com a mesma idade que tinham quando estudavam na escola. É fato também que embora já houvessem mencionado estas afirmações nas entrevistas, essa intenção ficou mais avivada, como reflexão e clareza do que realmente predomina de valor, neste período da vida. Como cita Bobbio, as recordações nem sempre afloram; se não vamos procurá-las, elas tomam outras formas, quando avivadas.

- As memórias, eu fui falando , parece que elas ficaram mais vivas depois que eu falei, acho que depois de verbalizar, dá uma organizada, parece que como se tivesse acontecido há poucos anos atrás, parece que eu lembro do filtro, do espaço físico , as pessoas, ficou mais vivo... **Cada vez que a gente revisita o passado tem um resgate de alguma coisa nova, de uma leitura nova, de um novo olhar, não é estático, reverbera, não tão consciente, recupera sonhos, outro olhar....Este resgate, organizar a memória,** verbalizar o que a gente viveu, pra mim, foi super importante pra fase de maternidade, porque meus filhos estão nesta fase, de quando eu estava na Aldeia, e toda hora eu pergunto pra eles o que vocês se lembram do ano passado, da escola, porque é legal ir consolidando a memória... A maioria das pessoas não tem tantas memórias, eu acho legal estimular e a pessoa se conhece assim..Repercurte nos valores, o que mais fica, os valores mais recentes. Nas escolhas que eu faço para meus filhos, na maternidade, nas escolhas de música, nas atividades que faço com eles, sempre a base, é o que vivia na Aldeia (Claudia Petlik, 2017, ex-aluna, grifos nossos).

Vale destacar, nesta fala da depoente, a força mística que acompanha a recuperação da memória, que transmuta o presente ao mesmo tempo permite se apropriar de sua história, pois a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam. “Toda consciencia do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado. (LOWENTHAL, 1981, P.75)

- Você começa a voltar no passado, é muito gostoso, dá uma sensação boa, de voltar, porque você não para muito pra pensar na sua infância, algumas vezes você encontra uma amiga e fala: lembra? ...Mas voltar no resgate há quantos anos atrás? Estou com 40 agora, 36 anos atrás é gostoso uma sensação boa, de olhar como foi bacana a minha infância no passado... Tanto que eu resgatei algumas coisas que eu tinha, da Aldeia, eu comprei argila, brinquei com meus filhos com argila... foi muito bom!!! (Luiza de Miranda Moldan, 2017, ex-aluna).

Como afirma Bobbio (1997, p.30) “O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa, mas é uma atividade salutar”. A rememoração fortalece o que reverbera em nossa essência, recuperamos o prazer do que nos deu prazer.

Figura 40 - Encontro 2017 – Filhos dos depoentes brincando com argila.



Fonte: Acervo da Autora

*- Aldeia simplesmente dava espaço pra criança poder se desenvolver de um jeito bom pra criança. Ela respeitava o tempo da criança, trabalhar os sentidos, o motor, a natureza. Tudo acontecia naturalmente, era um espaço que respeitava o tempo da criança, quando me lembro, era um espaço muito gostoso, porque a gente ia lá, fazer o que a criança gosta de fazer, então tinha essa conexão com o tempo da criança, isso acho que era muito legal, e isso, por exemplo, quando a gente se torna pai, mãe, começa a olhar para os nossos filhos, é o que a gente gostaria de oferecer a eles, que eles pudessem se desenvolver, a aprender coisas, sem um desrespeito, sem um atropelo, com uma escuta, do que esta ao lado deles. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

Figura 41- Encontro 2017



Fonte: Acervo da Autora

*- A Aldeia fez parte de quem eu sou hoje, construí minha personalidade com esta base, com a natureza, tanto que eu coloquei minhas filhas na escola que tem uma mini fazenda, e ela adora os animais, eu lembro dos animais dos coelhinhos, eu tenho foto, e este contato com a natureza, com a simplicidade, é fundamental, e quero transmitir isso pra minhas filhas, e transmito. Vai ficar pra sempre na minha memória, um lugar familiar. Foi demais pra mim, nunca esqueci todas as lembranças estão sempre vivas na minha história. (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).*

Percebemos o quanto as atividades simples, mas tão ricas em conteúdos, permanecem e atuam como referências em suas vidas. “A natureza por si só constitui-se no currículo pelo fato de propiciar a aprendizagem, desenvolver a autonomia, oferecer liberdade, garante um brincar de qualidade, potencializa as relações entre os pares, permite observar a natureza de perto com suas especificidades (CARRUTHERS, 2010).

*- Foi super legal conversar sobre este assunto, pois me levou a recuperar algumas memórias lúdicas, me fez pensar em pontes que não eram presentes mais em mim. E vêm coisas muito legal. Mexe muito essas coisas sempre mexem bastante, porque voltar um pouco na nossa história, e a gente vivenciar e com outro papel, porque eu vivo este papel efetivamente com minhas filhas com a idade que estava na Aldeia, então foi muito significativo, comecei a pensar bastante depois do nosso encontro, e tentar viver mais o que que a gente viveu hoje aqui, antes com as crianças, o que eu aprendia, os valores lá da Aldeia, estas questões , da horta, da culinária, da terra, de valorizar e de viver o que é mais importante da vida, estes momentos mais simples, mas tão grandes, acabam ficando grandiosos sendo valiosos pra gente levar que é o que fica na nossa memória assim. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber. (DELGADO, 2003, p.25)

Figura 42 - Encontro com alguns depoentes



Fonte: Acervo da Autora

Impressionam as falas dos depoentes ao afirmarem o quanto essas práticas simples, mas de sobremaneira gravadas em quase todos, repercurtem, hoje, na reprodução e desejo de oferecer as mesmas experiências aos seus filhos. Para Marieta Ferreira (2000, p.111), “A memória é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” As narrativas coligidas para esta pesquisa são preciosas e permitiram a recuperação de uma trajetória e a reconstrução de um saber que se apresentam com mais fundamento e apropriação, ancoradas pela memória dos próprios alunos, de vivências que permaneceram vivas, mobilizando, o desejo e ensejo de serem levadas às próximas gerações.

Compactuo com a definição de educação como recuperação da vida.

Para que educar? Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão. Quero um mundo em que respeitemos o mundo natural que nos sustenta, um mundo no qual se devolva o que se toma emprestado da natureza para viver. Ao sermos seres vivos, somos seres autônomos, no viver não o somos. (MATURANA, 2002, p.34-35)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desta pesquisa demonstrou o grau de importância das aquisições de valores ocorridos na experiência vivida pelas crianças na escola Aldeia e reforçou a premissa de que o estado de consciência adulto não pode existir, a não ser em uma relação sincrônica com o conhecimento corporal e o processo primário. O processo primário abrange a experiência passada, atual e potencial. Neste sentido, a essência absorvida dessas vivências sinalizam sementes que de formas diferentes desabrocharam em suas vidas, permitindo a assimilação de conceitos próprios que refinaram as escolhas e valores em suas vidas adultas.

Podemos citar como pontos relevantes que fundamentam e direcionam esta pesquisa: a compreensão do corpo como o veículo do sensível; a natureza como o habitat natural da criança; o brincar como a linguagem da criança; a valorização das linguagens expressivas; a compreensão do ser humano integrado, com aspectos conscientes e inconscientes, que traz a história da humanidade, familiar e pessoal e que nos aponta para o futuro.

Os conceitos que a fundamentaram foram analisados a partir de uma abordagem teórica transversal que, se captados por uma sensibilidade desperta, podem amparar uma nova visão de educação que tenha como objetivo o desenvolvimento humano e a sustentabilidade da vida. Como núcleo central, valemo-nos da interface dos princípios da teoria Sistêmica referida por Fritjof Capra e da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, a partir de um diálogo com outros pensadores, a fim de analisar o conteúdo das vivências relatadas pelos sujeitos da pesquisa, comprovando que alguns valores, aqui, entendidos como fundamentais para convivência harmônica com a comunidade humana e natural, foram estruturados na infância enquanto os mesmos estiveram frequentando o espaço educacional da Aldeia.

Pela Teoria do Sistema, que entende o mundo como um todo integrado, evidencia-se que os fenômenos vividos pelos sujeitos estão interconectados e tecem uma teia de relações que se retroalimentam, de modo a favorecer a apropriação de uma nova visão de mundo. Pautados nesta afirmação, constatamos que, apesar das experiências dos sujeitos dessa pesquisa terem se dado em tão tenra idade, elas permaneceram vivas, posto que impressas na memória corporal por eles registradas e que elas são de ordem sensorial e não mental e ou intelectual. A corporeidade como unidade perceptiva funcionou como instrumento afinado de leitura do mundo que nos permitiu acessar de forma congruente a inteireza no ato existencial. Se o corpo guarda a memória da ação, podemos mesmo pensar que a sustentabilidade do conhecimento depende do registro corpóreo.

O fato dessas vivências terem ocorrido em um curto espaço de tempo e repercutido em suas vidas e nas suas percepções de mundo, influenciando, inclusive, nas suas escolhas profissionais e nas abordagens ideológicas, demonstra o quanto o conhecimento, que não se restringe apenas ao cognitivo, vivenciados na primeira fase da vida está carregada de direcionamento e fundamentos para o futuro.

É notável também a ênfase no discurso de quase todos os depoentes quando afirmam que voltaram a pensar em sua infância quando tiveram filhos e que gostariam de oferecer as mesmas vivências a eles. São por esses ciclos que enxergamos as vias da apropriação desses valores, pois “Aquilo de que me aproprio é uma proposição de mundo” (RICOEUR, 1988, p.58). O fato de buscar no passado uma referência de valores para proporcionar a seus filhos, sinaliza o quanto essas práticas se sustentam no presente e direcionam o futuro.

O pensamento sistêmico pode ser melhor apreendido a partir dessas novas janelas da alma – corpo e sensibilidade. Ver o todo nas partes e vice-versa e discernir a rede de relações que se estabelece entre elas. Neste sentido, acentua uma reflexão mais abrangente e inclusiva das vivências na infância; permite-nos cultivar um pensamento dialógico que busca reunir referências do passado no presente, preservando as diferenças, possibilitando uma nova forma de olhar a educação.

Vale ressaltar que a recuperação da memória possibilita, além de uma reconstrução do saber passado, uma possibilidade de alteração do presente e uma nova visão futura. Acreditamos que estas narrativas alteraram a visão de mundo dos entrevistados, assim como da autora, devido a fortes emoções da recuperação de vivências aqui narradas, que possibilitaram uma revisão e integração de novos valores em suas vidas, assim como o desejo de dar continuidade dos mesmos nas próximas gerações.

A reconstrução da trajetória da Escola Aldeia, por meio dos depoimentos, possibilitou averiguar a importância da mesma na vida de seus ex-alunos e ex-professores como um ambiente inovador em que a educação pode ser vivenciada de forma plena no que tange ao respeito à natureza, aos cuidados com o tempo e o espaço da criança, à arte, à celebração da vida em comunidade, etc. Enfim, de valores que perpassam pelo acolhimento da infância, entendendo a criança como geradora de cultura e saber. Posteriormente, ao nos aprofundarmos teoricamente nos temas suscitados nas entrevistas, pudemos averiguar a pertinência do que era feito nessa Escola. E tal qual um ciclo que se nutre, referencia-se e se abre em diálogo, sem que um fator elimine outro, mas ache paridade e respaldo, a história da autora se mescla e se mistura às outras narrativas, dando ensejo e contexto ao que foi descrito e estudado. A pesquisa se

iniciou neste movimento: a história particular reverencia a história coletiva e se faz presente novamente enredando a vida da Aldeia. Há um vínculo que não se isenta de aparecer em que o pesquisador se aproxima de seu objeto de estudo.

Conduzir o processo de aprendizagem, dentro de um ambiente amoroso, garante o percurso de apropriação da afetividade. Assim, deduzimos que a cognição, em todo seu processo de desenvolvimento, não subjuga o afetivo, mas com este se articula no ato de conhecer. O amor é, sem dúvida, o indicativo fundamental para promover um desenvolvimento de confiança, respeito e soberania, que dá sentido a todas as ações.

A natureza em seu mais completo e complexo sistema nos ensina a estarmos no caminho do eterno aprendizado, a dar relevância ao que realmente tem valor, que reverbera e nos mobiliza para atuarmos com consciência ampliada nesta vida.

Nos ciclos que vivemos e revivemos ancoramos novos acordos de evolução. Gostaríamos de incentivar, por meio desta pesquisa a expansão de espaços que ofereçam uma nova perspectiva de educação e que estabeleçam propostas pedagógicas dentro de uma visão sistêmica do desenvolvimento humano, em que a natureza seja uma constante nos espaços educacionais, e não uma excepcionalidade.

Concluimos que as experiências da infância reverberam na idade adulta em diferentes expressões e manifestações de consciência, capazes de ancorar valores essenciais de convívio harmônico com a diversidade, por meio da integração e do aprendizado com a natureza. No caminho da simplicidade, na sensibilidade da escuta e na oportunidade de proporcionar um ambiente de amor, assim como a natureza nos proporciona.

A educação, ao perceber que corpo, natureza e cultura se interpenetram através de uma lógica recursiva, poderá compreender que o corpo natural é cultural, humano e animal, universal e singular, portanto, histórico. Logo, ao perceber que não é possível ir em busca de um corpo isento de história e ao reconhecer a responsabilidade que possui ao colaborar com a reescrita dessa história, ela tem o desafio de permitir desabrochar as subjetividades, abrindo espaços que possibilitem a florir o ser selvagem, o ser do abismo, um ser que, ao se modificar constantemente, provoca mudanças no ambiente, na sociedade, na cultura. Uma educação que seja capaz de fazer desvendar a capacidade criativa de um corpo que, ao viver, se reestrutura mediante imprevistos, fazendo desvelar a complexa condição humana. (NOBREGA; MENDES, 2004, p.136)

## REFERÊNCIAS

AIRES, P. G. **O quanto da natureza e do brincar.** Palestra proferida no Seminário Internacional de Jogos Tradicionais, realizado na EEFÉ-USP entre 15 e 17 de ago. 2012.

\_\_\_\_\_. **O brinquedo e a imaginação da terra:** Um estudo das brincadeiras do chão e suas interações com o elemento fogo, João Pessoa, 2013- Dissertação. Disponível em: <<http://text-br.123dok.com/document/q5m16mgy-o-brinquedo-e-a-imaginacao-da-terra-um-estudo-das-brincadeiras-do-chao-e-suas-interacoes-com-o-elemento-fogo.html>>. Acesso em 23 set. 2017.

ALVES, R. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Do Universo à Jaboticaba.** (Crônicas). São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

ANDRADE, L. **Terapias Expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.

ARCE, A. **Friedrich Froebel: O pedagogo dos jardins de infância.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARCCURI, I. G. (org.). **Arte-terapia - Um novo campo de conhecimento.** São Paulo: Vetor Ed. Psico-Pedagógica Ltda, 2006

ASSMANN, H. **Reencantar a Educação:** Rumo à Sociedade Aprendente, 10.ed., Petrópolis, R.J.: Vozes, 2007.

BARBIERI, S. **Interações: Onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BARROS, M. **Memórias Inventadas: a infância.** São Paulo: Planeta, 2003.

BERGSON, H. **Matéria e Memória:** Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Trad. Marcos Vinícius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BOBBIO, N. **O Tempo da memória.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORBA, A. M. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patricia (org). **Educação Infantil – cotidiano e políticas.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BOFF, L. **Saber cuidar:** ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire.** Disponível em: <[http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque\\_metodo\\_paulo\\_freire.pdf](http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf)> Acesso em: 15 fev.2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. / Brasília :MEC/SEF,1998. Volume1.

BUITONI, D. S. **De volta ao quintal mágico:** A educação infantil na Te-Arte. São Paulo: Ágora, 2006.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**, editora UNESP, 1999.

CATALÃO V. M. L. **A Redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade**, 2013. Rede Brasil de Transdisciplinaridade. Disponível em: [www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.org/pluginfile](http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.org/pluginfile). Acesso em: 13 nov. 2017.

CATUNDA, R. **Brincar, criar, vivenciar na escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

CAPRA, F. **O Tao da física.** São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Ponto de Mutação.** São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização Ecológica:** a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização Ecológica:** O Desafio para Educação do século 21. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Formação%20Continuada/Educação%20Ambienta/ALFABETIZAÇÃO%20ECOLÓGICA.pdf>> . Acesso em 29 out. 2016.

CARRUTHERS, E. As experiências das crianças ao ar livre: um sentimento de aventura? In: MOYLES, J. (org) **Fundamentos da Educação Infantil:** enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CATROGA, F. Memória e História. In: PESAVENTO, S. J. (org.). **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2001.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação.** vol.23, n.1-2 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci_arttext)> . Acesso em: 18 nov. 2016.

CRUZ M. C. M.T. **Para uma educação da sensibilidade:** a experiência da Casa Redonda. Centro de Estudos, 2005, ECA- USP. Disponível em: <

[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/.../AEDUCACAODASENSIBILIDADE.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/.../AEDUCACAODASENSIBILIDADE.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2017.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidade**. Moodele. UFSC. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod\\_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20-%20História%20oral%20e%20narrativa.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20-%20História%20oral%20e%20narrativa.pdf). Acesso em: 27 abr. 2017.

FERREIRA-SANTOS ; PEREIRA. A sensibilização da memória por meio dos contos filosóficos na formação de educadores. **Revista Educação: Teoria e Prática**, set. 2012. Disponível em: <https://www.library.caltech.edu/eds/detail?db=edb&an=93477674&isbn=15179869>> . Acesso em 3 out. 2017

FERREIRA-SANTOS, M. O ancestral: entre o singular e o universal. In: AMARAL, M. (Org.). **Culturas Juvenis**. São Paulo: FAPESP, 2012. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/ancestral\\_singular\\_universal.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/ancestral_singular_universal.pdf)>. Acesso em 17 set. 2017.

FERREIRA M. E. M. P. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. **Ciências & Cognição**. Revista interdisciplinar de estudos da cognição, 2010. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/424/233>>. Acesso em: 23 set. 2017.

FERREIRA, M. M. **História do Tempo Presente: desafios**. *Cultura Vozes* v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000. Trata-se de uma revista?

FERRER CERVERÓ, V. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, J. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

FORMOSINHO, J.; ANDRADE, F. **O espaço e o tempo na Pedagogia em Participação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2011.

FREINET. C. **O método natural**. Trad. Franco de Sousa e Teresa Balté. Lisboa: Estampa, 1969.

\_\_\_\_\_. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na Pedagogia Freinet**. Tradução: Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **O Universo Simbólico da Criança: Olhares Sensíveis para a Infância**. São Paulo, Vozes, 2014

FROEBEL, F. **The Education of Man**. New York: D. Appleton and company, 1887.

GADOTTI, M. **Ecopedagogia e Educação para a Sustentabilidade**. Instituto Paulo Freire, Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <[http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/det/palestra3\\_eco\\_educacao\\_sustentabilidade](http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/det/palestra3_eco_educacao_sustentabilidade)>

[gadotti\\_1998.pdf](#)>. Acesso em: 18 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da terra**. 5.ed. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 2000. 217p.

\_\_\_\_\_. **História da Idéias Pedagógicas**. Editora Ática: São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ecopedagogia e educação para a sustentabilidade**. Canoas: Gráfica da ULBRA, 2005.

GIROUX, H.; MACLAREN, P. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.18, n.2, p.21-35, jul./dez. 1993.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez, 1999.

GROTOWSKI, J. Número Especial de Homenaje: Grotowski. **Máscara Escenologia**, Ciudad del Mexico, n.11, Ano 3, Jan. 1993.

HORTÉLIO, L. **História de uma manhã**. São Paulo: Massao Ohno, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise e Sugestões** - Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil. Salvador: Editora ou Universidade, 1998.

\_\_\_\_\_. **A importância do brincar**. Disponível em: <<http://www.familiarte.com.br/familia-e-sociedade/entrevista-com-lydia-hortelio-sobre-a-importancia-do-brincar/>>. Acesso em: 13 jun. 2017

LELOUP, Jean Yves. **O corpo e seus símbolos** Uma antropologia essencial. Petrópolis- RJ: Vozes, 2011.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

LIMA, E. de S. **Brincar para quê?** São Paulo: Editora InterAlia, 2007.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: Resgatando nossas crinacas do transtorno do deficit de natureza. São Paulo, Aquariana 2016.

LOWENTHAL, D. **Como Conhecemos o Passado**. São Paulo: EDUC, 1981.

JUNG, C. G. **The earth has a soul**-The Nature writings of C.G. Jung. Berkeley: North Atlantic Books, 2001.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, C. G; KERÉNYI, K. **A criança divina**: uma introdução à essência da Mitologia. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Reflexões Junguianas).

KELEMAN, S. **Mito e corpo** - uma conversa com Joseph Campbell. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

KISHIMOTO, M.T. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MARA, A.; LUIZ, A. Gonçalves. **Obesidade infantil e depressão**. Disponível em: <[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id\\_materia=2071&fase=imprimeacesso](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=2071&fase=imprimeacesso)> Acesso em: 6. nov.2016.

MATURANA H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MATURANA, H; VERDEN-ZOLLER, G.. **Amar e brincar-fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena , 2004.

MEIHY, J. C. B. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIRELLES, R. Org. **Território do brincar diálogo com escolas**. Territórios do brincar. 2014. Disponível em: [http://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio\\_do\\_Brincar\\_-\\_Di%C3%A1logo\\_com\\_Escolas-Livro.pdf](http://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio_do_Brincar_-_Di%C3%A1logo_com_Escolas-Livro.pdf). Acesso em: 02 jun.2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_(2000). **A natureza**: notas: cursos no Collège de France. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**. Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003 . Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 23.set.2017.

MORAES R., GALIAZZI C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí- RS: UNIJUI, 2016.

\_\_\_\_\_. Análise Textual Discursiva: Processo Reconstutivo de Múltiplas faces. **Ciência & Educação**. Bauru, SP, v. 12, p. 117-122, 2006. Disponível em : <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=251019514009>>. Acesso em: 23 set. 2017

MOORE, R. C. The Need for Nature: A Childhood Right. Social Justice 24.v3 London 1997.

MORIN, E. **O método I: a natureza da natureza**. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

\_\_\_\_\_, **Cabeça bem feita** - repensar a reforma-reformar o pensamento, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil,2001

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos

cogni- tivos e currículo. **Educ. Soc.** [online]. maio/ago. 2005, vol.26. Disponível em :< <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

NÓBREGA, T. ; MENDES, M.I. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a08.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NEEDLEMAN, J. **O coração da filosofia**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1991.

NEVES, M. de S.. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

PEARCE, J. C. **A Criança mágica**: A redescoberta da imaginação na natureza das crianças. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1989.

\_\_\_\_\_. **O fim da evolução**. Editora Cultrix, SP, 1992

PELIZZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REVAH, D. As Pré- Escolas Alternativas. **Caderno de pesquisa**. São Paulo, n.95, p.51-62, nov. 1995, Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/825/833>> Acesso em: 18 mai 2017.

RICOEUR, P. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SÁ, M. H. N. **Uma Escola Alternativa- Avaliando sua trajetórias** -Faculdade de Educação, - UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 1995. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_134e8dff4ae520707ddd04e285cb001f/Details](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_134e8dff4ae520707ddd04e285cb001f/Details)> . Acesso em: 13 mai. 2017.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002.

SANTHIAGO. R. Da fonte oral à História: debates sobre legitimidade. **Saeculum - Revista de História** (18); João Pessoa, jan./jun. 2008. (p, 33-46).

SAURA S. C. O imaginário do lazer e do ludico anunciados em praticas do corpo brincante. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2013. 7 Seminário “Brincar: práticas diferenciadas no espaço escolar”, SESC Ipiranga, 17/nov./2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rbefe/2013nahead/rbefe\\_aop\\_1513.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbefe/2013nahead/rbefe_aop_1513.pdf)> Acesso em: 31mai. 2017.

SINGER, H. **República de Crianças**: uma investigação sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEKEFF, M. de L. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 15, Abril, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975

VASCONCELLOS, C. Reflexões sobre a Escola da Ponte. **Revista de educação**. n. 141 out./dez.2006. Disponível em: <[www.celsovasconcellos.com.br](http://www.celsovasconcellos.com.br)>. Acesso em 18 mai. 2017.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VON SIMSON, O. (Org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

ABRAHÃO. M. H. M. B. **História de educação**. Memória, narrativas, e pesquisa auto biográfica. - 2003. UFRGS; Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>>. Acesso em: 19.out.2016.

ESCOLA DA PONTE. **Escolas alternativas**. Disponível em: <<https://noscidadaos.pt/2015/01/07/nos-cidadaos-reve-se-no-modelo-pedagogico-da-escola-da-ponte/>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

ESCOLA DA PONTE. **Escolas alternativas**. FONSECA. R.N.V. UNB, 2012. Disponível em :<[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4395/1/2012\\_RaimundoNonatoVerissimodaFonseca.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4395/1/2012_RaimundoNonatoVerissimodaFonseca.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2016.

ESCOLA DA VILA. **Escolas alternativas**. Disponível em : <<http://www.escoladavila.com.br>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

SUMMERHILL SCHOOL. **Escolas Alternativas**. Disponível em : <<http://www.summerhillschool.co.ukhttp>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

TE-ARTE **Escolas alternativas**. Disponível em : <<http://www.band.uol.com.br/m/conteudo.asp?id=/100000683281/&programa=/Cinema/&editoria=/entretenimento/>>. Acesso em: 16. maio.2017.

## APÊNDICE - A

### **- Roteiro da Entrevista semi- estruturada com os ex- alunos da Escola Aldeia Recreação Infantil**

- 1- Quais são as memórias de sua infância na Aldeia?
- 2- Qual o período que permaneceu na Escola?
- 3- Que importância teve na sua vida pessoal ou profissional a experiência de ter sido uma criança da escola Aldeia?
- 4- Quais valores você acredita que repercutiram em sua vida
  - Você identifica algo com relação a criatividade?
  - Com relação a natureza?
  - Com relação a coletividade?
  - Com relação a escolha da profissão?
- 5- Você se imagina diferente se não tivesse participado desta experiência
- 6- Você ainda tem amigos que foram desta época?
- 7- Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

**APÊNDICE -B-**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**Dados de identificação**

Título do Projeto:

Pesquisador Responsável:

Nome do participante:

Idade:

R.G.:

Responsável legal (quando for o caso):

R.G.:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “\_\_\_\_\_” (*título do projeto*), de responsabilidade do (a) pesquisador (a) \_\_\_\_\_ (*nome*).

**Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:**

1. O trabalho tem por objetivo a recuperação das memórias de ex- alunos que frequentaram a Aldeia Recreação Infantil, no período de 1980 a 1986.
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em realizar um depoimento das memórias sobre as vivências no período que frequentei a Escola. Autorizo a gravação e filmagem no ato da entrevista e posteriores encontros, para serem utilizados como recurso na pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_  
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

**UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E**  
**MEIO AMBIENTE**

**DENISE HADDAD**

**MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA: RESGATE DE EXPERIÊNCIAS**  
**EM ARTE E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ARARAQUARA - SP  
2018

DENISE HADDAD

**MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIAS: RESGATE DE EXPERIÊNCIAS EM  
ARTE E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de Mestrado, na Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

ORIENTADORA: Profa. Dra Janaina Florinda Ferri Cintrão

ARARAQUARA – SP  
2018



## FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME DO(A) ALUNO(A): *Denise Haddad*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de Mestrado, da Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

### BANCA EXAMINADORA

*Profa. Dra. Janaina Florinda Ferri Cintrão*  
UNIARA – Araraquara

*Prof. Dr. Fabio Tadeu Reina*  
UNIARA – Araraquara

*Prof. Dr. José Maria Gusman Ferraz*  
UNIARA - Araraquara

Araraquara – SP, 08 de março de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais por me trazerem ao mundo e, com muito amor, proporcionarem-me uma infância feliz, a qual tenho muito orgulho de ter vivido! A todos irmãos com os quais compartilhamos momentos intensos de aprendizado e convivência.

Agradeço a todos que contribuíram para existência da Aldeia Recreação Infantil, sócias, professores, pais, alunos e funcionários, como também aos que deram continuidade após a minha saída.

Agradeço minha orientadora Janaina Florinda Ferri Cintrão pelo apoio e direcionamento, a querida amiga Dulce Whitaker, que muito contribuiu nesta pesquisa, e ao professor José Maria de Gusmão Ferraz e Fabio Tadeu Reina pelas contribuições.

Agradeço especialmente aos alunos que gentilmente contribuíram com seus depoimentos e encontros com muito amor e disponibilidade, como também aos pais e professores que contribuíram com seus depoimentos.

Agradeço a todos queridos amigos que contribuíram para a construção desta pesquisa, em especial à Edmiriam Modulo, Marcella Cabaz e Rosana Silva pela dedicação e apoio. Ao Rui Barbosa pela edição do vídeo, Nivaldo Dakuzaku, Élide Mendonça pela captação das imagens.

Agradeço a vida, pela oportunidade de vivenciar esta experiência que com certeza foi de muito crescimento, referência e maturação.

Agradeço a todas as crianças que nos inspiram a esperança ao novo tempo por nos mostrar a direção da verdade e do amor.

## RESUMO

Essa pesquisa propôs recuperar a trajetória vivenciada pelas crianças que frequentaram a “Aldeia Recreação Infantil” nos anos de 1980 a 1986, em Araraquara- SP, a fim de identificar o quanto as práticas junto à natureza, como o cultivo e a elaboração de alimentos, o contato com animais, a arte criativa, o respeito ao brincar e o convívio com a comunidade escolar, entre outras, proporcionaram referências e valores pessoais e culturais em suas vidas adultas. A partir das narrativas desses ex-alunos, que, na época, encontravam-se na faixa etária entre 2 a 6 anos de idade, foram recolhidos depoimentos de suas memórias significativas que trouxeram base para uma análise, que teve como referências princípios e valores repercutidos na sua vida adulta. Teve como base analítica os conceitos da Alfabetização Ecológica e a educação pelo sensível, cuja essência fomenta a possibilidade de nutrir o sentimento de afinidade para com o mundo natural, a partir de um respeito ao brincar e à livre expressão da criança. Os depoimentos foram organizados a partir da História Oral, tendo como interface os princípios da Análise Textual Discursiva e da Corporeidade e buscou evidenciar, por meio do conteúdo das vivências sensoriais e cognitivas dos sujeitos da pesquisa, os valores que se manifestaram em suas vidas. Pelo viés da Teoria Sistêmica, que entende o mundo como um todo integrado, evidencia-se que os fenômenos vividos pelos sujeitos da pesquisa estão interconectados e tecem uma teia de relações que se retroalimentam, de modo a favorecer a apropriação de uma nova visão de mundo. Percebe-se ainda que, apesar das experiências deste grupo terem se dado em tão tenra idade, elas permaneceram vivas, posto que impressas na memória corporal por eles registradas e que elas são de ordem sensorial e não mental e/ou intelectual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincar, Natureza; Educação Infantil; Memória; História Oral; alfabetização ecológica

## ABSTRAT

This research proposes to recover the experiences lived by the children who attended the "Aldeia Recreação Infantil" between 1980 to 1986 in Araraquara-SP, in order to assess how much the practices with nature, such as the cultivation and preparation of food, the contact with animals, creative art, respecting others while playing and conviviality with the school community, among others, have provided personal and cultural references and values in their adult lives. From the narratives of these alumni, who at the time were between the ages of 2 to 6, were collected testimonials of their memories that brought basis for an analysis, which had as references principles and values in their adult lives. It was based on analytical concepts of ecological literacy, and education by the sensitive, whose essence promotes the possibility of nurturing the feeling of affinity for the natural world, from a respect to the play and the free expression of the child. The testimonies were organized from verbal history, having as an interface the "Discursive Textual Analysis and Corporeity" and sought to highlight, through the content of the sensory and cognitive experiences of the subjects of the research, the values that manifested in their lives. By the bias of the "Systemic Theory", which understands the world as an integrated whole, it is evidenced that the phenomena experienced by the subjects of the research are interconnected and weave a web of relationships that feed on each other, in order to favor the appropriation of a new vision of the world. It is also understood that, although the experiences of this group were given at such an early age, they remained alive, as they were printed in the body memory they recorded and that they are of a sensory and non-mental and/or intellectual order.

**KEY WORDS:** Play, Nature; Child education; Memory; Oral History, Ecological Literacy.

## Memórias de uma História

*Ao contarmos nossa história, revivemos o passado, e isto abre possibilidades de repará-lo e senti-lo diferente, à medida que vivemos um presente outro, sem ressentimentos ou saudosismos*  
“(FERREIRA-SANTOS, 2012, p.106)

Figura 01- Brincando com água.



Fonte: Arquivo da Autora

*Respiramos menos, pois não cabem em nossos corpos o vento da mudança... O amor é alado... Aprendo que é preciso coragem para voar e deixar voar. E não há estrada mais bela do que essa. (RUBEM ALVES)*

### **Rememorar para recuperar a visão.**

*Falar de minha infância....*

*Uma das coisas que mais me incomodava na minha vida era não ter muitas recordações de minha infância e, quando perguntava para minha mãe, ela me dizia poucas coisas ou sempre as mesmas coisas: “Que fui programada para nascer no mês de Maria, porque ela sendo devota de Nossa Senhora, queria que um filho nascesse nesse mês, inclusive gostaria que meu nome fosse Denise Maria, e meu pai não deixou”;*

*“Que era uma boneca, quando nasci o médico disse que eu era o bebê mais lindo que ele havia posto ao mundo”.*

*“Que, quando eu era pequena, gostava de ficar só de calçinha no portão de casa, e falava com todas as pessoas que passavam, algumas vezes seguia de mãos dadas com elas e meus pais tinham que correr atrás de mim... ou às vezes me buscar na casa de algum vizinho. Também não gostava de dar as mãos para atravessar a rua”.*

*“Quando havia festas de família, eu era a atração com às minhas apresentações de dança, adorava dançar twiste, e a todos encantava”.*

*As lembranças de meu pai são muito semelhantes as da minha mãe.*

*Do que me lembro... minha casa tinha um quintal amplo e atrativo, com duas jabuticabeiras, goiabeiras, parreira de uva e vários canteiros de flores, que eram a paixão de minha mãe. A horta, no fundo, ficava aos cuidados do meu pai.*

*Tinha também uma garagem cheia de sucatas que entretia primos e vizinhança por horas a fio. Nela havia uma escada que dava acesso a um segundo andar, uma espécie de cantinho mágico, um esconderijo, onde eu tinha um pouco de privacidade e adorava ficar. Lá, eu podia fazer as coisas proibidas como, por exemplo, brincar com um gatinho que às vezes aparecia em casa. Embaixo da escada havia um colchão grande sobre o qual pulávamos de cima, numa verdadeira aventura. Meus amigos amavam brincar na minha casa.*

*Meu lugar preferido era a jabuticabeira. Havia um galho que era muito confortável onde eu conseguia até fazer a tarefa da escola. Adorava dar nome aos passarinhos que se aproximavam e se tornavam amigos. Mas o que me incomodava era o meu irmão mais novo, que tinha vários estilingues e matava os pássaros ou os prendia na gaiola. Vivia brigando com ele e soltava, às escondidas, os pássaros presos...*

*Minha casa sempre estava cheia de pessoas. Além da minha família, que já era numerosa, pois somos sete filhos, vinham os primos, amigos, vizinhos... todos gostavam de lá brincar por causa do espaço e da liberdade que havia.*

*Num quartinho, no fundo do quintal que minha mãe usava para costurar, havia uma lousa grande e uma mesa de ping-pong na qual, frequentemente, fazíamos campeonato. Era também um local de estudos onde, eventualmente, minhas irmãs mais velhas davam aulas particulares. Com elas aprendi as primeiras letras.*

*Lembro-me de um extenso terreno baldio ao lado, que fazia parte da casa dos padres jesuítas, onde eu e os amigos de meus irmãos soltávamos pipas, sendo que eu era a única menina desta turma.*

*Também gostava de brincar de bonecas e, principalmente, fazer comidas e experimentos com o liquidificador da minha mãe, uma novidade para minhas amigas, pois suas mães não permitiam esse acesso. Juntávamos vários ingredientes e criávamos pratos exóticos e misteriosos, uma verdadeira alquimia, alguns até conseguíamos comer, outros eram puras experiências.*

*Sempre tive muita intimidade com a cozinha. Nela fui iniciada desde muito cedo, com o privilégio de ter uma mãe e duas avós exímias cozinheiras, que frequentavam diariamente minha casa. Lembro-me de que em todas as festas era uma aventura aquela mulherada fazendo as guloseimas, os salgados, enrolando os docinhos..., era uma briga para raspar as panelas de brigadeiros. Herança que mantenho viva até hoje...*

*Minha mãe sempre foi dedicada e caprichosa, costurou para os 7 filhos. Cozinhava muito bem e fazia festas lindas para todos nós...*

*Já meu pai era festeiro, adorava a casa cheia. Além de todos os filhos, ele frequentemente trazia como convidados para o almoço os vendedores ambulantes que chegavam de fora para abastecer o armazém que tínhamos. Ele também sempre convidava amigos e familiares para conversar, jogar baralho, ou para tomar um aperitivo. Sempre foi um homem muito simpático, social, provedor e dedicado à família.*

*Eu adorava andar de patins. Lembro-me de que ganhei da minha madrinha, um patins vermelho de presente de Natal, que só tirava do pé pra dormir. Passava o dia de patins, ia até para a Escola com ele e minha mãe vivia brigando para não usar dentro de casa, pois que iria riscar o chão...*

*Outra parceira inseparável era a minha bicicleta: sempre fui apaixonada, trazia-me a sensação de liberdade, abria as minhas asas... lembro-me de muitas aventuras com amigos e até de passeios noturnos. Essa prática perdurou até hoje, como meu transporte preferido.*

*Com 4 anos de idade, meu pai me ensinou a nadar na piscina do clube que frequentávamos. Lembro-me de que a maioria de minhas amigas ainda não nadavam sem a*

*boia. Me chamavam de peixinho, pois fazia a vez de pular com toda coragem... Amava nadar com meu pai, ele me liberava, me jogava longe, eram momentos mágicos que nunca se apagaram de minha memória.*

*Lembro-me de ter uma infância livre, embora, no âmbito emocional, não tenha sido fácil. Não conseguia me expressar e muitas vezes era mal interpretada, levava broncas sem merecer e até apanhava por mentiras que meu irmão inventava, e “sempre levava por ele” ...*

*Por outro lado, meus pais eram liberais, principalmente com o livre brincar. Neste aspecto, minha infância foi extremamente rica: brincadeiras tradicionais, de bola, amarelinha, corda, roda, queimada, vivenciadas na rua, muitas vezes até tarde da noite, trouxeram alegria e encantamento.*

*Sempre me senti diferente dos meus irmãos e até de minhas amigas. Por ser muito sensível, era pouco compreendida e, quando comentava com minha mãe que me sentia excluída, ela nunca me dava atenção ou razão. Nesse sentido, foi uma infância difícil. Por saber a dor de não me sentir ouvida, identifico, nessa situação, um dos aspectos que busquei preservar na Aldeia: a escuta sensível das crianças.*

*Uma das coisas que mais me incomodou na minha educação foi o extremo valor dado pelos meus pais às aparências e às etiquetas sociais e a conseqüente desconsideração da expressão da nossa individualidade. Preocupados com a opinião dos outros, muito mais do que como nos sentíamos, tendiam a promover a padronização de um comportamento, que fosse socialmente aceito, embora de forma aparente. Neste sentido e por nunca aceitar a condição de ser padronizada, moldada, de não ter a minha essência respeitada, sempre fui muito rebelde.*

*Considero este outro valor que busquei vivenciar na Aldeia a preservação da identidade de cada criança, a possibilidade de poderem se expressar de forma autêntica e verdadeira.*

*Outro motivo de tristeza na minha infância foi o fato de vivenciar a desigualdade e a ausência de diálogo, no que tangia às questões divergentes e conflituosas, ganhava quem gritava mais alto ou quem tinha maior influência dialógica. Nunca houve, por exemplo, um enfrentamento no sentido de valorizar as verdadeiras razões de um conflito e promover um consenso diante de situações delicadas.*

*Por perceber o desrespeito e sentir-me impotente, preferia me afastar dessa situação, pois era muito difícil entender o que não dava pra entender. Reconheço, nessa conduta, valores caros à sociedade patriarcal, com os quais eles sempre se identificaram.*

*Sempre gostei de estudar. Embora não sendo numa escola ideal, pela repressão de nossas expressões. Lembro que gostava das férias, mas adorava voltar às aulas, talvez pelo ritmo e amigos. Algumas disciplinas que marcaram minha trajetória foram a Literatura e a História. Além de indicar bons livros, minha professora de literatura me estimulou a escrever. Frequentemente me chamava para ler as minhas redações e me elogiava para a classe.*

*A professora de História, por sua vez, possibilitava-me que eu me transportasse para lugares mágicos, como a Grécia, Egito... por seu talento em narrar os fatos. Amava suas aulas, pois sempre sonhei em conhecer o mundo e me interessava por saber as histórias.*

*Boas leituras acompanharam minha infância, meu pai era um bom contador de histórias e tinha por hábito ler para nós os livros da coleção “O mundo da Criança” (1971). Talvez isso tenha me estimulado a ter hábitos de leitura desde menina. Quando gostava do livro, devorava até terminar. Lembro de alguns autores que me marcaram, como a coleção de Monteiro Lobato, Jorge Amado, Herman Hess, Gabriel Marcia Marques, entre outros.*

*Sempre amei estar com as crianças pequenas, e elas me adoravam. Vivia dizendo que teria muitos filhos, no mínimo cinco! Minha mãe falava que meus problemas na coluna, que iniciaram aos doze anos, eram de tanto carregá-las. Com quatorze anos tive grave desvio de escoliose lombar e passei a usar um colete de ferro, que vinha até o pescoço e o qual tive que usar por dois anos, vinte e três horas por dia... um martírio! Foram anos muito difíceis numa idade delicada, início da adolescência, momento em que me distanciei de quase todos os meus amigos.*

*Quando cursava o colegial, comecei a trabalhar como voluntária no Orfanato Cristo Rei em Araraquara, onde auxiliava as crianças em suas atividades. Foi uma rica experiência conviver com a carência e poder repartir o meu amor e, ao mesmo tempo, receber tanto amor.*

*Quando entrei na Faculdade de Serviço Social, fui trabalhar em um Projeto da Prefeitura chamado PLIMEC, “Plano de Integração ao Menor Carente”. Foi uma experiência muito rica, pois, além de atuar como professora, desenvolvi vários projetos com a comunidade local. Entre várias atividades, criamos um grupo de mães e uma horta comunitária. Neste período, final de 1979, fui convidada por uma amiga para abrir, em sociedade com mais duas pessoas, uma Escola de Educação Infantil. Fiquei indecisa, pois meu objetivo, na ocasião, era sair de Araraquara assim que terminasse a Faculdade. Mas, como a proposta era interessante e pela insistência da minha amiga, aceitei fazer parte da sociedade com a condição de sair quando finalizasse o meu Curso.*

*Ela mesmo desistiu de entrar na sociedade e iniciamos, em 1980, a Escola Aldeia, em três pessoas: a Ana Maria Arnoldi Dias de Souza, Marcia Remanaschi Cabrini e eu. Ana Maria ficou responsável pela parte administrativa e Marcia e eu, pela parte pedagógica. No final do primeiro ano, a Marcia saiu e continuamos em duas por mais três anos. Em 1984, Ana Maria também saiu da sociedade e acabei ficando sozinha até 1986.*

*A Escola oferecia extensa área verde, propiciando o desenvolvimento de atividades com hortas, animais, jardinagem, culinária e artes. Um espaço diversificado composto de salas temáticas como: Música, Artes, Cozinha Experimental, Jogos criativos, Oficina de criação, Casinha de boneca. Primava pelo respeito ao desenvolvimento integral da criança, sua individualidade e liberdade de expressão. A criança era livre para expressar e expandir seu potencial criativo, e a família era uma integrante efetiva desse contexto*

*A proposta era a construção de uma Escola na qual a participação da Comunidade Escolar fosse valorizada.*

*Minhas recordações deste período são as melhores possíveis. Foi um tempo feliz, éramos muito unidas, gostávamos de estar juntos. Erámos uma equipe solidária e participativa. Fazíamos reuniões de avaliação diária e sempre com muito humor e disponibilidade procurávamos resolver todos os problemas nessas reuniões, inclusive ideias e acréscimos nas práticas pedagógicas. Os pais participavam com frequência das atividades propostas e acabamos criando uma grande família.*

*Embora com muitos desafios e dificuldades, que fazem parte da história, foram os anos que mais me realizei profissionalmente e pessoalmente, pois acreditava no que fazia e aos poucos pude colocar meus sonhos em prática. Talvez meu desejo maior fosse proporcionar às crianças aquilo que sempre quis pra mim, no sentido de ter liberdade, ser ouvida, respeitada, ter espaço para manifestar minha identidade e expressar minha essência.*

*Neste período, pude concretizar um sonho: uma construção coletiva, na qual estudávamos um caminho para possibilitar um espaço mágico, envolvendo os pais nessa empreitada. Foi um encontro sincrônico em que uma equipe de pessoas se dispunha a investigar o melhor de si na Educação e Auto-educação em uma metodologia nova, sem parâmetros de repetição, em que cada dia era vivido intensamente e avaliado minuciosamente, positiva ou negativamente, até chegarmos num consenso. Acho que isso foi o mais bonito da equipe: de ser cooperativa e construtiva.*

*Em todos estes anos, venho refletindo sobre a importância da primeira infância como determinante de padrões de comportamento na vida adulta. Foram experiências que perduram*

*e direcionam valores, hábitos e paradigmas para o resto de suas vidas. Falar sobre minha vida tem esse efeito de perceber como tais experiências me afetaram e dão, assim, ensejo aos relatos que busco em minha pesquisa com a finalidade de significar as experiências escolares das crianças que frequentaram a Escola Aldeia.*

*Instigar uma reflexão sobre a importância desta tarefa, a fim de proporcionar ambientes favoráveis a uma educação integral, talvez seja a intenção desta pesquisa. Aguçar a sensibilidade para a escuta das crianças, que chegam com imenso potencial e desejo de desabrocharem; que elas possam encontrar terrenos férteis, pessoas sensíveis, jardineiros dedicados a essas sementes em formação.*

## SUMÁRIO

<b>1. O CAMINHO.....</b>	<b>15</b>
<b>Objetivo Geral do trabalho de pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
2.1 - Entrevistas.....	23
2.2 - Análise Textual Discursiva.....	27
<b>3. UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>30</b>
3.1. Reflexões sobre o sistema educacional.....	30
3.2. A criança e o mundo natural.....	34
3.3. A escola Aldeia no contexto das escolas alternativas.....	40
3.4. Escolas Alternativas que marcaram uma época.....	46
<b>4. (RE) CONHECENDO A ESCOLA ALDEIA.....</b>	<b>53</b>
<b>5. MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA.....</b>	<b>78</b>
5.1. Corpo.....	81
5.2. Liberdade.....	82
5.3. Brincar.....	85
5.4. Natureza.....	88
5.5. Horta e Cozinha.....	90
5.6. Coletividade.....	93
5.7. Espaço Escola.....	95
5.8. Vivência comunitária.....	98
5.9. Valores.....	102
5.10. Escolha da profissão.....	106
5.11. Visão de Educação.....	108
5.12. A entrada no ensino convencional.....	112
5.13. Vínculos afetivos.....	116
5.14. Reverberação da memória: Encontro com alguns depoentes.....	118
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE- A.....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE- B.....</b>	<b>134</b>

## 1. O CAMINHO

*Lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. (BOSI, 994, p. 55)*

Figura 02 - Criança plantando



Fonte: Projeto Plantar Sementes, 2011

Minha trajetória no âmbito da Educação se iniciou em 1979, durante o primeiro ano da Faculdade de Serviço Social, que cursei em Araraquara – SP, quando ingressei em um projeto social, na região periférica da cidade, denominado PLIMEC (Plano de Integração ao Menor Carente), cuja proposta era implantar um Centro de Educação Infantil para atender crianças de 2 a 6 anos. A proposta também visava integrar um trabalho com a comunidade do entorno.

Inicialmente, fez-se um levantamento socioeconômico com as famílias envolvidas, a fim de levantar o interesse pela implementação do referido projeto no local; partiu-se, então, para a construção coletiva do centro, com a participação dos interessados.

Atuei, nesse projeto, durante um ano, como professora de quarenta crianças entre dois e três anos e, também, em vários programas com a comunidade, como a construção da horta escolar e as reuniões do grupo de mães, com as quais ministrávamos cursos sobre alimentos, atividades de práticas corporais e palestras sobre diferentes temas sócio culturais, entre outras intervenções.

Na sequência, em 1980, com mais duas sócias, criamos a Aldeia Recreação Infantil, que atendia crianças de um a seis anos de idade. Essa escola contava com uma proposta inovadora para a cidade de Araraquara-SP, tratava-se de um local com extensa área verde, animais, hortas, jardinagem, cozinha, música, arte cênica, modelagem com argila, brincadeiras livres no espaço aberto, entre outras atividades.

A metodologia de ensino foi construída a partir do aproveitamento das metodologias educacionais contemporâneas naquilo que entendíamos ser adequado ao modelo que a Escola pretendia (Construtivista, Piagetiana, Montessoriana, Freireana, Frenet, Steiner). Não havia métodos específicos, pois tratava-se, antes de tudo, de criar um espaço aberto para a construção conjunta com os educadores e os pais, e, portanto, suas práticas estavam sujeitas a uma constante reavaliação.

Tínhamos um planejamento semestral, em que as atividades criativas e o brincar livre eram priorizados. O educador era instruído para ser mais um mediador do que um condutor nas brincadeiras junto à natureza. Aproveitando temas advindos das próprias crianças, no que acontecia no momento.

Tínhamos salas temáticas, as quais diversificavam as atividades cotidianas, portanto as crianças não tinham salas fixas. A proposta da escola incluía atividades de aprendizado prático, tais como o plantio, a elaboração de alimentos, a realização de receitas naturais e a utilização dos produtos colhidos na própria horta. Havia restrições quanto ao lanche: só aceitávamos produtos que contribuía para a saúde da criança. A família exercia um papel fundamental de integração com os conteúdos propostos, pois os pais acompanhavam os programas desenvolvidos.

Defendíamos a liberdade de expressão e a criatividade da criança; assim, no que se aplicava às artes, não utilizávamos um modelo preestabelecido com a finalidade de estimular que a criança fizesse seu próprio registro e o interpretasse livremente. Além disso, eram desenvolvidos vários processos criativos na modelagem com argila, no teatro, na música e nas brincadeiras que fazíamos no espaço livre da Escola.

Concomitantemente, realizávamos com os pais um trabalho de conscientização sobre os conceitos adotados pela escola, no que tange a importância de uma alimentação naturalmente saudável, ao aproveitamento dos materiais recicláveis, ao contato com a natureza e com os animais e, sobretudo, a liberdade de expressão das crianças. Essa participação dos pais em atividades interativas e de acompanhamento de programas e conteúdos era intensa e contribuía para aumentar a consciência em relação aos temas abordados. Realizávamos muitos passeios e

festas em chácaras, possibilitando um contato mais próximo com a natureza e construímos, assim, um núcleo de integração e de novas dimensões de aprendizado.

As brincadeiras livres eram estimuladas e valorizadas como processo fundamental da formação das crianças.

Partindo desta perspectiva, brincar é uma necessidade da criança. É brincando que a criança tem acesso a práticas culturais, práticas através das quais: a criança se humaniza, apropria-se de formas de comunicação e familiariza-se com processos de interação social: ela aprende a ouvir, esperar a sua vez, negociar, a defender seu ponto de vista, a rir com as outras crianças, a criar. Brincar envolve emoção e humor, dimensões importantes na relação entre as pessoas (LIMA, 2007, p.5).

Atuei na direção da Aldeia durante intensos seis anos entre 1980 a 1986 etomei outros rumos, fui morar na Amazônia, e, depois, em outros lugares, optando por ampliar minha visão de mundo a partir de novos horizontes vivenciais. Desde então, passaram-se quase trinta anos! Após aproximadamente 20 anos, tive encontros esporádicos não planejados com ex-alunos da Aldeia, que me relataram o quanto essa experiência havia deixado marcas em suas vidas. Esses encontros me levaram a uma profunda reflexão sobre como as vivências significativas podem deixar marcas referenciais na vida de uma pessoa e o quanto as propostas educacionais, desenvolvidas na primeira infância, norteiam os valores essenciais para o futuro.

Partindo dessa reflexão, procurei encontrar elementos que justificassem as práticas como as que os ex alunos da Aldeia receberam, que dessem sentido e fundamento a um novo olhar sobre a Educação, que proporcionassem um resgate da proximidade da criança com os ciclos naturais, por meio de proposições e ferramentas, essenciais para a construção de uma visão inovadora com relação à natureza, às artes e ao meio ambiente.

Dessa reflexão, em meados de 2007, elaborei um projeto “Plantar Sementes”, pensado para ser desenvolvido em ambientes escolares, com a função de resgatar a conexão com os valores essenciais associados à natureza e à sustentabilidade. Isso se daria através da Natureza Viva,<sup>1</sup> empresa criada para oferecer Consultoria em Educação.

A ideia de empreender tal projeto partiu da tentativa de integração entre o campo e a cidade, já que, nos centros urbanos, perdeu-se o contato com a natureza e seus ciclos, fonte de nossas riquezas, e desenvolveu-se um automatismo, rápido e vazio, que chega de forma acelerada às crianças. Uma das consequências desta ruptura com a natureza, é a obesidade infantil, vida sedentária e péssimos hábitos de saúde. A obesidade infantil tem sido um assunto

---

<sup>1</sup> Natureza VIVA. Empresa de propriedade da autora, fundada em 2008 na cidade de São Paulo, com o intuito de desenvolver projetos voltados à alfabetização ecológica em Escolas, Instituições privadas e públicas.

que se destaca na área pediátrica e na nutrição, chegando a ser considerado um grave problema de saúde pública. Sua prevalência está aumentando principalmente nos países de primeiro mundo, devido à inatividade física e por consumo excessivo de alimentos industrializados e ricos em gorduras (MARA; LUIZ, 2002).

Figura 03- Oficina de alimentos



Fonte: Projeto Plantar Sementes, 2011

“Plantar Sementes” foi escrito para desenvolver um projeto de capacitação de educadores, a fim de sensibilizar e oferecer subsídios teóricos e práticos que resgatem a vinculação amorosa com a Terra, suas formas, texturas, cores, odores e sons, a partir do conhecimento sobre o ciclo alimentar, como o cultivo de alimentos, elaborações saudáveis com seus frutos e sua relação com a saúde integral.

Paralelamente, propõe desenvolver um “jardim escola”, como meio de engajamento de toda comunidade escolar e proporcionar um conhecimento ecológico, visando contribuir para a construção de um futuro sustentável. Esse projeto foi implantado em várias instituições de educação infantil por meio de oficinas para educadores, consultorias para gestores e atuação direta com as crianças.

Em 2011, iniciei um Curso de Pós-Graduação em Ecologia Arte e Sustentabilidade na UNESP/UMAPAZ - São Paulo - SP. No mesmo ano, fui chamada pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Araraquara para desenvolver o projeto “Plantar Sementes”, entre Março e Agosto de 2011. Isto me deu oportunidade de colocar o projeto como tema de pesquisa de Monografia.

A partir daí, o projeto abrangeu duas atividades paralelas: de um lado, a capacitação para agentes escolares (sendo composto de um diretor, um agente educacional e um professor) de 17 Centros de Educação e Recreação, como multiplicadores em um total de 75 educadores; por outro, a implantação de um Projeto Piloto desenvolvido no CER Maria Enaura Malavolta Magalhães, localizada no Vale do Sol –Araraquara- SP.

Dessa experiência surgiu o tema de Pesquisa que desenvolvi na minha Monografia, intitulada “Semeando caminhos: Arte e natureza na educação escolar”, aprovada na Instituição de Ensino supracitada.

Em busca de referências que associassem educação ao meio ambiente, tomei conhecimento e utilizei várias referências bibliográficas, usadas no processo do *Centro Ecoliteracy*, que tem Fritjof Capra como um de seus fundadores. Como centro de Alfabetização Ecológica, esta instituição promove a propagação do pensamento ecológico e sistêmico em escolas de primeiro e segundo graus, além de capacitação de educadores. O Centro é sediado em Berkeley, no Estado da Califórnia.

Em novembro de 2012 tive a oportunidade de visitá-lo, onde fui recebida por um dos seus coordenadores, Jacob L Wright, que me alertou para o registro dos relatos dos ex-alunos da Aldeia, minha antiga Escola, como valiosos para o aprofundamento de minha futura pesquisa, cujo intuito seria avaliar os efeitos da qualidade dessas vivências nas infâncias desses mesmos alunos. De seu ponto de vista, tal pesquisa seria valorosa, tendo em vista o fato de cobrir um período da infância não abrangido pelo Centro, pois trabalham com crianças a partir do ensino fundamental.

Foi assim que me propus a recuperar a trajetória da Aldeia e ingressar nesse programa de Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da UNIARA, em 2016, para aprofundar minha pesquisa a partir da justificativa abaixo descrita.

O resgate da memória de vivência da infância na Escola Aldeia pode trazer contributos de várias naturezas, dentre elas identificar a essência das experiências que se manifestam pela memória e sua contribuição para pensar a educação.

### **Objetivo Geral do trabalho de pesquisa:**

Esta pesquisa teve por objetivo identificar o quanto as práticas integradas à natureza e à arte criativa de ex- alunos da Aldeia Recreação Infantil, proporcionaram referências e valores pessoais e culturais em suas vidas adultas.

A partir daí passamos pelos seguintes passos (objetivos específicos):

- Reconstruir a trajetória da Aldeia Recreação Infantil no período de 1980 a 1986, enquanto uma proposta pedagógica inovadora de metodologia ao contexto histórico da época.
- Resgatar informações de memórias significativas de adultos que frequentaram a escola quando crianças e identificar as principais ações vivenciadas na referida Escola, principalmente no que diz respeito ao convívio com a natureza e a criatividade.
- Identificar como as experiências vivenciadas na escola repercutiram na idade adulta, na perspectiva dos adultos entrevistados.

A primeira sessão descreve a trajetória do autora dentro da Educação e o que a mobilizou a chegar ao interesse desta pesquisa.

Na segunda sessão, são citados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, tendo como recurso a História Oral a partir de entrevistas com 13 ex alunos da Aldeia, tendo utilizado como ferramenta a análise textual discursiva para organização e análise dos depoimentos levantados.

A terceira sessão foi dividida em três subitens, sendo que o primeiro aponta uma reflexão e crítica ao sistema educacional convencional, utilizando-se alguns autores que fundamentam a teoria do Sistemas, a Ecopedagogia e a Alfabetização Ecológica, como caminhos a um sistema mais integrado e uma visão educacional mais ampla e inclusiva.

Evidencia-se, no segundo, a importância e os benefícios de uma educação que integra a criança ao mundo natural, como caminho para o despertar de seu potencial criativo, respeitando o brincar livre, a saúde e o tempo de desabrochar de cada criança.

No subitem seguinte, apresenta-se a Aldeia no contexto das escolas alternativas. No período da repressão (política, cultural), tais escolas simbolizaram uma oposição e buscavam para as crianças a liberdade de ação, de expressão e pensamento, com caráter de resistência aos mecanismos de poder, propondo uma educação para autonomia para uma sociedade mais igualitária.

O último subitem, apresenta como referência algumas Escolas Alternativas que marcaram uma época como a Sumerhill, a Escola da Ponte, a Te-Arte e a Escola da Vila.

Na quarta sessão, inicia-se a análise dos dados, sendo o primeiro subitem a apresentação da Aldeia, descrevendo sua metodologia a partir das atividades desenvolvidas nas salas temáticas e o seu Espaço físico.

No subitem seguinte, valeu-se da análise textual discursiva para organizar e analisar os conteúdos dos depoimentos recuperados pelas entrevistas, possibilitando uma investigação de suas memórias relevantes.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizou-se pesquisa qualitativa para recuperar a trajetória da Aldeia. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Utilizou-se como recurso a História Oral. De acordo com Thompson (1992), a História Oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação. Implica não apenas uma certa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação. A reconstrução da história se torna, ela mesma, um processo de colaboração muito mais amplo, podendo o locutor da própria história adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorar a própria vida e fornecer informações valiosas a uma geração mais jovem.

A História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

Quem busca os fios de ligação na história de sua vida já terá criado, de diferentes pontos de vista, uma coerência naquela vida que agora esta pondo em palavras. Em sua memória, já terá separado e salientado os momentos que experimentou como significativos; outros terá deixado perderem-se no esquecimento. Assim, o primeiro problema, de captar e apresentar as conexões históricas, já estará meio resolvido pela vida. (Wilhelm Dilthey apud RICKMAN, 1961, p. 85-86)

O processo da memória depende da percepção. Para aprendermos alguma coisa, temos primeiro que compreendê-la. Nós a aprendemos em categorias, percebendo como as informações se ajustam, e isso nos possibilita reconstruí-la numa ocasião futura, ou reconstruir alguma aproximação daquilo que compreendemos.

Recordar é um processo ativo. O lembrar, numa entrevista, é um processo recíproco, que exige compreensão de parte a parte. A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. A História Oral é um documento do presente, porque é composta por narrativas no no presente. Contudo trazem em

si, ao mesmo tempo, uma mensagem do passado. Devem ser compreendidas como refletindo simultaneamente o passado e o presente. (THOMPSON, 1992)

Assim, os principais recursos metodológicos foram:

## **2.1. Entrevistas**

Identificamos 18 ex-alunos que frequentaram a Aldeia entre os anos de 1980 a 1986, esse contato se deu através de conhecidos entre nós, pela internet e telefone. Dos que foram contatados, 13 concordaram em participar da pesquisa.

Entramos em contato com cada participante para agendar as entrevistas. O lugar proposto foi o *Poitara*, uma chácara próxima a cidade de Araraquara- SP, na qual desenvolvemos atividades culturais, oficinas com agroecologia, produção orgânica e saúde alimentar, entre outros e que guarda certa semelhança com a Aldeia. Estiveram, nesse lugar, nove dos entrevistados, os demais realizamos em sua casa ou local de trabalho.

Os depoimentos foram realizados de modo informal, buscando ao máximo um ambiente tranquilo e descontraído, a fim de estabelecer uma relação de afinidade entre as partes, para que eles se sentissem à vontade na exposição de suas percepções, sensações, emoções e memórias e assim contribuir com dados que oferecessem subsídios à sustentação da hipótese levantada por esta pesquisa. Utilizou-se como referência um pequeno roteiro (Apêndice-A), que contemplou temas básicos, como o convívio com a natureza, arte criativa, coletividade, memórias relevantes, entre outros temas. Iniciamos cada entrevista com exposição de algumas fotos de acervo da autora a fim de auxiliar na rememoração de sua infância.

As entrevistas foram devidamente autorizadas e arquivadas. Procuramos rememorar, juntamente com os depoentes, a pedagogia proposta na Escola Aldeia e situar essa experiência no contexto da época.

Alguns encontros contaram com a presença dos filhos desses depoentes, que possibilitou uma intimidade familiar e uma abordagem relacionada ao fato aos filhos, principalmente ao desejo de oferecer aos mesmos experiências semelhantes às vividas na Aldeia pelos pais já adultos.

Tais entrevistas foram iniciadas em novembro de 2016 e finalizadas em abril de 2017. Foi uma experiência emocionante em cada encontro, rememorado de forma muito agradável, tanto pela escuta das memórias de cada um como pela reconstrução de um tempo vivido coletivamente e em harmonia.

Dentre a diversidade das memórias, foi observado que, enquanto alguns tiveram poucas recordações, outros nos surpreenderam com sua visão crítica e amadurecida de suas vivências na Escola. Suas recordações foram muito precisas, com conteúdos maturados em valores e percepções de sua trajetória de vida, superando as expectativas. Os 13 adultos que aceitaram contribuir com seus depoimentos, hoje, encontram-se na faixa etária de 37 a 40 anos, tendo frequentado a escola Aldeia quando tinham 2 a 6 anos de idade. Alguns desses participantes moram em Araraquara, outros em diferentes localidades, como São Paulo- SP e Recife- PE. A maioria são casados, alguns com filhos, outros, não. Foram eles:

- **Aluisio Baracat**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1981 a 1985. Cursou Direito, separado, uma filha, atua como Consultor, reside em Araraquara- SP.
- **Ana Silvia de Moraes**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Jornalismo, Psicologia e está cursando Doutorado em Educação, casada, uma filha, reside em São Paulo- SP.
- **André Nigro**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1982 a 1985. Cursou Engenharia Civil, casado, um filho. Possui uma Construtora, reside em São Paulo- SP.
- **Antonio Carlos Avelino Junior**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 5 anos entre 1981 a 1985. Cursou Direito e Ciências Contábeis, casado, não tem filhos, possui um Escritório de Contabilidade, reside em Araraquara- SP.
- **Claudia Petlik**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Psicologia, casada, tem 2 filhos, reside em São Paulo- SP.
- **Carolina Guimarães**, 40 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Pedagogia e Enfermagem, solteira, atua na Secretaria da Cultura na área de Comunicação, reside em Araraquara- SP.
- **Denise Zakaib**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Arquitetura, casada, não tem filhos, atua como Educadora em Artes, reside em Araraquara- SP.
- **Fernanda Serafim**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 2 anos entre 1982 a 1984. Cursou Psicologia, casada, tem dois filhos, reside em Araraquara- SP.
- **Luciana Lupo**, 37 anos, permaneceu 4 anos entre os anos de 1980 a 1984. Cursou Administração de Empresa, casada, uma filha, Empresária, reside em Recife- PE.

- **Luiza de Miranda Costa Moldan**, 39 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos, entre 1981 a 1985. cursou Fisioterapia, casada, 2 filhos. Atua como Fisioterapeuta, reside em Araraquara- SP.
- **Mariana Gaspar Lauand**, 39 anos, permaneceu na Aldeia por 3 anos entre os anos de 1983 a 1985. cursou: Ciências Sociais, Letras e Psicopedagogia, casada, tem 2 filhas, atua como Educadora, reside em Araraquara- SP.
- **Mariana Gianechchini Ferrari**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre os anos de 1980 a 1984. cursou: Psicologia, Especializada em Psicanálise Infantil, casada, dois filhos, atua como Psicanalista Infantil, reside em Araraquara- SP.
- **Rodrigo Gatti**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. cursou Administração de Empresa, casado não tem filhos, Empresário, reside em São Paulo- SP.

Em julho de 2012, realizamos um primeiro encontro com cerca de vinte integrantes, entre eles, ex alunos, pais e professores que estiveram na Aldeia, a intenção era, além de nos reunirmos depois de tantos anos, registrar seus depoimentos para gravarmos um áudio. Foi muito emocionante a oportunidade de ouvir, rever e reconstruir parte dessa história (figura 04). Neste dia, registramos entrevistas individuais com alguns desses participantes, alguns desses registros utilizamos no áudio desta pesquisa.

Figura 04 - Encontro com ex alunos, professores e pais 2012



Fonte: Acervo da Autora

Depois de realizadas as entrevistas, programamos um segundo encontro, sendo que a iniciativa veio de um depoente durante sua entrevista, que propôs uma reunião com todos incluindo as famílias, (companheiros e filhos). O segundo encontro para além de se reencontrarem e conhecerem suas famílias, foi pensado para que pudessem reviver atividades que realizávamos na Aldeia. Esse encontro aconteceu no dia 9 de Setembro 2017, no Poitara, infelizmente somente cinco, dos treze participantes, puderam estar presente (figura 05). Aproveitamos a presença das crianças (filhos) para realizarmos algumas das atividades lúdicas que desenvolvíamos na Aldeia. Concluímos com uma roda de conversa, onde os depoentes expuseram impressões que reverberaram após a entrevista. O fato deste encontro ter ocorrido, favoreceu lembranças que surgiram de suas conversas, intensificando as memórias que eram complementadas entre eles.

Figura 05 – Encontro com entrevistados 2017



Fonte: Acervo da autora, 2017

Houve ainda um terceiro encontro no dia 11 de novembro, no Poitara, com a presença de mais dois depoentes que trouxeram seus filhos (figura 06). Tivemos uma roda de conversa e gravamos seus depoimentos. Realizamos também algumas vivências muito prazerosas com as crianças, como plantio de mudas, elaboração de um suco verde, entre outras brincadeiras.

Figura 06 – Segundo encontro com depoentes



Fonte: Acervo da Autora, 2017

Para ilustrar este processo de pesquisa, aproveitamos alguns áudios dos depoimentos que conseguimos gravar de algumas entrevistas e também dos encontros que houveram, para documentar em um pequeno vídeo que estará disponível junto à Dissertação. Podendo ser acessado pelo link: <https://youtu.be/3HRugssWRQQ>

Para uma abordagem mais ampla, foi contemplado a visão de alguns pais e educadores que estiveram na Aldeia, nesse período, a fim de complementar a fala dos depoentes. Em contato rápido por meio das redes sociais (internet), pedimos para alguns enviarem por email seus depoimentos, que acabaram entrando no decorrer da análise.

Os participantes foram:

- *Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora*; - *Eloina Barbosa Leal, professora*; - *Julia Pimenta, professora*; - *Adalberto do Carmo Grifoni, professor de Educação Física*; - *Suzana Volpe, professora*; *Claudia Cavicchia, professora*; - *Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe*; - *Regina Gatti, mãe*.

## **2.2. Análise Textual Discursiva**

Uma vez coletados, os depoimentos foram classificados em 12 tópicos, de forma a favorecer o desenvolvimento da análise, a saber: corpo, liberdade, natureza, horta e cozinha,

coletividade, espaço Escola, valores, escolha de profissão, visão de Educação, vínculos afetivos, reverberação da memória.

Utilizamos, para tanto, a Análise Textual Discursiva, que, por ser uma ferramenta aberta, exigiu do investigador uma flexibilidade para aprender a conviver com uma abordagem de constante reconstrução de caminhos e desconstrução de hipóteses pré- concebidas. A construção do novo, processo ao mesmo tempo rigoroso, prazeroso e gratificante, é sempre insegura e exige a criatividade. É um processo em que o pesquisador se movimenta com a averiguação das verdades que tenta expressar: um movimento em direção a novos paradigmas, com ênfase na autoria de um sujeito que assume sua própria voz ao mesmo tempo em que dá voz a outros sujeitos. A intenção foi trazer um novo olhar sobre as narrativas coletadas e buscar a escuta da essência que brota de cada participante.

A análise textual discursiva mais do que um conjunto de procedimentos definidos constitui metodologia aberta, caminho para um pensamento investigativo, processo de colocar-se no movimento das verdades, participando de sua reconstrução. É abordagem claramente incluída em metodologias que se situam em um paradigma de pesquisa emergente (SANTOS, 2002).

Sobre a importância da narrativa, Giroux e McLaren (1993) chamam a atenção de que é através dela que, ao mesmo tempo, nomeamos a experiência e agimos como resultado desta interpretação.

Apenas quando podemos nomear nossas experiências - dar voz a nosso próprio mundo e afirmar a nós mesmos como agentes sociais ativos, com vontade e um propósito - podemos começar a transformar o significado daquelas experiências, ao examinar criticamente os pressupostos sobre os quais elas estão construídas (GIROUX; MACLAREN, 1993, p.26).

Valendo-nos das narrativas de cada entrevistado, foi possível reconstruir uma visão mais abrangente, que incluiu tanto as sensações expressas do universo de cada um como as percepções do entrevistador, a partir da releitura desses depoimentos.

Como cita Thompson (1992), a reconstrução dessa trajetória possibilitou um novo olhar sobre suas vivências, a partir da reflexão e avaliação de novos conceitos.

Ao coletar narrativas e memórias sobre como as pessoas viviam no passado, (...) sobre as brincadeiras das crianças e as mudanças da paisagem – por mais primitivas que possam ser suas técnicas de entrevista e de gravação -, as crianças estão coletando evidências. Ao mesmo tempo, acabam se envolvendo criativamente em sua avaliação. Enfrentam questões fundamentais: quando

confiar numa informação ou duvidar dela, ou como organizar um conjunto de fatos (THOMPSON, 1992, p.218-219).

De fato, de acordo com Thompson, em muitas entrevistas a memória se manifestava a medida que íamos conversando sobre a escola. Alguns citaram que não imaginavam que tinham tantas memórias, sendo perceptível seu despertar a medida em que as narrativas se desenvolviam e o envolvimento emocional se manifestava. Essas narrativas foram gravadas e transcritas com fidelidade à cada palavra e a cada sentimento emanado.

É fato que ao delinear um tema, as narrativas podem remeter a uma certa imposição do objeto em estudo, muitas vezes induzindo a respostas desejadas. Mas é fato também, e isso foi observado, que, a medida em que os entrevistados buscavam organizar suas memórias e a partir delas analisar o seu presente, alguns passaram a entender melhor suas histórias e puderam se sentir parte do contexto em que viveram. Como cita Pollack (1992, p.204),

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente muito importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Ao manifestarem suas memórias, os participantes foram se apropriando de suas peculiaridades, obtendo uma sinalização mais evidente, inclusive do que gostariam de oferecerem aos seus filhos.

### 3. UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO

#### 3.1. Reflexões sobre o sistema educacional

Figura 07 - Criança plantando



Fonte: Acervo da autora- Projeto Plantar Sementes, 2011

Gaia era o nome dado à Deusa Terra, cultuada como divindade suprema na Grécia Antiga. Traz, em seu espírito, a ideia de rede, pela qual estamos interligados, e somos responsáveis por sua manutenção. Na contemporaneidade, de acordo com Lovelock (2006), a Teoria de Gaia defende basicamente o planeta Terra como um sistema autorregulador, que mantém o clima e a composição atmosférica, garantindo sua própria existência.

E é desta maneira que criamos, aprendemos e nos comunicamos. Reconhecer essa Deusa da Natureza como nossa Mãe Terra amorosa, ajuda a expandir nosso respeito ao meio ambiente e nossa busca do equilíbrio entre as energias masculinas e femininas, para que, em lugar de competir, trabalhemos juntos, para o bem individual e coletivo.

A palavra natureza tem origem no latim (nasci, nascor) e significa nascer, crescer, ser criado. Refere-se a uma visão processual da vida. Na origem grega, “natureza” provém da palavra Physis que significa germinar e refere-se a um processo permanente e contínuo de nascer e morrer. Pelos povos da antiguidade, a natureza era vista como um todo dinâmico, em eterno movimento, incluindo os aspectos humanos.

Uma das inspirações deste projeto vem do conceito de pensamento sistêmico apresentado por Fritjof Capra, cientista, ambientalista, educador, ativista e diretor do Centro Ecoliteracy de Alfabetização Ecológica em Berkeley, Califórnia.

Trata-se de uma nova maneira de ver o mundo e também uma nova forma de pensá-lo a partir das relações entre as partes e o todo. Essa teoria diz que todos os sistemas vivos compartilham propriedades e princípios organizacionais comuns. Emerge de um paradigma por ele chamado de

Visão holística que entende o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas e, reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (CAPRA, 1997, p.25).

Para enfatizar o significado mais profundo da ecologia, filósofos e cientistas começaram a fazer uma distinção entre a ecologia profunda e o ambientalismo superficial. Enquanto o ambientalismo superficial se preocupa com o controle e a administração do meio ambiente natural em benefício do homem, o movimento da ecologia profunda exige mudanças radicais na percepção do papel dos seres humanos no ecossistema planetário. Esse novo conceito requer da sociedade uma nova base filosófica e religiosa.

A noção de sistemas no âmbito da Teoria Sistêmica (TS) surgiu na primeira metade do século XX, com os trabalhos de Köhler sobre a aplicação dos princípios da Gestalt na Física, Lotka, na Estatística e de Von Bertalanffy, em diversas áreas do conhecimento, em especial na Biologia (VON BERTALANFFY apud KRÜGER, 2012) e adquire hoje em dia mais e mais importância com as contribuições de Fritjof Capra e Humberto Maturana, entre outros. Apesar de não se opor à ciência como lógica e razão, a grande revolução proposta pela Teoria Geral dos Sistemas foi não aceitar a forma analítica, lógica e racional como único meio para se compreender o mundo.

Para essa teoria, o conceito de ambiente natural consiste em ecossistemas habitados por incontáveis organismos que coevoluíram durante bilhões de anos, usando e reciclando continuamente as mesmas moléculas do solo, da água e do ar. Os princípios organizadores desses ecossistemas podem ser considerados superiores aos das tecnologias humanas baseadas em invenções recentes. Para Capra, o meio natural não é só vivo, mas também inteligente:

A inteligência dos ecossistemas, em contraste com tantas instituições humanas, manifesta-se na tendência predominante para estabelecer relações

de cooperação que facilitam a integração harmoniosa de componentes sistêmicos em todos os níveis de organização (CAPRA, 2006, p. 382).

A Teoria dos Sistemas criou uma ciência holística e interdisciplinar, buscando conclusões semelhantes observadas entre as diversas áreas da ciência e vem aplicando soluções de uma ciência em outra, por entender que inserir a realidade sistemicamente significa, literalmente, colocá-la dentro de um contexto e estabelecer a natureza de suas relações.

A ciência sistêmica mostra que os sistemas não podem ser compreendidos por meio da análise individual. As propriedades das partes não são necessariamente propriedades extrínsecas, mas precisam ser vistas e entendidas dentro do contexto do todo. Nessa perspectiva, os pensamentos cartesiano, holístico e o sistêmico, apesar de cada qual possuir uma identidade, método e história diferentes, não são diretamente opostos, apenas tomaram caminhos diferentes, visando chegar em algo comum, pensando na busca da verdade do todo (CAPRA, 2006 s.p)

Afinada com esta visão sistêmica, a Ecopedagogia sustenta um novo paradigma teórico da complexidade, em sintonia com autores, como Morin, Maturana, Capra, Boff e traz a ideia de formação da cidadania ambiental e planetária no processo de construção da democracia, indicando a interligação e a interdependência das coisas. Esse conceito foi criado por F. Gutiérrrez, educador e pesquisador costa-riquenho, estudioso da obra de Paulo Freire, no início da década de 1990, no contexto da conferência da RIO-92.

O novo paradigma que emerge atualmente pode ser descrito de várias maneiras. Pode-se chamá-lo de uma visão de mundo holística, que enfatiza mais o todo que as suas partes. Mas negligenciar as partes em favor do todo também é uma visão reducionista e, por isso mesmo, limitada. Pode-se também chamá-lo de visão de mundo ecológica, e este é o termo que eu prefiro. Uso aqui a expressão ecologia num sentido muito mais amplo e profundo do que aquele em que é usualmente empregado. A consciência ecológica, nesse sentido profundo, reconhecer a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza. Essa percepção profundamente ecológica está agora emergindo em várias áreas de nossa sociedade, tanto dentro como fora da ciência. (CAPRA, 1996, s.p)

Gadotti (2000) se refere à Ecopedagogia como uma Teoria da Educação que traz em si novas categorias interpretativas relacionadas à subjetividade, à cotidianidade, ao mundo vivido, à visão holística; considera a utopia, o imaginário, valoriza a paixão, o sentimento, as emoções, o desejo, o olhar, a escuta e critica o modelo da racionalidade instrumental. Apresenta princípios pedagógicos para uma sociedade sustentável, entre eles, a promoção da vida humana, a comunicação, o compartilhamento, o relacionamento e o despertar para uma nova consciência

que faça sentido para cada ato e construa uma vivência harmoniosa com todas as formas de vida. Na verdade, os princípios da ecologia podem ser também interpretados como princípios da comunidade.

O pensamento sistêmico é fundamental para a compreensão do funcionamento das comunidades de aprendizagem. Considerando a Escola como uma organização viva, que envolve grande complexidade de relações, as quais permitem uma variedade de interações entre seus membros, a comunidade e o espaço físico escolar, entendemos como fundamentais as abordagens supracitadas por apontarem para um modelo de educação que guarda uma afinidade intrínseca com aquele adotado pela Escola Aldeia Recreação Infantil, onde buscávamos uma pedagogia integrada à vida e a toda comunidade escolar.

Um novo modelo de educação que defronta com aquele praticado na forma tradicional, a qual, via de regra, restringe suas atividades à sala de aula e busca o preenchimento de toda abordagem curricular com atividades fragmentadas e desconectadas da realidade, condicionadas mais pelo resultado final que se espera do aprendizado do que pelo próprio processo de construção e aquisição dos conhecimentos.

Na atual configuração escolar, vemos as disciplinas abordadas, desvinculadas de um projeto educacional integrado e tal ruptura se apresenta insatisfatória no que se refere à construção do conhecimento, pois não se pode desvincular totalmente o conhecimento conceitual dos processos perceptivos em geral, gerando um conhecimento superficial e sem sentido.

Nesta caminhada histórica, reducionista e linear, perdeu-se em termos de sensibilidade, estética, sentimentos e valores, especialmente, em função da supervalorização dada pela mensuração, quantificação e comprovação dos fenômenos. Gerou-se uma concepção de vida em sociedade pautada na competitividade, no isolamento, no individualismo e no materialismo desenfreado. A crença no progresso material a ser alcançado pelo crescimento econômico e tecnológico como fim em si mesmo não considerou as conseqüências para a sociedade, a natureza e o próprio ser humano. (BEHRENS, OLIART, 2007, p.60).

Os conceitos de Ecopedagogia e Educação constituem a base de um processo de transformação que envolve, fundamentalmente, a constituição das pessoas, a formação dos professores e o papel da escola no contexto da comunidade. Este processo de reconstrução de valores sociais, econômicos, culturais e ambientais compõe um novo olhar para a Educação e visa possibilitar as condições básicas para que os alunos possam se constituir mais críticos, humanos e com compreensão ampla da dinâmica do mundo.

Para tanto, é preciso contemplar uma proposta pedagógica que reconheça a diversidade de fenômenos da natureza e o ser humano como um indivíduo com multidimensionalidades, ou seja, dotado de múltiplas inteligências e com diferentes estilos de aprendizagens. Nesse sentido, a formação docente precisa reconhecer o processo de aprendizagem complexa, envolvendo no ensino os aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, estéticos, culturais, sociais e espirituais, entre outros (BEHRENS, OLIART, 2007, p.64).

O que se percebe é que não existem receitas e o futuro é uma indagação. É importante manter o senso crítico para que se converta numa prática reflexiva, numa educação permanente, em que o homem se educa a vida inteira, aberto para o novo de forma alegre, autônoma, criativa e inventiva, afirmando-se como indivíduo, para aperfeiçoar sua evolução, “abrindo-se à essência e à plenitude da própria existência” (MCLUHAN apud GADOTTI, 2004, p. 296).

### 3.2. A Criança e o mundo natural

(<http://www.summerhillschool.co.uk>, 2016)



Fonte: Acervo da Autora- Projeto Plantar Sementes, 2011

A ‘criança’ nasce do útero do inconsciente, gerada no fundamento da natureza humana, ou melhor, da própria natureza viva. É uma personificação das forças vitais, que vão além do alcance limitado de nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. É uma impossibilidade de ser-de-outra-forma, equipada com todas as forças instintivas naturais, ao passo que a consciência sempre se emaranha em uma suposta possibilidade de ser-de-outra-forma. O

impulso e a compulsão da autorrealização é uma lei da natureza e, por isso tem uma força invencível, mesmo que seu efeito seja no início insignificante e improvável (JUNG, 2011, p. 135).

A força da natureza da infância, aqui descrita por Jung (2011), naturalmente se direciona sem necessidade de estímulo artificial, quanto mais se permite a interação, integração e conexão ao mundo natural, tudo acontece de forma fluida, orgânica e mágica. A autorrealização como “lei da natureza” nos liga a ideia de que a criança, convivendo plenamente em um ambiente natural, terá fortalecido o desenvolvimento de suas potencialidades criativas e emocionais.

A escola deveria levar em conta todas as formas do ser humano de se relacionar com o mundo externo e interno, dentro das suas práticas pedagógicas, em vez de apenas privilegiar o pensamento cognitivo. “É importante o desenvolvimento não-unilateral do ser e a visão da criança em sua totalidade, considerando os dois aspectos: objetivo e subjetivo, extrovertido e introvertido”. (CRUZ, 2005, p.61).

O perigo - e o que mais acontece é que se anula muitas vezes este processo natural de desenvolvimento, pela imposição de parâmetros antagônicos ao que intrinsecamente emerge de seu ser advindos de atitudes educativas que reprimem, impõem formas sistemáticas de condutas, limitam e restringem sua capacidade criativa, traindo e inibindo sua natureza intuitiva de autodescoberta.

Vivemos um período da história humana em que o tempo dedicado às tecnologias da informação, sem desmerecer sua importância, no universo infantil, essa prática é crescente, bem como o acesso irrestrito às mídias digitais de entretenimento e recreação, que criam hábitos de dependência em longos períodos diários. Suas consequências nocivas são muitas, entre elas: o sedentarismo, que acarreta doenças precoces, obesidade infantil e hiperatividade, além de diminuir cada vez mais o contato com ambientes naturais.

Inúmeros estudos mostram uma redução do tempo de lazer nas famílias modernas, mais tempo diante da televisão e do computador, além do aumento da obesidade entre adultos e crianças, devido a um estilo de vida sedentário. Segundo (LOUV, 2016, p. 30): “Infâncias sedentárias passadas em espaços fechados estão ligadas a problemas de saúde mental”.

Uma infância passada em espaços confinados aumentam riscos à percepção de comunidade da criança, riscos à confiança e habilidade de discernir o perigo real e a beleza. Experiências na vizinhança e na natureza ajudam a amadurecer a cognição das crianças, incluindo sua habilidade de análise, síntese e avaliação.

A exposição direta à natureza é essencial para saúde física e emocional. Novos estudos sugerem que a exposição à natureza pode reduzir sintomas do TDAH (Transtorno Déficit de

Atenção e Hiperatividade) e melhorar as habilidades cognitivas e a resistência das crianças ao estresse e a depressão. (LOUV, 2016, p. 57).

Segundo Pearce (1989, p.123):

A criança é programada para interagir com o mundo real: um lugar de pedras, árvores, insetos, sol, lua, vento, nuvens, chuva, neve e milhões de coisas; um mundo guiado por princípios, onde há um equilíbrio de causa e efeito, onde “caiu, fez bum” quer dizer joelhos esfolados, onde fogo queima e quente significam não toque” ...Os conceitos constituem a questão principal da inteligência na infância (e através de nossas vidas). Novos padrões para organização sensorial e ações corporais só se formam no cérebro da criança quando ela interage com o mundo por meio do corpo.

São estas vivências primordiais e essenciais que movem seu ser para um estado fértil e feliz de estar no mundo, de se perceber em seu pleno potencial, no mais harmonioso estado de descoberta, além de proporcionar ferramentas para enfrentar e superar desafios e que será referência em sua vida adulta. De acordo com LOUV (2016, p.253): “as crianças que frequentam escolas com ambientes naturais diversificados são mais ativas fisicamente, mais conscientes em termos de nutrição, mais civilizadas umas com as outras e mais criativas”.

A experiência sensível, aliada aos usos e percepção cultural dos seres do meio ambiente, traz novos significados como as plantas, animais, céu, terra, pensando em um conjunto de múltiplas inter-relações, como diz Capra, sistêmico, que envolvem saberes, técnicas e uma constante interpenetração intelectual e prática entre a natureza e a sociedade. Esses atributos fazem com que a natureza não seja algo estático, mas esteja em permanente movimento cósmico.

As crianças vivem pelos sentidos. As experiências sensoriais ligam o mundo exterior da criança ao mundo interior, escondido, afetivo. Como o ambiente natural é a principal fonte de estímulo sensorial, liberdade para explorar e brincar com o mundo exterior dos sentidos em seu próprio espaço e tempo essenciais para o desenvolvimento saudável de uma vida interior. Esse tipo de interação automotivada e espontânea é o que chamamos de brincar livre. Cada criança testa a si mesma interagindo com o ambiente, ativando seu potencial e reconstruindo a cultura humana. O conteúdo do ambiente é um fator fundamental nesse processo. Um ambiente rico e aberto vai apresentar continuamente escolhas alternativas para um envolvimento criativo. Um ambiente rígido e insosso acaba limitando o crescimento e o desenvolvimento saudável do indivíduo e do grupo (MOORE, 1997. p.203 p.87).

Brincar em ambientes naturais oferece benefícios especiais, as crianças ficam fisicamente mais ativas, além de ampliar sua capacidade motora, equilíbrio e agilidade. Como

cita Louv (2016, p.89): “qualquer espaço natural contém uma reserva infinita de informações, portanto um potencial inesgotável para novas descobertas”.

A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela (BARBIERI, 2012, p.116).

A primeira fase da vida é o fundamento, o primeiro degrau sobre o qual se edifica todo o desenvolvimento futuro. O ‘Bem’ da criança é o brincar. Há, aqui, uma tão íntima aproximação entre a natureza e o brincar da criança que o consenso do belo encarna no lúdico, fazendo dos gestos da brincadeira a confirmação sincrônica entre macro e microcosmos.

O mundo toca a criança em suas intenções criadoras, o espaço repercute e anima, na criança, tudo o que depois ela irá valorar. Primeiro repercute, depois, compõe-se de sentido.

A terra, em sua materialidade intransigente, que sempre escapa, resiste e opõe seu sentido do olhar, que sempre dispõe de um sentido não aparente é o objeto primordial primeiro de amor e luta no brincar.

Segundo Gandhi Piorski Aires (2012, s.p.), “Criança é assim mesmo: quer a verdade do mundo. Bota o real em atividade, mesmo que na imaginação. É despreocupada com o tempo, não quer contê-lo e por aí cria, interliga saberes, encontra a dimensão da alma”.

Os brinquedos da criança permitem a inquisição livre do olhar, a sondagem e investigação da natureza, o encontro com a integridade de suas formas, com a individualidade oculta em seus contornos e texturas, com a intimidade de inúmeras formas de ser. Para a imaginação das coisas materiais, no brincar, todo corpo é espaço de ser, é território ôntico moldando as primícias íntimas da criança. Moldando para intimar-se com a natureza e para que a natureza lhe desperte a interioridade de ser parte, participante, organismo da vida. (AIRES, 2013, p.68)

Segundo Capra (1990), a Alfabetização Ecológica amplifica o conceito de educação ambiental, nela está contida o sentido pelo qual a educação deveria exercer em todos o seu âmbito de desenvolvimento.

Por estar intelectualmente fundamentada no pensamento sistêmico, a Alfabetização Ecológica é muito mais que Educação Ambiental. Ela oferece um poderoso arcabouço para a abordagem sistêmica da reforma escolar que hoje está sendo amplamente discutida pelos educadores. A sensibilidade do cérebro a influências ambientais é especialmente acentuada na primeira infância, quando a maior parte da rede neural está se formando. Desde que as pesquisas nesta área começaram, no final da década de 1950, tem havido amplo consenso entre os psicólogos infantis de que a exposição precoce a um ambiente rico em experiências sensoriais e desafios cognitivos tem efeitos benéficos duradouros, enquanto a privação dessas experiências pode inibir o desenvolvimento neurológico futuro (...) um ambiente de aprendizagem rico, multissensorial - envolvendo as formas e texturas, as cores, odores e sons do mundo real, é essencial para o pleno desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. (CAPRA, 1990, s.p.)

As crianças constroem ativamente seus conhecimentos. Do ponto de vista evolutivo, a busca de significados está voltada para a sobrevivência e constitui um elemento básico da natureza humana. Temos uma tendência inata a dar um sentido a nossas experiências, a buscar significados. O cérebro não gosta de lidar com peças isoladas de informação. O ensino não acontece de cima para baixo, mas existe uma troca cíclica de informações.

O foco está na aprendizagem e todos no sistema são, ao mesmo tempo, mestres e aprendizes. Laços de realimentação são intrínsecos ao processo de aprendizagem e a realimentação passa a ser o principal objetivo da avaliação. O pensamento sistêmico é crucial para a compreensão do funcionamento das comunidades de aprendizagem. Na verdade, os princípios da ecologia podem ser também interpretados como princípios da comunidade. (CAPRA, 2006, p. 88):

A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. No jardim, aprendemos sobre os ciclos dos alimentos, um dos mais antigos e mais importantes conceitos ecológicos. Desde o início da ciência ecológica, os ecologistas vêm estudando os relacionamentos da alimentação. Inicialmente, formularam o conceito da cadeia alimentar, usada ainda hoje; ou seja, pequenas criaturas devoradas por outras grandes, as quais, a seu turno, são devoradas por outras ainda maiores e assim por diante. Depois, os ecologistas compreenderam que, ao morrer, todas as grandes criaturas são devoradas por minúsculas outras, que são chamadas organismos de decomposição. Isto levou ao conceito dos ciclos alimentares. Finalmente, reconheceram a existência de uma interconexão entre todos esses ciclos alimentares, uma vez que muitas espécies se alimentam de diversas outras e, assim, os ciclos alimentares tornam-se parte de uma rede interconectada. Portanto, o conceito ecológico contemporâneo é o da teia alimentar, uma rede de relacionamentos englobando a alimentação.

A criança aprende pela ação com sentido, que emerge de sua natureza intrínseca e essa reverberação parte da proximidade com ambientes naturais onde todos os elementos aguçam

sua curiosidade, permitem ação espontânea de sua criatividade, promove desafios constantes que requer emoção, ação, interação e autoconhecimento.

Atividades com o ciclo alimentar na infância permite o acessar esta cadeia de ciclos, o cuidar, o tempo, a transformação, o sentido de que para tudo existe o tempo de maturar. Assim nada vem pronto, é preciso “o cuidar”, essa simples ação reproduz um significado existencial maior do que podemos imaginar.

No jardim, aprendemos que um solo fértil é um solo vivo com bilhões de organismos vivos em cada centímetro cúbico. As bactérias desse solo realizam várias outras transformações químicas essenciais à manutenção da vida na Terra. Devido à natureza do solo vivo, precisamos preservar a integridade dos grandes ciclos ecológicos em nossas práticas de jardinagem e agricultura. (CAPRA, 2006, p.89)

Observar o presente é vivenciá-lo em todas as milhões de possibilidades que nos oferece, o educador seria um propositor das mensagens ouvidas pelo ambiente, sensível para despertar o ensejo em todo seu potencial e fazer desabrochar o ilimitado ser que se apresenta investigando sua própria existência e o preparando para a vida. Compactuamos com o pensamento de Aires (2012, s.p):

Em um ambiente criativo, de paz estética e acolhimento imaginário, crianças crescem perguntando do mesmo modo que perguntaram os jônios e todos os pré-socráticos nas suas formulações cosmológicas. Criam imagens mitológicas para suas perguntas que são as mesmas perguntas originárias das grandes mitologias, das mais antigas histórias da criação. Sondam a natureza do sol e os mistérios da lua, a origem do homem e do mundo. Toda criança que tem a oportunidade e a paz para expressar seu ser é capaz de desenhar os contornos de uma teologia do mundo, de uma filosofia do homem, e de uma hermética do seu brincar.

Quando passamos a olhar a natureza como a grande mestra de nossas vidas, nos assombramos com a sua beleza, a sua força e seus mistérios. Somente assim é possível criar uma relação amorosa e integrada a todo sistema natural. Nas culturas tradicionais, que ainda estão vinculadas à natureza, percebemos uma comunhão e reverência à natureza, à criança, ao humano, em que tudo faz parte de um todo maior, como uma unidade, um sistema, como diz Capra, com a compreensão da natureza interna e externa de maneira integrada.

Tendo assim uma nova visão atrelada à natureza viva em constante transformação, neste contexto de interconexão, como cita Morin (1997, p.97) “faz parte de um sistema social, no seio de um ecossistema natural, que por sua vez está no seio de um sistema solar, que por sua vez está no seio de um sistema galáctico”. Ao tomar consciência desta complexidade totalizada,

o homem se reconhece como natureza e permite às crianças uma experimentação da sua própria manifestação.

A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela (BARBIERI, 2012, p.116).

Através do resgate das experiências vivenciadas na primeira infância em um ambiente que buscou favorecer esta interconexão harmoniosa com os diversos ambientes naturais e educativos, a escola Aldeia assim como outras Escolas alternativas da época favoreceram a livre exploração da criança em ambientes naturais e sua expressividade diante da descoberta da vida.

### **3.3. A escola Aldeia no contexto das escolas alternativas**

Viver de acordo com sua natureza, tratada corretamente, e deixada livre, para que use todo seu poder (...) A criança precisa aprender cedo como encontrar por si mesmo o centro de todos os seus poderes e membros, para agarrar e pegar com suas próprias mãos, andar com seus próprios pés, encontrar e observar com seus próprios olhos. (FROBEL, 1912c, p.21)

Figura 09 - Criança plantando árvore



FONTE: Acervo da Autora - Projeto Plantar Sementes, 2011

Refletir sobre um modelo escolar ideal, que contemple um ambiente livre e rico de natureza selvagem, onde todos os sujeitos envolvidos estão integrados e comprometidos com o espaço, desde a arquitetura, a estética, os relacionamentos, até a logística de atendimento à criança. Contar com um grupo de profissionais dispostos a evoluírem como pessoa, buscar um caminho de aprendizados e ações cooperativas, em que todos contribuam para criar um sistema harmonioso e evolutivo e assim favorecer um ambiente propício para florescer a comunidade escolar. Sonhos que, em algum momento, tornaram-se realidade.

O conhecimento, seja científico, espiritual, cultural, mobiliza, amplia a consciência, tornando-nos reflexivos; propicia a flexibilidade, a diversidade e a inclusão. Educar crianças pequenas, sem dúvida, é uma das tarefas mais importantes em uma sociedade, pois a infância é o momento mais sublime e incrível da vida humana, uma fase de transformação e formação corporal, mental, psíquica, espiritual, que demarca seu futuro adulto. Para educá-las, faz-se necessário um ambiente propício para seu desenvolvimento pleno, que servirá como o continente ideal para seu amadurecimento. O que fazer para que esse terreno seja fértil, para que possam se desbrochar e mostrar quem são?

Isto requer um preparo profundo dos educadores, para criar um ambiente onde a criança

se reconheça, onde ela possa ser ouvida, acolhida, respeitada em seu ritmo, suas escolhas, sua forma de lidar com o outro e com o mundo. O afeto, o carinho, a atenção é o que as nutre. As crianças precisam se sentir amadas e com liberdade para expressar sua criatividade nata. Só assim elas se tornam receptivas, e sentem prazer em crescer no aprendizado da vida, fundamental para acessar sua autonomia e criatividade em sua fase adulta. Como cita Rudolf Steiner:

Não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a auto-educação. [...] Toda educação é auto-educação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior. (STEINER, 1923 s.p.)

Em meados dos anos 70, 80, essas reflexões se tornaram mais aguçadas em diferentes lugares do mundo. A criança passou a ser vista com mais atenção em seu processo de desenvolvimento, e, assim como a Aldeia, outras escolas fizeram parte deste movimento inovador, pertencente ao movimento das escolas alternativas, as quais tinham como um dos principais objetivos criar espaços para que as crianças desenvolvessem suas potencialidades e fossem entendidas como sujeito no seu caminho de aprendizagens.

A palavra alternativa, muito usada nos anos 70, início dos anos 80, simbolizou uma oposição contra todo tipo de repressão, uma forma ousada de viver, com força e desejo de criar outros modelos sociais e educacionais. Neste período, apareceram diversos tipos de espaços que possibilitaram a diversidade de pensamentos, influenciados por pensadores como Piaget, Neill, Melanie Klein, Reich, Paulo Freire, Freinet, Bettelheim, Winnicott, Jung e outros tantos autores, afinados com o “clima de seu tempo” (REVAH, 1995, p.57). Considerando que essa foi uma época de grande efervescência política, em que vivíamos o fim de um longo período de ditadura militar, em que imperava a opressão e a proibição de manifestação do pensamento livre, em queurgia a busca pela democratização.

Nessa época, era difícil se conviver com o regime militar. As limitações impostas para a liberdade de expressão e pensamento, incomodavam em especial a classe intelectual brasileira. Começava a se configurar um vasto campo de iniciativas consideradas alternativas. Esse termo, difundido e usado durante esta década, caracterizava manifestações de contracultura que ocorriam na Arte, Teatro, Cinema e Música. Mais que isso, designava um comportamento de contestação em relação à ordem vigente e às Instituições.

Foi, em parte, influenciado por este clima de questionamento e rebeldia que surgiram as escolas alternativas. Havia uma identificação muito grande dos pressupostos teóricos destas escolas com a mentalidade da época, marcada pelo desejo de mudanças que se estendeu também ao sistema educativo tendo como base críticas radicais a escola. As críticas não se restringiam somente a função social da escola, mas também aos métodos de ensino empregados por ela. (SÁ, 1995, p.47)

Tal qual o depoente discorre:

*- Acho também que coincidiu com o pós-ditadura, independente do posicionamento político, um ambiente de mais liberdade, mais abertura com os filhos, que favoreceu todo convívio, na época do final de uma ditadura, começo da geração que marcou o Brasil, geração hit, Titãs, Legião, isso envolve todo ecossistema, toda convivência, momento de vasta produção. ... Foi uma década com abertura política que todo mundo teve mais liberdade, e na educação que vocês passaram pra nós foi fundamental". (Aluisio Baracat, 2017 ex-aluno).*

A escola Aldeia foi uma dentre muitas escolas que fugiram do sistema convencional de Educação. Essas escolas alternativas se propunham a desenvolver um trabalho de vanguarda e de oposição ao ensino designado conservador. Nesse contexto, os próprios adultos envolvidos, pais, educadores, estudantes, viram-se imersos num processo em que eles próprios estavam se reeducando, avaliando e mudando seus próprios comportamentos e valores, contestando o sistema vigente, manipulativo, empregado de interesses capitalista cuja meta seria a massificação dos valores de consumo.

As escolas alternativas se organizaram, se constituíram e se legitimaram através de uma intensa interação com essa fração de classe que, na sua maioria, vivenciou ou foi influenciada pelas transformações socio culturais ocorridas durante a década de 60. A fragilidade dessas novas experiências ao mesmo tempo que unia esforços, criava um terreno fértil para crises e cisões de várias ordens política, econômica, filosófica e administrativa. (SA, 1995, p.53)

*Pelo olhar de uma depoente:*

*- Ela foi uma escola de vanguarda, até hoje, que faz muito mais sentido do que muitas escolas atuais, com o que eu penso na formação do indivíduo. Você sabe o quanto foi importante? Você tem essa consciência do que foi construído dentro de cada pessoa que estudou lá? É uma forma*

*de saber que este trabalho repercutiu por anos e gerações, porque agora eu estou redigindo um projeto e lembrando do que aconteceu lá! (Carolina Guimarães, 2016 ex- aluna.)*

Assim como a Aldeia, as escolas alternativas buscavam a liberdade para experimentar, discutir, criar, tendo um elemento central na constituição de suas pedagogias. “Dar liberdade para criança, respeitar os seus interesses, criar um ambiente afetivo, desafiador, valorizar o prazer, o lúdico, o jogo, a criatividade e a imaginação”. (REVAH, 1995.p.55)

As escolas alternativas tinham alguns fundamentos similares como questionar um sistema repressivo de ensino; criar ambientes de ensino aprendizagem em que todas as pessoas da comunidade escolar se tornassem sujeitos participativos; propor atividades que respeitassem as crianças em suas individualidades e permitissem um o desenvolvimento de sua autonomia. Como cita Revah: “O abandono de uma postura maniqueísta, abrindo-se para uma outra mais complexa, foi um dos percursos seguidos por essas experiências pedagógicas, um percurso que teve inflexões e que resultou numa nova postura.” (REVAH, 1995, p.60)

*- Eu acho que foi uma proposta revolucionária, tudo de bom sem ser maçante, com liberdade e ao mesmo tempo rica nas experiências, foi uma evolução. É difícil ter uma escola assim hoje em dia, não tinha aquela coisa maçante de regras, tudo muito divertido e com prazer. (Mariana Gaspar Lauand, 2016 ex- aluna).*

Nesse contexto, a escola Aldeia não está sozinha. Nos anos 80, as escolas alternativas começaram a aparecer, além de crescer, diversificaram-se, conforme ressalta a socióloga Helena Singer (2014) “Cada uma inventa seu próprio modelo, cria sua cultura, desenvolve suas metodologias”. Crescia a procura por uma escola, sobretudo, democrática, onde as crianças pudessem desfrutar de um ambiente que valorizasse a liberdade de ação, de expressão e pensamento. Em comum, as escolas alternativas possuíam ambientes que favoreciam a participação de todos na construção de seu projeto político pedagógico e currículos flexíveis, que acompanhavam os interesses e necessidades de seus estudantes.

No contexto mundial, o período dos anos 60 a 80 foi marcado por criações de escolas democráticas. Segundo Helena Singer, as escolas democráticas são compreendidas com um caráter de resistência aos mecanismos de poder, propondo uma educação para a autonomia, para uma sociedade mais igualitária. Seria uma “vida em comunidade sem ativar o dispositivo de moralização que opera mediante a identificação com a norma e a submissão.” (SINGER, 1997, p. 164-5).

Singer fala sobre o papel das escolas democráticas, opondo-se ao modelo básico da escola, propondo uma transformação social e “questionando a primazia do saber, que advoga a técnica e a disciplina como elemento básico da educação.” (SINGER,1997, p.169).

Essa posição de resistência refere-se a uma atitude diante da atualidade definida pela escolha voluntária por um modo de pensar e agir que se apresenta como uma tarefa de crítica transcendental e busca indefinida da liberdade no campo da educação porque recusa o estatuto de verdade da pedagogia que, em nome da supremacia do conhecimento, desenvolve técnicas de aprendizado que visam o treinamento de corpos mais dóceis e eficientes. (SINGER, 1997, p.170-1).

Além de transmitir conhecimentos acadêmicos, elas se preocupavam em formar sujeitos ativos, capazes de atuar no mundo de maneira criativa e sensível e ofereceram, aos seus educandos, uma formação que valorizava o desenvolvimento de habilidades e competências transformadoras. Autoconsciência, criatividade, solidariedade e responsabilidade passaram a ser conceitos significativos, norteando novos modelos de atitudes e relações nas práticas pedagógicas.

*- É por sentir seu coração batendo junto com outras pessoas, numa vibração parecida, de paz, de respeito, de harmonia, nossa, acho que era de vanguarda há 35 anos atrás e hoje ainda continua, poxa vida, já passou mais de uma geração, quase duas gerações, mas assim a contagotas acho que o mundo vai caminhando para este lado, me sinto bem de poder ter na formação experiências que colaborem até para eu ajudar neste desenvolver do mundo, estar no mundo de uma maneira, eu acho que um pouco contra corrente... e ter ferramentas pra também fazer isso acontecer, faz parte da Educação dar essas ferramentas... na minha vida só foram me dadas na educação na Aldeia, depois me deram outras ferramentas para outras coisas, passar no vestibular enfim, mas esta construção do mundo... só lá. (Denise Zakaib, 2016 ex- aluna).*

*- Falar da Aldeia me remete a um tempo da minha vida, onde algumas questões eram importantes, sou da década de 60, 70. Eu vim pra Araraquara, tinha feito Psicologia e vim trabalhar na Faculdade de Educação da UNESP. Não conhecia muitas coisas sobre Araraquara, mas sabia muito bem o que eu queria para os meus filhos, pra colocar um filho na escola é de uma responsabilidade muito grande para os pais e para a escola que recebe. Eu acredito que poucas pessoas refletem neste momento da vida, mas acho fundamental que as pessoas reflitam pra quem a gente entrega seus filhos para educar. Tinha um conceito pra as crianças pequenas que não era de escolarização. Decidi visitar todas as escolas de*

*Araraquara, inclusive da prefeitura, que eu gostava, porém tinha um número muito grande de crianças. Fui para escolas particulares, e encontrava espaço pequeno e muitas carteiras, mesinhas com as cadeirinhas que ocupavam todo espaço que tinha pra escola, até que entrei na Aldeia e tinha muito espaço e poucas cadeiras e mesas e aí eu pensei: aqui meus filhos irão brincar e não seguir um currículo pré formal. Encontrei na Aldeia isso. Meus três filhos estudaram lá, e não me arrependo das escolhas. (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012)*

### **3.4. Escolas Alternativas que marcaram uma época**

A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência. Sob este aspecto, cultura é a consciência no grau mais alto possível (JUNG, 2008, p. 56).

Sendo um movimento natural pós-ditadura, em vários lugares surgiram Escolas que propunham outra dimensão de pensamento em que a criança poderia participar efetivamente de seu aprendizado e desenvolvimento. Levantamos aqui algumas Escolas que trouxeram essa bandeira para uma nova sociedade, que fizeram a diferença em seus modelos inovadores, com resultados positivos, algumas existem até hoje, outras fecharam, como a Aldeia.

Referenciaremos algumas escolas que exerceram influência na época, em diversos aspectos nesse período. Não podendo deixar de citar a Summerhill, talvez a pioneira nestas práticas, a Escola da Ponte, a Te-Arte e a Escola de Vila.

## **Summerhill**

Figura 10 - Escola Summerhill



Fonte: (Summerhillschool, 2016)

Fundada em 1921 pelo educador Alexander Sutherland Neill, é uma das pioneiras dentro do movimento das chamadas "escolas democráticas". Localizada em Leiston, no condado de Suffolk, na Inglaterra, foi praticamente uma das primeiras escolas a propor uma metodologia completamente revolucionária para época.

Essa se tornou ícone das pedagogias alternativas ao concretizar um sistema educativo em que o importante é a criança ter liberdade para escolher e decidir o que aprender e, com base nisso, desenvolver-se no próprio ritmo.

A escola construiu a si mesmo em torno das necessidades práticas e emocionais das crianças e dos adultos que ali vivem. A única premissa é a confiança de que as crianças aprenderão a seu ritmo e não devem ser moldadas nem impulsionadas por adultos ansiosos para se tornarem cidadãos decentes.

Essa escola tem um longo caminho percorrido, atualmente atende a crianças dos ensinos fundamental e médio (secundário) e é dirigida pela filha do fundador, Zoe Neill Readhead.

Summerhill se destaca por defender que as crianças aprendem melhor se livres dos instrumentos de coerção e repressão utilizados pela grande maioria das escolas. Nela, todas as aulas são opcionais, os alunos podem escolher as que desejam frequentar e as que não desejam.

Summerhill atua com base no princípio de que, se as emoções estiverem livres, o intelecto cuidará de si próprio. Como escola democrática que é, todas as regras de convívio e as soluções aos problemas que surgem no dia a dia são resolvidas conjuntamente em uma assembleia que ocorre semanalmente, na qual cada pessoa, seja criança, professor ou funcionário, tem direito a falar e votar, sendo que o peso do voto é igual para todos. As normas da escola são construídas por todos, todos se sentem parte do coletivo e se empenham em aprimorá-lo.

Muitas ideias oriundas de Summerhill foram incorporadas ou adaptadas nas escolas alternativas dos anos 70-80, maior influência teve a Pedagogia Nova e princípios do Construtivismo que encontraram nesse período de efervescência um terreno fértil para sua expansão. Atualmente, mais de 200 escolas espalhadas pelo mundo seguem os seus ensinamentos (50 delas só nos Estados Unidos) e estão a crescer todos os dias<sup>2</sup>.

Nesse cenário, podemos considerar que essa escola proporcionou um caminho de possibilidades e inspiração na história das novas pedagogias, sendo a escola Aldeia uma delas, como o respeito à individualidade de cada um, a oportunidade das crianças expressarem seu potencial, decidirem suas ações, brincarem, dialogarem em rodas diárias.

---

<sup>2</sup> <http://www.summerhillschool.co.uk>, 2016.

## Te-Arte

Figura 11 - Escola Te-Arte



Fonte: (Band, 2014)

A Te-Arte foi fundada em 1975, no bairro de Perdizes pela educadora Thereza Soares Paganini. Therezita, como é mais conhecida, hoje está localizada no bairro do Butantã, em São Paulo- SP e atende crianças dos dois aos sete anos, cuja proposta é de ser um espaço para o livre desenvolvimento da criança, para ela viver seu corpo através da experimentação concreta de todos os sentidos. Nessa escola, não há separação por idades e as crianças aprendem a se constituir enquanto sujeitos em um ambiente com muita natureza, privilegia-se o brincar usando como elementos e referência a natureza, a arte e a cultura popular.

A Te-Arte acredita que a educação infantil deve ser vivida de maneira plena, intensa, livre. É preciso, segundo ela, proporcionar à criança o contato com a natureza e seus elementos: ar, terra, fogo e água. Essa sua concepção de educação infantil valoriza a infância como momento único, que deve ser vivido como tal (BUITONI, 2006).

O espaço físico da escola dispõe de um quintal com um jardim, animais e o pomar, que se tornam as salas de aula, o lugar aonde a criança vai para brincar sem horários rígidos e rotina programada, vivendo as experiências de uma maneira mais livre.

Tudo é arte na Te-Arte, no agir de cada criança, mas uma arte que parte do próprio corpo, como o lidar com o jardim, com a flor, o correr, o pular, os obstáculos, o brincar. Importante que tanta liberdade não seja confundida com falta de regras ou de supervisão. Monitores experientes estão o tempo todo apoiando as crianças, dando suporte às suas descobertas. “Nossa missão é formar cidadãos conscientes da necessidade de trabalhar o local

onde vivem para transformar. Pessoas independentes, que para o resto da vida pretendam se conhecer de dentro para fora.” (PAGANINI, T. Idealizadora da Te-Arte)

Multiculturalidade é uma marca da Te-Arte, o erudito e o popular, a cultura da cidade e do campo das varias regiões do Brasil, a cultura indígena, a cultura da America Latina, a cultura européia, a Africana, estão presente no dia da dia em cada objeto daquele mundo contido no espaço de um quintal. Também elementos de várias religiões convivem em música dança e comemorações (BUIIONI, 2006, p.273).

A Te-Arte sempre foi uma inspiração e referência para nós como uma das escolas que oferecia um espaço de liberdade e magia. Assim como na escola Aldeia, a criança pode se expressar livremente; são respeitados seu tempo, seu jeito, seus limites, ao mesmo tempo em que são estimulados o bom convívio e a interação social. O desenvolvimento acontece através das brincadeiras, valoriza-se o contato com a natureza, as brincadeiras, as artes, a convivência, garantidos pelo cuidado e profissionalismo dos educadores, criando um ambiente fértil para o pleno florescimento da criança.

### Escola da Ponte

Figura 12 - Escola da Ponte



Fonte: (Nós Cidadãos, 2015)

É uma Instituição pública de Portugal, fundada em 1976, idealizada pelo educador José Pacheco, influenciado pelos pensamentos de Paulo Freire e Celestin Frenet, compreende que o percurso educativo de cada estudante supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e um relacionamento solidário com os outros.

Foi inserida no sistema público de educação e localizada no município de Santo Tirso (próximo à cidade do Porto). A Escola da Ponte não adota um modelo de séries ou ciclos. Os estudantes de diferentes idades se organizam a partir de interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. Os grupos se formam e se desfazem de acordo com os temas e a partir das relações afetivas que estabelecem entre si, os que sabem mais determinados assuntos ensinam uns aos outros.

Ao invés de séries e turmas pré-determinadas, os alunos se organizam a partir de interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. O processo de aprendizagem é acompanhado por um tutor, que pode ser qualquer um da comunidade escolar (professor, funcionário ou pais). O modelo pedagógico da escola almeja formar pessoas autônomas, responsáveis, solidárias, mais cultas e comprometidas<sup>3</sup>.

Segundo Rubens Alves (2000),

Podemos dizer que a Escola da Ponte é uma Comunidade educativa profundamente democrática e auto regulada.

Democrática no sentido de que todos os seus membros concorrem genuinamente para a formação de uma vontade e de um saber coletivo. Auto regulada no sentido de que as normas e as regras que orientam as relações sociais não são impostas mas são regras próprias decorrentes das necessidades sentidas por todos.

Um único espaço, partilhado por todos, sem separação por turmas, sem campanhas anunciando o fim de uma disciplina e o início da outra. A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam. Não há competição. Há cooperação. Ao ritmo da vida: os saberes da vida não seguem programas. É preciso ouvir os "miúdos", para saber o que eles sentem e pensam. É preciso ouvir os "graúdos", para saber o que eles sentem e pensam. São as crianças que estabelecem as regras de convivência: a necessidade do silêncio, do trabalho não perturbado, de se ouvir música enquanto trabalham. São as crianças que estabelecem os mecanismos para lidar com aqueles que se recusam a obedecer às regras. E assim vão as crianças aprendendo as regras da convivência democrática, sem que elas constem de um programa

A Escola da Ponte também foi uma referência para nós, no âmbito social, político e educacional. No que tange à semelhança com Escola Aldeia: as crianças aprendem com liberdade, vivenciando cada experiência, em um ambiente solidário, harmônico e cooperativo, em que todos aprendem e todos ensinam. Sendo assim, sentem prazer em aprender e a se desenvolverem.

---

<sup>3</sup> <http://www.escoladaponte.pt/novo/>, 2016.

## Escola da Vila

Figura 13 - Escola da Vila



Fonte: (Escola da Vila, 2016)

Originada em 1980, a partir da criação de uma escola considerada pioneira no Brasil, a Criarte, fundada em 1972 e dissolvida em 1979, a Escola da Vila foi desdobrada junto com a Escola Novo Horizonte.

A escola da Vila, dissidente da escola Criarte, era tida como a escola alternativa a ser seguida como modelo, em vista dos sucessos que vinha tendo, tanto a nível de proposta pedagógicas como administrativa. Além disso a Escola da Vila contava com educadores de peso como era o caso de Madalena Freire, filha do pedagogo Paulo Freire, sendo a pessoa que dava mais prestígio a escola. (SÁ, 1995, p.55)

Em 1980, a Escola da Vila iniciou seu projeto pedagógico com o objetivo de educar crianças de 2 a 6 anos e formar professores através de seu Centro de Formação. Seus fundadores, todos professores, compartilhavam o desejo de trabalhar na vanguarda do pensamento sobre educação escolar no país.

As ações de seu Centro de Formação se ampliaram para além dos limites da cidade de São Paulo e, hoje, a Escola da Vila se transformou em um importante centro de referência nacional.

É importante salientar o seu papel na formação de centenas de professores da rede pública e privada por meio do seu Centro de Estudos e o fato de ter-se tornado uma espécie de paradigma de escola construtivista bem-sucedida. Vale dizer que, para nós, essa Escola teve

uma importância singular, pois cheguei a fazer vários cursos de formação enquanto estava na direção da Aldeia. Inclusive o livro de Madalena Freire (1983), que atuava como educadora nesta escola, “*A paixão de conhecer o mundo*”, foi lido por todos os professores da Aldeia na época.

O projeto pedagógico da Escola da Vila se organiza a partir de três valores essenciais – conhecimento, cooperação e autonomia; três aspectos fundamentais na construção de personalidades que acreditam na estreita relação entre conhecimento e transformação social e cultural, cooperação e construção de comunidades solidárias e sustentáveis, autonomia e desenvolvimento de relações democráticas<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> <http://www.vila.com.br> , 2016.

#### 4. (RE)CONHECENDO A ESCOLA ALDEIA

Figura 14 - Escola Aldeia - Crianças brincando no parque (1982)



Fonte: Acervo da Autora

“Senti que o tempo é apenas um fio. Nesse fio vão sendo enfiadas todas as experiências de beleza e de amor por que passamos. Aquilo que a memória amou fica eterno.” (ALVES, 2010)

A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança do desenvolvimento humano neste período; pois ela é a representação autoativa do interno – representação do interno, da necessidade e dos impulsos internos. A brincadeira é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana como um todo – da vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem a fonte de tudo que é bom. A criança que brinca muito com determinação autoativa, perseverantemente até que a fadiga física proíba, certamente será um homem (mulher) determinado, capaz do autossacrifício para a promoção do bem estar próprio e dos outros. Não é a expressão mais bela da vida da criança neste momento, uma criança brincando? – uma criança totalmente absorvida em sua brincadeira? – uma criança que caiu no solo tão exausta pela brincadeira? Como já indicado, a brincadeira neste período não é trivial, ela é altamente séria e de profunda significância. Cultive-a e crie-a, mãe; proteja-a e guarde-a, pai! Para a visão calma e agradável daquele que realmente conhece a Natureza Humana, a brincadeira espontânea da criança revela o futuro da vida interna do homem. As brincadeiras da criança são as folhas germinais de toda a vida futura; pois o homem todo é desenvolvido e mostrado nelas, em suas disposições mais carinhosas, em suas tendências mais interiores (FROEBEL, apud ARCE, 2002, p. 60-61).

A escola “Aldeia Recreação Infantil” foi fundada em 1980 e nasceu do desejo de oferecer uma vivência educativa ampla, inovadora e diferenciada para as crianças da cidade de Araraquara - SP. Instalada num local privilegiado, com extensa área verde, propiciou o desenvolvimento de atividades com hortas, com animais, jardinagem, culinária e teatro.

Era uma Escola particular que atendia um público, em sua maioria, da classe média, com crianças na faixa etária de 1 a 6 anos; primava por ser uma escola inclusiva, atendia alguns bolsistas, oriundos de classes menos favorecidas e recebia algumas crianças especiais. Ressalto o termo inclusão no aspecto mais amplo de tratar todos com o mesmo respeito e direito, sem excessão.

Nesse momento histórico, as famílias da classe média, buscavam novos modelos educacionais em consequência do declínio da escola pública em relação à formação do cidadão.

A Aldeia integrava uma equipe de 22 pessoas, sendo 1 secretária, 1 responsável pela limpeza, 1 coordenadora pedagógica, 1 administradora, 18 educadores, sendo 9 professores e 9 assistentes. Parte desses educadores cursavam Pedagogia, sendo que o critério de seleção priorizava mais as pessoas que compreendessem a importância da proposta pedagógica e que tivessem abertura e flexibilidade para trabalhar nesse sistema, do que propriamente sua formação acadêmica. Contava com uma organização aberta, participativa e cooperativa, com a missão de buscar uma vivência coletiva que integrasse as necessidades da Escola, das crianças e das famílias.

Vale destacar o fato de que, nesse período, o atendimento às crianças de 0 a 6 anos ainda não era reconhecido pela Constituição Federal, tornando-se um dever do Estado e um direito da criança do ponto de vista legal a partir 1988 (BRASIL, artigo 208, inciso IV da Constituição Federal). Essa determinação foi reafirmada pela a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº9.394, promulgada em 1996. Tanto que, nessa época, contávamos com poucas creches da Prefeitura na cidade de Araraquara.

Tratava-se de uma ação educacional de vanguarda, numa época em que a ideia de práticas sustentáveis na educação não era contemplada pelo currículo escolar. Primava fundamentalmente pelo respeito ao desenvolvimento integral da criança no seu processo de aprendizagem e estimulava o seu contato direto com os elementos da natureza, como: os ciclos, as estações, as plantas, o solo, a água, os alimentos, os animais e desenvolvia atividades que incluíam todo um sistema integrado de vivências práticas da vida, além de criar conexões entre a criança e a terra.

Nela, a criança era respeitada em sua liberdade de expressão e sua individualidade era valorizada em todas suas manifestações. Valia-se de todo e qualquer material expressivo que não delimitasse a comunicação, mantendo a criança livre para usufruir de todo seu potencial criativo. Todos os desenhos e expressões artísticas tinham que ser inspirados pelas próprias crianças e cabia ao professor, como observador, incentivá-los, para que sua criação ganhasse forma e vida.

*- A proposta da Aldeia era baseada na educação pelo sensível, através da experiência da criança com o mundo (a matéria e os materiais; o pensamento e a criatividade; o seu mundo próprio e o mundo coletivo). O educador era visto como um acompanhante, e não como um mestre. A pedagogia não era diretiva, mas acreditando que a criança sabe do que necessita, o papel do adulto era de saber / aprender a ouvi-la, respeitando sua identidade. O aprendizado pelo brincar, pela experiência, o contato com a natureza e a compreensão dos ciclos, o desenvolvimento da criatividade livre pelas artes, o respeito pela identidade e pelas diferenças, o viver em grupo. A brincadeira era considerada atividade primordial da criança, e nesse sentido, como coisa muito séria. Através da brincadeira a criança entrava em contato com sua identidade, com o ambiente e com o outro. A brincadeira era um modo de apre(e)nder o mundo (Claudia Cavicchia, professora Aldeia, 2017).*

*- Uma escola voltada para a infância através da experimentação e vivenciadas pelas crianças para aprender e ampliar o contato com as artes, com as ciências através da horta, do contato com os animais, da cozinha experimental, das diferentes expressões como teatro, a música, o jornal, os jogos e brincadeiras, as aulas passeio. Uma escola com uma proposta pedagógica avançada para a época e ao mesmo tempo tão atual (Eloina Barbosa Leal, professora Aldeia, 2017).*

Haviam salas temáticas como: Música, Artes, Casinha de Boneca, Cozinha Experimental, Jogos criativos; Oficina de criação. A seguir, as descrições das salas temáticas:

**Música:** A música era utilizada em todas as atividades como um elemento de conexão com a alma, propiciando a vivência de diferentes estados de humores, do estímulo corporal e contemplava a dança, o canto, o estado de relaxamento e a meditação.

Além dos instrumentos comprados, haviam outros feitos de sucatas, como a casca do côco seco, sementes, madeiras em diferentes tamanhos, entre outros; construídos pelas próprias crianças.

*- Na Aldeia tínhamos muita música, com sucata, batendo panela, coco, tinha uma sala de música, lembro muito... Essas atividades com certeza tiveram influência hoje na minha vida. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

A música, na cultura tradicional da infância, faz parte de um organismo maior, vivo, constituído pelo brinqueado, cujas dimensões são: a palavra, a música, a movimentação, o caráter, a relação com o outro. Todas essas dimensões não existem separadamente para a criança, tudo faz parte de um todo indivisível.

A música é indutora da atividade motora, afetiva e intelectual em razão de seus elementos constitutivos – ritmo, melodia, harmonia, timbre –, de seus parâmetros formadores – duração, altura, intensidade, densidade, textura – e de seus movimentos sintáticos e relacionais, todos com poder de co-mover o receptor que, na escuta, acaba por responder afetiva, intelectual e corporalmente a esses elementos de “comunicação” postos em jogo por ela, música (SEKEFF, 2007, p. 42 – 43).

Por entender que a música ajuda a harmonizar e equilibrar o processo respiratório, físico, anímico e social entre outros benefícios, tínhamos como objetivo dar vazão à musicalidade latente em cada um e propiciar momentos de escuta, de valorização do silêncio, de apreciação das músicas de várias culturas, incluindo as canções tradicionais da cultura popular brasileira, cirandas, parlendas, cantigas de rodas, a experimentação e a criação. E, ainda, desenvolver a consciência corporal utilizando o corpo como instrumento. A sonorização de histórias também era um recurso para enfatizar as emoções. (Figura 15) Vale ressaltar que a música, assim como a arte e por fazer parte desta, era contemplada em quase todas as atividades desenvolvidas na escola, não se detendo apenas a um ambiente.

*- Música, me lembro de muitas músicas, a gente fazia roda de músicas, me lembro o Balão Mágico, de cantigas de roda, lembro da forma de roda, a gente em roda com músicas. O papel da Escola é muito importante, pois não tenho memória na minha casa de ter música, as lembranças de todos estes aprendizados foi na escola. Todos os aprendizados de Artes, foi na escola. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Figura 15 - Escola Aldeia - Crianças tocando instrumentos (1980)



Fonte: Acervo da Autora

Uma música com movimento, aliada à representação e a uma geometria no tempo. É uma música no corpo, próxima ao outro, com o outro, movida pura e simplesmente pela livre vontade de brincar. É a cidadania plena, por índole e direito, sensível e inteligente. Sua prática proporciona o exercício espontâneo da música em todas as suas dimensões, mesmo que de forma elementar, e se constitui, por si mesma, a base de uma educação do sensível e pressuposto fundamental da identidade cultural. (HORTÉLIO, 2012, s.p.)

**Sala de Sucata:** Esse espaço era equipado com a colaboração da família, que trazia de suas casas os mais variados materiais, propiciando, assim, o desenvolvimento de atividades multisensoriais que contemplavam: a forma, o tamanho, as cores, a textura e as infinitas possibilidades de criação de objetos sonoros, brinquedos, jogos, experiências na área da física e química e a livre manipulação imaginativa. Caixas de diferentes tamanhos, latas, botões, tubos, carretéis, tampinhas de garrafas, tubos de papel, tubos de pvc. Além do oferecimento de objetos rústicos naturais, tais como pinhas, sementes de vários tamanhos, tocos de madeira de vários tamanhos e formas, conchas, pedras, raízes e tudo que poderia estimular a fantasia da criança, que logo encontraria uma “utilidade” para suas criações.

Além de servir como material didático, essa proposta visava sensibilizar os pais quanto à questão cultural do consumo irrefreado e seus impactos sobre a natureza, e apontar para outras possibilidades de criação de brinquedos, outros que não os industrializados.

As crianças, esses seres em constante criação e transformação, merecem de nós o não pronto, o não estruturado, para poderem se sentir respeitadas como produtores de conhecimento, de cultura, de imagens e poesia. Oferecer sempre

o já imaginado, o fechado para novas possibilidades, e sem espaço para a criação, é deixar claro que não acreditamos no seu potencial criador e, assim, que estão longe de conseguirem criar algo interessante. Quando possibilitada de reunir materiais com características flexíveis e mutáveis, as crianças revelam gestos e formas de uma estrutura imaginária que dá base para o mais humano de si. Mostram seus saberes e necessidades genuínas através da conversa com esses materiais que lhes permitem estar no protagonismo da ação. Uma valorização estruturante que lhes abre o canal do ousado, do imprevisto e da experimentação, fundamentais no processo de potencializar-se (MEIRELLES, 2009, s.p).

Atualmente, a indústria de brinquedos tem se utilizado das crianças como objeto de consumo. O imaginário das crianças é manipulado através da mídia, que as leva a conviverem com um mundo adulto infantilizado, criando uma ruptura com a essência do brincar.

Os brinquedos industrializados, na sua maioria, são descartáveis, propiciando uma concepção das relações também descartáveis. Muitos promovem o comodismo, pois já vêm prontos, não exigindo nenhuma criação por parte da criança, outros não fazem parte da nossa cultura e ficam destituídos de sentido.

*- Não era sistemático, no passado as pessoas buscavam algum sistema, mas, na época, a própria Aldeia buscava a criatividade. Uma coisa que eu lembro, algumas aulas, a gente não podia levar brinquedo, a gente fazia com sucata, por exemplo, rolo de papel higiênico, fazia brinquedo com macarrão. Não levava brinquedo pronto (Rodrigo Gatti, 2016, ex-aluno).*

**Sala de construção:** brinquedos pedagógicos, jogos de madeiras, como quebra-cabeça, dominó, pinos, tijolinhos, jogo de memória, alguns construídos por eles, outros comprados. Realizávamos experiências com tubos de ensaios, entre outras atividades científicas.

*- Era um sala de laboratório de química e física, um brinquedo de tubo de ensaio, a gente fazia experiências, tinha um brinquedo de tubo de ensaio, fazia muito sucesso, me lembro bem (Aluisio Baracat, 2016, ex-aluno).*

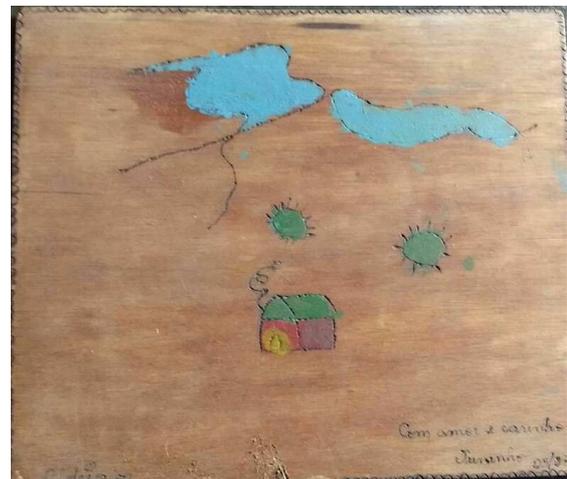
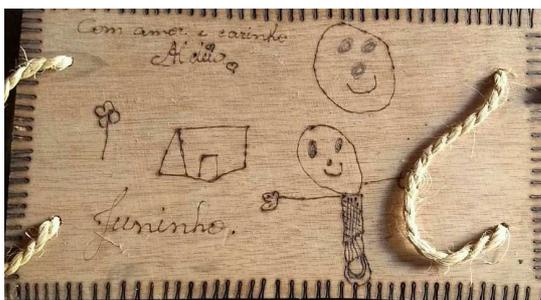
**Artes Integradas:** Localizada na área externa, a sala de artes tinha a função multiuso, onde as crianças desenvolviam atividades com argila, pintura, desenho e teatro.

Utilizávamos a arte em todas as atividades da Aldeia, no brincar, na imaginação, na areia, na casinha de bonecas, enfim era um espaço que oferecia à criança a oportunidade de criar e expressar sua arte em todos os parâmetros. Pois a arte pode ser uma ferramenta fundamental:

Ao dar livre curso às expressões das imagens internas, o indivíduo, ao mesmo tempo em que as modela, transforma a si mesmo. Ao conhecer aspectos próprios, ele se recria, se educa e, sobretudo, pode experimentar inserir-se na realidade de uma maneira nova. A pintura, o desenho e toda expressão gráfica ou plástica, bem como a música, a dança, a expressão corporal e dramática formam um instrumental valioso para o indivíduo reorganizar sua ordem interna, e ao mesmo tempo reconstruir a realidade. (ANDRADE, 2000, p.125)

- *Lembro muito de desenho livre, da pintura a dedo, adorava pintar, tenho ainda trabalhos em casa, tenho uma desenho pirografado na madeira. Lembro da argila, lembro muito, aquela massa que ficava na mão, tenho um trabalho de argila daquela época (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno). (Figuras 16, 17).*

Figuras 16 e 17 - Atividades com pirógrafo em madeira. (1982)



Fonte: (Antonio Carlos de Avelino Junior)

- *Este tipo de atividade me lembro fazendo, com pirógrafo (...) o que me marcou mais forte foi as atividades artísticas, lembro de contar histórias, da música. Eu acho que tem a ver com esta ideia do livre, de uma liberdade, de uma criatividade que permanecem até hoje (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).*

- *Lembro muito de desenho, de sentar no chão, fazendo desenho, argila, são atividades que eu lembro. Muita arte, brincar, música, a gente ensaiava no teatro música para apresentar. Eu acho que esta relação com a Escola, natureza, horta, Artes, Música, ficou muito mais desta primeira infância do que nos outros anos porque não me lembro destas atividades em outra escola. Era uma escola feliz... Música, dança, correndo, cantando. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna). (Figura 18).*

Figura 18 - Pintura coletiva na área externa da escolar (1982)



Fonte: Acervo da Autora

Não há praticamente nada mais eficaz que as artes (as artes visuais, a música, as artes cênicas) para desenvolver e refinar a capacidade natural de uma criança de reconhecer e expressar padrões. Assim, as artes podem ser um instrumento poderoso para ensinar o pensamento sistêmico, além de reforçarem a dimensão emocional que tem sido cada vez mais reconhecida como um componente essencial do processo de aprendizagem. (CAPRA, 2006)

Várias técnicas eram utilizadas na manipulação de diferentes tipos, texturas e tamanhos de papel para gerar criações individuais ou coletivas. Bonecos de papelão, colagem, entre outras criações. O teatro também estava incluso:

O teatro, também conhecido como jogo de papéis, constitui-se no maior jogo de faz-de-conta, no qual os atores brincam de serem outros, representam, simbolizam, transformam-se, assumem personagens e expressam suas verdades e suas dúvidas. (FRIEDMANN, 2014 p. 49)

Havia um palco de teatro e um baú cheio de fantasias (de animais, panos e peças que os pais traziam de casa como roupas exóticas, colares e panos). Serviam de estímulo para as criações cênicas (figura 19). Tinham liberdade de criarem suas próprias histórias. Normalmente, além das apresentações em festas temáticas, criavam cenas para as comemorações de aniversário.

Figura 19 - Pintando as crianças no palco de teatro



Fonte: Acervo da Autora.

Fazer uso da arte e da criatividade para dar nova forma e cor às coisas do mundo, expressando sentimentos e novos significados – eis uma ferramenta de trabalho que não poderia faltar em um projeto voltado para o relacionamento das crianças com a natureza. A arte devolve a liberdade à alma e leva à concretização das necessidades do ser humano. (ARCURI, 2004)

Desenvolvíamos a modelagem com argila e visitávamos com frequência uma olaria que, além de fornecer a argila, queimava as obras feitas pelas crianças que ali tinham a oportunidade de conhecer todo o processo de feitura e de transformação do barro em peças de cerâmica, a manipulação do torno, o tempo para queimar, etc.

*- Lembro dos trabalhos de argila, que a gente fazia e que depois ia pro forno e voltava pronto durinho, eu achava o máximo. Lembro de uma coisa que eu adorava que era o pirógrafo, que até hoje eu tenho um quadrinho que fiz com pirógrafo, lembro muito dos trabalhos manuais (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

Assim, pela nossa experiência e pelos aportes teóricos utilizados nesta pesquisa, concluímos que:

A arte, seja ela qual for, é um canal de expressão que se utiliza de diferentes técnicas, instrumentos e materiais para trazer nossos sentimentos, nossa alma, nosso momento específico. A arte é uma forma de brincar e o brincar é uma forma de arte. (FRIEDMANN, 2014, p.53)

**Casinha de boneca:** Construída com alvenaria, contava com muitos detalhes e apetrechos como panelinhas, utensílios de cozinha, vassourinha, rodinho entre outros que permitiam as crianças criarem e vivenciarem suas histórias. Era o lugar preferido das crianças que, nas horas livres, brincavam e imitavam frequentemente os padrões familiares, o que nos servia de base para uma maior proximidade e compreensão do cotidiano vivido por elas (figura 20).

Figura 20- Casinha de boneca (1980)



Fonte: Acervo da Autora

- *Brincar de casinha, eu adorava entrar, sair, tinha um tanque do meu tamanho, era pra criança, aquela porta, enfim lá era um espaço muito apropriado pra brincar, amava. Eu não tinha em casa um espaço para criança. Era esse brincar aprendendo que era bem bom que não tem nada a ver em sentar e abrir uma apostila, enfim, não tem nada a ver então ficou isso (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

- *Casinha de boneca, eu adorava brincar na casinha. Aprontando, lembro que a gente se escondia pra não entrar na sala, correndo atrás do outro... (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

- *Lembro da casinha, tenho muita memória da casinha, a gente brincava muito de fazer comidinha (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

**Horta:** Tínhamos um espaço dedicado à horticultura, onde plantávamos diversas espécies de verduras, legumes e ervas. Este espaço foi posteriormente ampliado de modo que em todos os canteiros de terra plantávamos árvores, cultivávamos flores. Aprendendo assim a importância do solo, da água, do vento, dos ciclos. As crianças acompanhavam o desenvolvimento das sementes ou mudas e eram responsáveis pelos cuidados necessários para sua manutenção. (figura 21)

Figura 21 - Plantando árvores (1983)



Fonte: Acervo da Autora

Na jardinagem, integramos os ciclos alimentares naturais nos nossos ciclos de plantar, crescer, colher, descartar e reciclar. Através desta prática, aprendemos também que o jardim como um todo está integrado a sistemas maiores que são, novamente, redes vivas com seus próprios ciclos. Os ciclos

alimentares interseccionam-se com esses ciclos maiores, ou seja, os ciclos de água, estações, e assim por diante, formando em conjunto a cadeia de elos da rede de vida planetária. (CAPRA 2006, p.89)

*- Lembro da horta, de plantar, colher, tínhamos uma relação ali, não era só que alguém cuidava e a gente estava alheio, lembro das coisas da alimentação, a gente cuidava, participava de tudo (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Estas atividades marcaram sobremaneira a memória de muitas crianças, pois achavam mágico o crescimento do milho, da cenoura, que se transformava em receitas saborosas nas aulas de culinária ou nas refeições coletivas.

*- Lembro de como vocês lidavam com a questão da terra, com a questão do cultivo, eu lembro de cenoura, da gente pegando a cenoura, e eu tenho na minha memória, a gente ficava regando, a gente via aquilo crescer, a gente brincava muito, tanto que eu falei que eu não me recordo muito da sala de aula. O que a gente planta a gente vai comer, a cenoura foi fantástico. Quando me lembro da cenoura, aquela descoberta, e aquilo a gente fez, porque a gente plantava, colocava água pra crescer e colher aquela cenoura era mágico pra mim. A horta nos ensinava a plantar, nos ensinava a cuidar, foi uma semente plantada lá que nos fez adultos mais preparados. A culinária prepara a criança pra vida, lembro muito destas atividades (Luisa de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

Plantávamos periodicamente árvores frutíferas e nativas, abordando a importância fundamental das florestas e das árvores em nossas vidas como fonte de alimento, energia, água, entre tantos outros. Algumas plantávamos no próprio espaço da escola, algumas vezes em vasos.

*- Foi uma época muito boa, lembro da horta, dia da árvore, de plantar árvores, de regar, cavocar plantar, sujava a mão de terra, cuidava das plantas, ensinavam a plantar (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno). (Figura 22).*

Figuras 22 - Plantando árvore (1983)



Fonte: Acervo da Autora

Uma sala de aula apropriada para criança é a horta da escola. Por religá-las aos fundamentos básicos da comida – na realidade, com a essência da vida – ao mesmo tempo em que integra e enriquece praticamente todas as atividades escolares. Quando a horta da escola passa a fazer parte do currículo, aprendemos sobre os ciclos alimentares, por exemplo, e integramos os ciclos alimentares ao ciclo do cultivo, colheita, elaboração de alimentos, compostagem, reciclagem. Por meio desta prática, descobrimos também que a horta da escola esta embutida também em sistemas maiores que são teias vivas com seus próprios ciclos. Os ciclos alimentares se cruzam com estes ciclos maiores, da água, das estações, e assim por diante, todos formando conexões na teia de vida planetária (CAPRA, 2006, p.14)

**Cozinha:** Construída de forma adequada ao tamanho das crianças, era utilizada para aproximá-las do universo alimentar, propiciando a manipulação e o conhecimento da origem, da forma, das cores e sabores dos alimentos. Elaborávamos receitas saudáveis que somavam os ingredientes produzidos na nossa horta a outros trazidos por eles. O viver a experiência de todo o processo de fazê-lo, são momentos de saber que possibilita a elas o pertencimento. A sociedade em que vivemos nos convida, diariamente, para afastarmo-nos dos processos das

coisas para experimentá-las prontas. Essas experiências marcaram a lembrança de muitos alunos:

*- Lembro que a gente ia na cozinha, fazia bolachinha de goiaba, toda semana tinha uma receita que a gente levava pra casa, única época que lembro de cozinhar na minha vida... agora quando vou fazer alguma coisa, lembro de uma sementinha plantada naquela época... A cozinha eu adorava, as receitas que tenho até hoje, tenho muita memória... que levávamos talvez uma vez por semana pra casa, eu sempre queria fazer em casa. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna)*

*- A gente fazia muita culinária, na cozinha, colhia a mandioca da horta. Até hoje eu trago esta paixão comigo pela culinária, adoro cozinhar, acho que foi daí, então tenho muitas memórias boas. Adoro cozinhar. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno)*

*- A coisa de fazer comida, eu lembro que vocês mandavam uma receitinha depois um pouco do que fazíamos, eu sentia muito prazer com este tipo de atividade... a comida tem uma preparação, tem o cuidado, acho que é um valor, que faz diferença, não é só saúde, isso interfere nas relações, na maneira de se relacionar. (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluno)*

*- De novo a Bolachinha, eu lembro desta coisa, todo mundo junto, então também tinha um coletivo ali, neste momento da cozinha, de fazer que nossa, todo mundo fazia junto, lembro de todos com garfinho, a massa de enrolar, fazíamos uma cobrinha, cortar e amassar com garfinho. Eu sou “docenta”, lembro muito da bolachinha de nata. Eu amo até hoje e a massa..., é a coisa da massa, enrola, escultura, argila, é uma coisa que eu adoro, moldar com as mãos o que for, acho que a bolachinha também tinha isso, não era só o comer, era uma experiência toda ali. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna)*

Os valores saudáveis dessa experiência eram extensivos à família que recebia uma mostra dos quitutes elaborados, junto com as receitas escritas, para que pudessem ser repetidas em casa.

*- Participei muito como mãe na Aldeia, nós trabalhávamos com o lanche, a gente ia algumas vezes, auxiliar a fazer lanchinho. Uma coisa que foi muito importante da Aldeia pra vida dos meus filhos e da minha casa foi a introdução de uma alimentação mais natural, eu nunca pensei*

*introduzir na minha casa o açúcar mascavo, que passou a ter por causa da proposta da Aldeia de ter uma alimentação mais saudável e mais natural. (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012)*

### **Animais**

A Escola tinha ainda alguns animais como coelhos, tartarugas, patos, gato e cachorro. Era um grande atrativo e uma forma de possibilitar um vínculo afetivo no processo de integração e aprendizado. O contato com os animais permite uma vivência mágica e preciosa para a criança, possibilita uma relação fraterna e comunicativa, principalmente quando há diversidade de espécies. É notável as observações de suas naturezas específicas, como ritmo, comunicação, ação, permeando a identificação, a observação e o toque. Em muitos casos propicia a superação de medos incultidos desde cedo em ambientes familiares (tipo quais?), além de inúmeros benefícios que essas relações trazem no cotidiano da escola, como as brincadeiras que se expressam em diferentes linguagens (Figuras 23, 24).

Figuras 23 e 24 - Crianças brincando com animais (1983)





Fonte: Acervo da Autora

A criança pequena está com seus sentidos todos muito abertos para o mundo que elas vão descobrir. Em um ambiente natural, a criança está cercada de estímulos que proporcionam que ela descubra o mundo enquanto se descobre.

Segundo Richard Louv (2016), ambientes naturais são essenciais para um desenvolvimento saudável da criança, porque esses estimulam todos os sentidos e integram a brincadeira à aprendizagem. Experiências multissensoriais em ambientes naturais ajudam a desenvolver estruturas cognitivas necessárias para um desenvolvimento intelectual.

*- Os animais, o coelhinho, a tartaruga, a horta, estar na cozinha, era muito legal pra mim, não percebia na época, mas agora fazendo um link eu gostava de reproduzir o dia a dia, digamos assim, mas brincando, né, aquela coisa de brincar de boneca, acho que eu brincava de ser gente grande acho... não sei... (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

Figura 25 e 26 – Crianças observando os coelhos (1983)



Fonte: Acervo da Autora

*- Em termos de natureza eu acho que o que me marcou foi os bichos, os coelhos, da horta, mas mais dos bichos, de histórias que aconteceu com os eles... Minha mãe costuma falar que eu fiquei fanática por bichos, gato, cachorro, por culpa da Aldeia, porque eu lembro que lá a gente falava que os animais eram seres vivos, lembro deste termo (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

Sempre demos muita importância ao brincar livre, tanto no tanque de areia como nas brincadeiras imaginárias, embaixo das árvores, as cabanas para os animais, os balanços, os pneus, as corridas no campo de futebol, no parquinho, no jardim, na horta; aos professores e educadores cabiam incentivá-las, sem interferir na liberdade e criatividade espontânea inata dessa fase de desenvolvimento. Brincar, para a criança, implica muito mais que a própria ação. Durante o ato de brincar, podemos conhecer a criança, suas emoções, a maneira como ela

interage com seus colegas, seu desempenho físico-motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico e sua formação moral.

O brincar nasce no corpo, e o corpo é natureza. A criança, antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar sua relação com o mundo. A criança evidencia a presença do pensamento corporal e sensorial como formas de interagir com o mundo e conhecê-lo. Nossos sentidos assimilam, produzem e são continentes de conhecimentos significativos da nossa existência. Lembremos, como afirma Schiller, que “o impulso sensível começa a trabalhar antes do racional porque a sensação precede a consciência; e é nessa prioridade do impulso sensível que encontramos a chave de toda a história da liberdade humana. (HORTELIO, 2016)

### **Comunidade Escolar**

A Aldeia oferecia tempo para a diversão, o convívio, a alegria e a fraternidade se instaurarem. Por contar com um ambiente familiar, acreditamos que, para muitos pais, foi uma oportunidade de se integrarem no processo educativo de seus filhos com participação e acompanhamento dos conceitos que buscávamos desenvolver, permitindo uma comunidade feliz e harmoniosa.

Nossas festas eram famosas por proporcionarem vivências inusitadas para os pais. Em uma delas, no dia das Mães, preparamos 3 opções de atividades envolvendo o Teatro, as Artes e a Culinária, para que a mãe e seu filho(a) pudessem optar por uma delas e no final apresentassem os resultados para os participantes. Essa proposta visava a aproximação das mães com os seus filhos, fato que raramente acontecia em seu cotidiano. Foi emocionante ver o resultado dessas interações e os relatos narrados pelas mães.

No dia dos Pais, fomos a uma chácara onde cada pai tinha que fazer uma pipa para ele e para seu filho(a). Muitos pais relataram que nunca haviam feito uma pipa antes... Foi simplesmente maravilhoso ver a interação entre pais e filhos manifestada num céu forrado de pipas coloridas (figura 27).

Figura 27 - Pais soltando pipa com os filhos (1984)



Fonte: Acervo da autora

*- Dia dos pais, não era aquelas festas que as crianças ficavam dançando que nem um robozinho, lembro de uma festa dos pais, que era o dia da Pipa, uma festa muito legal, que os pais tinham que levar a seda, leva o bambu, montava junto com os filhos e ficava soltando as pipas e sempre tinha estas coisas bacanas (...) Lembro da festa da pipa que a gente foi num local que era o dia dos pais, os pais e os filhos fizeram a pipa no local, lembro do céu bem repleto de pipa com bastante crianças, foi um momento bacana, diferente do que se possa ter. (Rodrigo Gatti, 2016, ex-aluno)*

No mesmo evento, com o intuito de promover um contato mais íntimo entre pais e filhos, foi proposta uma atividade sonora corporal entre pais e filhos, cuja vivência foi permeada pelo toque e o movimento.

- Uma coisa que me traz sempre na memória eram as festinhas que integravam os pais com as crianças e professores. Lembro também da parte social, da convivência com os amigos, aprendizados, estes encontros, eram muito legais. Lembro da corrida com os pais de andar em cima do pé do pai. Essas oportunidade de estar mais próximo com os pais eram importantes. (André Nigro, 2017, ex-aluno) (figura 28)

Figura 28- Pais vivenciando movimentos e brincadeiras (1984)



Fonte: Acervo da Autora

- Eu tenho uma memória fotográfica, lembro de várias festas, a “Festa do sorvete”, tinha morango e chocolate, “Festa da Bicicleta”, você aprendia os sinais vermelho, amarelo, verde. Festa da pipa, né? Era muito bons tempos, lembro que tinha um senhor que tocava violão para os alunos, lembro de uma vez que minha mãe foi lá ensinar a escovar os dentes (Aluisio Baracat, 2017, ex-aluno).

- Era uma proposta natural, tomavam este cuidado em todas as datas que festejavam, inclusive no Natal, o primeiro Natal da Aldeia foi na Fazenda Salto Grande, me lembro muito bem de uma cena que meu filho estava interpretando um mago, eles interpretaram uma cena de Natal, eu tinha esta imagem na minha cabeça, dele com o chapuzinho de mago, e tudo isso ficou

*muito marcado em minha vida. O carinho de vocês sempre esteve presente (Regina Gatti, mãe, 2012).*

Os pais tinham um papel fundamental nas atividades da Escola, buscávamos, nas frequentes reuniões, aproximá-los dos conceitos que buscávamos desenvolver para que pudessem acompanhar, contribuir e se integrarem na comunidade escolar. Vale ressaltar que tivemos dificuldades por parte de alguns pais em aceitarem a liberdade que oferecíamos para as crianças como, por exemplo, o fato de voltarem “sujas” para casa, sendo motivo de até a saída de alguns alunos. Outro fator que demandou esforço, informações e participação foi a proposta de uma alimentação saudável, para os quais pedíamos para evitar determinados lanches nocivos, mas que, mesmo assim, alguns insistiam em colocar na lancheira de seus filhos. A maioria que nos apoiava passou até a introduzir novos hábitos em suas casas.

## **Equipe**

*“Quando são as crianças que ensinam nós nos tornamos sábios: aprendemos a arte de viver”*  
(ALVES, 1999, p. 199).

Nossa equipe técnica era formada por educadores que se afinavam a essa pedagogia, que, na verdade, era uma nova proposta (sugestão) em que todos éramos aprendizes. Primávamos pelo respeito a liberdade da individualidade de cada criança, principalmente no que se refere a sua expressividade, tanto na comunicação como na arte e ação na vida. A proposta parece ter cada vez mais fundamento na medida em que nos apoiamos em diferentes autores para justificá-la:

Sou de parecer que, por outra parte, o coração do educador deve desempenhar uma tarefa cuja importância mal podemos avaliar devidamente. Recordamos com reconhecimento os professores competentes, mas sentimos gratidão em relação àqueles que se dirigiram ao nosso íntimo. A matéria do ensino se assemelha ao mineral indispensável, mas é o calor que constitui o elemento vital que faz crescer a planta e também a alma da criança. (JUNG, 2008, p. 149)

Diariamente, após as aulas, eram realizadas reuniões de avaliação com os educadores, na qual eram abordadas as questões ocorridas no dia para uma troca de experiência e refinamento da metodologia e ideologia da Escola. Essas reuniões possibilitavam uma análise crítica das nossas ações e promoviam uma integração maior entre o corpo docente, favorecendo

uma construção coletiva e coesa nas expectativas e superação de dificuldades. Afinal, como alerta Freire:

O educador é o sujeito social de sua prática e sua formação deve ser constante e sistematizada; a prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento; o programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular. (FREIRE, 1996 )

*- Uma escola com uma proposta pedagógica avançada para a época e ao mesmo tempo tão atual. Estudávamos muito nas reuniões o trabalho em equipe também era um fator importante. Aprendia junto com as crianças... Aldeia, todos juntos para educar uma criança (Eloina Barbosa Leal, professora, 2017). (figura 29)*

Figura 29- Professores da Escola Aldeia – Encontro 2012



Fonte: Acervo da Autora

Para dar suporte teórico e reflexivo mais amplo a toda equipe da escola, constantemente chamávamos profissionais de várias áreas (Pediatra, Psicólogos, Pedagogos) que colaboravam para uma adequação nas nossas ações diárias. Tendo caráter inclusivo necessitávamos, sobretudo, de orientação para casos específicos que exigiam relevância no encaminhamento de crianças especiais, que nos traziam desafios de comportamento.

Possibilitar um espaço que envolva o respeito e a cooperação; a harmonia biológica e cultural, a confiança e o prazer da convivência, o afeto, a doçura e o amor; a participação, a flexibilidade e a solidariedade; a admiração pela beleza e o mistério da vida, a união e a veneração pela natureza, a criatividade, o conhecimento intuitivo e a dimensão espiritual do ser humano. (GUTIERREZ 2008, p.84)

*- Tudo era muito conversado, tínhamos muitas reuniões onde trocávamos ideias e experiências. Foi um pouco empírico também. A nossa relação com as crianças o tempo todo: não tínhamos grupos de pessoas conversando enquanto as crianças brincavam, brincávamos juntos. Minha palavra, amor. Amor pelo trabalho, amor pela nossa convivência, pelo prazer em ir trabalhar, nossa união e amor; que tive e recebi das crianças, pais e amigas(os) (Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora, 2017).*

A articulação dessas atividades era a fonte de diretrizes para a sistematização de conteúdos que eram trabalhados nas diferentes idades pelos educadores. Fazíamos constantes reuniões com os pais em que apresentávamos conteúdos pedagógicos que vínhamos trabalhando com as crianças e, na sequência, fazíamos reuniões individuais com cada família para apresentar um diário de classe sobre a participação e desenvolvimento da criança.

*- Eu lembro dos registros também, que foram importante depois, acho que eu devia ter 7 anos, já sabia ler e minha mãe ainda tinha guardado os registros da Aldeia, das nossas atividade. Hoje a Denise fez... não sei o quê... Nossa, que trabalho, hein?! Escrever de todos os alunos? Nossa!! Mas era uma coisa consistente a descrição do que a gente tinha feito lá, eu ficava encantada de ler aquilo e saber que era o registro do meu dia a dia, de quando eu era menor. Eu lembro de olhar com curiosidade assim estes registros que ela guardou depois (Denise Zakaib, 2016).*

O registro e a reflexão-ação sempre foram prerrogativas para o desenvolvimento da Escola na medida em que

A escola não deve ser concebida como simples agência repassadora de conhecimentos prontos, mas como contexto e clima organizacional propício à iniciação em vivências personalizadas do aprender a aprender. A flexibilidade é um aspecto cada vez mais imprescindível de um conhecimento personalizado e de uma ética social democrática” (ASSMANN, 2007, p.3).

*- Tivemos momentos de avanço pedagógico sem mesmo nos apercebemos disso, o compromisso e o gosto com que trabalhávamos nos dava esse vanguardismo. Lembro-me de nossos encontros ao fim das tardes, nós, professores nos colocávamos como profissionais discutindo situações reais e efetivas de nossa prática, legitimando nossa ação com o desenvolvimento profissional – e olha que éramos todas iniciantes, acho que isso foi outro ponto importante, todos estávamos muito interessados em aprender. Essa forma de trabalhar era uma excelente oportunidade de desenvolver temas que perpassavam as ações sociais,*

*cognitivas, emocionais e da natureza. O mais importante era a preocupação e o respeito com o desenvolvimento do grupo e do aluno/indivíduo. Lembro até de psicólogas que iam às nossas reuniões, quando necessário. Foi importante e lindo!! (Julia Pimenta, professora, 2017)*

Como diz Paulo Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Assim eram os nossos encontros diários: euma construção coletiva, um laboratório de aprendizado, em que compartilhávamos os sucessos e refletíamos sobre novas possibilidades de caminhos, que eram apresentadas pelas próprias crianças.

*- A relação profissional foi sempre muito sã, nenhuma forma de desrespeito, autoritarismo ou conflito de função jamais existiu. Apesar da liberdade que existia na Aldeia, as funções de cada um eram muito claras e eu jamais me senti desamparada, apesar de minha pouca idade e experiência. Uma experiência totalmente positiva que serviu de base para que eu pudesse acreditar no sucesso das posteriores; que existia um lugar / modo de trabalho coerente e harmonioso para os que pensavam “diferente” (Claudia Cavicchia, professora, 2017)*

A Aldeia primava por ter uma gestão democrático-participativa; valorizava a participação da comunidade escolar no processo de tomada de decisão; concebia a docência como trabalho interativo e apostava na construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola, por meio da dinâmica intersubjetiva, do diálogo.

*- Como eu trabalhava na Unesp, na área da Educação, algumas vezes fui convidada para participar das reuniões pedagógicas. A direção teve o cuidado de encontrar professores que tivessem os mesmos propósitos educacionais, a mesma concepção de educação, sem dizer que tipo de linha teórica, mas sabendo o que queria fazer com uma criança, e estas reuniões se passaram de uma maneira muito informal, como tudo na Aldeia, sentávamos nas cadeirinhas das crianças, às vezes até no chão, fazíamos as nossas discussões, sobre o que seria bom que as crianças pudessem receber de atividades, no aprender através do brincar, do lúdico. As professoras estavam muito engajadas no processo de cuidar, de brincar sem perder a emoção do sorrir e do chorar (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

A participação da família evidencia que a metodologia da Aldeia estava inserida na teoria sistêmica como abrangência a uma educação inclusiva e participativa, em que todos aprendiam, cada qual tecendo suas habilidades, unindo os saberes. Foi fundamental a

contribuição dos pais neste caminho. Como afirma, Capra (2006), precisamos criar comunidades de aprendizado, compatíveis com um sistema vivo, com disposição para o diálogo e inclusão, criando um clima de amizade, benevolência e vínculos. Um contexto educacional que traga sentido a vida, a uma mobilização ao encontro.

## 5. MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA

Figura 30 - Escola Aldeia (1980)



Fonte: (Acervo da Autora)

Falamos de nossas lembranças de quando criança. Falamos também daquilo que não lembramos, mas que é parte de nós e nos deixou marcas. Ainda falamos do que está para além de nossa biografia que é a imaginação. Esta fonte, este reino antigo pertencente à memória coletiva dos homens que se manifesta com conteúdos muito anteriores, além da pouca idade da criança. Ao falarmos da imaginação dissemos que ela se manifesta na infância com muito mais vigor, pois é também responsável por auxiliar nas forças formadoras do corpo e da alma da criança. É tão poderosa que por muito tempo não permite que existam fronteiras entre a criança e o mundo, entre o mundo e a criança. Assim, a imaginação na criança é força criadora, com capacidade estruturadora, construtora e regeneradora. (AIRES, 2012)

A coleta de dados, aqui, feita nos possibilitou penetrar no campo da memória, reviver histórias, redirecionar sensações, fatos significativos, como reconstrução de uma época na qual a fantasia e o descobrimento pulsavam a vida. Seguir neste caminho até ouvir as vozes que trouxeram um alinhavo para cada fato revisado, ouvir a voz do corpo pela descrição vivenciada das emoções e sentimentos que permaneceram como imagens significativas. Diante da magia do encontro, da descoberta do outro, das lembranças revividas e percorridas que, girando tal qual uma ciranda, todos puderam reavaliar, um passado, ainda presente, que possibilitou um conhecimento e reconhecimento de si.

Ao ouvir os depoimentos desses meninos e meninas, hoje adultos, ficamos impressionados com os detalhes resgatados que chegam repletos de emoções, mas também a capacidade crítica que permite a eles avaliarem o que vivenciaram, e o que de valor ficou. Conteúdos riquíssimos que trouxeram vida e voz a esta pesquisa. Como cita Bosi, a memória acorda e ressignifica o presente.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Utilizamos a Análise Textual Discursiva que permitiu ter uma abordagem de constante reconstrução de caminhos. “É um processo em que o pesquisador movimenta-se com as verdades que tenta expressar: um movimento em direção a novos paradigmas, com ênfase na autoria de um sujeito que assume sua própria voz ao mesmo tempo em que dá voz a outros sujeitos” (MORAES; GALIAZZI, 2006). Realizada a partir de um conjunto de dados inicialmente dispersos, essa metodologia sugere uma delimitação rigorosa dos temas mais relevantes à pesquisa que, uma vez organizados em categorias e construídos a partir de um referencial teórico, possibilitam comunicar novos sentidos e significados à mesma. Como cita (LÉVY, 2003, p. 35): “Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações”.

Neste processo de pesquisa e, principalmente durante a análise dos depoimentos, houve uma reconstrução conjunta de parte da trajetória da autora, na qual pôde rever conceitos e desconstruir tendências, em busca de certa neutralidade, para melhor entender o ponto de vista dos narradores, sentir suas emoções, sem, no entanto, buscar uma lógica dos caminhos por eles percorridos, mas sim buscando uma reconstrução dos conceitos que emergiam das suas próprias percepções. Remetendo às palavras de Morin: “As fronteiras são sempre vagas, os conceitos não se definem nunca por suas fronteiras, mas a partir de seu núcleo” (MORIN, 2003, p. 106)

A criança não estetiza o mundo, mas habita, em suas imagens do brincar, a virtude estética, o halo criacional, do qual o homem deixando sua infância, distanciado do poder mágico das imagens, só se beneficiará quando voltar-se à estetização, à esperança. Por isso, como Durand (2002) nos diz, que “qualquer recordação de infância é, em si, um ato estético, pois a nostalgia da infância é a nostalgia do ser”. (AIRES, 2013, p.19)

Envolta em sentimentos nostálgicos diante dos depoimentos realizados, cada aluno trouxe, com suas lembranças e contextualizações desse período, conteúdos significativos que

tocou-nos profundamente. A vida é um espiral de muitas passagens, na qual reaprendemos a aprender e essa é, sem dúvida, a maior magia: quando deixamos que a rigidez dos conceitos padronizados, cedam espaços aos saberes internos que são sempre reconstruídos para melhor nos atualizarmos no presente da vida.

A possibilidade de rememoração, provocou uma série de reflexões sobre o passado, o presente, o futuro e possibilitou a reconstrução dos sentidos das experiências vividas a partir da ótica do presente. Uma reavaliação de percurso e do processo de compreensão de suas práticas.

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade” (BOBBIO, 1997 p. 30-31).

Esse processo rememorativo pode alterar o futuro de cada sujeito pesquisado, pois, ao terem a oportunidade de modificar o presente por meio da instauração de uma outra perspectiva de compreensão de suas práticas, eles passam a ter a oportunidade de uma nova consciência de si mesmo.

Pois conhecer o passado é uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar estrelas, já que, mesmo bem documentado, ele tende a se tornar fugidío e imenso em sua extraordinária dimensão e variedade de situações. (LOWENTHAL, 1981, p. 73)

A partir de alguns tópicos, separadas por temas, que foram abordados nos depoimentos, traçamos o caminho de construção de uma análise em que o próprio discurso sinalizou a direção a ser tomada. Assim, embora buscássemos dar voz aos depoentes em sua íntegra, em muitas categorias, percebemos uma transversalidade de temas que se interconectam, tornando difícil a especificidade de cada uma delas. Confirmando assim a visão de Frijot Capra sobre a teoria dos Sistemas, segundo a qual existe uma conexão de todo sistema vivenciado que se expressa em diferentes áreas das memórias. Desta forma, o eixo da análise se deu na interrelação dos seguintes tópicos: Corpo, Liberdade, O Brincar, Natureza, Horta e Cozinha, Coletividade, Espaço Escola, Vivência Comunitária, Valores, Escolha de Profissão, Visão de Educação, A entrada no ensino convencional, Valores e Reverberação da memória.

## 5.1. Corpo

Temos que nos dar conta de que nosso corpo é a nossa vida. Em nosso corpo, todo inteiro, estão inscritas todas nossas experiências. (...). E quando aqui digo o corpo, digo a vida, digo eu mesmo, você, você inteiro, digo (GROTOWSKI, 1993, p.43).

Tomando o corpo como o centro de recepção das vivências, da subjetividade e das memórias, buscamos situá-lo no âmbito desta análise, seguindo a conceituação de Merleau-Ponty (2006, p. 203): “o corpo é nosso modo próprio de ser-no-mundo”. É o corpo que realiza a abertura do homem ao mundo, colocado-o em situação: “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (Merleau-Ponty, 1994 p.203). Assim, em contraposição à visão positivista para a qual o corpo é tomado como uma estrutura mecânica, que recebe o conhecimento unicamente através do intelecto, adotaremos como referência o conceito de corpo permeado de subjetividade e que conserva, na memória, o campo de suas vivências. Visto por este ângulo, justifica-se que, apesar das experiências desse grupo ter se dado em tão tenra idade, elas permanecem vivas, posto que estão impressas na memória corporal, que responde aos gatilhos sensoriais e afetivos contemplados nesta pesquisa. Percebemos, ao longo da análise, que as sensações registradas em cada entrevistado, são de ordem sensorial e não da mental e intelectual. Afinal: “Tenho consciência do mundo por meio de meu corpo” (Merleau-Ponty, 2006, p.122).

O corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda (LELOUP, 2011, p.15).

A inteligência se desenvolve através do corpo. A criança conhece suas possibilidades e seus limites enquanto descobre o mundo concretamente: experimentando-o. A partir da aprendizagem concreta, a transição ao pensamento abstrato acontecerá de forma natural.

*- Eu não tenho tantas lembranças visuais, me lembro do espaço, mas o que ficou mais forte pra mim foram as impressões, que marcou muito a minha vida.... Não é por que não registrou o fato e por que não marcou, o que ficou foi o afeto, que ficou de outro modo, uma memória corporal... (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna)*

*- A sensação para mim é muito importante, do sentidos, pra mim é muito vivo, muito significativo, então eu busquei isso dentro da minha profissão, porque pra mim foi muito importante (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

- *Eu tenho uma memória afetiva de passar pela frente da escola e lembrar do tempo que estudei lá. Gosto de terra, cheiro de terra quando chove me lembra Aldeia. (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

- *Eu fico impressionado com o tanto das memórias que eu tenho, porque eu converso com outras pessoas sobre o jardim I, jardim II e a maioria das pessoas não tem as memórias que eu tenho, e foi muito marcante, eu realmente adorava a Aldeia, foi um luto quando eu sai... Eu tenho uma memória da gente desenhando em volta do corpo, eu não sou boa de identificar... (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Podemos observar, pelos depoimentos acima mencionados, que as memórias sensoriais são gravadas como sensações a todos os sentidos corporais, como o cheiro e o afeto, advindos de um prazer sentido. Impressões que remetem a um registro de um tempo de um corpo vivido feliz.

## **5.2. Liberdade**

A criança é eminentemente um ser que explora, experimenta e transforma o ambiente em que vive por meio da inteligência de seu corpo. Privada dessa experimentação livre, a criança deixa de exercer sua dignidade. Movimentos espontâneos brotam de camadas muito profundas, revelando infinitudes de gestos que estão ali encobertos a espera do momento propício de se revelar. É brincando que ela desenha no seu espaço vital ritmos que vão afirmando sua singularidade. É nesse exato momento que o Brincar cumpre sua função transcendente, ordenando os elementos singulares em um espaço que se liberta do cotidiano e, suspendendo o tempo, cria outra realidade. Esse corpo que brinca carrega o mistério da espontaneidade e naturalidade como linguagem humana de origem. O Brincar é o território da Alegria em que a ação da alma é também a ação do corpo e vice-versa. O conhecimento que vem da infância é considerado o mais importante, porque pertence à linguagem do sensível em que a vida, pulsando em liberdade, abre caminho para o imprevisível encontro consigo mesmo, com o outro e com seu entorno. O exercício de ser criança é, pois, o direito mais significativo da criança, aquele que lhe permite “Ser em plenitude e liberdade”. Tendo conhecido o que isto significa, a criança guardará para sempre a lição maior, a experiência mais inteira de Vida, como tesouro e meta de toda sua busca como ser humano. (HORTÉLIO apud CRUZ 2005. p. 78).

A escola Aldeia primava por permitir que a criança se expressasse livremente, em suas diferentes linguagens, proporcionando espaços de acesso ao brincar livre, respeitando o tempo, as escolhas e ampliando as possibilidades de criação das crianças. As experiências lúdicas pressupõem a não obrigatoriedade, a liberdade de expressão de seus desejos, a necessidade de tempos alongados e não fragmentados, o convívio espontâneo entre pessoas, objetos e equipamentos que não imprimam uma resposta única preestabelecida. Um lugar de sensibilização do olhar para as belezas produzidas diariamente pelas crianças, sendo ela a própria geradora de conteúdos e brincadeiras.

Figura 31 - Desenho na madeira- Escola Aldeia (1980)



Fonte: (Arcervo da Autora)

- *Era um lugar muito livre, que deixava a criança muito livre, tinha muitas atividades artísticas... Acho que era uma liberdade que me marcou, que eu experimentei e que acho que se eu não tinha outros espaços em que eu vivia isso, naquele momento aquele era um espaço que me dava mais liberdade do que outros que eu tinha (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna). (Figura 31).*

- *É isso mesmo acho que respeito e liberdade para se expressar. Porque eu não sentia uma rigidez, mas eu não sentia uma bagunça, sabe quando o negócio é tão rígido que você precisa dar uma liberada pra extravasar, não tinha porque eu acho que a liberdade também estava fluindo junto com a responsabilidade, quando a gente tem que fazer a nossa parte para tudo acontecer, nem sabia que eu tinha tantas memórias, de uma coisa tão remota. Me admiro de ter tantas memórias, está fazendo 35anos... (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- A Aldeia remete, pra mim, uma coisa solta, uma coisa livre, do brincar... Aldeia era o quintal de casa, parecia uma extensão, até me arrepiar... Fecho o olho e vejo a gente correndo, isso tá ligado à liberdade.... Na Aldeia sentia que eu tinha liberdade, acho que é a maior lembrança que me vem. Ficava muito à vontade, não tenho memórias de eu chorando, eu ficava muito confortada... Lembro das tias brincando com a gente, correr, isso é algo muito legal. Não tinha uma ideia de escola, era uma extensão da casa, um lugar que eu podia brincar com amigos. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

Sensações gravadas de um espaço onde a liberdade era permitida. Nesse contexto, as memórias registradas confirmam a afirmação de Friedmann, “O ambiente deve constituir uma força geradora de situações emocionais e cognitivas de bem estar e confiança; deve deixar à criança desenvolver sensações físicas, psicológicas olfativas, imaginativas, auditivas, táteis”. (FRIEDMANN 2014, p.111)

*- No geral, eu guardei boas lembranças, uma época boa, tinham muitas brincadeiras, não tinha cobrança.... Engraçado que não me lembro de atividades dentro da sala. Me lembro disso que as coisas eram mais soltas eu não trabalhei com conteúdos formais, mas me lembro muito de ter espaço pra correr livremente, me lembro de ter aprendido isso, que é o que mais chega. **Aldeia simplesmente dava espaço para a criança poder se desenvolver de um jeito bom pra criança. Ela respeitava o tempo da criança, trabalhar os sentidos, o motor, a natureza. Tudo acontecia naturalmente, era um espaço que respeitava o tempo da criança. Quando me lembro, era um espaço muito gostoso, porque a gente ia lá fazer o que a criança gosta de fazer, então tinha essa conexão com o tempo da criança, isso acho que era muito legal** (Luciana Lupo, 2016, ex-aluna, grifos nossos).*

A possibilidade de vivenciar a liberdade, marcaram esse percurso. Percebemos que as lembranças ao livre brincar são mais citadas que as atividades dentro das salas; ao ponto de muitos dos entrevistados chegarem a perguntar se realizávamos de fato atividades dentro das salas, pois os mesmos não tinham registros em ambientes internos. Como diz Friedmann (2014, p. 37): “No ato de brincar, assim como no ato de dançar, há movimento, entrega, expressão. Assim como na dança, no brincar podemos atingir uma elevação do nosso espírito através do nosso corpo”.

*- Tinha liberdade para desenvolver e amplitude para brincar, para jogar água nas crianças,*

*as crianças só usarem calcinhas, coisas que nunca vi em outras escolas, não tinham essa abertura, esse diferencial, eu carreguei e carreguei como experiência. A alegria de trabalhar; foi o período profissional mais gostoso que teve. A liberdade que a gente tinha de brincar com eles sem camisa, descalço, eu não me sentia um professor, eu era criança com eles. Eles me viam como criança, chegava muito sujo em casa, minha mãe até brincava, nossa você veio mais sujo que as crianças. Tudo isso me fez ter um olhar muito diferente, pois lá eu tinha que vê-los pelo olhar deles, descobrir os multimovimentos de coordenação, de ritmo, de lateralidade, brincando, que se apresentaram nas experimentações (Adalberto do Carmo Grifoni, professor de Educação Física, 2017).*

*- O que mais me marcou na Aldeia foi a questão da liberdade que tínhamos lá dentro, tanto os professores, os funcionários e os alunos. Este contato com a natureza, a coisa gostosa do cheiro, do gosto, do respeito, do zelo pelos animaizinhos, a gente tinha de tudo um pouco... A horta, um zoológico pequenininho com coelhinhos, tartarugas onde as crianças podiam ter este contato direto. Aprendi muito mais do que ensinei, o amor a vida! (Suzana Volpe, professora da Aldeia 2017).*

É nítido observar que os professores também partilhavam deste sentimento de liberdade, o que assegurava a intenção de proporcionar às crianças um ambiente feliz, pois se sentiam parte desta construção. Havia um interesse comum e prioritário em criar um espaço livre em que sua identidade fosse protegida.

### **5.3- O brincar**

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação.” (WINNICOT, 1975, p.63)

No projeto pedagógico da escola Aldeia sempre evitamos proporcionar às crianças brinquedos prontos que lhes reduzissem as possibilidades por meio de uma pré-determinação de uso. Ao contrário, oferecíamos elementos da natureza, como água, pedras, areia, conchas, folhas, madeiras, flores, sementes, sucata e outros com os quais as crianças pudessem dar vazão ao seu mundo de fantasia e criar a partir daquilo que se encontrava em seu interior. O estímulo à criatividade e à comunicação daquilo que as crianças desejavam expressar era respeitado e considerado em todas as expressões artísticas e gráficas, inseridas em vivências cooperativas de inclusão e harmonia.

Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e também sobre os significados culturais do meio em que está inserida. O brincar é, portanto, experiência de cultura, por meio da qual valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças (BORBA, 2009, p.70).

“Ser uma consciência, ou antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.142).

O sujeito não é um espectador imparcial frente à vida, mas participa dela ativamente, por meio de seu corpo, com seus movimentos, afetos, pensamentos, percebendo, sendo percebido e se auto-percebendo, reconhecendo-se como ator e co-autor de sua história, ao lado dos outros significativos com os quais convive em sociedade.

*- A gente brincava muito, tanto que eu falei que eu não me recordo muito da sala de aula.... Vocês estimulavam a criatividade, deixavam a gente assumir outros papéis. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

*- Atividades com criatividade, com companhia de amigos, brincando mas aprendendo, uma delícia, acho que foi momentos deliciosos, por isso que ficou, marcou e que ficou, acho que absorvi tudo isso, porque foram momentos bons, se fosse momentos ruins, eu ficaria com aquela aversão... lembro da natureza na Aldeia, mas além da natureza (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- Lá a gente não sabia que a gente estava aprendendo, a gente estava achando que estava brincando o tempo todo, não tinha uma coisa que diferenciava o aprender do brincar, este é um valor importante, entender que você pode fazer as coisas sérias importantes da vida, até na vida adulta de uma forma mais leve. (Mariana Ferrari Smirne, 2017, ex-aluna).*

Aprender pelo brincar pressupõe (sugestão) leveza, permite o prazer e o sentido do desenvolvimento; permite a lembrança feliz que ousa perpassar pelo tempo e querer perpetuar nas gerações vindouras. O brincar, na natureza, resignifica os sentidos. “Os elementos da

natureza convidam a criança a agir ativamente no mundo, transformando a matéria a partir de sua imaginação e ação” (MEIRELLES, 2016, p.64).

Brinquedos da flora, brinquedos da fauna, brinquedos minerais são reinos do brincar. Nestes reinos do brincar a imaginação é senhora soberana. Traz informações e imagens de grande conteúdo valorativo, pois são imagens oriundas da natureza acumuladas na experiência humana. Assim quando a criança vive o brincar neste universo material, quando faz das flores secas hélices de voo, do sabugo ou da palha do milho sua boneca, esta matéria imaginada pela criança repercute em reconhecimentos imaginários. Amplifica a imaginação às longínquas ramificações. Traz valores deste *quando* vivido pelos homens do decorrer dos tempos. Isto não quer dizer que brincar com outros materiais não seja brincar. Mas brincar com os materiais naturais, nas árvores, na terra, com a água, com as folhas e cascas, as sementes e frutos aproxima a criança das impressões mais íntimas da imaginação. (AIRES, 2012, s.p.)

*- A brincadeira era considerada atividade primordial da criança e, nesse sentido, como coisa muito séria. Através da brincadeira a criança entrava em contato com sua identidade, com o ambiente e com o outro. A brincadeira era um modo de apre(e)nder o mundo (Claudia Cavicchia, professora 2017).*

Conceituar o brincar foi uma tarefa constante dos profissionais da Aldeia, o respeito e permissão a adentrar em suas fantasias, era sempre o mais relevante olhar pedagógico.

*- As crianças tinham muitas atividades fora de brincar e o brincar era sempre desde a chegada até a saída; neste brincar aparecia a natureza, por exemplo, o dia da água, eles chamaram o bombeiro pra jogar água nas crianças, era falado sobre a água, desenhavam e o bombeiro molhavam todas as crianças na área livre. Elas brincavam e se divertiam junto com as professoras, todos saíam sujos e felizes da escola, e isso fazia muito bem pra gente que era a mãe (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

O aprender era feito de forma lúdica, assegurando à criança em seu brincar, permitindo o seu tempo de ser criança, sendo apoiada pelos professores e pais.

## 5.4 - Natureza

*“A natureza do brincar é a alegria.  
A natureza é seu território primordial.” (LYDIA HORTÉLIO, 2012)*

“A natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 4).

A relação da criança com a natureza propicia múltiplos movimentos, como correr, pular, saltar, rolar, trepar, escorregar, subir, descer, viver, respirar, sentir, plantar, colher desafios físicos que o corpo precisa para promover novas sinapses necessárias ao seu desenvolvimento neuromotor. Viver é sinônimo de conhecer; o ser humano aprende com o corpo inteiro. O conhecimento é corpóreo, está gravado no corpo humano e inclui as sensações e os sentimentos vivenciados, além da dimensão racional. De acordo com Frijot Capra (2006), o homem é dependente do meio. Sua atividade será modelada por influências ambientais e é importante que corpo, mente e ambiente constituam um sistema equilibrado.

É com seu corpo brincante no chão da natureza que a criança recebe e celebra a memória, ampliando e atualizando o passado. Os ensinamentos do brincar dizem respeito a algo como a memória do futuro. O brincar é uma função transcendente do humano, uma vez que extrapola a condição de tempo e espaço do cotidiano. Ao brincar as crianças sabem transitar naturalmente entre esses dois lugares: vão da Terra ao Céu em poucos minutos, conversam com seres imaginários, inventam personagens, projetam mundos, inauguram espaços novos, solucionam possíveis conflitos do cotidiano através dos recursos de sua capacidade de imaginação. Brincando, são capazes até de suspender o tempo. Nas brincadeiras, as crianças representam em ato um imaginário com infinitas possibilidades de exploração, alterando a ordem estabelecida e criando outras ordens. (HORTELIO, 2009, s.p.)

*- Lembro do meu contato, com terra, com bichos, tinha brincadeiras, tinha coisa de usar fantasia, de fazer comida, lembro do biscoitinho de goiabada, de fazer pipoca. Tenho alguns flashes (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).*

Experiências na natureza ajudam a amadurecer a cognição das crianças, incluindo sua habilidade de análise, síntese e avaliação. Segundo Louv (2016, p.118), “a natureza oferece um ambiente onde facilmente contemplam o infinito e a eternidade”.

- *Eu olhando hoje, do que aprendi quando criança, acho que a melhor coisa que eu tenho hoje é a consciência com a natureza, com os animais, com o meio ambiente, com o mundo, adoro estar no meio do mato. Recentemente fui pra África, não fui porque está na moda, mas porque eu sinto prazer de estar na natureza, minha mulher é envolvida em proteção aos animais, se a gente pegar minhas últimas viagens são todas na natureza selvagem, sinto prazer. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno)*

Segundo Louv (2016, p.235), “As crianças que frequentam escolas com ambientes naturais diversificados são mais ativas fisicamente, mais conscientes em termos de nutrição, mais civilizadas umas com as outras e mais criativas”. É notória a percepção de que, uma vez vinculadas a espaços junto a natureza na infância, ampliam-se a sensibilidade e o vínculo amoroso na idade adulta, a sensação de estar mais pleno em ambientes naturais.

- *Eu adoro a natureza, sempre procuro estar em um lugar mais próximo à natureza, me sinto bem. Hoje eu adoro estar no meio da floresta... (André Nigro, 2017, ex-aluno).*

- *Gosto muito de apreciar a natureza, deixo minhas filhas plantarem, adoro flores, plantar, entender de onde vem os alimentos, de simplicidade, isso que tem valor. Fui criada perto da natureza, de estar solta, de liberdade, sem dúvida isso é importante, ficar nesta parte mais simples, tenho muita lembrança gostosa disso, vejo elas felizes brincando na terra, plantando... Meu marido também gosta de plantar. (Fernanda Serafim, 2017)*

O desejo de proporcionar aos filhos esse contato tão rico com a natureza traz muito significado pelo fato desses valores se revelarem como eixo de conexão. “Na Educação ecológica domina a consciência de que as interações são mais importantes sobre o objeto de estudo do que o objeto em si mesmo.” (FRIEDMANN, 2014, p.114). Uma vez experimentadas essas vivências em ambientes naturais na infância a sensação de liberdade permanecem como signos de referências na idade adulta.

- *Lembro que tinha muito contato com a natureza, plantávamos árvores, que as professoras contavam histórias de como preservar a natureza... Acho que a Aldeia teve muita influência a gostar de natureza e gostar de animais, tanto que eu não fumo, não gosto de beber... Eu protejo muito a natureza, não gosto de ver alguém jogar lixo na rua, sou até meio chato com essas*

*coisas... Pego lixo dos outros; fui bem instruído quando era pequeno (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016).*

*- Lembro muito do contato com a natureza, não sei se aquele quintal que a gente tinha era tão grande tão cheio de natureza como eu imagino... (Luciana Lupo, 2016).*

A vivência com a natureza, na infância, propicia um vínculo amoroso com ambientes naturais, uma atração e uma certa familiaridade que, para alguns, se tornam-se necessárias às suas vidas. Como diz Louv (2016, p.140): “o tempo na natureza não é de lazer, é um investimento na saúde infantil”. Isso comprova a evidência da necessidade da natureza para o desenvolvimento saudável das crianças.

## 5.5- Horta e Cozinha

Figura 32 - Arquivo Aldeia - Crianças plantando na horta (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

Quando a vivência é inteira plena de significados, ela permanece viva na memória, a referência ao plantar, ao semear, o cuidar e o colher, vivenciada pelo corpo se expressam de diferentes formas e ficam gravados de forma muito peculiar. Esta relação com a terra, no contato íntimo com os ciclos, acompanhando o desenvolvimento da semente magicamente se transformar em frutos e depois ser degustado ou transformado e elaborado. Práticas que

demarcam um valor que muitos recuperam e reposicionam em suas vidas. Como cita Gadotti (2009, p.03),

Perceber a Terra através da terra. Ver a semente assumir a forma de planta e a planta forma de alimento, o alimento que nos dá vida. Ensinamos a paciência e o manuseio cuidadoso da terra entre o semear e o colher. Aprender que as coisas não nascem prontas. Precisam ser cultivadas, cuidadas. Aprendendo, também, que o mundo não está pronto, está se fazendo, está nos fazendo; que sua construção exige persistência, paciência esperançosa da semente que, em algum momento, será broto e será flor e será fruto.

*- Não tem nada mais que adoro do que plantar sementes, mudas, ver crescer; na minha casa, eu fiz uma horta, e sei que isto vem da Aldeia, porque na minha casa não tive esta oportunidade. Na minha casa fiz uma horta vertical, lógico que isso eu carrego de algum lugar, por isso procurei uma escola para meu filho que tivesse este contato. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- Lembro de plantar na horta, de fazer os buraquinhos e plantar, esta é uma atividade que me lembro. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro que tínhamos uma horta e que usávamos as coisas da horta na cozinha, isto eu lembro, mas não consigo ver a imagem, só lembro da horta e usávamos na cozinha depois. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

Cozinha é fundamento, através da comida você se comunica, manifesta seu amor. Fazer juntos o alimento é amor em ação. Na cozinha aprendemos sobre culturas, sobre de onde vem os alimentos, como são plantados. Possibilitar esse ciclo na educação de plantar, colher e processar o alimento, envolve tudo de belo e sustentável.

Na cozinha trabalhamos a variedade de cores, aromas e sabores, cuja vivênciapassa a ser um aprendizado para toda vida. A verdadeira Educação permite o cuidar o compartilhar e o incorporar a natureza. Assim, acionamos a interconecção de todos os ciclos e nos inserimos ao sistema que pulsa vida. São saberes que permanecem e se estabelecem em diferentes referências.

*- A gente fazia muita culinária, na cozinha, colhia a mandioca da horta. Até hoje eu trago esta paixão comigo pela culinária, adoro cozinhar, acho que foi daí, então, tenho muitas memórias boas. Adoro cozinhar. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

*- A coisa de fazer comida, eu lembro que vocês mandavam uma receitinha depois um pouco do que fazíamos, eu sentia muito prazer com este tipo de atividade, e tento passar pra ela, a coisa*

*com a comida, a Ana Clara (filha), faz comigo, na cozinha, ela vai ao mercado comigo... Em casa eu tento fazer isso, eu fico um período com ela, de ver a preparação do alimento, e ela come super bem, brócolis, verduras, frutas. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna)*

*- A cozinha eu adorava, as receitas que tenho até hoje, tenho muita memória que levamos talvez uma vez por semana pra casa, eu sempre queria fazer em casa.*

*Lembro da horta, de plantar, colher, tínhamos uma relação ali, não era só que alguém cuidava e a gente estava alheio, lembro das coisas da alimentação, a gente cuidava, não era alheio. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

É fato que cada vez mais a cozinha está distante na educação e no convívio familiar. Esse acesso ao manuseio do alimento, especialmente quando acompanhado de seu crescimento gera uma intimidade com valores intrínsecos e com os diversos ciclos por ele associado, propõem uma compreensão do tempo, do desenvolvimento. Tempo de plantar, de colher, tempo de coser, além da diversidade de elementos que esta prática acompanha, como os cheiros, as cores, as formas e a alquimia da transformação.

*- A gente tinha lá o cuidado, mas a preocupação com a preservação, o quanto é importante, o quanto é bom ter uma horta, um privilégio, um luxo, tenho um canteirinho em casa, vasos, meu maior prazer é comer o tomatinho que eu colho da horta. Lembro bastante da bolachinha de nata, fazia bolachinha de nata... Teve isso né? Que a gente amassava com garfinho e cortava e enrolava também. Eu lembrava das coisas, sabe, pequenas ali do fazer, amassar, por exemplo, o olhar, mais micro do que macro, eu acho que tenho mais esta memória das coisas, micro e o que foi super importante, porque levou também para o dia a dia, né, porque eu estou fazendo as coisas na cozinha, cozinho todo dia, e alguma coisa que cozinho em casa, e talvez lá eu tive a oportunidade de participar de uma atividade como esta que está presente no dia a dia de qualquer família, mais talvez do que na minha casa, porque eu não participava de cozinha e marcou pra caramba. É uma coisa que eu sempre lembro, bolachinha de nata, me acompanhou assim... Esta memória durante a vida toda. (Denise Zakaib, 2017, ex-aluna).*

É perceptível que atividades simples como, plantar, cuidar, colher, cozinhar, permanece viva na memória dos depoentes, perdurando como valores que ressignificam hoje em suas vidas, esse tempo de acompanhar o ciclo alimentar proporciona um elemento indicativo como referência em suas memórias e trazem sentido hoje, com novos significados.

O cuidar e o fazer o alimento se manifestam em diversas percepções. Esse cuidar reflete no amor, no vínculo com a terra, na permanência de pertencimento que reproduz na educação uma referência ao adulto sensível ao mundo.

Experiências na natureza ajudam a criança a entender a realidade dos sistemas naturais por meio de uma experiência primária. Elas demonstram os princípios naturais como as teias, os ciclos e os processos evolutivos e ensinam que a natureza é um processo regenerativo único (MOORE, 1997, p.108).

## 5.6- Coletividade

Figura 33 – Escola Aldeia 1980 - Apresentação de teatro



Fonte: (Acervo da Autora)

A Memória tem origem na Cultura. Portanto, não existe Memória desarticulada de um processo de significados construído no social. A Memória individual é ao mesmo tempo plural, por interações de múltiplas vozes que a constituem e que assumem contornos de sentidos a partir do momento presente e não necessariamente da ocorrência no tempo passado (VYGOSTISKY, 1989).

A escola Aldeia sempre buscou proporcionar um ambiente harmonioso, ajustando a criança ao meio, através da sua própria cultura, diminuindo as possibilidades de conflito, adquirindo solidariedade, cooperação, auto-estima e disciplina, exercendo a tolerância dos maiores com os menores, a inclusão de crianças de diferentes classes sociais, de diferentes etnias, comportamentos, experimentando um sentimento que ultrapassasse a consciência coletiva.

- *Por ser filha única, me lembro que Aldeia foi o primeiro lugar de uma vivência coletiva. Nunca tive dificuldade de estar junto com as pessoas, sempre achei gostoso, prazeroso fazer coisas juntas, com certeza essa experiência colaborou pra viver no coletivo. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

- *Eu lembro de todos juntos, e quando chegava a hora de ir pra sala de aula, daí eu não lembro mais... (Luisa de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

- *Eu lembro que era tudo muito coletivo, isso que eu me lembro, desde os lanches, as brincadeiras, eu não tenho muitas lembranças de separação de classes, de quem era da minha classe, parecia que era tudo um pouco todo mundo, essa coisa do coletivo era muito forte lá eu acho que eu gostava bastante (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

- *Talvez seja uma referência mais forte o coletivo, é engraçado, não me lembro muito dos colegas, mas me lembro que sempre fazíamos tudo juntos, atividades, comidinhas, lembro que tinha uma mesa grande que a gente fazia quebra- cabeça, os trabalhos. Quando alguém fazia aniversário, juntávamos todos pra fazermos um presente para o colega, isso eu lembro bem disso (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

- *De valores na vida, o coletivo tenha ficado bastante por entender que as coisas só fazem sentido no coletivo, só acontecem assim, lógico todo mundo tem um mundo individual, mas a construção do dia da cidade, da sua casa, ela é no coletivo da sua vida mesmo, acho que também isso, talvez tenha sido plantado esta sementinha lá. (...) todo mundo fazia com garfinho, entendeu, então, também tinha um coletivo ali neste momento da cozinha de fazer, que nossa, todo mundo fazia junto, lembro de todos com garfinho... a massa de enrolar (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

- *Coletivo, extremamente importante, de não ter diferença, de não prestar atenção no que o outro tinha, não tem registro de comparação, falar mal dos outros.*

*Lugar que a gente podia estar junto sem desrespeitar a individualidade do outro, as regras não invadiam a gente, mas ao mesmo tempo protegiam. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

Vale destacar a menção ao respeito à individualidade, em um ambiente onde não havia comparação ou preferências. Fato esse que ressalta como a criança registra esses valores no decorrer de suas vidas. A construção conjunta possibilita uma integração, uma aceitação das diferenças. Essa oportunidade de vivenciar atividades coletivas harmonicamente propiciou uma referência de valor para alguns depoentes.

### 5.7 - Espaço Escola

“A brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz a relacionamento grupais.” (WINICOTT, 1975, p.63)

Figura 34 – Escola Aldeia (1982)



Fonte: (Acervo da Autora)

A cultura da infância se valoriza em pequenos gestos de vivências, em seu ser múltiplo, que exercitam o corpo em trabalhos emocionais, interpessoais e transpessoais. A educação vinculada à natureza permite vivências diversas; cria princípios que se tornam valores. Ao brincar, a criança desenvolve habilidades que serão utilizadas por toda sua vida. Ela desenvolve a autoestima, a criatividade, a orientação espaço-temporal, desenvolve a noção de si e, a partir daí, a noção do outro, treinando habilidades para a convivência social, aprende a se concentrar e a resolver problemas.

Hoje talvez se possa esperar uma superação efetiva daquele equívoco básico que acreditava ser a brincadeira da criança determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando, na verdade, dá-se o contrário. A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda. Conhecemos muito bem alguns instrumentos de brincar arcaicos, que desprezam toda máscara imaginária (possivelmente vinculados na época a rituais): bola, arco, roda de penas, pipa – autênticos brinquedos, tanto mais autênticos quanto menos o parecem ao adulto. Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva (BENJAMIN, 2002, p. 92).

*- Lembro da área externa, no jardim. Isso me gravou me marcou as atividades livres, acho que a gente passava mais tempo fora do que dentro. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- Acho que esta questão de ter muita arte, muitas atividades criativas, de ter muito contato com a natureza, eu me lembrava dos bichinhos que tinham lá, do espaço, tartaruga, coelho, de que a gente se vestia com fantasia. (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).*

*- A Aldeia trazia estas coisas legais de sucata, de folclore, de fazer pipa. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

*- Não me lembro da gente em sala, me lembro da gente fora de sala, mato, terra... Lembro da gente sentada juntas no chão, de teatro de fantoche, os amigos juntos, da gente assistindo alguma coisa, de brincando fora, de horta. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro das coisas simples, mas foi muito marcante, tipo o esguicho com água, os animais, a toca dos coelhos, a tartaruga, a horta, o futebol, os pneus, que a gente brincava livremente. (Aluisio Baracat, 2017, ex-aluno).*

*- A primeira vez que aconteceu um episódio que todo mundo chorou e vocês souberam lidar com esta situação, que foi uma situação que a tartaruga sentou no rabo do coelho, tinha também um cercadinho onde tinham alguns animais, e todos ficavam juntos. O que aconteceu foi que o coelho quis sair e machucou o rabo, porque a tartaruga era grande, e daí aquela coisa, vamos levar no veterinário tal e a criançada toda chorando e vocês souberam lidar, dizendo que fazia parte da natureza, eles conviverem juntos, mas pode ser que aconteça alguma coisa e a gente tá aqui pra administrar isso, eu tenho esta memória ate hoje, eu tenho 40 anos e tinha 3 ou 4 anos tinha muita grama, não sei explicar da sala de aula, tinha uma sala grande, mexia com argila, pintura, não consigo lembrar que era sala de aula... Lembro que tinha um palco de teatro que fazíamos apresentações, lembro das pias... Lembro que a gente cantava, tinha instrumentos de percussão, talvez eu não me recorde das salas de aula porque era um formato diferente, não tinha um formato formal de sala de aula, por isso não me gravou parecia que não tínhamos aula dentro de salas... (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

As brincadeiras de casinha, de plantar de fazer comidinhas trazem motivos da vida adulta, representam papéis sociais, de modo genérico, dentro da cultura do grupo, colocando-a de modo simbólico em contato com atitudes, comportamentos, valores e que caracterizam o indivíduo como pertencendo a certa comunidade. A criança pequena está com seus sentidos todos muito abertos para o mundo que elas vão descobrir. Em um ambiente natural a criança está cercada de estímulos que proporcionam algo para que descubram o mundo enquanto se descobrem.

É importante enfatizar que o modo próprio de comunicar do brincar não se refere a um pensamento ilógico, mas a um discurso organizado com lógica e características próprias, o qual permite que as crianças transponham espaços e tempos e transitem entre os planos da imaginação e da fantasia explorando suas contradições e possibilidades. Assim, o plano informal das brincadeiras possibilita a construção e a ampliação de competências e conhecimentos nos planos da cognição e das interações sociais, o que certamente tem conseqüências na aquisição de conhecimentos nos planos da aprendizagem formal (BORBA 2006, p.38)

*- Tenho uma memória afetiva muito forte, lembro das professoras, lembro do viveirinho que tinham os bichos, dos trabalhinhos manuais que a gente fazia, eu lembro de quase tudo. Lembro das músicas; que tinha uma coleção das músicas do Chico, que tinha livrinhos, as historinhas*

*e os disquinhos. Lembro bem da casinha de bonecas, mas não gostava muito de brincar de bonecas, preferia brincar de correr com os meninos, trabalhar todos juntos, a gente fazia uns passeios loucos, lembro de irmos em uma pedreira, a gente pegou as pedras para fazer trabalho, colhemos as pedras, pintamos uma pedra e dei para meu pai no dia dos pais, para segurar papel. Paramos no meio do caminho e cortamos cana, chupamos cana, passeios muito legais que fizemos que nunca vou esquecer. Tenho esta pedra até hoje. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro de algum dia da bicicleta. A casinha de boneca eu adorava, eu achava o máximo brincar lá. Eu lembro que na sala tinha uma torneira, a sala de artes, lembro da gente pintando desta torneira, tinha um filtro, um cantinho que ficava perto da casinha de bonecos, me lembro dos pequenos, perto do portão, lembro da gente cantando música, numa sala, lembro da cozinha. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

A diversidade de sensações registrada pelo corpo, ao explorar o espaço da escola, reforça que suas memórias remetem mais ao espaço físico externo da escola, lembram de brincadeiras, de correr, jogar bola, pneu, do amplo espaço. Da casinha de boneca, da mangueira, do convívio livre. Notamos que muitos lembram dos animais e de suas histórias. “O corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda “(LELOUP, 2011, p.15).

## **5.8 - Vivência comunitária**

O Eu é uma dimensão social humana que se realiza por meio de uma dada corporeidade e surge como um entrecruzamento específico das diferentes conversações que constituem e definem a comunidade social em que esse Eu vive com outros Eus em mútua aceitação. Portanto, toda criança deve adquirir seu Eu – ou identidade individual social – como uma forma particular de ser em sua corporeidade, mediante o viver numa comunidade específica de mútua aceitação. Isso ocorre naturalmente, à medida que a criança cresce na estreita intimidade do encontro corporal, em confiança e total aceitação de sua mãe, bem como na de todas as crianças e adultos com as quais convive. (MATURANA; ZÖLLER, 2004, p.141).

Figura 35 - Festa Junina – Aldeia (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

À medida que a cultura da escola se integra à comunidade de aprendizado, em que professores, estudantes, administradores e pais se interligam numa rede de relações, trabalhando juntos para facilitar o aprendizado permite desenvolver coletivamente um currículo integrado.

A família integrada na dinâmica escolar propicia uma apropriação da cultura de conhecimento, todos se interagem na construção desses saberes, existe uma troca real na formação dos valores em questão.

- *“Dia dos Pais”, não era aquelas festas que as crianças ficavam dançando que nem um robzinho, lembro de uma festa dos pais, que era o “Dia da Pipa”, muito legal, uma festa muito legal, que os pais tinham que levar a seda, leva o bambu, montava junto com os pais e ficava soltando as pipas, e sempre tinha estas coisas bacanas. Estas memórias que ficaram gravadas das festas, no “Dia da Pipa”, “Dia da Água” que foi o Bombeiro, nas Festas no Salto Grande, ficaram muito marcadas para mim, de ver minha família participando, Minha mãe sempre falou muito da Aldeia, ela lembrava na minha adolescência da experiência que tivemos na Aldeia, este prazer de estar em grupo, em família, com amigos, vem deste estímulo da infância de curtir estar junto com as pessoas. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

Figura 36 - Festa da Pipa – Chácara (1984)



Fonte: (Acervo da Autora)

Em alguns eventos realizados na escola, o convívio íntimo com os pais ficaram gravados no depoimentos de alguns, relevando sobre o contato físico de carregar a criança, fazer a pipa juntos, andar em cima do pé do pai, à cavalo, o toque que às vezes não é tão frequente, por não haver tempo suficiente para esse diálogo corporal entre pais e filhos; essas atividades deixaram marcas em suas memórias. A educação, quando compartilhada, proporciona uma confiança mútua da escola com a família e a comunidade, abrindo caminhos para que o coletivo congrua para o mesmo ideal.

*- Lembro que vocês faziam comemoração e vocês deixavam os irmãos irem e a KiKa (irmã) ia e me sentia orgulhosa de apresentar a escola pra minha irmã, um lugar que eu não chorava e que eu curtia... A gente fazia muita comemoração no “Dia das Mães”, do dia do índio que a gente pintava, me marcou muito a festa das mães, que eu cantava “Bate Coração”. Eu me lembro que você se fantasiava, de palhaço e outras fantasias... a Carol tinha medo de palhaço. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro dos Bombeiros, que a gente fechou a rua, eu acho que jogaram água, andar no carro. Isso marcou muito. Lembro de algum dia da bicicleta, teve um dia, tem umas fotos da festa da Pipa em uma chácara, um lugar grande aberto, que foi maravilhoso. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

- *Eu adorava as “Festas na Chácara”, lembro de uma festa do papagaio, lembro do teatro, que eu usava uma camisola branca, de meus pais. Ah... Lembro que foi um dia muito feliz, lembro como um dia bom na minha vida. Mas eu adorava as festas na chácara. Escola sem sofrimento, aprendia com alegria, muito acolhida, as professoras conheciam nossos pais, os pais conheciam os professores, eles estavam sempre presente, era uma escola que incluía os pais, as classes não eram tão grandes e a Escola era uma escola que chamava a família pra participar. Tanto que encontra na rua hoje e mantém a amizade. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

- *Tinha um grupo de pais que acreditavam de certa forma, eram crianças de pais que podia ter alguma coisa diferente, e foi um projeto conjunto, um pouco desta coisa mais alternativa, essa construção coletiva da família, que deram espaço para crianças que congruam para estes valores. E que também as famílias deram espaço para este ser montado. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

As festas temáticas nas chácaras, os jogos de voley aos finais de semana, as frequentes reuniões pedagógicas com os pais e também a participação deles em algumas atividades na escola deram suporte para criarmos uma Comunidade Aldeia. Vários depoentes citaram sobre o convívio pós-aula, nas casas de amiguinhos, mesmo após terem deixado de estudar na escola, favorecendo os laços fraternos de amizade que permanecem até hoje.

O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem (MATURANA, 2002, p. 29).

- *Tivemos também muita participação dos pais na escola, foi fundamental. Fomos autênticos, tivemos respeito, e foram sim, crianças cuidadas com amor, dedicação. Fomos muito felizes! (Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora, 2017).*

- *Penso duas coisas: a escola e a família, acho que a família interferia nesta escola e a escola interferia muito na família, meus filhos são o que são hoje, uma parcela da família e com certeza uma parcela veio da Escola, eu diria que é uma história grande educacional dos filhos da gente, e a Aldeia fez um bom começo que com certeza eles se lembram de fatos que ocorriam na escola, são capazes de conversar sobre a Escola, meus três filhos e muitas vezes continuam*

*rindo daquilo que fizeram e o que aconteceu durante o período de aula ou nas festinhas, também (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

*- Eu percebi que era uma amizade verdadeira entre a escola e a família. Esta confiança é muito importante, porque eu trabalhava, e é muito importante deixar seu filho com um tratamento carinhoso, eu tinha confiança e tranquilidade de deixar meus filhos na escola e esta proposta de deixar a criança ficar descalço, em contato com a horta, foi muito importante pra vida dele, com certeza refletiu em sua vida (Regina Gatti, mãe, 2012)*

Fato registrado pelos professores e pais que os vínculos permanecem até hoje de amizade, confiança e amor. Das festas onde todos compartilhavam seus saberes e aprendiam ser possível a harmonia na diversidade, o respeito ao coletivo, uma comunidade de aprendizado.

## **5.9 - Valores**

A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é, portanto, uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base. (...) Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. (BERGSON, 2010, p.280)

Os valores são demarcados pelas vivências que nos tomamos como referências nas práticas da vida, levadas à consciência a partir de uma reflexão somamos conceitos que geram uma compreensão apropriada em nosso caminho. Dos depoimentos, mencionam-se valores em vários aspectos de suas vivências, sendo difícil restringí-los em uma categoria. São referências mencionadas que dialogam no olhar sensível ao mundo, na visão que se adquire a partir de sua base. Princípios que se tornam consciência a partir de uma recuperação de uma trajetória estabelecida. É nítido que a apropriação de uma vivência livre em um ambiente harmonioso propicia estabelecer vínculos estruturais na personalidade, que se manifesta na individualidade e nas escolhas da vida adulta. O aprender a cuidar, a compartilhar, acompanhar o crescimento de uma planta, utilizá-la como alimento, o respeito a si mesmo e ao outro perpetuam nas relações.

Ao narrar algo do passado no presente, há uma nova oportunidade de vivenciar a experiência e, com olhos novos, compreendê-la melhor. Sob essa abordagem da narrativa pode-se tentar experimentar outro passado no momento presente. Ainda que os fatos passados não sejam modificados, a percepção sobre eles pode ser modificada. (FERREIRA- SANTOS, 2013, p. 102)

- *Eu acredito que esta experiência que eu tive na Aldeia foi fundamental na construção de meu caráter, acho que começou ali, uma sementinha que foi plantada, irrigada, bem cuidada, para os valores repercutirem na vida adulta. Os valores que eu tenho hoje, eu devo muito a Aldeia, pois foi fundamental na construção do que sou hoje. Acho que isso é uma experiência marcante esta diversidade de alunos, Isso é uma experiência marcante, essa diversidade, é muito rico. (Claudia Petlik,2016, ex-aluna).*

- *Cabiam diferentes personalidades, e eram escutadas, e isso tinha na Aldeia.... Acho que essa experiência foi uma das coisas mais importantes, que todos conseguiram vivenciar todas as coisas do jeito que podiam, emocionalmente podiam, de diferentes formas, e tinham espaço e respeito pra isso... eu não lembro desta demanda na Aldeia, de valorizar o que o outro tinha, isto não me recordo na minha vida... **De respeito por todas as pessoas eu aprendi lá...** Eu gosto de vivenciar, dentro do consultório eu sinto isso, de permitir, capacidade de resolver problema, você poder criar você poder criar mentalmente coisas, soluções e possibilidade, e eu acho que eu tenho isso, **vamos resolver, encontrar caminhos.** Acho que sou mais livre, por exemplo, dentro do consultório, pra mim, é muito importante respeitar a demanda de cada criança, porque eu tenho uma coisa de dançar com as crianças, tenho uma desenvoltura pra fazer coisas, pra interpretar coisas, acho que isso também sinto que vem da minha experiência que vivenciei na minha infância. A fantasia é muito mais importante, é gratificante e realizadora. Eu acho que é isso, eles são bem estimulados a criarem. (Mariana Ferrrari Smirne, 2016, ex-aluna, grifos nossos).*

Referências profundas que remetem a valores fundamentais na visão de mundo como, por exemplo, a sensação de ter espaço para manifestar sua identidade, a segurança de não ser comparado ao outro, de ser aceito, encontrando um caminho de dialogo, merecem relevância. Assim: “Aprender o respeito pelas diferenças dos outros, implica sentirmo-nos respeitados nas nossas diferenças: ritmos, motivações, gostos, aspirações, preferencias” (FORMOSINHO; OLIVEIRA, 2011, p.41). As crianças que têm vivência de ser acolhidas aprendem elas próprias a acolher, a respeitar os ritmos, aprendem a escuta sensível e reproduzem quando adultos esse valor a seus filhos.

- *Acho que isso, a Aldeia proporcionou... e aí quando a gente pensa, eu como ser humano, se eu tiver pego um pouquinho disso, já foi um monte, **de eu poder também olhar pro outro e dar***

*pra ele o tempo dele ter a escuta certa... Então pra mim estas coisas da Aldeia eu acho legal.*  
(Luciana Lupo, 2016, ex-aluna, grifos nossos)

*- Nossa... A Aldeia foi tão especial pra mim... Guardo lindas e importantes lembranças e tenho certeza que me influenciou demais em ser quem sou hoje... Não sei ver o mundo sem ser pelo sensível e sei que na Aldeia foi onde fui muito estimulada a isso... A horta, a tartaruga, a casinha de boneca, a bolachinha de nata marcada com o garfo... Enfim, **aprender com os sentidos e estimular o saber sensível é a educação que recebi lá e é a educação que acredito até hoje...** A Aldeia faz muuuuuittttaaaaa falta... Hoje sei o quanto era vanguardista a educação que tínhamos lá! Aldeia não era uma escola de Arte, era uma escola de tudo, de vida, mas acho que a Arte permeou demais ali, por todos os ensinamentos, não só um desenho, por exemplo. Eu gostei demais, foi uma ótima experiência ter estudado lá marcou bastante, não sei se os outros alunos, talvez, ficam com o mesmo perfil ou então tenha sido abordado de outra maneira, talvez não, tem a família, tem a própria personalidade que é de cada um. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna, grifos nossos).*

“Olhar o mundo pelo sensível”, “uma escola de vida”, referências relevantes a serem analisadas. A educação integrada à vida, ao tempo da criança, ao universo lúdico, ao aprender pelo que dá sentido proporciona uma apropriação do caminho percorrido, argumentos que apontam o quanto de conteúdo conseguiram trazer em suas narrativas e que reverberam em uma visão mais consciente de sua própria história.

*- Pra mim ficou a humanidade, o respeito pelo próximo, a gente vê o dia de hoje, a poluição no que tange brinquedo, o mundo eletrônico, internet... Lógico que tem o lado positivo, mas você perde um pouco da espontaneidade do ser humano, aquela brasilidade, né... Começa a formação do caráter e da personalidade, eu tenho uma personalidade muito acentuada, tenho um lado político, social, acho que isso contribuiu para minha formação. **O respeito e aprender a respeitar.** (Aluisio Baracat, 2017, ex-aluno, grifos nossos).*

*- Eu acho que tudo isso tem o **aspecto do cuidar**, pois tudo isso tem referências com o aspecto do cuidar, a comida tem uma preparação, tem o cuidado, acho que é um valor, que faz diferença, não é só saúde, **isso interfere nas relações, na maneira de se relacionar.** Por exemplo, eu tento explicar para o meu marido, porque ele valoriza, mas ele não consegue*

*entender que as coisas levam um tempo pra fazer, você precisa comprar, precisa escolher, fazer, o contrário do que comprar uma coisa pronta, que você está passando também uma relação, que uma relação não é imediata... Acho que por ele não ter passado por isso, ele não consegue entender o valor que isto tem. Para o meu marido, a relação com a família é diferente, porque na Aldeia vem o de “fazer junto”, além disso, de “ver de onde ela vem”, o fazer junto, e esta dimensão pra mim hoje é muito importante, porque acentuou, e porque acentua e transforma. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

*- Se eu tivesse estudado em outra escola tradicional na primeira infância não seria o que sou hoje. Ela foi uma escola de vanguarda, até hoje, que faz muito mais sentido do que muitas escolas atuais, com o que eu penso na formação do indivíduo. Do que foi construído dentro de cada pessoa que estudou lá, é uma forma de saber que este trabalho repercutiu por anos e gerações, porque agora eu estou redigindo um projeto e lembrando do que aconteceu lá!!! (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

“Sentir que o tempo é apenas um fio. Nesse fio vão sendo enfiadas todas as experiências de beleza e de amor porque passamos. Aquilo que a memória amou fica eterno.” (ALVES, 2010). A permanência na memória de experiências vividas, demarcam referências que desabrocham e repercurtem em diferentes percepções e dimensões.

*- Eu era muito tímido, eu sou filho único, era meio egoísta, não gostava de dividir e lá eu aprendi a dividir porque a gente dividia o lanche, porque eu não tinha que repartir em casa, mas hoje eu gosto de dividir, de conviver. Na Aldeia **nunca senti qualquer rejeição** e isso foi importante pra mim, porque eu nunca senti bullying e hoje a maioria de meus amigos são brancos, eu nunca namorei uma negra e casei com uma mulher branca, sempre frequentei muitos lugares que só tinha eu de negro e nunca me senti excluído, por isso, sempre me dei bem com todos. Não me preocupo com os outros. (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno, grifos nossos).*

*- Aldeia foi realmente muito importante pra mim, pra minha construção como pessoa, continuando os valores que meus pais quiseram nos dar, continuando com a simplicidade, da maneira que nos conduzia ao respeito à natureza, com respeito às diferenças, foi assim que eu procuro fazer com meus filhos também pra ser mais feliz neste mundo tão conturbado, cheio*

*de diferenças, é assim que me sinto, que a gente cada vez tem que respeitar mais, viva Aldeia!! (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

*- Os valores que meus pais me passaram, a Aldeia foi uma continuação e são os valores que eu passo para meus filhos, que é esta simplicidade, o contato e o respeito com a natureza, e ausência de preocupação com as coisas, assim, tipo, vamos brincar com argila, vamos plantar, vamos dançar, fazer atividades ao ar livre. Isso foi importante, sem muitas regras, sem muitas ordens. (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).*

Na infância, a criança vive o mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma... Vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e a respeitar os outros. (MATURANA, 2002, p.29-30)

*- O Rodrigo é um menino muito seguro e com certeza eu acredito que esta formação, este carinho que ele teve desde pequeno, tanto na escola como no lar, ele conseguiu estar onde ele está hoje, esta segurança que ele tem hoje, com certeza, é reflexo deste carinho que teve logo no início da infância com a escola. (Regina Gatti, mãe, 2012).*

A consciência dos valores proeminentes que foram perceptíveis em suas vidas como, o respeito, o cuidado, a vivência na diversidade, o aprender a ver pelo sensível, merecem uma atenção do quanto essas sementes perpetuam como referência em suas vidas, tornando-se conceitos claros em valores que desejam perpetuar.

## **5.10 Escolha de profissão**

A ciência cartesiana acreditava que em qualquer sistema complexo o comportamento do todo podia ser analisado em termos das propriedades de suas partes. A ciência sistêmica mostra que os sistemas vivos não podem ser compreendidos por meio de análise. As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior. Desse modo, o pensamento sistêmico é pensamento 'contextual'; e, uma vez que explicar coisas considerando seu contexto significa explicá-las considerando seu meio ambiente, também podemos dizer que todo pensamento sistêmico é ambientalista (CAPRA, 1996, p. 46).

Como define Capra, a escolha da profissão é um misto de outras vivências e influências no decorrer de suas vidas, mas aqui podemos nos remeter à visão de mundo que também vem

sendo construída, mas que permanece em princípios, que demarcam territórios de referências em algum lugar na atuação e na visão de mundo. Influências que demandam valores experimentados, abrindo opções de escolhas de forma diferenciada se pronunciam com evidências em alguns depoimentos. Em algum momento do passado, a semente germinou.

O corpo é conteúdo e veículo de experiências que, muitas vezes, nem sequer nos damos conta que estão aí, potenciais. Atualizar, experimentar, abrir-se para escutar o corpo-memória nos permite acessar aquilo que nos define como únicos e, ao mesmo tempo, pertencentes a uma cadeia de gerações. Somos herdeiros e portadores de uma ancestralidade (FERREIRA-SANTOS, 2012, s.p.)

- *Comecei a fazer uma Especialização em Arte Terapia e quando comecei a estudar, me veio muitas memórias da Aldeia. Que tinha uma ligação, que eu estava resgatando a alguma coisa que estava lá. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

- *Eu acho que é o primeiro tudo, eu acho que qualquer coisa que venha depois se junta a esta memória, eu acho que quando você vai pra faculdade, você utiliza daquilo que você tem, e é por causa da primeira infância do ambiente que você viveu, se sua escola te proporcionou coisas boas, você vai usar isso na profissão que você escolher, se você é espontânea, você vai escolher e a espontaneidade, e só na primeira infância, ou você tem ou você perdeu. Minha formação em Psicanálise infantil, acho que a escola teve muita influência por ter escolhido a profissão, o desenvolvimento humano, a hora que eu fui escolher a teoria que iria seguir, dentro da Psicanálise infantil, porque basicamente, a princípio tem dois grandes focos: da sensação, Winnicott, que segue mais os sentidos, e o outro é uma escola mais Klein, que trabalha a raiva a inveja. Acho até que faz sentido, mas, pra mim, é muito mais nítido e nesta questão a Aldeia é diferencial, principalmente por causa do cheiro, da questão dos sentidos. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

- *Provavelmente carrego essas memórias no meu trabalho que além de ser engenheiro civil, carrego foco na natureza, criei esta empresa com foco na construção sustentável, telhado verde... Criamos no último projeto uma área verde dentro da casa. Talvez este meu legado de passar as áreas verdes pra frente vem desta fase. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

- *De valores, esta questão de hoje eu trabalhar com arte educação e valorizar a criatividade, tenho certeza que está plantado ali... Me sinto bem de poder ter na formação experiências que*

*colaborem até para eu ajudar neste desenvolver do mundo, estar no mundo de uma maneira, eu acho que um pouco contra-corrente, porque ainda tem muito desrespeito, ainda tem muito segmentação, divisão das pessoas, ainda tem muito, mas eu acredito na corrente que vai contra isso, e assim, e ter ferramentas pra também fazer isso acontecer, faz parte da Educação dar essas ferramentas, e aí eu acho que na minha vida inteira só foram me dadas na educação na Aldeia, depois me deram outras ferramentas para outras coisa, passar no vestibular, enfim, mas esta construção do mundo... só lá. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- Sempre quis fazer alguma coisa pra ajudar, cuidar, sempre tive esta vontade de cuidar das pessoas, de buscar um crescimento, profundo, a gente vai e volta, legal pensar nisso agora, a gente faz uma ponte lá atrás e ver que tudo tem a ver, nossa construção... A minha formação, eu sempre gostei de estar com as pessoas, de compreender, de empatia, de não ficar muito em mim, olhar o outro, se colocar no lugar do outro. Isso sem dúvida contribuiu para minha formação, para a escolha da minha profissão, sendo que a Aldeia foi o primeiro lugar que eu convivi com as pessoas, por ser filha única, de brincar, de dividir, e eu amava a Aldeia. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Eu fui para humanas, porque pra mim ficou muito marcado a importância do lado humano, deste olhar humano pra vida deste desenvolvimento, pode ser que tenha influenciado na escolha da minha profissão. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

## **5.11 Visão de Educação**

É o interesse que nos liga ao que não é nós, a vida que o passado, por sua prova continua, encontra em nós e nos traz, é sobretudo a vida que ele continua a levar em cada criador que reanima, relança e retoma em cada quadro o empreendimento inteiro do passado (MERLEAU-PONTY, 2002, p.99).

Figura 37- Aldeia (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

A visão de educação que orientou a implantação da Escola, de forma intencional ou intuitiva, era orientada pela liberdade, pela escuta das crianças, pela valorização das atividades da criança, que se referia em respeitar o tempo, respeitar a voz, o interesse, e essa visão é compreendida pelas crianças e reelaboradas agora pelos adultos.

Narrar é compreender, enquanto se narra, processos internos que vão ganhando dimensões de leitura e significação mais verticais e amplos, ao mesmo tempo. E ao reviver o antigo sob outro enfoque, o passado se refaz sob as *benesses* da imaginação, narramos de outro modo, depois dessa experiência. Nossos devires se abrem a partir daquele outro passado reconstruído no presente. Ao relembrar nossa origem, reconhecer nossos processos identitários, abrimo-nos ao devir, esperando pelo inevitável fim com a aceitação da vida de quem constata a tradição da filosofia trágica (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012 p.102).

Interessante observar que a maioria dos entrevistados mencionou que voltaram a rememorar a escola Aldeia quando tiveram filhos e gostariam de oferecer a mesma vivência que tiveram em sua infância, na escolha da Escola para seus filhos.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança. (POULET, 1992, p. 54-5)

- *Eu comecei a lembrar muito mais na Aldeia, depois que eu tive a minha filha, porque eu comecei a pensar que tipo de escola eu queria oferecer pra ela. Foi ai que eu descobri que o mundo está muito diferente do que o que a gente viveu... Eu senti muita falta disso, porque na minha lembrança, a gente teve uma educação livre até eu ir para o Pré-Primario, isso eu me lembro bem, porque este período da Aldeia não foi marcado por regras, das coisas acontecerem de forma rígida, de cumprir horários.... Porque quando eu comecei a escolher a escola para minha filha me vieram todas estas questões, o que a gente quer ensinar, como que a gente faz pra encontrar uma escola como a gente acha que tem que ser.... Como a nossa infância reaparece quando a gente se torna pai e mãe, ai que a gente começa a perceber a importância de algumas vivências de alguns elementos que eram parte daquele comecinho, e que a gente talvez nem soubesse, e dai, chega uma responsabilidade como essa, e ter tido uma base legal, aparece neste momento, eu queria uma Aldeia para meus filhos!!! Queria uma Aldeia em Recife. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

Como afirma Froebel (1887, p. 55), “A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança – do desenvolvimento humano neste período; é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem a fonte de tudo que é bom.” A educação precisa abordar não só a vida intelectual do aluno, mas também sua vida afetiva, corporal, social e espiritual, em busca do reencantamento do processo ensino-aprendizagem, por meio destes depoimentos confirmamos que, ao receber essas vivências, é natural o desejo de reproduzir a seus filhos este bem.

- *Queria que meus filhos tivessem uma Aldeia pra estudar, porque acho que foi fundamental na minha vida e vou sempre carregar no meu coração, e obrigado por esta oportunidade de rever, pra reviver estas histórias. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

- *Depois que a Julia (filha) nasceu, veio o desejo de proporcionar pra ela este contato com a natureza e com os animais. Quero passar para minha filha essa simplicidade, a ligação com a essência do que é natural, a alimentação saudável. (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).*

- *Meus filhos estudam em uma escola muito parecida com Aldeia, com horta, animais, arte, areia, voltam imundos, nunca vai ser igual pra mim pois a relação que eu tinha com as professoras, é diferente, falta, mas consegui um lugar que dá um pouco disso pra eles... Eles*

*tém música, é um bairro alemão, as professoras tocam flauta, violão... Hoje fico pensando muito se meus filhos podem lembrar como eu, se eles irão ter a mesma vivência que eu tive...Se eles irão ter tão boas memórias como eu tive. Eu fico tentando proporcionar as melhores experiências para eles receberem o que eu recebi, isso confirma o quanto foi boa esta minha experiência, pra você ver como essa experiência me marcou até hoje porque quero oferecer com a mesma intensidade. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

*- Nos finais de semana, eu chorava que queria ir pra escola, eles tinham que me levar na Escola, pra provar que a Escola estava fechada, minha mãe teve que me subir no muro pra mostrar que não tinha ninguém pra me acalmar, de tanto que eu queria ir pra Aldeia. Tanto que ficou isso na minha cabeça quando fui escolher uma escola para meu filho, e encontramos uma que tem uma imensa área verde, mas acompanha que tem este incentivo no contato com a natureza, e a primeira palavra dele foi árvore, antes de mamãe... Eu deixo muito meu filho livre, sentado na grama, regar as plantinhas, coisas que foram passadas pra mim. Sempre quis participar muito com meu filho, estar presente, me interagir com meu filho, porque eu vivi isso na minha infância, e também procurei uma creche que tivesse espaço verde, contato com natureza, colocar o pé na terra, pois vejo as crianças que não têm este contato faz muita diferença na evolução, custa colocar a criança em uma escola com espaço verde, sim, mas vale a pena, pois eu vivi isto por isso quero dar ao meu filho. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- É difícil pra mim não querer dar pra minha filha um pouco do que vivi, seria uma violência, simplesmente negar isso, eu não consigo colocar ela numa escola o dia inteiro sem nenhum tipo de vivência doméstica. Porque eu acho que na Aldeia tínhamos atividades domésticas, um pouco uma continuidade de casa, e isso que era interessante também e hoje fica difícil não dar uma partezinha possível, do que tive pra ela. Acho que algo disso marca um ponto de querer transmitir uma vivência um pouco mais próxima. Que também tem a ver com ritmo, deixar a criança mais livre, tive uma briga com a escola dela o ano passado, porque a professora era muito inexperiente, porque as crianças não ficavam paradinhas, ouvindo a história no momento que tinham que ouvir, e reclamando porque ela tinha sono e briguei pelo desrespeito não respeitava o ritmo da criança. Eu briguei muito, porque é um desrespeito em relação ao ritmo da criança. A Escola, pra mim, tem que ser uma continuidade da família (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

A busca de uma educação aos seus filhos, próxima ao que receberam na infância, pressupõe uma apropriação da valorização do que viveram, na idade em que eles se encontram, sendo que, em sua maioria, não encontraram um espaço adequado em relação ao que buscavam como referência, acentuando a dificuldade de Escolas que ofereçam essa visão mais amplificada de valorizar o tempo e o espaço que valorize o ser criança

- *Eu procurei uma escola para minhas filhas que elas pudessem receber o que eu recebi de liberdade, uma experiência bacana (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

O central na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. A biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela. (MATURANA, 2002, p.32)

## **5.12 A entrada no ensino convencional**

Essa compreensão de corporeidade poderá incendiar a paixão de ensinar e aprender como princípio educativo, visível nos gestos, no tom de voz, na palavra, no olhar, no silêncio, na impaciência e na quietude, no riso e no choro, no medo e na ousadia, no abraço, na proximidade e na distância. A agenda do corpo na educação e no currículo deverá necessariamente alterar espaços e temporalidades, considerando o ato educativo um acontecimento que se processa nos corpos existencializados e é atravessado pelos desejos e pelas necessidades do corpo e que, seguramente, não é propriedade de nenhuma disciplina curricular, mas que pode oferecer-se, não sem resistência, como projeto de inusitadas colaborações nesse espaço e tempo da educação que compreendemos como currículo. (NÓBREGA, 2005, p.613)

Falas que se expressam de um corpo vivido. Deixaram-nos impressionados as memórias referidas à saída da Escola e a entrada em um modelo de ensino convencional, muitas vezes usado com o termo ruptura. A perda da liberdade, talvez, foi a menção mais citada em todos os depoimentos, que sinalizam a percepção dos sentidos no corpo quando alteradas suas possibilidades. Fatos que trouxeram até uma certa nostalgia ou responsabilidade de não termos dado continuidade a este sistema de Educação.

Num mundo assim, sem uma relação básica com a natureza, sem liberdade de movimentos e de escolha de companheiros para brincar, não é possível desenvolver adequadamente uma consciência corporal, uma autoconsciência, uma consciência social e uma consciência de mundo. Num mundo estranho, elas vivem alienadas de si mesmas e crescem como seres manipuláveis e socialmente alienados. Assim, desprotegidas, num ambiente que não lhes

proporciona confiança nem aceitação, elas jamais alcançam um desenvolvimento total de suas possibilidades humanas naturais de auto-orientação, auto-respeito, responsabilidade pessoal e social, liberdade e amor (MATURANA; ZOLLER, 2004, p.195- 196).

Infelizmente, o nosso sistema educacional tradicional não permite que a criança explore e se descubra, em seu próprio ambiente. Privada de liberdade e expressão ela se torna passiva diante de seus impulsos naturais, submetendo-se a uma ordem relativa que molda projetos unilaterais de visões de ordem puramente cognitivas, tendo seu tempo de infância aprisionada em salas de aulas com métodos e regras inflexíveis a individualidade de seu ser.

*- Quando sai, senti muita dificuldade de adaptar, a falta de liberdade, de seguir regras, de ser direcionado, impositivo, mais responsabilidade, principalmente a perda de liberdade (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Porque aquele ambiente, pra mim, era acolhedor, eu precisava de mais tempo na Aldeia, porque depois eu voltei a ter medo, fui pra uma Escola Municipal, alguém tinha que ficar comigo, eu precisava olhar o pé da pessoa, eu chorava todos os dias na escola, dai eu fui transferida, pra outra Escola Estadual, e também encontrei uma professora um acolhimento, mas eu não me sentia bem, só fui melhorar no terceiro e quarto ano da Escola, quando eu voltei pro Escola Municipal de novo. Na minha memória, depois que sai da Aldeia, era um martírio ir pra Escola, não era nada de gostoso, não me traz boas recordações (Luiza de Miranda Moldan, 2017).*

*- Aí eu identifico uma ruptura quando fui para uma Escola particular, enfim porque a proposta era outra, outro momento, mas esta idéia do ritmo mudou, na Aldeia era um ritmo mais orgânico. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

*- Passei esses 3 anos na Aldeia sendo muito livre ... uma aluna ativa , era totalmente diferente e não teve uma continuidade, porque depois eu fui para outra escola particular, e é muito engraçado porque na minha memória escolar, lembro da Aldeia como ótimos anos da minha vida, os melhores anos da minha vida naquela época, e os três anos que passei no outra escola, foram os piores anos escolares da minha vida, principalmente porque eu era muito livre, eu queria brincar na areia do parquinho e, não podia, aquela saia de preguinhas eu ia com shorts embaixo e queria tirar a saia na hora do intervalo e não podia... e não podia fazer nada, enfim a professora chegou a chamar o meu pai pra falar que eu tinha problemas que eu tinha dislexia, e, na verdade, eu não tinha dislexia coisa nenhuma. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

*- Quando eu sai da Aldeia, eu senti muito, senti falta dos professores, como era, da liberdade, tinha atividade livre, quando entrei na Escola eu chorei muito, senti muita dificuldade em me adaptar. Eu não queria ir, chorei mais de uma semana, porque não tinha liberdade, ficava dentro de uma sala sentado, na Aldeia eu podia correr, dei muito trabalho para minha mãe, eu queria voltar a ter aquela liberdade. Demorou pra me acostumar. (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2017, ex-aluna).*

De acordo com Friedmann, (2014), os sistemas tradicionais precisam dar este passo desafiador de se flexibilizarem já que nossa história é testemunha da grande falta de flexibilidade e adaptação, aspectos que realmente são imprescindíveis para abrir caminho para a transformação e adequação, tão necessárias, nos diversos âmbitos e propostas educacionais.

*- Foi um período conturbado, inclusive depois que sai da escola, não parava quieta, falava pra caramba, me mudavam de lugar, eu não parava de falar com quem estava do meu lado de novo. Eu tive dificuldade inclusive na Escola em relação a isto depois, porque o ensino da Arte não é muito enfatizado na criatividade, a maioria das vezes, é geralmente enfatizado no conteúdo, enfim, quando é enfatizado, digamos assim.... E acho que é o maior benefício que pode se tirar de um momento de criação que exercita outras linguagens que não só as letras, é a criatividade, né, então eu acho que plantou esta semente e hoje eu só consigo ver sentido na arte educação desta maneira e assim, quando estava na escola tive esta dificuldade por não ter uma habilidade fina motora pra entregar um desenho muito bem pintado exatamente como era pedido, era difícil e eu ficava de recuperação de artes imagine isso? ... Que não exige de repente que você fique quieta. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

Segundo Lydia Hortelio, 2009, o atual discurso pedagógico e psicológico, em geral, encontra-se ainda carregado de uma compreensão do brincar como meio para se atingir uma finalidade específica de aprendizagem destituindo dele seu caráter de liberdade e criatividade humana.

*- Eu me lembro de ser tratada igual a todas as crianças. Não tinham diferenças de tratamento. Ali, era um respeito a minha produção, livre, solto, podia cantar, dançar, brincar... Não tinha nenhuma censura, critica, eu tinha uma sensação de felicidade... Depois eu tive outras referências de professores, que me reprimiam.*

*Se a gente tivesse tido outras escolas na mesma linha, porque quando eu fui para escola particular... Talvez seria mais fácil e melhor se tivesse continuada no ensino pedagógico da Aldeia (Claudia Petlik, 2017, ex-aluna).*

A fala do corpo na educação, descrito por Nobrega onde podemos refletir elementos que infelizmente ainda imperam no atual currículo escolar.

Quando perguntamos sobre o lugar do corpo na educação, indagamos fundamentalmente sobre o modo pelo qual o corpo foi compreendido nos currículos escolares, sobretudo na relação com a construção e apropriação dos saberes na cultura escolar. A perspectiva de currículo aqui abordada certamente não esgota a questão; o objetivo principal é refletir sobre algumas maneiras de compreender a cultura do corpo na educação. Neste sentido, apresentamos elementos para o debate e aprofundamentos em contextos mais específicos e que consideram as distintas realidades que configuram o espaço escolar (NÓBREGA, 2005, p. 60)

Pelos apontamentos destes depoimentos, notamos que, para muitos, a passagem ao ensino convencional foi traumática, ocorrendo uma ruptura de um sistema integrado, principalmente no aspecto da liberdade de escuta e expressão. Fato este que alguns anos após ser aberta a Aldeia, a pedido de alguns alunos que haviam saído e dos pais, iniciamos uma turma extra curricular, para que pudessem dar continuidade ao sistema de ensino que oferecíamos. (Figura 38).

Figura 38 - Turma extra curricular Aldeia (1984)



Fonte: Acervo da Autora

### 5.13 Vínculos afetivos

A vinculação é uma forma não verbal de comunicação psicológica, uma harmonia intuitiva que funciona fora e além dos modos de pensamentos e percepções comuns, racionais e lineares. A vinculação envolve o que chamo de “processamento primário”, função biológica de valor prático imenso, mas perdida em grande parte pela tecnologia. (PEARCE, 1989, p.75)

Como cita Pearce, o vínculo criado em um processo de comunicação harmônica permanece e se fortalece com o tempo. Vários participantes fizeram menções a estes vínculos que de alguma forma tiveram continuidade pós Aldeia. Pensamos que esta referência foi nutrida pela forte integração da família na Escola, que possibilitou criar uma Comunidade participativa, em que os próprios pais se afinaram entre si, criando uma extensão desses convívios que se perpetuou, em alguns casos até hoje.

Devido a intenso desenvolvimento tecnológico temos hoje crianças com déficit de amizades, crianças solitárias, com alto risco de depressão, devido ao longo período na televisão e no computador, que, além da falta de atividade física, não criam vínculos afetivos tão importantes neste período da vida.

*- Até hoje tenho vínculo com crianças que estudaram comigo, varias crianças, a Caca, a Lala, a Aninha, a Chica, a Mala, a Marilia Baracat, até hoje somos amigas e começou na Aldeia. Permaneceram mesmo estudando em outras escolas. (Luiza de Miranda Moldan, 2017)*

*- Engraçado que todos os meus amigos atuais são daquela época, então muita gente que eu convivo hoje, éramos amigos da época da Aldeia, o Felipe, o Fabio, a Claudia, que criou este vínculo de amizade. E a gente mantém ate hoje (Rodrigo Gatti, 2016).*

Quando é proporcionado uma aceitação da individualidade favorece a instauração de vínculos,

Somente se minhas relações com o outro se derem na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência e, portanto, na confiança e no respeito, minhas conversações com esse outro se darão no espaço de interações sociais (MATURANA, 2002, p .69).

*- E amigos que tenho até hoje por causa da Aldeia, isso eu acho forte, porque o vínculo que mantemos, realmente foi um vínculo importante. Algumas mudaram de escola e a gente*

*mantinha este vínculo, mesmo em escolas diferentes, minha mãe levava na casa, os pais incentivavam este vínculo, e a gente continuou este vínculo, mesmo quem não era da minha classe, ah, você estudou na Aldeia, ficou uma Comunidade mesmo. Lembro de todos meus amigos, as poucas fotos que eu tinha me ajudaram a manter a memória, mas me lembro de situações de cada um.*

*A maior parte de meus amigos de Araraquara são os que estudaram comigo na Aldeia, eu tive esta escolha por toda vida. (Claudia Petlik, 2016)*

*- Algumas conexões, que estabeleci na Aldeia eu nunca perdi. Este vínculo, mesmo com as que não estavam na minha sala. A Mala, por exemplo, foi uma pessoa com quem eu mantive, mesmo sem estudar na mesma escola. A Claudinha eu também mantive. Quando eu me lembro da Aldeia, (ficou emocionada) ela era amiga que eu tinha maior conexão, eu tinha muita troca com amigos, ia na casa brincar. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

*- Todas as primeiras vivências da minha vida, de felicidade, de morte, de machucado foram todas na Aldeia, isso fez eu querer de alguma forma manter isso na minha vida. Sou amiga da Fernanda desde a Aldeia, eu acho que a importância deste período pra criança e até pra minha vida é essencial, não tenho duvida nenhuma. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

*- É interessante como ficou uma aliança muito gostosa entre nós, uma união muito boa, parece que os 35 anos não passaram, ficou este vínculo até hoje com os professores. (Regina Gatti, mãe, 2012)*

A Aldeia foi significativa na vida de todos que passaram por lá, a troca de informações de forma informal, mas direcionada, permitiu a toda equipe e pais construirmos um ambiente de harmonia e confiança, o que propiciou um vínculo presente até hoje – como se fosse a criação de um espaço de possibilidade de afeto para que as relações pudessem florescer da forma como podiam ser, aqui descrita por PEARCE (1992, p.140-141):

A criança vinculada, em geral é a mais inteligente que a não vinculada. A presença constante dos pais- comunicando-se, acompanhando e sancionando eventos na experiência do filho- determina, num grau incomensurável, a profundidade da capacidade cognitiva da percepção sensorial daquela criança.

#### 5.14 Reverberação da memória: Encontro com alguns depoentes

Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade” (BOBBIO, 1997, p.30)

Figura 39 - Encontro 2017



Fonte: Acervo da Autora

No decorrer da pesquisa, tivemos dois encontros sucessivos com alguns dos depoentes, sendo uma das questões em nossas rodas de conversa, se houve alguma reverberação após os depoimentos realizados.

Interessante observar que todos afirmaram que o que mais reverberou depois de nosso encontro, foi a atenção na educação com seus filhos, alguns passaram a proporcionar algumas atividades semelhantes das que fazíamos lá. Provavelmente a apropriação de suas memórias na infância, intensificou o desejo de proporcionar a eles experiências semelhantes, posto que, em sua maioria, seus filhos se encontram com a mesma idade que tinham quando estudavam na escola. É fato também que embora já houvessem mencionado estas afirmações nas entrevistas, essa intenção ficou mais avivada, como reflexão e clareza do que realmente predomina de valor, neste período da vida. Como cita Bobbio, as recordações nem sempre afloram; se não vamos procurá-las, elas tomam outras formas, quando avivadas.

- As memórias, eu fui falando , parece que elas ficaram mais vivas depois que eu falei, acho que depois de verbalizar, dá uma organizada, parece que como se tivesse acontecido há poucos anos atrás, parece que eu lembro do filtro, do espaço físico , as pessoas, ficou mais vivo... **Cada vez que a gente revisita o passado tem um resgate de alguma coisa nova, de uma leitura nova, de um novo olhar, não é estático, reverbera, não tão consciente, recupera sonhos, outro olhar....Este resgate, organizar a memória,** verbalizar o que a gente viveu, pra mim, foi super importante pra fase de maternidade, porque meus filhos estão nesta fase, de quando eu estava na Aldeia, e toda hora eu pergunto pra eles o que vocês se lembram do ano passado, da escola, porque é legal ir consolidando a memória... A maioria das pessoas não tem tantas memórias, eu acho legal estimular e a pessoa se conhece assim..Repercurte nos valores, o que mais fica, os valores mais recentes. Nas escolhas que eu faço para meus filhos, na maternidade, nas escolhas de música, nas atividades que faço com eles, sempre a base, é o que vivia na Aldeia (Claudia Petlik, 2017, ex-aluna, grifos nossos).

Vale destacar, nesta fala da depoente, a força mística que acompanha a recuperação da memória, que transmuta o presente ao mesmo tempo permite se apropriar de sua história, pois a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam. “Toda consciencia do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado. (LOWENTHAL, 1981, P.75)

- Você começa a voltar no passado, é muito gostoso, dá uma sensação boa, de voltar, porque você não para muito pra pensar na sua infância, algumas vezes você encontra uma amiga e fala: lembra? ...Mas voltar no resgate há quantos anos atrás? Estou com 40 agora, 36 anos atrás é gostoso uma sensação boa, de olhar como foi bacana a minha infância no passado... Tanto que eu resgatei algumas coisas que eu tinha, da Aldeia, eu comprei argila, brinquei com meus filhos com argila... foi muito bom!!! (Luiza de Miranda Moldan, 2017, ex-aluna).

Como afirma Bobbio (1997, p.30) “O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa, mas é uma atividade salutar”. A rememoração fortalece o que reverbera em nossa essência, recuperamos o prazer do que nos deu prazer.

Figura 40 - Encontro 2017 – Filhos dos depoentes brincando com argila.



Fonte: Acervo da Autora

*- Aldeia simplesmente dava espaço pra criança poder se desenvolver de um jeito bom pra criança. Ela respeitava o tempo da criança, trabalhar os sentidos, o motor, a natureza. Tudo acontecia naturalmente, era um espaço que respeitava o tempo da criança, quando me lembro, era um espaço muito gostoso, porque a gente ia lá, fazer o que a criança gosta de fazer, então tinha essa conexão com o tempo da criança, isso acho que era muito legal, e isso, por exemplo, quando a gente se torna pai, mãe, começa a olhar para os nossos filhos, é o que a gente gostaria de oferecer a eles, que eles pudessem se desenvolver, a aprender coisas, sem um desrespeito, sem um atropelo, com uma escuta, do que esta ao lado deles. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

Figura 41- Encontro 2017



Fonte: Acervo da Autora

*- A Aldeia fez parte de quem eu sou hoje, construí minha personalidade com esta base, com a natureza, tanto que eu coloquei minhas filhas na escola que tem uma mini fazenda, e ela adora os animais, eu lembro dos animais dos coelhinhos, eu tenho foto, e este contato com a natureza, com a simplicidade, é fundamental, e quero transmitir isso pra minhas filhas, e transmito. Vai ficar pra sempre na minha memória, um lugar familiar. Foi demais pra mim, nunca esqueci todas as lembranças estão sempre vivas na minha história. (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).*

Percebemos o quanto as atividades simples, mas tão ricas em conteúdos, permanecem e atuam como referências em suas vidas. “A natureza por si só constitui-se no currículo pelo fato de propiciar a aprendizagem, desenvolver a autonomia, oferecer liberdade, garante um brincar de qualidade, potencializa as relações entre os pares, permite observar a natureza de perto com suas especificidades (CARRUTHERS, 2010).

*- Foi super legal conversar sobre este assunto, pois me levou a recuperar algumas memórias lúdicas, me fez pensar em pontes que não eram presentes mais em mim. E vêm coisas muito legal. Mexe muito essas coisas sempre mexem bastante, porque voltar um pouco na nossa história, e a gente vivenciar e com outro papel, porque eu vivo este papel efetivamente com minhas filhas com a idade que estava na Aldeia, então foi muito significativo, comecei a pensar bastante depois do nosso encontro, e tentar viver mais o que que a gente viveu hoje aqui, antes com as crianças, o que eu aprendia, os valores lá da Aldeia, estas questões, da horta, da culinária, da terra, de valorizar e de viver o que é mais importante da vida, estes momentos mais simples, mas tão grandes, acabam ficando grandiosos sendo valiosos pra gente levar que é o que fica na nossa memória assim. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber. (DELGADO, 2003, p.25)

Figura 42 - Encontro com alguns depoentes



Fonte: Acervo da Autora

Impressionam as falas dos depoentes ao afirmarem o quanto essas práticas simples, mas de sobremaneira gravadas em quase todos, repercurtem, hoje, na reprodução e desejo de oferecer as mesmas experiências aos seus filhos. Para Marieta Ferreira (2000, p.111), “A memória é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” As narrativas coligidas para esta pesquisa são preciosas e permitiram a recuperação de uma trajetória e a reconstrução de um saber que se apresentam com mais fundamento e apropriação, ancoradas pela memória dos próprios alunos, de vivências que permaneceram vivas, mobilizando, o desejo e ensejo de serem levadas às próximas gerações.

Compactuo com a definição de educação como recuperação da vida.

Para que educar? Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão. Quero um mundo em que respeitemos o mundo natural que nos sustenta, um mundo no qual se devolva o que se toma emprestado da natureza para viver. Ao sermos seres vivos, somos seres autônomos, no viver não o somos. (MATURANA, 2002, p.34-35)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desta pesquisa demonstrou o grau de importância das aquisições de valores ocorridos na experiência vivida pelas crianças na escola Aldeia e reforçou a premissa de que o estado de consciência adulto não pode existir, a não ser em uma relação sincrônica com o conhecimento corporal e o processo primário. O processo primário abrange a experiência passada, atual e potencial. Neste sentido, a essência absorvida dessas vivências sinalizam sementes que de formas diferentes desabrocharam em suas vidas, permitindo a assimilação de conceitos próprios que refinaram as escolhas e valores em suas vidas adultas.

Podemos citar como pontos relevantes que fundamentam e direcionam esta pesquisa: a compreensão do corpo como o veículo do sensível; a natureza como o habitat natural da criança; o brincar como a linguagem da criança; a valorização das linguagens expressivas; a compreensão do ser humano integrado, com aspectos conscientes e inconscientes, que traz a história da humanidade, familiar e pessoal e que nos aponta para o futuro.

Os conceitos que a fundamentaram foram analisados a partir de uma abordagem teórica transversal que, se captados por uma sensibilidade desperta, podem amparar uma nova visão de educação que tenha como objetivo o desenvolvimento humano e a sustentabilidade da vida. Como núcleo central, valemo-nos da interface dos princípios da teoria Sistêmica referida por Fritjof Capra e da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, a partir de um diálogo com outros pensadores, a fim de analisar o conteúdo das vivências relatadas pelos sujeitos da pesquisa, comprovando que alguns valores, aqui, entendidos como fundamentais para convivência harmônica com a comunidade humana e natural, foram estruturados na infância enquanto os mesmos estiveram frequentando o espaço educacional da Aldeia.

Pela Teoria do Sistema, que entende o mundo como um todo integrado, evidencia-se que os fenômenos vividos pelos sujeitos estão interconectados e tecem uma teia de relações que se retroalimentam, de modo a favorecer a apropriação de uma nova visão de mundo. Pautados nesta afirmação, constatamos que, apesar das experiências dos sujeitos dessa pesquisa terem se dado em tão tenra idade, elas permaneceram vivas, posto que impressas na memória corporal por eles registradas e que elas são de ordem sensorial e não mental e ou intelectual. A corporeidade como unidade perceptiva funcionou como instrumento afinado de leitura do mundo que nos permitiu acessar de forma congruente a inteireza no ato existencial. Se o corpo guarda a memória da ação, podemos mesmo pensar que a sustentabilidade do conhecimento depende do registro corpóreo.

O fato dessas vivências terem ocorrido em um curto espaço de tempo e repercutido em suas vidas e nas suas percepções de mundo, influenciando, inclusive, nas suas escolhas profissionais e nas abordagens ideológicas, demonstra o quanto o conhecimento, que não se restringe apenas ao cognitivo, vivenciados na primeira fase da vida está carregada de direcionamento e fundamentos para o futuro.

É notável também a ênfase no discurso de quase todos os depoentes quando afirmam que voltaram a pensar em sua infância quando tiveram filhos e que gostariam de oferecer as mesmas vivências a eles. São por esses ciclos que enxergamos as vias da apropriação desses valores, pois “Aquilo de que me aproprio é uma proposição de mundo” (RICOEUR, 1988, p.58). O fato de buscar no passado uma referência de valores para proporcionar a seus filhos, sinaliza o quanto essas práticas se sustentam no presente e direcionam o futuro.

O pensamento sistêmico pode ser melhor apreendido a partir dessas novas janelas da alma – corpo e sensibilidade. Ver o todo nas partes e vice-versa e discernir a rede de relações que se estabelece entre elas. Neste sentido, acentua uma reflexão mais abrangente e inclusiva das vivências na infância; permite-nos cultivar um pensamento dialógico que busca reunir referências do passado no presente, preservando as diferenças, possibilitando uma nova forma de olhar a educação.

Vale ressaltar que a recuperação da memória possibilita, além de uma reconstrução do saber passado, uma possibilidade de alteração do presente e uma nova visão futura. Acreditamos que estas narrativas alteraram a visão de mundo dos entrevistados, assim como da autora, devido a fortes emoções da recuperação de vivências aqui narradas, que possibilitaram uma revisão e integração de novos valores em suas vidas, assim como o desejo de dar continuidade dos mesmos nas próximas gerações.

A reconstrução da trajetória da Escola Aldeia, por meio dos depoimentos, possibilitou averiguar a importância da mesma na vida de seus ex-alunos e ex-professores como um ambiente inovador em que a educação pode ser vivenciada de forma plena no que tange ao respeito à natureza, aos cuidados com o tempo e o espaço da criança, à arte, à celebração da vida em comunidade, etc. Enfim, de valores que perpassam pelo acolhimento da infância, entendendo a criança como geradora de cultura e saber. Posteriormente, ao nos aprofundarmos teoricamente nos temas suscitados nas entrevistas, pudemos averiguar a pertinência do que era feito nessa Escola. E tal qual um ciclo que se nutre, referencia-se e se abre em diálogo, sem que um fator elimine outro, mas ache paridade e respaldo, a história da autora se mescla e se mistura às outras narrativas, dando ensejo e contexto ao que foi descrito e estudado. A pesquisa se

iniciou neste movimento: a história particular reverencia a história coletiva e se faz presente novamente enredando a vida da Aldeia. Há um vínculo que não se isenta de aparecer em que o pesquisador se aproxima de seu objeto de estudo.

Conduzir o processo de aprendizagem, dentro de um ambiente amoroso, garante o percurso de apropriação da afetividade. Assim, deduzimos que a cognição, em todo seu processo de desenvolvimento, não subjuga o afetivo, mas com este se articula no ato de conhecer. O amor é, sem dúvida, o indicativo fundamental para promover um desenvolvimento de confiança, respeito e soberania, que dá sentido a todas as ações.

A natureza em seu mais completo e complexo sistema nos ensina a estarmos no caminho do eterno aprendizado, a dar relevância ao que realmente tem valor, que reverbera e nos mobiliza para atuarmos com consciência ampliada nesta vida.

Nos ciclos que vivemos e revivemos ancoramos novos acordos de evolução. Gostaríamos de incentivar, por meio desta pesquisa a expansão de espaços que ofereçam uma nova perspectiva de educação e que estabeleçam propostas pedagógicas dentro de uma visão sistêmica do desenvolvimento humano, em que a natureza seja uma constante nos espaços educacionais, e não uma excepcionalidade.

Concluimos que as experiências da infância reverberam na idade adulta em diferentes expressões e manifestações de consciência, capazes de ancorar valores essenciais de convívio harmônico com a diversidade, por meio da integração e do aprendizado com a natureza. No caminho da simplicidade, na sensibilidade da escuta e na oportunidade de proporcionar um ambiente de amor, assim como a natureza nos proporciona.

A educação, ao perceber que corpo, natureza e cultura se interpenetram através de uma lógica recursiva, poderá compreender que o corpo natural é cultural, humano e animal, universal e singular, portanto, histórico. Logo, ao perceber que não é possível ir em busca de um corpo isento de história e ao reconhecer a responsabilidade que possui ao colaborar com a reescrita dessa história, ela tem o desafio de permitir desabrochar as subjetividades, abrindo espaços que possibilitem a florir o ser selvagem, o ser do abismo, um ser que, ao se modificar constantemente, provoca mudanças no ambiente, na sociedade, na cultura. Uma educação que seja capaz de fazer desvendar a capacidade criativa de um corpo que, ao viver, se reestrutura mediante imprevistos, fazendo desvelar a complexa condição humana. (NOBREGA; MENDES, 2004, p.136)

## REFERÊNCIAS

AIRES, P. G. **O quanto da natureza e do brincar.** Palestra proferida no Seminário Internacional de Jogos Tradicionais, realizado na EEFÉ-USP entre 15 e 17 de ago. 2012.

\_\_\_\_\_. **O brinquedo e a imaginação da terra:** Um estudo das brincadeiras do chão e suas interações com o elemento fogo, João Pessoa, 2013- Dissertação. Disponível em: <<http://text-br.123dok.com/document/q5m16mgy-o-brinquedo-e-a-imaginacao-da-terra-um-estudo-das-brincadeiras-do-chao-e-suas-interacoes-com-o-elemento-fogo.html>>. Acesso em 23 set. 2017.

ALVES, R. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas, SP: Papyrus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Do Universo à Jaboticaba.** (Crônicas). São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

ANDRADE, L. **Terapias Expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.

ARCE, A. **Friedrich Froebel: O pedagogo dos jardins de infância.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARCCURI, I. G. (org.). **Arte-terapia - Um novo campo de conhecimento.** São Paulo: Vetor Ed. Psico-Pedagógica Ltda, 2006

ASSMANN, H. **Reencantar a Educação:** Rumo à Sociedade Aprendente, 10.ed., Petrópolis, R.J.: Vozes, 2007.

BARBIERI, S. **Interações: Onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BARROS, M. **Memórias Inventadas: a infância.** São Paulo: Planeta, 2003.

BERGSON, H. **Matéria e Memória:** Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Trad. Marcos Vinícius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BOBBIO, N. **O Tempo da memória.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORBA, A. M. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patricia (org). **Educação Infantil – cotidiano e políticas.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BOFF, L. **Saber cuidar:** ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire.** Disponível em: <[http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque\\_metodo\\_paulo\\_freire.pdf](http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf)> Acesso em: 15 fev.2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. / Brasília :MEC/SEF,1998. Volume1.

BUITONI, D. S. **De volta ao quintal mágico:** A educação infantil na Te-Arte. São Paulo: Ágora, 2006.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**, editora UNESP, 1999.

CATALÃO V. M. L. **A Redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade**, 2013. Rede Brasil de Transdisciplinaridade. Disponível em: [www.redebrasileiradetranstisciplinaridade.org/pluginfile](http://www.redebrasileiradetranstisciplinaridade.org/pluginfile). Acesso em: 13 nov. 2017.

CATUNDA, R. **Brincar, criar, vivenciar na escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

CAPRA, F. **O Tao da física.** São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Ponto de Mutação.** São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização Ecológica:** a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização Ecológica:** O Desafio para Educação do século 21. Disponível em:

<<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Formação%20Continuada/Educação%20Ambienta/ALFABETIZAÇÃO%20ECOLÓGICA.pdf>> . Acesso em 29 out. 2016.

CARRUTHERS, E. As experiências das crianças ao ar livre: um sentimento de aventura? In: MOYLES, J. (org) **Fundamentos da Educação Infantil:** enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CATROGA, F. Memória e História. In: PESAVENTO, S. J. (org.). **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2001.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação.** vol.23, n.1-2 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci_arttext)> . Acesso em: 18 nov. 2016.

CRUZ M. C. M.T. **Para uma educação da sensibilidade:** a experiência da Casa Redonda. Centro de Estudos, 2005, ECA- USP. Disponível em: <

[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/.../AEDUCACAODASENSIBILIDADE.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/.../AEDUCACAODASENSIBILIDADE.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2017.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidade**. Moodele. UFSC. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod\\_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20-%20História%20oral%20e%20narrativa.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20-%20História%20oral%20e%20narrativa.pdf). Acesso em: 27 abr. 2017.

FERREIRA-SANTOS ; PEREIRA. A sensibilização da memória por meio dos contos filosóficos na formação de educadores. **Revista Educação: Teoria e Prática**, set. 2012. Disponível em: <https://www.library.caltech.edu/eds/detail?db=edb&an=93477674&isbn=15179869>> . Acesso em 3 out. 2017

FERREIRA-SANTOS, M. O ancestral: entre o singular e o universal. In: AMARAL, M. (Org.). **Culturas Juvenis**. São Paulo: FAPESP, 2012. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/ancestral\\_singular\\_universal.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/ancestral_singular_universal.pdf)>. Acesso em 17 set. 2017.

FERREIRA M. E. M. P. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. **Ciências & Cognição**. Revista interdisciplinar de estudos da cognição, 2010. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/424/233>>. Acesso em: 23 set. 2017.

FERREIRA, M. M. **História do Tempo Presente: desafios**. *Cultura Vozes* v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000. Trata-se de uma revista?

FERRER CERVERÓ, V. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, J. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

FORMOSINHO, J.; ANDRADE, F. **O espaço e o tempo na Pedagogia em Participação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2011.

FREINET. C. **O método natural**. Trad. Franco de Sousa e Teresa Balté. Lisboa: Estampa, 1969.

\_\_\_\_\_. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na Pedagogia Freinet**. Tradução: Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **O Universo Simbólico da Criança: Olhares Sensíveis para a Infância**. São Paulo, Vozes, 2014

FROEBEL, F. **The Education of Man**. New York: D. Appleton and company, 1887.

GADOTTI, M. **Ecopedagogia e Educação para a Sustentabilidade**. Instituto Paulo Freire, Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <[http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/det/palestra3\\_eco\\_educacao\\_sustentabilidade](http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/det/palestra3_eco_educacao_sustentabilidade)>

[gadotti\\_1998.pdf](#)>. Acesso em: 18 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da terra**. 5.ed. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 2000. 217p.

\_\_\_\_\_. **História da Idéias Pedagógicas**. Editora Ática: São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ecopedagogia e educação para a sustentabilidade**. Canoas: Gráfica da ULBRA, 2005.

GIROUX, H.; MACLAREN, P. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.18, n.2, p.21-35, jul./dez. 1993.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez, 1999.

GROTOWSKI, J. Número Especial de Homenaje: Grotowski. **Máscara Escenologia**, Ciudad del Mexico, n.11, Ano 3, Jan. 1993.

HORTÉLIO, L. **História de uma manhã**. São Paulo: Massao Ohno, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise e Sugestões** - Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil. Salvador: Editora ou Universidade, 1998.

\_\_\_\_\_. **A importância do brincar**. Disponível em: <<http://www.familiarte.com.br/familia-e-sociedade/entrevista-com-lydia-hortelio-sobre-a-importancia-do-brincar/>>. Acesso em: 13 jun. 2017

LELOUP, Jean Yves. **O corpo e seus símbolos** Uma antropologia essencial. Petrópolis- RJ: Vozes, 2011.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

LIMA, E. de S. **Brincar para quê?** São Paulo: Editora InterAlia, 2007.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: Resgatando nossas crinacas do transtorno do deficit de natureza. São Paulo, Aquariana 2016.

LOWENTHAL, D. **Como Conhecemos o Passado**. São Paulo: EDUC, 1981.

JUNG, C. G. **The earth has a soul**-The Nature writings of C.G. Jung. Berkeley: North Atlantic Books, 2001.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, C. G; KERÉNYI, K. **A criança divina**: uma introdução à essência da Mitologia. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Reflexões Junguianas).

KELEMAN, S. **Mito e corpo** - uma conversa com Joseph Campbell. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

KISHIMOTO, M.T. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MARA, A.; LUIZ, A. Gonçalves. **Obesidade infantil e depressão**. Disponível em: <[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id\\_materia=2071&fase=imprimeacesso](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=2071&fase=imprimeacesso)> Acesso em: 6. nov.2016.

MATURANA H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MATURANA, H; VERDEN-ZOLLER, G.. **Amar e brincar-fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena , 2004.

MEIHY, J. C. B. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIRELLES, R. Org. **Território do brincar diálogo com escolas**. Territórios do brincar. 2014. Disponível em: [http://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio\\_do\\_Brincar\\_-\\_Di%C3%A1logo\\_com\\_Escolas-Livro.pdf](http://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio_do_Brincar_-_Di%C3%A1logo_com_Escolas-Livro.pdf). Acesso em: 02 jun.2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_(2000). **A natureza**: notas: cursos no Collège de France. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**. Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003 . Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 23.set.2017.

MORAES R., GALIAZZI C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí- RS: UNIJUI, 2016.

\_\_\_\_\_. Análise Textual Discursiva: Processo Reconstutivo de Múltiplas faces. **Ciência & Educação**. Bauru, SP, v. 12, p. 117-122, 2006. Disponível em : <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=251019514009>>. Acesso em: 23 set. 2017

MOORE, R. C. The Need for Nature: A Childhood Right. Social Justice 24.v3 London 1997.

MORIN, E. **O método I: a natureza da natureza**. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

\_\_\_\_\_, **Cabeça bem feita** - repensar a reforma-reformar o pensamento, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos

cognitivos e currículo. **Educ. Soc.** [online]. maio/ago. 2005, vol.26. Disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

NÓBREGA, T. ; MENDES, M.I. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a08.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NEEDLEMAN, J. **O coração da filosofia**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1991.

NEVES, M. de S.. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

PEARCE, J. C. **A Criança mágica**: A redescoberta da imaginação na natureza das crianças. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1989.

\_\_\_\_\_. **O fim da evolução**. Editora Cultrix, SP, 1992

PELIZZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REVAH, D. As Pré- Escolas Alternativas. **Caderno de pesquisa**. São Paulo, n.95, p.51-62, nov. 1995, Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/825/833>> Acesso em: 18 mai 2017.

RICOEUR, P. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SÁ, M. H. N. **Uma Escola Alternativa- Avaliando sua trajetórias** -Faculdade de Educação, - UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 1995. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_134e8dff4ae520707ddd04e285cb001f/Details](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_134e8dff4ae520707ddd04e285cb001f/Details)> . Acesso em: 13 mai. 2017.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002.

SANTHIAGO. R. Da fonte oral à História: debates sobre legitimidade. **Saeculum - Revista de História** (18); João Pessoa, jan./jun. 2008. (p, 33-46).

SAURA S. C. O imaginário do lazer e do ludico anunciados em praticas do corpo brincante. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2013. 7 Seminário “Brincar: práticas diferenciadas no espaço escolar”, SESC Ipiranga, 17/nov./2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rbefe/2013nahead/rbefe\\_aop\\_1513.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbefe/2013nahead/rbefe_aop_1513.pdf)> Acesso em: 31mai. 2017.

SINGER, H. **República de Crianças**: uma investigação sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEKEFF, M. de L. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

THOMSOM, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 15, Abril, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975

VASCONCELLOS, C. Reflexões sobre a Escola da Ponte. **Revista de educação**. n. 141 out./dez.2006. Disponível em: <[www.celsovasconcellos.com.br](http://www.celsovasconcellos.com.br)>. Acesso em 18 mai. 2017.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VON SIMSON, O. (Org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

ABRAHÃO. M. H. M. B. **História de educação**. Memória, narrativas, e pesquisa auto biográfica. - 2003. UFRGS; Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>>. Acesso em: 19.out.2016.

ESCOLA DA PONTE. **Escolas alternativas**. Disponível em: <<https://noscidadaos.pt/2015/01/07/nos-cidadaos-reve-se-no-modelo-pedagogico-da-escola-da-ponte/>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

ESCOLA DA PONTE. **Escolas alternativas**. FONSECA. R.N.V. UNB, 2012. Disponível em :<[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4395/1/2012\\_RaimundoNonatoVerissimodaFonseca.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4395/1/2012_RaimundoNonatoVerissimodaFonseca.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2016.

ESCOLA DA VILA. **Escolas alternativas**. Disponível em : <<http://www.escoladavila.com.br>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

SUMMERHILL SCHOOL. **Escolas Alternativas**. Disponível em : <<http://www.summerhillschool.co.ukhttp>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

TE-ARTE **Escolas alternativas**. Disponível em : <<http://www.band.uol.com.br/m/conteudo.asp?id=/100000683281/&programa=/Cinema/&editoria=/entretenimento/>>. Acesso em: 16. maio.2017.

## APÊNDICE - A

### **- Roteiro da Entrevista semi- estruturada com os ex- alunos da Escola Aldeia Recreação Infantil**

- 1- Quais são as memórias de sua infância na Aldeia?
- 2- Qual o período que permaneceu na Escola?
- 3- Que importância teve na sua vida pessoal ou profissional a experiência de ter sido uma criança da escola Aldeia?
- 4- Quais valores você acredita que repercutiram em sua vida
  - Você identifica algo com relação a criatividade?
  - Com relação a natureza?
  - Com relação a coletividade?
  - Com relação a escolha da profissão?
- 5- Você se imagina diferente se não tivesse participado desta experiência
- 6- Você ainda tem amigos que foram desta época?
- 7- Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

**APÊNDICE -B-**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**Dados de identificação**

Título do Projeto:

Pesquisador Responsável:

Nome do participante:

Idade:

R.G.:

Responsável legal (quando for o caso):

R.G.:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “\_\_\_\_\_” (*título do projeto*), de responsabilidade do (a) pesquisador (a) \_\_\_\_\_ (*nome*).

**Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:**

1. O trabalho tem por objetivo a recuperação das memórias de ex- alunos que frequentaram a Aldeia Recreação Infantil, no período de 1980 a 1986.
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em realizar um depoimento das memórias sobre as vivências no período que frequentei a Escola. Autorizo a gravação e filmagem no ato da entrevista e posteriores encontros, para serem utilizados como recurso na pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_  
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

**UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E**  
**MEIO AMBIENTE**

**DENISE HADDAD**

**MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA: RESGATE DE EXPERIÊNCIAS**  
**EM ARTE E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ARARAQUARA - SP  
2018

DENISE HADDAD

**MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIAS: RESGATE DE EXPERIÊNCIAS EM  
ARTE E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de Mestrado, na Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

ORIENTADORA: Profa. Dra Janaina Florinda Ferri Cintrão

ARARAQUARA – SP  
2018



## FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME DO(A) ALUNO(A): *Denise Haddad*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de Mestrado, da Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

### BANCA EXAMINADORA

*Profa. Dra. Janaina Florinda Ferri Cintrão*  
UNIARA – Araraquara

*Prof. Dr. Fabio Tadeu Reina*  
UNIARA – Araraquara

*Prof. Dr. José Maria Gusman Ferraz*  
UNIARA - Araraquara

Araraquara – SP, 08 de março de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais por me trazerem ao mundo e, com muito amor, proporcionarem-me uma infância feliz, a qual tenho muito orgulho de ter vivido! A todos irmãos com os quais compartilhamos momentos intensos de aprendizado e convivência.

Agradeço a todos que contribuíram para existência da Aldeia Recreação Infantil, sócias, professores, pais, alunos e funcionários, como também aos que deram continuidade após a minha saída.

Agradeço minha orientadora Janaina Florinda Ferri Cintrão pelo apoio e direcionamento, a querida amiga Dulce Whitaker, que muito contribuiu nesta pesquisa, e ao professor José Maria de Gusmão Ferraz e Fabio Tadeu Reina pelas contribuições.

Agradeço especialmente aos alunos que gentilmente contribuíram com seus depoimentos e encontros com muito amor e disponibilidade, como também aos pais e professores que contribuíram com seus depoimentos.

Agradeço a todos queridos amigos que contribuíram para a construção desta pesquisa, em especial à Edmiriam Modulo, Marcella Cabaz e Rosana Silva pela dedicação e apoio. Ao Rui Barbosa pela edição do vídeo, Nivaldo Dakuzaku, Élide Mendonça pela captação das imagens.

Agradeço a vida, pela oportunidade de vivenciar esta experiência que com certeza foi de muito crescimento, referência e maturação.

Agradeço a todas as crianças que nos inspiram a esperança ao novo tempo por nos mostrar a direção da verdade e do amor.

## RESUMO

Essa pesquisa propôs recuperar a trajetória vivenciada pelas crianças que frequentaram a “Aldeia Recreação Infantil” nos anos de 1980 a 1986, em Araraquara- SP, a fim de identificar o quanto as práticas junto à natureza, como o cultivo e a elaboração de alimentos, o contato com animais, a arte criativa, o respeito ao brincar e o convívio com a comunidade escolar, entre outras, proporcionaram referências e valores pessoais e culturais em suas vidas adultas. A partir das narrativas desses ex-alunos, que, na época, encontravam-se na faixa etária entre 2 a 6 anos de idade, foram recolhidos depoimentos de suas memórias significativas que trouxeram base para uma análise, que teve como referências princípios e valores repercutidos na sua vida adulta. Teve como base analítica os conceitos da Alfabetização Ecológica e a educação pelo sensível, cuja essência fomenta a possibilidade de nutrir o sentimento de afinidade para com o mundo natural, a partir de um respeito ao brincar e à livre expressão da criança. Os depoimentos foram organizados a partir da História Oral, tendo como interface os princípios da Análise Textual Discursiva e da Corporeidade e buscou evidenciar, por meio do conteúdo das vivências sensoriais e cognitivas dos sujeitos da pesquisa, os valores que se manifestaram em suas vidas. Pelo viés da Teoria Sistêmica, que entende o mundo como um todo integrado, evidencia-se que os fenômenos vividos pelos sujeitos da pesquisa estão interconectados e tecem uma teia de relações que se retroalimentam, de modo a favorecer a apropriação de uma nova visão de mundo. Percebe-se ainda que, apesar das experiências deste grupo terem se dado em tão tenra idade, elas permaneceram vivas, posto que impressas na memória corporal por eles registradas e que elas são de ordem sensorial e não mental e/ou intelectual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincar, Natureza; Educação Infantil; Memória; História Oral; alfabetização ecológica

## ABSTRAT

This research proposes to recover the experiences lived by the children who attended the "Aldeia Recreação Infantil" between 1980 to 1986 in Araraquara-SP, in order to assess how much the practices with nature, such as the cultivation and preparation of food, the contact with animals, creative art, respecting others while playing and conviviality with the school community, among others, have provided personal and cultural references and values in their adult lives. From the narratives of these alumni, who at the time were between the ages of 2 to 6, were collected testimonials of their memories that brought basis for an analysis, which had as references principles and values in their adult lives. It was based on analytical concepts of ecological literacy, and education by the sensitive, whose essence promotes the possibility of nurturing the feeling of affinity for the natural world, from a respect to the play and the free expression of the child. The testimonies were organized from verbal history, having as an interface the "Discursive Textual Analysis and Corporeity" and sought to highlight, through the content of the sensory and cognitive experiences of the subjects of the research, the values that manifested in their lives. By the bias of the "Systemic Theory", which understands the world as an integrated whole, it is evidenced that the phenomena experienced by the subjects of the research are interconnected and weave a web of relationships that feed on each other, in order to favor the appropriation of a new vision of the world. It is also understood that, although the experiences of this group were given at such an early age, they remained alive, as they were printed in the body memory they recorded and that they are of a sensory and non-mental and/or intellectual order.

**KEY WORDS:** Play, Nature; Child education; Memory; Oral History, Ecological Literacy.

## Memórias de uma História

*Ao contarmos nossa história, revivemos o passado, e isto abre possibilidades de repará-lo e senti-lo diferente, à medida que vivemos um presente outro, sem ressentimentos ou saudosismos*  
“(FERREIRA-SANTOS, 2012, p.106)

Figura 01- Brincando com água.



Fonte: Arquivo da Autora

*Respiramos menos, pois não cabem em nossos corpos o vento da mudança... O amor é alado... Aprendo que é preciso coragem para voar e deixar voar. E não há estrada mais bela do que essa. (RUBEM ALVES)*

### **Rememorar para recuperar a visão.**

*Falar de minha infância....*

*Uma das coisas que mais me incomodava na minha vida era não ter muitas recordações de minha infância e, quando perguntava para minha mãe, ela me dizia poucas coisas ou sempre as mesmas coisas: “Que fui programada para nascer no mês de Maria, porque ela sendo devota de Nossa Senhora, queria que um filho nascesse nesse mês, inclusive gostaria que meu nome fosse Denise Maria, e meu pai não deixou”;*

*“Que era uma boneca, quando nasci o médico disse que eu era o bebê mais lindo que ele havia posto ao mundo”.*

*“Que, quando eu era pequena, gostava de ficar só de calçinha no portão de casa, e falava com todas as pessoas que passavam, algumas vezes seguia de mãos dadas com elas e meus pais tinham que correr atrás de mim... ou às vezes me buscar na casa de algum vizinho. Também não gostava de dar as mãos para atravessar a rua”.*

*“Quando havia festas de família, eu era a atração com às minhas apresentações de dança, adorava dançar twiste, e a todos encantava”.*

*As lembranças de meu pai são muito semelhantes as da minha mãe.*

*Do que me lembro... minha casa tinha um quintal amplo e atrativo, com duas jabuticabeiras, goiabeiras, parreira de uva e vários canteiros de flores, que eram a paixão de minha mãe. A horta, no fundo, ficava aos cuidados do meu pai.*

*Tinha também uma garagem cheia de sucatas que entretia primos e vizinhança por horas a fio. Nela havia uma escada que dava acesso a um segundo andar, uma espécie de cantinho mágico, um esconderijo, onde eu tinha um pouco de privacidade e adorava ficar. Lá, eu podia fazer as coisas proibidas como, por exemplo, brincar com um gatinho que às vezes aparecia em casa. Embaixo da escada havia um colchão grande sobre o qual pulávamos de cima, numa verdadeira aventura. Meus amigos amavam brincar na minha casa.*

*Meu lugar preferido era a jabuticabeira. Havia um galho que era muito confortável onde eu conseguia até fazer a tarefa da escola. Adorava dar nome aos passarinhos que se aproximavam e se tornavam amigos. Mas o que me incomodava era o meu irmão mais novo, que tinha vários estilingues e matava os pássaros ou os prendia na gaiola. Vivia brigando com ele e soltava, às escondidas, os pássaros presos...*

*Minha casa sempre estava cheia de pessoas. Além da minha família, que já era numerosa, pois somos sete filhos, vinham os primos, amigos, vizinhos... todos gostavam de lá brincar por causa do espaço e da liberdade que havia.*

*Num quartinho, no fundo do quintal que minha mãe usava para costurar, havia uma lousa grande e uma mesa de ping-pong na qual, frequentemente, fazíamos campeonato. Era também um local de estudos onde, eventualmente, minhas irmãs mais velhas davam aulas particulares. Com elas aprendi as primeiras letras.*

*Lembro-me de um extenso terreno baldio ao lado, que fazia parte da casa dos padres jesuítas, onde eu e os amigos de meus irmãos soltávamos pipas, sendo que eu era a única menina desta turma.*

*Também gostava de brincar de bonecas e, principalmente, fazer comidas e experimentos com o liquidificador da minha mãe, uma novidade para minhas amigas, pois suas mães não permitiam esse acesso. Juntávamos vários ingredientes e criávamos pratos exóticos e misteriosos, uma verdadeira alquimia, alguns até conseguíamos comer, outros eram puras experiências.*

*Sempre tive muita intimidade com a cozinha. Nela fui iniciada desde muito cedo, com o privilégio de ter uma mãe e duas avós exímias cozinheiras, que frequentavam diariamente minha casa. Lembro-me de que em todas as festas era uma aventura aquela mulherada fazendo as guloseimas, os salgados, enrolando os docinhos..., era uma briga para raspar as panelas de brigadeiros. Herança que mantenho viva até hoje...*

*Minha mãe sempre foi dedicada e caprichosa, costurou para os 7 filhos. Cozinhava muito bem e fazia festas lindas para todos nós...*

*Já meu pai era festeiro, adorava a casa cheia. Além de todos os filhos, ele frequentemente trazia como convidados para o almoço os vendedores ambulantes que chegavam de fora para abastecer o armazém que tínhamos. Ele também sempre convidava amigos e familiares para conversar, jogar baralho, ou para tomar um aperitivo. Sempre foi um homem muito simpático, social, provedor e dedicado à família.*

*Eu adorava andar de patins. Lembro-me de que ganhei da minha madrinha, um patins vermelho de presente de Natal, que só tirava do pé pra dormir. Passava o dia de patins, ia até para a Escola com ele e minha mãe vivia brigando para não usar dentro de casa, pois que iria riscar o chão...*

*Outra parceira inseparável era a minha bicicleta: sempre fui apaixonada, trazia-me a sensação de liberdade, abria as minhas asas... lembro-me de muitas aventuras com amigos e até de passeios noturnos. Essa prática perdurou até hoje, como meu transporte preferido.*

*Com 4 anos de idade, meu pai me ensinou a nadar na piscina do clube que frequentávamos. Lembro-me de que a maioria de minhas amigas ainda não nadavam sem a*

*boia. Me chamavam de peixinho, pois fazia a vez de pular com toda coragem... Amava nadar com meu pai, ele me liberava, me jogava longe, eram momentos mágicos que nunca se apagaram de minha memória.*

*Lembro-me de ter uma infância livre, embora, no âmbito emocional, não tenha sido fácil. Não conseguia me expressar e muitas vezes era mal interpretada, levava broncas sem merecer e até apanhava por mentiras que meu irmão inventava, e “sempre levava por ele” ...*

*Por outro lado, meus pais eram liberais, principalmente com o livre brincar. Neste aspecto, minha infância foi extremamente rica: brincadeiras tradicionais, de bola, amarelinha, corda, roda, queimada, vivenciadas na rua, muitas vezes até tarde da noite, trouxeram alegria e encantamento.*

*Sempre me senti diferente dos meus irmãos e até de minhas amigas. Por ser muito sensível, era pouco compreendida e, quando comentava com minha mãe que me sentia excluída, ela nunca me dava atenção ou razão. Nesse sentido, foi uma infância difícil. Por saber a dor de não me sentir ouvida, identifico, nessa situação, um dos aspectos que busquei preservar na Aldeia: a escuta sensível das crianças.*

*Uma das coisas que mais me incomodou na minha educação foi o extremo valor dado pelos meus pais às aparências e às etiquetas sociais e a conseqüente desconsideração da expressão da nossa individualidade. Preocupados com a opinião dos outros, muito mais do que como nos sentíamos, tendiam a promover a padronização de um comportamento, que fosse socialmente aceito, embora de forma aparente. Neste sentido e por nunca aceitar a condição de ser padronizada, moldada, de não ter a minha essência respeitada, sempre fui muito rebelde.*

*Considero este outro valor que busquei vivenciar na Aldeia a preservação da identidade de cada criança, a possibilidade de poderem se expressar de forma autêntica e verdadeira.*

*Outro motivo de tristeza na minha infância foi o fato de vivenciar a desigualdade e a ausência de diálogo, no que tangia às questões divergentes e conflituosas, ganhava quem gritava mais alto ou quem tinha maior influência dialógica. Nunca houve, por exemplo, um enfrentamento no sentido de valorizar as verdadeiras razões de um conflito e promover um consenso diante de situações delicadas.*

*Por perceber o desrespeito e sentir-me impotente, preferia me afastar dessa situação, pois era muito difícil entender o que não dava pra entender. Reconheço, nessa conduta, valores caros à sociedade patriarcal, com os quais eles sempre se identificaram.*

*Sempre gostei de estudar. Embora não sendo numa escola ideal, pela repressão de nossas expressões. Lembro que gostava das férias, mas adorava voltar às aulas, talvez pelo ritmo e amigos. Algumas disciplinas que marcaram minha trajetória foram a Literatura e a História. Além de indicar bons livros, minha professora de literatura me estimulou a escrever. Frequentemente me chamava para ler as minhas redações e me elogiava para a classe.*

*A professora de História, por sua vez, possibilitava-me que eu me transportasse para lugares mágicos, como a Grécia, Egito... por seu talento em narrar os fatos. Amava suas aulas, pois sempre sonhei em conhecer o mundo e me interessava por saber as histórias.*

*Boas leituras acompanharam minha infância, meu pai era um bom contador de histórias e tinha por hábito ler para nós os livros da coleção “O mundo da Criança” (1971). Talvez isso tenha me estimulado a ter hábitos de leitura desde menina. Quando gostava do livro, devorava até terminar. Lembro de alguns autores que me marcaram, como a coleção de Monteiro Lobato, Jorge Amado, Herman Hess, Gabriel Marcia Marques, entre outros.*

*Sempre amei estar com as crianças pequenas, e elas me adoravam. Vivia dizendo que teria muitos filhos, no mínimo cinco! Minha mãe falava que meus problemas na coluna, que iniciaram aos doze anos, eram de tanto carregá-las. Com quatorze anos tive grave desvio de escoliose lombar e passei a usar um colete de ferro, que vinha até o pescoço e o qual tive que usar por dois anos, vinte e três horas por dia... um martírio! Foram anos muito difíceis numa idade delicada, início da adolescência, momento em que me distanciei de quase todos os meus amigos.*

*Quando cursava o colegial, comecei a trabalhar como voluntária no Orfanato Cristo Rei em Araraquara, onde auxiliava as crianças em suas atividades. Foi uma rica experiência conviver com a carência e poder repartir o meu amor e, ao mesmo tempo, receber tanto amor.*

*Quando entrei na Faculdade de Serviço Social, fui trabalhar em um Projeto da Prefeitura chamado PLIMEC, “Plano de Integração ao Menor Carente”. Foi uma experiência muito rica, pois, além de atuar como professora, desenvolvi vários projetos com a comunidade local. Entre várias atividades, criamos um grupo de mães e uma horta comunitária. Neste período, final de 1979, fui convidada por uma amiga para abrir, em sociedade com mais duas pessoas, uma Escola de Educação Infantil. Fiquei indecisa, pois meu objetivo, na ocasião, era sair de Araraquara assim que terminasse a Faculdade. Mas, como a proposta era interessante e pela insistência da minha amiga, aceitei fazer parte da sociedade com a condição de sair quando finalizasse o meu Curso.*

*Ela mesmo desistiu de entrar na sociedade e iniciamos, em 1980, a Escola Aldeia, em três pessoas: a Ana Maria Arnoldi Dias de Souza, Marcia Remanaschi Cabrini e eu. Ana Maria ficou responsável pela parte administrativa e Marcia e eu, pela parte pedagógica. No final do primeiro ano, a Marcia saiu e continuamos em duas por mais três anos. Em 1984, Ana Maria também saiu da sociedade e acabei ficando sozinha até 1986.*

*A Escola oferecia extensa área verde, propiciando o desenvolvimento de atividades com hortas, animais, jardinagem, culinária e artes. Um espaço diversificado composto de salas temáticas como: Música, Artes, Cozinha Experimental, Jogos criativos, Oficina de criação, Casinha de boneca. Primava pelo respeito ao desenvolvimento integral da criança, sua individualidade e liberdade de expressão. A criança era livre para expressar e expandir seu potencial criativo, e a família era uma integrante efetiva desse contexto*

*A proposta era a construção de uma Escola na qual a participação da Comunidade Escolar fosse valorizada.*

*Minhas recordações deste período são as melhores possíveis. Foi um tempo feliz, éramos muito unidas, gostávamos de estar juntos. Erámos uma equipe solidária e participativa. Fazíamos reuniões de avaliação diária e sempre com muito humor e disponibilidade procurávamos resolver todos os problemas nessas reuniões, inclusive ideias e acréscimos nas práticas pedagógicas. Os pais participavam com frequência das atividades propostas e acabamos criando uma grande família.*

*Embora com muitos desafios e dificuldades, que fazem parte da história, foram os anos que mais me realizei profissionalmente e pessoalmente, pois acreditava no que fazia e aos poucos pude colocar meus sonhos em prática. Talvez meu desejo maior fosse proporcionar às crianças aquilo que sempre quis pra mim, no sentido de ter liberdade, ser ouvida, respeitada, ter espaço para manifestar minha identidade e expressar minha essência.*

*Neste período, pude concretizar um sonho: uma construção coletiva, na qual estudávamos um caminho para possibilitar um espaço mágico, envolvendo os pais nessa empreitada. Foi um encontro sincrônico em que uma equipe de pessoas se dispunha a investigar o melhor de si na Educação e Auto-educação em uma metodologia nova, sem parâmetros de repetição, em que cada dia era vivido intensamente e avaliado minuciosamente, positiva ou negativamente, até chegarmos num consenso. Acho que isso foi o mais bonito da equipe: de ser cooperativa e construtiva.*

*Em todos estes anos, venho refletindo sobre a importância da primeira infância como determinante de padrões de comportamento na vida adulta. Foram experiências que perduram*

*e direcionam valores, hábitos e paradigmas para o resto de suas vidas. Falar sobre minha vida tem esse efeito de perceber como tais experiências me afetaram e dão, assim, ensejo aos relatos que busco em minha pesquisa com a finalidade de significar as experiências escolares das crianças que frequentaram a Escola Aldeia.*

*Instigar uma reflexão sobre a importância desta tarefa, a fim de proporcionar ambientes favoráveis a uma educação integral, talvez seja a intenção desta pesquisa. Aguçar a sensibilidade para a escuta das crianças, que chegam com imenso potencial e desejo de desabrocharem; que elas possam encontrar terrenos férteis, pessoas sensíveis, jardineiros dedicados a essas sementes em formação.*

## SUMÁRIO

<b>1. O CAMINHO.....</b>	<b>15</b>
<b>Objetivo Geral do trabalho de pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
2.1 - Entrevistas.....	23
2.2 - Análise Textual Discursiva.....	27
<b>3. UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO.....</b>	<b>30</b>
3.1. Reflexões sobre o sistema educacional.....	30
3.2. A criança e o mundo natural.....	34
3.3. A escola Aldeia no contexto das escolas alternativas.....	40
3.4. Escolas Alternativas que marcaram uma época.....	46
<b>4. (RE) CONHECENDO A ESCOLA ALDEIA.....</b>	<b>53</b>
<b>5. MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA.....</b>	<b>78</b>
5.1. Corpo.....	81
5.2. Liberdade.....	82
5.3. Brincar.....	85
5.4. Natureza.....	88
5.5. Horta e Cozinha.....	90
5.6. Coletividade.....	93
5.7. Espaço Escola.....	95
5.8. Vivência comunitária.....	98
5.9. Valores.....	102
5.10. Escolha da profissão.....	106
5.11. Visão de Educação.....	108
5.12. A entrada no ensino convencional.....	112
5.13. Vínculos afetivos.....	116
5.14. Reverberação da memória: Encontro com alguns depoentes.....	118
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE- A.....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE- B.....</b>	<b>134</b>

## 1. O CAMINHO

*Lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. (BOSI, 994, p. 55)*

Figura 02 - Criança plantando



Fonte: Projeto Plantar Sementes, 2011

Minha trajetória no âmbito da Educação se iniciou em 1979, durante o primeiro ano da Faculdade de Serviço Social, que cursei em Araraquara – SP, quando ingressei em um projeto social, na região periférica da cidade, denominado PLIMEC (Plano de Integração ao Menor Carente), cuja proposta era implantar um Centro de Educação Infantil para atender crianças de 2 a 6 anos. A proposta também visava integrar um trabalho com a comunidade do entorno.

Inicialmente, fez-se um levantamento socioeconômico com as famílias envolvidas, a fim de levantar o interesse pela implementação do referido projeto no local; partiu-se, então, para a construção coletiva do centro, com a participação dos interessados.

Atuei, nesse projeto, durante um ano, como professora de quarenta crianças entre dois e três anos e, também, em vários programas com a comunidade, como a construção da horta escolar e as reuniões do grupo de mães, com as quais ministrávamos cursos sobre alimentos, atividades de práticas corporais e palestras sobre diferentes temas sócio-culturais, entre outras intervenções.

Na sequência, em 1980, com mais duas sócias, criamos a Aldeia Recreação Infantil, que atendia crianças de um a seis anos de idade. Essa escola contava com uma proposta inovadora para a cidade de Araraquara-SP, tratava-se de um local com extensa área verde, animais, hortas, jardinagem, cozinha, música, arte cênica, modelagem com argila, brincadeiras livres no espaço aberto, entre outras atividades.

A metodologia de ensino foi construída a partir do aproveitamento das metodologias educacionais contemporâneas naquilo que entendíamos ser adequado ao modelo que a Escola pretendia (Construtivista, Piagetiana, Montessoriana, Freireana, Frenet, Steiner). Não havia métodos específicos, pois tratava-se, antes de tudo, de criar um espaço aberto para a construção conjunta com os educadores e os pais, e, portanto, suas práticas estavam sujeitas a uma constante reavaliação.

Tínhamos um planejamento semestral, em que as atividades criativas e o brincar livre eram priorizados. O educador era instruído para ser mais um mediador do que um condutor nas brincadeiras junto à natureza. Aproveitando temas advindos das próprias crianças, no que acontecia no momento.

Tínhamos salas temáticas, as quais diversificavam as atividades cotidianas, portanto as crianças não tinham salas fixas. A proposta da escola incluía atividades de aprendizado prático, tais como o plantio, a elaboração de alimentos, a realização de receitas naturais e a utilização dos produtos colhidos na própria horta. Havia restrições quanto ao lanche: só aceitávamos produtos que contribuía para a saúde da criança. A família exercia um papel fundamental de integração com os conteúdos propostos, pois os pais acompanhavam os programas desenvolvidos.

Defendíamos a liberdade de expressão e a criatividade da criança; assim, no que se aplicava às artes, não utilizávamos um modelo preestabelecido com a finalidade de estimular que a criança fizesse seu próprio registro e o interpretasse livremente. Além disso, eram desenvolvidos vários processos criativos na modelagem com argila, no teatro, na música e nas brincadeiras que fazíamos no espaço livre da Escola.

Concomitantemente, realizávamos com os pais um trabalho de conscientização sobre os conceitos adotados pela escola, no que tange a importância de uma alimentação naturalmente saudável, ao aproveitamento dos materiais recicláveis, ao contato com a natureza e com os animais e, sobretudo, a liberdade de expressão das crianças. Essa participação dos pais em atividades interativas e de acompanhamento de programas e conteúdos era intensa e contribuía para aumentar a consciência em relação aos temas abordados. Realizávamos muitos passeios e

festas em chácaras, possibilitando um contato mais próximo com a natureza e construímos, assim, um núcleo de integração e de novas dimensões de aprendizado.

As brincadeiras livres eram estimuladas e valorizadas como processo fundamental da formação das crianças.

Partindo desta perspectiva, brincar é uma necessidade da criança. É brincando que a criança tem acesso a práticas culturais, práticas através das quais: a criança se humaniza, apropria-se de formas de comunicação e familiariza-se com processos de interação social: ela aprende a ouvir, esperar a sua vez, negociar, a defender seu ponto de vista, a rir com as outras crianças, a criar. Brincar envolve emoção e humor, dimensões importantes na relação entre as pessoas (LIMA, 2007, p.5).

Atuei na direção da Aldeia durante intensos seis anos entre 1980 a 1986 etomei outros rumos, fui morar na Amazônia, e, depois, em outros lugares, optando por ampliar minha visão de mundo a partir de novos horizontes vivenciais. Desde então, passaram-se quase trinta anos! Após aproximadamente 20 anos, tive encontros esporádicos não planejados com ex-alunos da Aldeia, que me relataram o quanto essa experiência havia deixado marcas em suas vidas. Esses encontros me levaram a uma profunda reflexão sobre como as vivências significativas podem deixar marcas referenciais na vida de uma pessoa e o quanto as propostas educacionais, desenvolvidas na primeira infância, norteiam os valores essenciais para o futuro.

Partindo dessa reflexão, procurei encontrar elementos que justificassem as práticas como as que os ex alunos da Aldeia receberam, que dessem sentido e fundamento a um novo olhar sobre a Educação, que proporcionassem um resgate da proximidade da criança com os ciclos naturais, por meio de proposições e ferramentas, essenciais para a construção de uma visão inovadora com relação à natureza, às artes e ao meio ambiente.

Dessa reflexão, em meados de 2007, elaborei um projeto “Plantar Sementes”, pensado para ser desenvolvido em ambientes escolares, com a função de resgatar a conexão com os valores essenciais associados à natureza e à sustentabilidade. Isso se daria através da Natureza Viva,<sup>1</sup> empresa criada para oferecer Consultoria em Educação.

A ideia de empreender tal projeto partiu da tentativa de integração entre o campo e a cidade, já que, nos centros urbanos, perdeu-se o contato com a natureza e seus ciclos, fonte de nossas riquezas, e desenvolveu-se um automatismo, rápido e vazio, que chega de forma acelerada às crianças. Uma das consequências desta ruptura com a natureza, é a obesidade infantil, vida sedentária e péssimos hábitos de saúde. A obesidade infantil tem sido um assunto

---

<sup>1</sup> Natureza VIVA. Empresa de propriedade da autora, fundada em 2008 na cidade de São Paulo, com o intuito de desenvolver projetos voltados à alfabetização ecológica em Escolas, Instituições privadas e públicas.

que se destaca na área pediátrica e na nutrição, chegando a ser considerado um grave problema de saúde pública. Sua prevalência está aumentando principalmente nos países de primeiro mundo, devido à inatividade física e por consumo excessivo de alimentos industrializados e ricos em gorduras (MARA; LUIZ, 2002).

Figura 03- Oficina de alimentos



Fonte: Projeto Plantar Sementes, 2011

“Plantar Sementes” foi escrito para desenvolver um projeto de capacitação de educadores, a fim de sensibilizar e oferecer subsídios teóricos e práticos que resgatem a vinculação amorosa com a Terra, suas formas, texturas, cores, odores e sons, a partir do conhecimento sobre o ciclo alimentar, como o cultivo de alimentos, elaborações saudáveis com seus frutos e sua relação com a saúde integral.

Paralelamente, propõe desenvolver um “jardim escola”, como meio de engajamento de toda comunidade escolar e proporcionar um conhecimento ecológico, visando contribuir para a construção de um futuro sustentável. Esse projeto foi implantado em várias instituições de educação infantil por meio de oficinas para educadores, consultorias para gestores e atuação direta com as crianças.

Em 2011, iniciei um Curso de Pós-Graduação em Ecologia Arte e Sustentabilidade na UNESP/UMAPAZ - São Paulo - SP. No mesmo ano, fui chamada pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Araraquara para desenvolver o projeto “Plantar Sementes”, entre Março e Agosto de 2011. Isto me deu oportunidade de colocar o projeto como tema de pesquisa de Monografia.

A partir daí, o projeto abrangeu duas atividades paralelas: de um lado, a capacitação para agentes escolares (sendo composto de um diretor, um agente educacional e um professor) de 17 Centros de Educação e Recreação, como multiplicadores em um total de 75 educadores; por outro, a implantação de um Projeto Piloto desenvolvido no CER Maria Enaura Malavolta Magalhães, localizada no Vale do Sol –Araraquara- SP.

Dessa experiência surgiu o tema de Pesquisa que desenvolvi na minha Monografia, intitulada “Semeando caminhos: Arte e natureza na educação escolar”, aprovada na Instituição de Ensino supracitada.

Em busca de referências que associassem educação ao meio ambiente, tomei conhecimento e utilizei várias referências bibliográficas, usadas no processo do *Centro Ecoliteracy*, que tem Fritjof Capra como um de seus fundadores. Como centro de Alfabetização Ecológica, esta instituição promove a propagação do pensamento ecológico e sistêmico em escolas de primeiro e segundo graus, além de capacitação de educadores. O Centro é sediado em Berkeley, no Estado da Califórnia.

Em novembro de 2012 tive a oportunidade de visitá-lo, onde fui recebida por um dos seus coordenadores, Jacob L Wright, que me alertou para o registro dos relatos dos ex-alunos da Aldeia, minha antiga Escola, como valiosos para o aprofundamento de minha futura pesquisa, cujo intuito seria avaliar os efeitos da qualidade dessas vivências nas infâncias desses mesmos alunos. De seu ponto de vista, tal pesquisa seria valorosa, tendo em vista o fato de cobrir um período da infância não abrangido pelo Centro, pois trabalham com crianças a partir do ensino fundamental.

Foi assim que me propus a recuperar a trajetória da Aldeia e ingressar nesse programa de Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da UNIARA, em 2016, para aprofundar minha pesquisa a partir da justificativa abaixo descrita.

O resgate da memória de vivência da infância na Escola Aldeia pode trazer contributos de várias naturezas, dentre elas identificar a essência das experiências que se manifestam pela memória e sua contribuição para pensar a educação.

### **Objetivo Geral do trabalho de pesquisa:**

Esta pesquisa teve por objetivo identificar o quanto as práticas integradas à natureza e à arte criativa de ex- alunos da Aldeia Recreação Infantil, proporcionaram referências e valores pessoais e culturais em suas vidas adultas.

A partir daí passamos pelos seguintes passos (objetivos específicos):

- Reconstruir a trajetória da Aldeia Recreação Infantil no período de 1980 a 1986, enquanto uma proposta pedagógica inovadora de metodologia ao contexto histórico da época.
- Resgatar informações de memórias significativas de adultos que frequentaram a escola quando crianças e identificar as principais ações vivenciadas na referida Escola, principalmente no que diz respeito ao convívio com a natureza e a criatividade.
- Identificar como as experiências vivenciadas na escola repercutiram na idade adulta, na perspectiva dos adultos entrevistados.

A primeira sessão descreve a trajetória do autora dentro da Educação e o que a mobilizou a chegar ao interesse desta pesquisa.

Na segunda sessão, são citados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, tendo como recurso a História Oral a partir de entrevistas com 13 ex alunos da Aldeia, tendo utilizado como ferramenta a análise textual discursiva para organização e análise dos depoimentos levantados.

A terceira sessão foi dividida em três subitens, sendo que o primeiro aponta uma reflexão e crítica ao sistema educacional convencional, utilizando-se alguns autores que fundamentam a teoria do Sistemas, a Ecopedagogia e a Alfabetização Ecológica, como caminhos a um sistema mais integrado e uma visão educacional mais ampla e inclusiva.

Evidencia-se, no segundo, a importância e os benefícios de uma educação que integra a criança ao mundo natural, como caminho para o despertar de seu potencial criativo, respeitando o brincar livre, a saúde e o tempo de desabrochar de cada criança.

No subitem seguinte, apresenta-se a Aldeia no contexto das escolas alternativas. No período da repressão (política, cultural), tais escolas simbolizaram uma oposição e buscavam para as crianças a liberdade de ação, de expressão e pensamento, com caráter de resistência aos mecanismos de poder, propondo uma educação para autonomia para uma sociedade mais igualitária.

O último subitem, apresenta como referência algumas Escolas Alternativas que marcaram uma época como a Sumerhill, a Escola da Ponte, a Te-Arte e a Escola da Vila.

Na quarta sessão, inicia-se a análise dos dados, sendo o primeiro subitem a apresentação da Aldeia, descrevendo sua metodologia a partir das atividades desenvolvidas nas salas temáticas e o seu Espaço físico.

No subitem seguinte, valeu-se da análise textual discursiva para organizar e analisar os conteúdos dos depoimentos recuperados pelas entrevistas, possibilitando uma investigação de suas memórias relevantes.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizou-se pesquisa qualitativa para recuperar a trajetória da Aldeia. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Utilizou-se como recurso a História Oral. De acordo com Thompson (1992), a História Oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação. Implica não apenas uma certa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação. A reconstrução da história se torna, ela mesma, um processo de colaboração muito mais amplo, podendo o locutor da própria história adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorar a própria vida e fornecer informações valiosas a uma geração mais jovem.

A História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

Quem busca os fios de ligação na história de sua vida já terá criado, de diferentes pontos de vista, uma coerência naquela vida que agora esta pondo em palavras. Em sua memória, já terá separado e salientado os momentos que experimentou como significativos; outros terá deixado perderem-se no esquecimento. Assim, o primeiro problema, de captar e apresentar as conexões históricas, já estará meio resolvido pela vida. (Wilhelm Dilthey apud RICKMAN, 1961, p. 85-86)

O processo da memória depende da percepção. Para aprendermos alguma coisa, temos primeiro que compreendê-la. Nós a aprendemos em categorias, percebendo como as informações se ajustam, e isso nos possibilita reconstruí-la numa ocasião futura, ou reconstruir alguma aproximação daquilo que compreendemos.

Recordar é um processo ativo. O lembrar, numa entrevista, é um processo recíproco, que exige compreensão de parte a parte. A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. A História Oral é um documento do presente, porque é composta por narrativas no no presente. Contudo trazem em

si, ao mesmo tempo, uma mensagem do passado. Devem ser compreendidas como refletindo simultaneamente o passado e o presente. (THOMPSON, 1992)

Assim, os principais recursos metodológicos foram:

## **2.1. Entrevistas**

Identificamos 18 ex-alunos que frequentaram a Aldeia entre os anos de 1980 a 1986, esse contato se deu através de conhecidos entre nós, pela internet e telefone. Dos que foram contatados, 13 concordaram em participar da pesquisa.

Entramos em contato com cada participante para agendar as entrevistas. O lugar proposto foi o *Poitara*, uma chácara próxima a cidade de Araraquara- SP, na qual desenvolvemos atividades culturais, oficinas com agroecologia, produção orgânica e saúde alimentar, entre outros e que guarda certa semelhança com a Aldeia. Estiveram, nesse lugar, nove dos entrevistados, os demais realizamos em sua casa ou local de trabalho.

Os depoimentos foram realizados de modo informal, buscando ao máximo um ambiente tranquilo e descontraído, a fim de estabelecer uma relação de afinidade entre as partes, para que eles se sentissem à vontade na exposição de suas percepções, sensações, emoções e memórias e assim contribuir com dados que oferecessem subsídios à sustentação da hipótese levantada por esta pesquisa. Utilizou-se como referência um pequeno roteiro (Apêndice-A), que contemplou temas básicos, como o convívio com a natureza, arte criativa, coletividade, memórias relevantes, entre outros temas. Iniciamos cada entrevista com exposição de algumas fotos de acervo da autora a fim de auxiliar na rememoração de sua infância.

As entrevistas foram devidamente autorizadas e arquivadas. Procuramos rememorar, juntamente com os depoentes, a pedagogia proposta na Escola Aldeia e situar essa experiência no contexto da época.

Alguns encontros contaram com a presença dos filhos desses depoentes, que possibilitou uma intimidade familiar e uma abordagem relacionada ao fato aos filhos, principalmente ao desejo de oferecer aos mesmos experiências semelhantes às vividas na Aldeia pelos pais já adultos.

Tais entrevistas foram iniciadas em novembro de 2016 e finalizadas em abril de 2017. Foi uma experiência emocionante em cada encontro, rememorado de forma muito agradável, tanto pela escuta das memórias de cada um como pela reconstrução de um tempo vivido coletivamente e em harmonia.

Dentre a diversidade das memórias, foi observado que, enquanto alguns tiveram poucas recordações, outros nos surpreenderam com sua visão crítica e amadurecida de suas vivências na Escola. Suas recordações foram muito precisas, com conteúdos maturados em valores e percepções de sua trajetória de vida, superando as expectativas. Os 13 adultos que aceitaram contribuir com seus depoimentos, hoje, encontram-se na faixa etária de 37 a 40 anos, tendo frequentado a escola Aldeia quando tinham 2 a 6 anos de idade. Alguns desses participantes moram em Araraquara, outros em diferentes localidades, como São Paulo- SP e Recife- PE. A maioria são casados, alguns com filhos, outros, não. Foram eles:

- **Aluisio Baracat**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1981 a 1985. Cursou Direito, separado, uma filha, atua como Consultor, reside em Araraquara- SP.
- **Ana Silvia de Moraes**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Jornalismo, Psicologia e está cursando Doutorado em Educação, casada, uma filha, reside em São Paulo- SP.
- **André Nigro**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1982 a 1985. Cursou Engenharia Civil, casado, um filho. Possui uma Construtora, reside em São Paulo- SP.
- **Antonio Carlos Avelino Junior**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 5 anos entre 1981 a 1985. Cursou Direito e Ciências Contábeis, casado, não tem filhos, possui um Escritório de Contabilidade, reside em Araraquara- SP.
- **Claudia Petlik**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Psicologia, casada, tem 2 filhos, reside em São Paulo- SP.
- **Carolina Guimarães**, 40 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Pedagogia e Enfermagem, solteira, atua na Secretaria da Cultura na área de Comunicação, reside em Araraquara- SP.
- **Denise Zakaib**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Cursou Arquitetura, casada, não tem filhos, atua como Educadora em Artes, reside em Araraquara- SP.
- **Fernanda Serafim**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 2 anos entre 1982 a 1984. Cursou Psicologia, casada, tem dois filhos, reside em Araraquara- SP.
- **Luciana Lupo**, 37 anos, permaneceu 4 anos entre os anos de 1980 a 1984. Cursou Administração de Empresa, casada, uma filha, Empresária, reside em Recife- PE.

- **Luiza de Miranda Costa Moldan**, 39 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos, entre 1981 a 1985. Coursou Fisioterapia, casada, 2 filhos. Atua como Fisioterapeuta, reside em Araraquara- SP.
- **Mariana Gaspar Lauand**, 39 anos, permaneceu na Aldeia por 3 anos entre os anos de 1983 a 1985. Coursou: Ciências Sociais, Letras e Psicopedagogia, casada, tem 2 filhas, atua como Educadora, reside em Araraquara- SP.
- **Mariana Gianechchini Ferrari**, 37 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre os anos de 1980 a 1984. Coursou: Psicologia, Especializada em Psicanálise Infantil, casada, dois filhos, atua como Psicanalista Infantil, reside em Araraquara- SP.
- **Rodrigo Gatti**, 38 anos, permaneceu na Aldeia por 4 anos entre 1980 a 1984. Coursou Administração de Empresa, casado não tem filhos, Empresário, reside em São Paulo- SP.

Em julho de 2012, realizamos um primeiro encontro com cerca de vinte integrantes, entre eles, ex alunos, pais e professores que estiveram na Aldeia, a intenção era, além de nos reunirmos depois de tantos anos, registrar seus depoimentos para gravarmos um áudio. Foi muito emocionante a oportunidade de ouvir, rever e reconstruir parte dessa história (figura 04). Neste dia, registramos entrevistas individuais com alguns desses participantes, alguns desses registros utilizamos no áudio desta pesquisa.

Figura 04 - Encontro com ex alunos, professores e pais 2012



Fonte: Acervo da Autora

Depois de realizadas as entrevistas, programamos um segundo encontro, sendo que a iniciativa veio de um depoente durante sua entrevista, que propôs uma reunião com todos incluindo as famílias, (companheiros e filhos). O segundo encontro para além de se reencontrarem e conhecerem suas famílias, foi pensado para que pudessem reviver atividades que realizávamos na Aldeia. Esse encontro aconteceu no dia 9 de Setembro 2017, no Poitara, infelizmente somente cinco, dos treze participantes, puderam estar presente (figura 05). Aproveitamos a presença das crianças (filhos) para realizarmos algumas das atividades lúdicas que desenvolvíamos na Aldeia. Concluímos com uma roda de conversa, onde os depoentes expuseram impressões que reverberaram após a entrevista. O fato deste encontro ter ocorrido, favoreceu lembranças que surgiram de suas conversas, intensificando as memórias que eram complementadas entre eles.

Figura 05 – Encontro com entrevistados 2017



Fonte: Acervo da autora, 2017

Houve ainda um terceiro encontro no dia 11 de novembro, no Poitara, com a presença de mais dois depoentes que trouxeram seus filhos (figura 06). Tivemos uma roda de conversa e gravamos seus depoimentos. Realizamos também algumas vivências muito prazerosas com as crianças, como plantio de mudas, elaboração de um suco verde, entre outras brincadeiras.

Figura 06 – Segundo encontro com depoentes



Fonte: Acervo da Autora, 2017

Para ilustrar este processo de pesquisa, aproveitamos alguns áudios dos depoimentos que conseguimos gravar de algumas entrevistas e também dos encontros que houveram, para documentar em um pequeno vídeo que estará disponível junto à Dissertação. Podendo ser acessado pelo link: <https://youtu.be/3HRugssWRQQ>

Para uma abordagem mais ampla, foi contemplado a visão de alguns pais e educadores que estiveram na Aldeia, nesse período, a fim de complementar a fala dos depoentes. Em contato rápido por meio das redes sociais (internet), pedimos para alguns enviarem por email seus depoimentos, que acabaram entrando no decorrer da análise.

Os participantes foram:

- *Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora*; - *Eloina Barbosa Leal, professora*; - *Julia Pimenta, professora*; - *Adalberto do Carmo Grifoni, professor de Educação Física*; - *Suzana Volpe, professora*; *Claudia Cavicchia, professora*; - *Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe*; - *Regina Gatti, mãe*.

## **2.2. Análise Textual Discursiva**

Uma vez coletados, os depoimentos foram classificados em 12 tópicos, de forma a favorecer o desenvolvimento da análise, a saber: corpo, liberdade, natureza, horta e cozinha,

coletividade, espaço Escola, valores, escolha de profissão, visão de Educação, vínculos afetivos, reverberação da memória.

Utilizamos, para tanto, a Análise Textual Discursiva, que, por ser uma ferramenta aberta, exigiu do investigador uma flexibilidade para aprender a conviver com uma abordagem de constante reconstrução de caminhos e desconstrução de hipóteses pré- concebidas. A construção do novo, processo ao mesmo tempo rigoroso, prazeroso e gratificante, é sempre insegura e exige a criatividade. É um processo em que o pesquisador se movimenta com a averiguação das verdades que tenta expressar: um movimento em direção a novos paradigmas, com ênfase na autoria de um sujeito que assume sua própria voz ao mesmo tempo em que dá voz a outros sujeitos. A intenção foi trazer um novo olhar sobre as narrativas coletadas e buscar a escuta da essência que brota de cada participante.

A análise textual discursiva mais do que um conjunto de procedimentos definidos constitui metodologia aberta, caminho para um pensamento investigativo, processo de colocar-se no movimento das verdades, participando de sua reconstrução. É abordagem claramente incluída em metodologias que se situam em um paradigma de pesquisa emergente (SANTOS, 2002).

Sobre a importância da narrativa, Giroux e McLaren (1993) chamam a atenção de que é através dela que, ao mesmo tempo, nomeamos a experiência e agimos como resultado desta interpretação.

Apenas quando podemos nomear nossas experiências - dar voz a nosso próprio mundo e afirmar a nós mesmos como agentes sociais ativos, com vontade e um propósito - podemos começar a transformar o significado daquelas experiências, ao examinar criticamente os pressupostos sobre os quais elas estão construídas (GIROUX; MACLAREN, 1993, p.26).

Valendo-nos das narrativas de cada entrevistado, foi possível reconstruir uma visão mais abrangente, que incluiu tanto as sensações expressas do universo de cada um como as percepções do entrevistador, a partir da releitura desses depoimentos.

Como cita Thompson (1992), a reconstrução dessa trajetória possibilitou um novo olhar sobre suas vivências, a partir da reflexão e avaliação de novos conceitos.

Ao coletar narrativas e memórias sobre como as pessoas viviam no passado, (...) sobre as brincadeiras das crianças e as mudanças da paisagem – por mais primitivas que possam ser suas técnicas de entrevista e de gravação -, as crianças estão coletando evidências. Ao mesmo tempo, acabam se envolvendo criativamente em sua avaliação. Enfrentam questões fundamentais: quando

confiar numa informação ou duvidar dela, ou como organizar um conjunto de fatos (THOMPSON, 1992, p.218-219).

De fato, de acordo com Thompson, em muitas entrevistas a memória se manifestava a medida que íamos conversando sobre a escola. Alguns citaram que não imaginavam que tinham tantas memórias, sendo perceptível seu despertar a medida em que as narrativas se desenvolviam e o envolvimento emocional se manifestava. Essas narrativas foram gravadas e transcritas com fidelidade à cada palavra e a cada sentimento emanado.

É fato que ao delinear um tema, as narrativas podem remeter a uma certa imposição do objeto em estudo, muitas vezes induzindo a respostas desejadas. Mas é fato também, e isso foi observado, que, a medida em que os entrevistados buscavam organizar suas memórias e a partir delas analisar o seu presente, alguns passaram a entender melhor suas histórias e puderam se sentir parte do contexto em que viveram. Como cita Pollack (1992, p.204),

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente muito importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Ao manifestarem suas memórias, os participantes foram se apropriando de suas peculiaridades, obtendo uma sinalização mais evidente, inclusive do que gostariam de oferecerem aos seus filhos.

### 3. UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO

#### 3.1. Reflexões sobre o sistema educacional

Figura 07 - Criança plantando



Fonte: Acervo da autora- Projeto Plantar Sementes, 2011

Gaia era o nome dado à Deusa Terra, cultuada como divindade suprema na Grécia Antiga. Traz, em seu espírito, a ideia de rede, pela qual estamos interligados, e somos responsáveis por sua manutenção. Na contemporaneidade, de acordo com Lovelock (2006), a Teoria de Gaia defende basicamente o planeta Terra como um sistema autorregulador, que mantém o clima e a composição atmosférica, garantindo sua própria existência.

E é desta maneira que criamos, aprendemos e nos comunicamos. Reconhecer essa Deusa da Natureza como nossa Mãe Terra amorosa, ajuda a expandir nosso respeito ao meio ambiente e nossa busca do equilíbrio entre as energias masculinas e femininas, para que, em lugar de competir, trabalhemos juntos, para o bem individual e coletivo.

A palavra natureza tem origem no latim (nasci, nascor) e significa nascer, crescer, ser criado. Refere-se a uma visão processual da vida. Na origem grega, “natureza” provém da palavra Physis que significa germinar e refere-se a um processo permanente e contínuo de nascer e morrer. Pelos povos da antiguidade, a natureza era vista como um todo dinâmico, em eterno movimento, incluindo os aspectos humanos.

Uma das inspirações deste projeto vem do conceito de pensamento sistêmico apresentado por Fritjof Capra, cientista, ambientalista, educador, ativista e diretor do Centro Ecoliteracy de Alfabetização Ecológica em Berkeley, Califórnia.

Trata-se de uma nova maneira de ver o mundo e também uma nova forma de pensá-lo a partir das relações entre as partes e o todo. Essa teoria diz que todos os sistemas vivos compartilham propriedades e princípios organizacionais comuns. Emerge de um paradigma por ele chamado de

Visão holística que entende o mundo como um todo integrado e não como uma coleção de partes dissociadas e, reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (CAPRA, 1997, p.25).

Para enfatizar o significado mais profundo da ecologia, filósofos e cientistas começaram a fazer uma distinção entre a ecologia profunda e o ambientalismo superficial. Enquanto o ambientalismo superficial se preocupa com o controle e a administração do meio ambiente natural em benefício do homem, o movimento da ecologia profunda exige mudanças radicais na percepção do papel dos seres humanos no ecossistema planetário. Esse novo conceito requer da sociedade uma nova base filosófica e religiosa.

A noção de sistemas no âmbito da Teoria Sistêmica (TS) surgiu na primeira metade do século XX, com os trabalhos de Köhler sobre a aplicação dos princípios da Gestalt na Física, Lotka, na Estatística e de Von Bertalanffy, em diversas áreas do conhecimento, em especial na Biologia (VON BERTALANFFY apud KRÜGER, 2012) e adquire hoje em dia mais e mais importância com as contribuições de Fritjof Capra e Humberto Maturana, entre outros. Apesar de não se opor à ciência como lógica e razão, a grande revolução proposta pela Teoria Geral dos Sistemas foi não aceitar a forma analítica, lógica e racional como único meio para se compreender o mundo.

Para essa teoria, o conceito de ambiente natural consiste em ecossistemas habitados por incontáveis organismos que coevoluíram durante bilhões de anos, usando e reciclando continuamente as mesmas moléculas do solo, da água e do ar. Os princípios organizadores desses ecossistemas podem ser considerados superiores aos das tecnologias humanas baseadas em invenções recentes. Para Capra, o meio natural não é só vivo, mas também inteligente:

A inteligência dos ecossistemas, em contraste com tantas instituições humanas, manifesta-se na tendência predominante para estabelecer relações

de cooperação que facilitam a integração harmoniosa de componentes sistêmicos em todos os níveis de organização (CAPRA, 2006, p. 382).

A Teoria dos Sistemas criou uma ciência holística e interdisciplinar, buscando conclusões semelhantes observadas entre as diversas áreas da ciência e vem aplicando soluções de uma ciência em outra, por entender que inserir a realidade sistemicamente significa, literalmente, colocá-la dentro de um contexto e estabelecer a natureza de suas relações.

A ciência sistêmica mostra que os sistemas não podem ser compreendidos por meio da análise individual. As propriedades das partes não são necessariamente propriedades extrínsecas, mas precisam ser vistas e entendidas dentro do contexto do todo. Nessa perspectiva, os pensamentos cartesiano, holístico e o sistêmico, apesar de cada qual possuir uma identidade, método e história diferentes, não são diretamente opostos, apenas tomaram caminhos diferentes, visando chegar em algo comum, pensando na busca da verdade do todo (CAPRA, 2006 s.p)

Afinada com esta visão sistêmica, a Ecopedagogia sustenta um novo paradigma teórico da complexidade, em sintonia com autores, como Morin, Maturana, Capra, Boff e traz a ideia de formação da cidadania ambiental e planetária no processo de construção da democracia, indicando a interligação e a interdependência das coisas. Esse conceito foi criado por F. Gutiérrez, educador e pesquisador costa-riquenho, estudioso da obra de Paulo Freire, no início da década de 1990, no contexto da conferência da RIO-92.

O novo paradigma que emerge atualmente pode ser descrito de várias maneiras. Pode-se chamá-lo de uma visão de mundo holística, que enfatiza mais o todo que as suas partes. Mas negligenciar as partes em favor do todo também é uma visão reducionista e, por isso mesmo, limitada. Pode-se também chamá-lo de visão de mundo ecológica, e este é o termo que eu prefiro. Uso aqui a expressão ecologia num sentido muito mais amplo e profundo do que aquele em que é usualmente empregado. A consciência ecológica, nesse sentido profundo, reconhecer a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento dos indivíduos e das sociedades nos processos cíclicos da natureza. Essa percepção profundamente ecológica está agora emergindo em várias áreas de nossa sociedade, tanto dentro como fora da ciência. (CAPRA, 1996, s.p)

Gadotti (2000) se refere à Ecopedagogia como uma Teoria da Educação que traz em si novas categorias interpretativas relacionadas à subjetividade, à cotidianidade, ao mundo vivido, à visão holística; considera a utopia, o imaginário, valoriza a paixão, o sentimento, as emoções, o desejo, o olhar, a escuta e critica o modelo da racionalidade instrumental. Apresenta princípios pedagógicos para uma sociedade sustentável, entre eles, a promoção da vida humana, a comunicação, o compartilhamento, o relacionamento e o despertar para uma nova consciência

que faça sentido para cada ato e construa uma vivência harmoniosa com todas as formas de vida. Na verdade, os princípios da ecologia podem ser também interpretados como princípios da comunidade.

O pensamento sistêmico é fundamental para a compreensão do funcionamento das comunidades de aprendizagem. Considerando a Escola como uma organização viva, que envolve grande complexidade de relações, as quais permitem uma variedade de interações entre seus membros, a comunidade e o espaço físico escolar, entendemos como fundamentais as abordagens supracitadas por apontarem para um modelo de educação que guarda uma afinidade intrínseca com aquele adotado pela Escola Aldeia Recreação Infantil, onde buscávamos uma pedagogia integrada à vida e a toda comunidade escolar.

Um novo modelo de educação que defronta com aquele praticado na forma tradicional, a qual, via de regra, restringe suas atividades à sala de aula e busca o preenchimento de toda abordagem curricular com atividades fragmentadas e desconectadas da realidade, condicionadas mais pelo resultado final que se espera do aprendizado do que pelo próprio processo de construção e aquisição dos conhecimentos.

Na atual configuração escolar, vemos as disciplinas abordadas, desvinculadas de um projeto educacional integrado e tal ruptura se apresenta insatisfatória no que se refere à construção do conhecimento, pois não se pode desvincular totalmente o conhecimento conceitual dos processos perceptivos em geral, gerando um conhecimento superficial e sem sentido.

Nesta caminhada histórica, reducionista e linear, perdeu-se em termos de sensibilidade, estética, sentimentos e valores, especialmente, em função da supervalorização dada pela mensuração, quantificação e comprovação dos fenômenos. Gerou-se uma concepção de vida em sociedade pautada na competitividade, no isolamento, no individualismo e no materialismo desenfreado. A crença no progresso material a ser alcançado pelo crescimento econômico e tecnológico como fim em si mesmo não considerou as conseqüências para a sociedade, a natureza e o próprio ser humano. (BEHRENS, OLIART, 2007, p.60).

Os conceitos de Ecopedagogia e Educação constituem a base de um processo de transformação que envolve, fundamentalmente, a constituição das pessoas, a formação dos professores e o papel da escola no contexto da comunidade. Este processo de reconstrução de valores sociais, econômicos, culturais e ambientais compõe um novo olhar para a Educação e visa possibilitar as condições básicas para que os alunos possam se constituir mais críticos, humanos e com compreensão ampla da dinâmica do mundo.

Para tanto, é preciso contemplar uma proposta pedagógica que reconheça a diversidade de fenômenos da natureza e o ser humano como um indivíduo com multidimensionalidades, ou seja, dotado de múltiplas inteligências e com diferentes estilos de aprendizagens. Nesse sentido, a formação docente precisa reconhecer o processo de aprendizagem complexa, envolvendo no ensino os aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, estéticos, culturais, sociais e espirituais, entre outros (BEHRENS, OLIART, 2007, p.64).

O que se percebe é que não existem receitas e o futuro é uma indagação. É importante manter o senso crítico para que se converta numa prática reflexiva, numa educação permanente, em que o homem se educa a vida inteira, aberto para o novo de forma alegre, autônoma, criativa e inventiva, afirmando-se como indivíduo, para aperfeiçoar sua evolução, “abrindo-se à essência e à plenitude da própria existência” (MCLUHAN apud GADOTTI, 2004, p. 296).

### 3.2. A Criança e o mundo natural

(<http://www.summerhillschool.co.uk>, 2016)



Fonte: Acervo da Autora- Projeto Plantar Sementes, 2011

A ‘criança’ nasce do útero do inconsciente, gerada no fundamento da natureza humana, ou melhor, da própria natureza viva. É uma personificação das forças vitais, que vão além do alcance limitado de nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. É uma impossibilidade de ser-de-outra-forma, equipada com todas as forças instintivas naturais, ao passo que a consciência sempre se emaranha em uma suposta possibilidade de ser-de-outra-forma. O

impulso e a compulsão da autorrealização é uma lei da natureza e, por isso tem uma força invencível, mesmo que seu efeito seja no início insignificante e improvável (JUNG, 2011, p. 135).

A força da natureza da infância, aqui descrita por Jung (2011), naturalmente se direciona sem necessidade de estímulo artificial, quanto mais se permite a interação, integração e conexão ao mundo natural, tudo acontece de forma fluida, orgânica e mágica. A autorrealização como “lei da natureza” nos liga a ideia de que a criança, convivendo plenamente em um ambiente natural, terá fortalecido o desenvolvimento de suas potencialidades criativas e emocionais.

A escola deveria levar em conta todas as formas do ser humano de se relacionar com o mundo externo e interno, dentro das suas práticas pedagógicas, em vez de apenas privilegiar o pensamento cognitivo. “É importante o desenvolvimento não-unilateral do ser e a visão da criança em sua totalidade, considerando os dois aspectos: objetivo e subjetivo, extrovertido e introvertido”. (CRUZ, 2005, p.61).

O perigo - e o que mais acontece é que se anula muitas vezes este processo natural de desenvolvimento, pela imposição de parâmetros antagônicos ao que intrinsecamente emerge de seu ser advindos de atitudes educativas que reprimem, impõem formas sistemáticas de condutas, limitam e restringem sua capacidade criativa, traindo e inibindo sua natureza intuitiva de autodescoberta.

Vivemos um período da história humana em que o tempo dedicado às tecnologias da informação, sem desmerecer sua importância, no universo infantil, essa prática é crescente, bem como o acesso irrestrito às mídias digitais de entretenimento e recreação, que criam hábitos de dependência em longos períodos diários. Suas consequências nocivas são muitas, entre elas: o sedentarismo, que acarreta doenças precoces, obesidade infantil e hiperatividade, além de diminuir cada vez mais o contato com ambientes naturais.

Inúmeros estudos mostram uma redução do tempo de lazer nas famílias modernas, mais tempo diante da televisão e do computador, além do aumento da obesidade entre adultos e crianças, devido a um estilo de vida sedentário. Segundo (LOUV, 2016, p. 30): “Infâncias sedentárias passadas em espaços fechados estão ligadas a problemas de saúde mental”.

Uma infância passada em espaços confinados aumentam riscos à percepção de comunidade da criança, riscos à confiança e habilidade de discernir o perigo real e a beleza. Experiências na vizinhança e na natureza ajudam a amadurecer a cognição das crianças, incluindo sua habilidade de análise, síntese e avaliação.

A exposição direta à natureza é essencial para saúde física e emocional. Novos estudos sugerem que a exposição à natureza pode reduzir sintomas do TDAH (Transtorno Déficit de

Atenção e Hiperatividade) e melhorar as habilidades cognitivas e a resistência das crianças ao estresse e a depressão. (LOUV, 2016, p. 57).

Segundo Pearce (1989, p.123):

A criança é programada para interagir com o mundo real: um lugar de pedras, árvores, insetos, sol, lua, vento, nuvens, chuva, neve e milhões de coisas; um mundo guiado por princípios, onde há um equilíbrio de causa e efeito, onde “caiu, fez bum” quer dizer joelhos esfolados, onde fogo queima e quente significam não toque” ...Os conceitos constituem a questão principal da inteligência na infância (e através de nossas vidas). Novos padrões para organização sensorial e ações corporais só se formam no cérebro da criança quando ela interage com o mundo por meio do corpo.

São estas vivências primordiais e essenciais que movem seu ser para um estado fértil e feliz de estar no mundo, de se perceber em seu pleno potencial, no mais harmonioso estado de descoberta, além de proporcionar ferramentas para enfrentar e superar desafios e que será referência em sua vida adulta. De acordo com LOUV (2016, p.253): “as crianças que frequentam escolas com ambientes naturais diversificados são mais ativas fisicamente, mais conscientes em termos de nutrição, mais civilizadas umas com as outras e mais criativas”.

A experiência sensível, aliada aos usos e percepção cultural dos seres do meio ambiente, traz novos significados como as plantas, animais, céu, terra, pensando em um conjunto de múltiplas inter-relações, como diz Capra, sistêmico, que envolvem saberes, técnicas e uma constante interpenetração intelectual e prática entre a natureza e a sociedade. Esses atributos fazem com que a natureza não seja algo estático, mas esteja em permanente movimento cósmico.

As crianças vivem pelos sentidos. As experiências sensoriais ligam o mundo exterior da criança ao mundo interior, escondido, afetivo. Como o ambiente natural é a principal fonte de estímulo sensorial, liberdade para explorar e brincar com o mundo exterior dos sentidos em seu próprio espaço e tempo essenciais para o desenvolvimento saudável de uma vida interior. Esse tipo de interação automotivada e espontânea é o que chamamos de brincar livre. Cada criança testa a si mesma interagindo com o ambiente, ativando seu potencial e reconstruindo a cultura humana. O conteúdo do ambiente é um fator fundamental nesse processo. Um ambiente rico e aberto vai apresentar continuamente escolhas alternativas para um envolvimento criativo. Um ambiente rígido e insosso acaba limitando o crescimento e o desenvolvimento saudável do indivíduo e do grupo (MOORE, 1997. p.203 p.87).

Brincar em ambientes naturais oferece benefícios especiais, as crianças ficam fisicamente mais ativas, além de ampliar sua capacidade motora, equilíbrio e agilidade. Como

cita Louv (2016, p.89): “qualquer espaço natural contém uma reserva infinita de informações, portanto um potencial inesgotável para novas descobertas”.

A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela (BARBIERI, 2012, p.116).

A primeira fase da vida é o fundamento, o primeiro degrau sobre o qual se edifica todo o desenvolvimento futuro. O ‘Bem’ da criança é o brincar. Há, aqui, uma tão íntima aproximação entre a natureza e o brincar da criança que o consenso do belo encarna no lúdico, fazendo dos gestos da brincadeira a confirmação sincrônica entre macro e microcosmos.

O mundo toca a criança em suas intenções criadoras, o espaço repercute e anima, na criança, tudo o que depois ela irá valorar. Primeiro repercute, depois, compõe-se de sentido.

A terra, em sua materialidade intransigente, que sempre escapa, resiste e opõe seu sentido do olhar, que sempre dispõe de um sentido não aparente é o objeto primordial primeiro de amor e luta no brincar.

Segundo Gandhi Piorski Aires (2012, s.p.), “Criança é assim mesmo: quer a verdade do mundo. Bota o real em atividade, mesmo que na imaginação. É despreocupada com o tempo, não quer contê-lo e por aí cria, interliga saberes, encontra a dimensão da alma”.

Os brinquedos da criança permitem a inquisição livre do olhar, a sondagem e investigação da natureza, o encontro com a integridade de suas formas, com a individualidade oculta em seus contornos e texturas, com a intimidade de inúmeras formas de ser. Para a imaginação das coisas materiais, no brincar, todo corpo é espaço de ser, é território ôntico moldando as primícias íntimas da criança. Moldando para intimar-se com a natureza e para que a natureza lhe desperte a interioridade de ser parte, participante, organismo da vida. (AIRES, 2013, p.68)

Segundo Capra (1990), a Alfabetização Ecológica amplifica o conceito de educação ambiental, nela está contida o sentido pelo qual a educação deveria exercer em todos o seu âmbito de desenvolvimento.

Por estar intelectualmente fundamentada no pensamento sistêmico, a Alfabetização Ecológica é muito mais que Educação Ambiental. Ela oferece um poderoso arcabouço para a abordagem sistêmica da reforma escolar que hoje está sendo amplamente discutida pelos educadores. A sensibilidade do cérebro a influências ambientais é especialmente acentuada na primeira infância, quando a maior parte da rede neural está se formando. Desde que as pesquisas nesta área começaram, no final da década de 1950, tem havido amplo consenso entre os psicólogos infantis de que a exposição precoce a um ambiente rico em experiências sensoriais e desafios cognitivos tem efeitos benéficos duradouros, enquanto a privação dessas experiências pode inibir o desenvolvimento neurológico futuro (...) um ambiente de aprendizagem rico, multissensorial - envolvendo as formas e texturas, as cores, odores e sons do mundo real, é essencial para o pleno desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. (CAPRA, 1990, s.p.)

As crianças constroem ativamente seus conhecimentos. Do ponto de vista evolutivo, a busca de significados está voltada para a sobrevivência e constitui um elemento básico da natureza humana. Temos uma tendência inata a dar um sentido a nossas experiências, a buscar significados. O cérebro não gosta de lidar com peças isoladas de informação. O ensino não acontece de cima para baixo, mas existe uma troca cíclica de informações.

O foco está na aprendizagem e todos no sistema são, ao mesmo tempo, mestres e aprendizes. Laços de realimentação são intrínsecos ao processo de aprendizagem e a realimentação passa a ser o principal objetivo da avaliação. O pensamento sistêmico é crucial para a compreensão do funcionamento das comunidades de aprendizagem. Na verdade, os princípios da ecologia podem ser também interpretados como princípios da comunidade. (CAPRA, 2006, p. 88):

A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. No jardim, aprendemos sobre os ciclos dos alimentos, um dos mais antigos e mais importantes conceitos ecológicos. Desde o início da ciência ecológica, os ecologistas vêm estudando os relacionamentos da alimentação. Inicialmente, formularam o conceito da cadeia alimentar, usada ainda hoje; ou seja, pequenas criaturas devoradas por outras grandes, as quais, a seu turno, são devoradas por outras ainda maiores e assim por diante. Depois, os ecologistas compreenderam que, ao morrer, todas as grandes criaturas são devoradas por minúsculas outras, que são chamadas organismos de decomposição. Isto levou ao conceito dos ciclos alimentares. Finalmente, reconheceram a existência de uma interconexão entre todos esses ciclos alimentares, uma vez que muitas espécies se alimentam de diversas outras e, assim, os ciclos alimentares tornam-se parte de uma rede interconectada. Portanto, o conceito ecológico contemporâneo é o da teia alimentar, uma rede de relacionamentos englobando a alimentação.

A criança aprende pela ação com sentido, que emerge de sua natureza intrínseca e essa reverberação parte da proximidade com ambientes naturais onde todos os elementos aguçam

sua curiosidade, permitem ação espontânea de sua criatividade, promove desafios constantes que requer emoção, ação, interação e autoconhecimento.

Atividades com o ciclo alimentar na infância permite o acessar esta cadeia de ciclos, o cuidar, o tempo, a transformação, o sentido de que para tudo existe o tempo de maturar. Assim nada vem pronto, é preciso “o cuidar”, essa simples ação reproduz um significado existencial maior do que podemos imaginar.

No jardim, aprendemos que um solo fértil é um solo vivo com bilhões de organismos vivos em cada centímetro cúbico. As bactérias desse solo realizam várias outras transformações químicas essenciais à manutenção da vida na Terra. Devido à natureza do solo vivo, precisamos preservar a integridade dos grandes ciclos ecológicos em nossas práticas de jardinagem e agricultura. (CAPRA, 2006, p.89)

Observar o presente é vivenciá-lo em todas as milhões de possibilidades que nos oferece, o educador seria um propositor das mensagens ouvidas pelo ambiente, sensível para despertar o ensejo em todo seu potencial e fazer desabrochar o ilimitado ser que se apresenta investigando sua própria existência e o preparando para a vida. Compactuamos com o pensamento de Aires (2012, s.p):

Em um ambiente criativo, de paz estética e acolhimento imaginário, crianças crescem perguntando do mesmo modo que perguntaram os jônios e todos os pré-socráticos nas suas formulações cosmológicas. Criam imagens mitológicas para suas perguntas que são as mesmas perguntas originárias das grandes mitologias, das mais antigas histórias da criação. Sondam a natureza do sol e os mistérios da lua, a origem do homem e do mundo. Toda criança que tem a oportunidade e a paz para expressar seu ser é capaz de desenhar os contornos de uma teologia do mundo, de uma filosofia do homem, e de uma hermética do seu brincar.

Quando passamos a olhar a natureza como a grande mestra de nossas vidas, nos assombramos com a sua beleza, a sua força e seus mistérios. Somente assim é possível criar uma relação amorosa e integrada a todo sistema natural. Nas culturas tradicionais, que ainda estão vinculadas à natureza, percebemos uma comunhão e reverência à natureza, à criança, ao humano, em que tudo faz parte de um todo maior, como uma unidade, um sistema, como diz Capra, com a compreensão da natureza interna e externa de maneira integrada.

Tendo assim uma nova visão atrelada à natureza viva em constante transformação, neste contexto de interconexão, como cita Morin (1997, p.97) “faz parte de um sistema social, no seio de um ecossistema natural, que por sua vez está no seio de um sistema solar, que por sua vez está no seio de um sistema galáctico”. Ao tomar consciência desta complexidade totalizada,

o homem se reconhece como natureza e permite às crianças uma experimentação da sua própria manifestação.

A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela (BARBIERI, 2012, p.116).

Através do resgate das experiências vivenciadas na primeira infância em um ambiente que buscou favorecer esta interconexão harmoniosa com os diversos ambientes naturais e educativos, a escola Aldeia assim como outras Escolas alternativas da época favoreceram a livre exploração da criança em ambientes naturais e sua expressividade diante da descoberta da vida.

### **3.3. A escola Aldeia no contexto das escolas alternativas**

Viver de acordo com sua natureza, tratada corretamente, e deixada livre, para que use todo seu poder (...) A criança precisa aprender cedo como encontrar por si mesmo o centro de todos os seus poderes e membros, para agarrar e pegar com suas próprias mãos, andar com seus próprios pés, encontrar e observar com seus próprios olhos. (FROBEL, 1912c, p.21)

Figura 09 - Criança plantando árvore



FONTE: Acervo da Autora - Projeto Plantar Sementes, 2011

Refletir sobre um modelo escolar ideal, que contemple um ambiente livre e rico de natureza selvagem, onde todos os sujeitos envolvidos estão integrados e comprometidos com o espaço, desde a arquitetura, a estética, os relacionamentos, até a logística de atendimento à criança. Contar com um grupo de profissionais dispostos a evoluírem como pessoa, buscar um caminho de aprendizados e ações cooperativas, em que todos contribuam para criar um sistema harmonioso e evolutivo e assim favorecer um ambiente propício para florescer a comunidade escolar. Sonhos que, em algum momento, tornaram-se realidade.

O conhecimento, seja científico, espiritual, cultural, mobiliza, amplia a consciência, tornando-nos reflexivos; propicia a flexibilidade, a diversidade e a inclusão. Educar crianças pequenas, sem dúvida, é uma das tarefas mais importantes em uma sociedade, pois a infância é o momento mais sublime e incrível da vida humana, uma fase de transformação e formação corporal, mental, psíquica, espiritual, que demarca seu futuro adulto. Para educá-las, faz-se necessário um ambiente propício para seu desenvolvimento pleno, que servirá como o continente ideal para seu amadurecimento. O que fazer para que esse terreno seja fértil, para que possam se desbrochar e mostrar quem são?

Isto requer um preparo profundo dos educadores, para criar um ambiente onde a criança

se reconheça, onde ela possa ser ouvida, acolhida, respeitada em seu ritmo, suas escolhas, sua forma de lidar com o outro e com o mundo. O afeto, o carinho, a atenção é o que as nutre. As crianças precisam se sentir amadas e com liberdade para expressar sua criatividade nata. Só assim elas se tornam receptivas, e sentem prazer em crescer no aprendizado da vida, fundamental para acessar sua autonomia e criatividade em sua fase adulta. Como cita Rudolf Steiner:

Não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a auto-educação. [...] Toda educação é auto-educação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior. (STEINER, 1923 s.p.)

Em meados dos anos 70, 80, essas reflexões se tornaram mais aguçadas em diferentes lugares do mundo. A criança passou a ser vista com mais atenção em seu processo de desenvolvimento, e, assim como a Aldeia, outras escolas fizeram parte deste movimento inovador, pertencente ao movimento das escolas alternativas, as quais tinham como um dos principais objetivos criar espaços para que as crianças desenvolvessem suas potencialidades e fossem entendidas como sujeito no seu caminho de aprendizagens.

A palavra alternativa, muito usada nos anos 70, início dos anos 80, simbolizou uma oposição contra todo tipo de repressão, uma forma ousada de viver, com força e desejo de criar outros modelos sociais e educacionais. Neste período, apareceram diversos tipos de espaços que possibilitaram a diversidade de pensamentos, influenciados por pensadores como Piaget, Neill, Melanie Klein, Reich, Paulo Freire, Freinet, Bettelheim, Winnicott, Jung e outros tantos autores, afinados com o “clima de seu tempo” (REVAH, 1995, p.57). Considerando que essa foi uma época de grande efervescência política, em que vivíamos o fim de um longo período de ditadura militar, em que imperava a opressão e a proibição de manifestação do pensamento livre, em queurgia a busca pela democratização.

Nessa época, era difícil se conviver com o regime militar. As limitações impostas para a liberdade de expressão e pensamento, incomodavam em especial a classe intelectual brasileira. Começava a se configurar um vasto campo de iniciativas consideradas alternativas. Esse termo, difundido e usado durante esta década, caracterizava manifestações de contracultura que ocorriam na Arte, Teatro, Cinema e Música. Mais que isso, designava um comportamento de contestação em relação à ordem vigente e às Instituições.

Foi, em parte, influenciado por este clima de questionamento e rebeldia que surgiram as escolas alternativas. Havia uma identificação muito grande dos pressupostos teóricos destas escolas com a mentalidade da época, marcada pelo desejo de mudanças que se estendeu também ao sistema educativo tendo como base críticas radicais a escola. As críticas não se restringiam somente a função social da escola, mas também aos métodos de ensino empregados por ela. (SÁ, 1995, p.47)

Tal qual o depoente discorre:

*- Acho também que coincidiu com o pós-ditadura, independente do posicionamento político, um ambiente de mais liberdade, mais abertura com os filhos, que favoreceu todo convívio, na época do final de uma ditadura, começo da geração que marcou o Brasil, geração hit, Titãs, Legião, isso envolve todo ecossistema, toda convivência, momento de vasta produção. ... Foi uma década com abertura política que todo mundo teve mais liberdade, e na educação que vocês passaram pra nós foi fundamental". (Aluisio Baracat, 2017 ex-aluno).*

A escola Aldeia foi uma dentre muitas escolas que fugiram do sistema convencional de Educação. Essas escolas alternativas se propunham a desenvolver um trabalho de vanguarda e de oposição ao ensino designado conservador. Nesse contexto, os próprios adultos envolvidos, pais, educadores, estudantes, viram-se imersos num processo em que eles próprios estavam se reeducando, avaliando e mudando seus próprios comportamentos e valores, contestando o sistema vigente, manipulativo, empregado de interesses capitalista cuja meta seria a massificação dos valores de consumo.

As escolas alternativas se organizaram, se constituíram e se legitimaram através de uma intensa interação com essa fração de classe que, na sua maioria, vivenciou ou foi influenciada pelas transformações socio culturais ocorridas durante a década de 60. A fragilidade dessas novas experiências ao mesmo tempo que unia esforços, criava um terreno fértil para crises e cisões de várias ordens política, econômica, filosófica e administrativa. (SA, 1995, p.53)

*Pelo olhar de uma depoente:*

*- Ela foi uma escola de vanguarda, até hoje, que faz muito mais sentido do que muitas escolas atuais, com o que eu penso na formação do indivíduo. Você sabe o quanto foi importante? Você tem essa consciência do que foi construído dentro de cada pessoa que estudou lá? É uma forma*

*de saber que este trabalho repercutiu por anos e gerações, porque agora eu estou redigindo um projeto e lembrando do que aconteceu lá! (Carolina Guimarães, 2016 ex- aluna.)*

Assim como a Aldeia, as escolas alternativas buscavam a liberdade para experimentar, discutir, criar, tendo um elemento central na constituição de suas pedagogias. “Dar liberdade para criança, respeitar os seus interesses, criar um ambiente afetivo, desafiador, valorizar o prazer, o lúdico, o jogo, a criatividade e a imaginação”. (REVAH, 1995.p.55)

As escolas alternativas tinham alguns fundamentos similares como questionar um sistema repressivo de ensino; criar ambientes de ensino aprendizagem em que todas as pessoas da comunidade escolar se tornassem sujeitos participativos; propor atividades que respeitassem as crianças em suas individualidades e permitissem um o desenvolvimento de sua autonomia. Como cita Revah: “O abandono de uma postura maniqueísta, abrindo-se para uma outra mais complexa, foi um dos percursos seguidos por essas experiências pedagógicas, um percurso que teve inflexões e que resultou numa nova postura.” (REVAH, 1995, p.60)

*- Eu acho que foi uma proposta revolucionária, tudo de bom sem ser maçante, com liberdade e ao mesmo tempo rica nas experiências, foi uma evolução. É difícil ter uma escola assim hoje em dia, não tinha aquela coisa maçante de regras, tudo muito divertido e com prazer. (Mariana Gaspar Lauand, 2016 ex- aluna).*

Nesse contexto, a escola Aldeia não está sozinha. Nos anos 80, as escolas alternativas começaram a aparecer, além de crescer, diversificaram-se, conforme ressalta a socióloga Helena Singer (2014) “Cada uma inventa seu próprio modelo, cria sua cultura, desenvolve suas metodologias”. Crescia a procura por uma escola, sobretudo, democrática, onde as crianças pudessem desfrutar de um ambiente que valorizasse a liberdade de ação, de expressão e pensamento. Em comum, as escolas alternativas possuíam ambientes que favoreciam a participação de todos na construção de seu projeto político pedagógico e currículos flexíveis, que acompanhavam os interesses e necessidades de seus estudantes.

No contexto mundial, o período dos anos 60 a 80 foi marcado por criações de escolas democráticas. Segundo Helena Singer, as escolas democráticas são compreendidas com um caráter de resistência aos mecanismos de poder, propondo uma educação para a autonomia, para uma sociedade mais igualitária. Seria uma “vida em comunidade sem ativar o dispositivo de moralização que opera mediante a identificação com a norma e a submissão.” (SINGER, 1997, p. 164-5).

Singer fala sobre o papel das escolas democráticas, opondo-se ao modelo básico da escola, propondo uma transformação social e “questionando a primazia do saber, que advoga a técnica e a disciplina como elemento básico da educação.” (SINGER,1997, p.169).

Essa posição de resistência refere-se a uma atitude diante da atualidade definida pela escolha voluntária por um modo de pensar e agir que se apresenta como uma tarefa de crítica transcendental e busca indefinida da liberdade no campo da educação porque recusa o estatuto de verdade da pedagogia que, em nome da supremacia do conhecimento, desenvolve técnicas de aprendizado que visam o treinamento de corpos mais dóceis e eficientes. (SINGER, 1997, p.170-1).

Além de transmitir conhecimentos acadêmicos, elas se preocupavam em formar sujeitos ativos, capazes de atuar no mundo de maneira criativa e sensível e ofereceram, aos seus educandos, uma formação que valorizava o desenvolvimento de habilidades e competências transformadoras. Autoconsciência, criatividade, solidariedade e responsabilidade passaram a ser conceitos significativos, norteando novos modelos de atitudes e relações nas práticas pedagógicas.

*- É por sentir seu coração batendo junto com outras pessoas, numa vibração parecida, de paz, de respeito, de harmonia, nossa, acho que era de vanguarda há 35 anos atrás e hoje ainda continua, poxa vida, já passou mais de uma geração, quase duas gerações, mas assim a contagotas acho que o mundo vai caminhando para este lado, me sinto bem de poder ter na formação experiências que colaborem até para eu ajudar neste desenvolver do mundo, estar no mundo de uma maneira, eu acho que um pouco contra corrente... e ter ferramentas pra também fazer isso acontecer, faz parte da Educação dar essas ferramentas... na minha vida só foram me dadas na educação na Aldeia, depois me deram outras ferramentas para outras coisas, passar no vestibular enfim, mas esta construção do mundo... só lá. (Denise Zakaib, 2016 ex- aluna).*

*- Falar da Aldeia me remete a um tempo da minha vida, onde algumas questões eram importantes, sou da década de 60, 70. Eu vim pra Araraquara, tinha feito Psicologia e vim trabalhar na Faculdade de Educação da UNESP. Não conhecia muitas coisas sobre Araraquara, mas sabia muito bem o que eu queria para os meus filhos, pra colocar um filho na escola é de uma responsabilidade muito grande para os pais e para a escola que recebe. Eu acredito que poucas pessoas refletem neste momento da vida, mas acho fundamental que as pessoas reflitam pra quem a gente entrega seus filhos para educar. Tinha um conceito pra as crianças pequenas que não era de escolarização. Decidi visitar todas as escolas de*

*Araraquara, inclusive da prefeitura, que eu gostava, porém tinha um número muito grande de crianças. Fui para escolas particulares, e encontrava espaço pequeno e muitas carteiras, mesinhas com as cadeirinhas que ocupavam todo espaço que tinha pra escola, até que entrei na Aldeia e tinha muito espaço e poucas cadeiras e mesas e aí eu pensei: aqui meus filhos irão brincar e não seguir um currículo pré formal. Encontrei na Aldeia isso. Meus três filhos estudaram lá, e não me arrependo das escolhas. (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012)*

### **3.4. Escolas Alternativas que marcaram uma época**

A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência. Sob este aspecto, cultura é a consciência no grau mais alto possível (JUNG, 2008, p. 56).

Sendo um movimento natural pós-ditadura, em vários lugares surgiram Escolas que propunham outra dimensão de pensamento em que a criança poderia participar efetivamente de seu aprendizado e desenvolvimento. Levantamos aqui algumas Escolas que trouxeram essa bandeira para uma nova sociedade, que fizeram a diferença em seus modelos inovadores, com resultados positivos, algumas existem até hoje, outras fecharam, como a Aldeia.

Referenciaremos algumas escolas que exerceram influência na época, em diversos aspectos nesse período. Não podendo deixar de citar a Summerhill, talvez a pioneira nestas práticas, a Escola da Ponte, a Te-Arte e a Escola de Vila.

## **Summerhill**

Figura 10 - Escola Summerhill



Fonte: (Summerhillschool, 2016)

Fundada em 1921 pelo educador Alexander Sutherland Neill, é uma das pioneiras dentro do movimento das chamadas "escolas democráticas". Localizada em Leiston, no condado de Suffolk, na Inglaterra, foi praticamente uma das primeiras escolas a propor uma metodologia completamente revolucionária para época.

Essa se tornou ícone das pedagogias alternativas ao concretizar um sistema educativo em que o importante é a criança ter liberdade para escolher e decidir o que aprender e, com base nisso, desenvolver-se no próprio ritmo.

A escola construiu a si mesmo em torno das necessidades práticas e emocionais das crianças e dos adultos que ali vivem. A única premissa é a confiança de que as crianças aprenderão a seu ritmo e não devem ser moldadas nem impulsionadas por adultos ansiosos para se tornarem cidadãos decentes.

Essa escola tem um longo caminho percorrido, atualmente atende a crianças dos ensinos fundamental e médio (secundário) e é dirigida pela filha do fundador, Zoe Neill Readhead.

Summerhill se destaca por defender que as crianças aprendem melhor se livres dos instrumentos de coerção e repressão utilizados pela grande maioria das escolas. Nela, todas as aulas são opcionais, os alunos podem escolher as que desejam frequentar e as que não desejam.

Summerhill atua com base no princípio de que, se as emoções estiverem livres, o intelecto cuidará de si próprio. Como escola democrática que é, todas as regras de convívio e as soluções aos problemas que surgem no dia a dia são resolvidas conjuntamente em uma assembleia que ocorre semanalmente, na qual cada pessoa, seja criança, professor ou funcionário, tem direito a falar e votar, sendo que o peso do voto é igual para todos. As normas da escola são construídas por todos, todos se sentem parte do coletivo e se empenham em aprimorá-lo.

Muitas ideias oriundas de Summerhill foram incorporadas ou adaptadas nas escolas alternativas dos anos 70-80, maior influência teve a Pedagogia Nova e princípios do Construtivismo que encontraram nesse período de efervecência um terreno fértil para sua expansão. Atualmente, mais de 200 escolas espalhadas pelo mundo seguem os seus ensinamentos (50 delas só nos Estados Unidos) e estão a crescer todos os dias<sup>2</sup>.

Nesse cenário, podemos considerar que essa escola proporcionou um caminho de possibilidades e inspiração na história das novas pedagogias, sendo a escola Aldeia uma delas, como o respeito à individualidade de cada um, a oportunidade das crianças expressarem seu potencial, decidirem suas ações, brincarem, dialogarem em rodas diárias.

---

<sup>2</sup> <http://www.summerhillschool.co.uk>, 2016.

## Te-Arte

Figura 11 - Escola Te-Arte



Fonte: (Band, 2014)

A Te-Arte foi fundada em 1975, no bairro de Perdizes pela educadora Thereza Soares Paganini. Therezita, como é mais conhecida, hoje está localizada no bairro do Butantã, em São Paulo- SP e atende crianças dos dois aos sete anos, cuja proposta é de ser um espaço para o livre desenvolvimento da criança, para ela viver seu corpo através da experimentação concreta de todos os sentidos. Nessa escola, não há separação por idades e as crianças aprendem a se constituir enquanto sujeitos em um ambiente com muita natureza, privilegia-se o brincar usando como elementos e referência a natureza, a arte e a cultura popular.

A Te-Arte acredita que a educação infantil deve ser vivida de maneira plena, intensa, livre. É preciso, segundo ela, proporcionar à criança o contato com a natureza e seus elementos: ar, terra, fogo e água. Essa sua concepção de educação infantil valoriza a infância como momento único, que deve ser vivido como tal (BUITONI, 2006).

O espaço físico da escola dispõe de um quintal com um jardim, animais e o pomar, que se tornam as salas de aula, o lugar aonde a criança vai para brincar sem horários rígidos e rotina programada, vivendo as experiências de uma maneira mais livre.

Tudo é arte na Te-Arte, no agir de cada criança, mas uma arte que parte do próprio corpo, como o lidar com o jardim, com a flor, o correr, o pular, os obstáculos, o brincar. Importante que tanta liberdade não seja confundida com falta de regras ou de supervisão. Monitores experientes estão o tempo todo apoiando as crianças, dando suporte às suas descobertas. “Nossa missão é formar cidadãos conscientes da necessidade de trabalhar o local

onde vivem para transformar. Pessoas independentes, que para o resto da vida pretendam se conhecer de dentro para fora.” (PAGANINI, T. Idealizadora da Te-Arte)

Multiculturalidade é uma marca da Te-Arte, o erudito e o popular, a cultura da cidade e do campo das varias regiões do Brasil, a cultura indígena, a cultura da America Latina, a cultura européia, a Africana, estão presente no dia da dia em cada objeto daquele mundo contindo no espaço de um quintal. Também elementos de várias religiões convivem em música dança e comemorações (BUIIONI, 2006, p.273).

A Te-Arte sempre foi uma inspiração e referência para nós como uma das escolas que oferecia um espaço de liberdade e magia. Assim como na escola Aldeia, a criança pode se expressar livremente; são respeitados seu tempo, seu jeito, seus limites, ao mesmo tempo em que são estimulados o bom convívio e a interação social. O desenvolvimento acontece através das brincadeiras, valoriza-se o contato com a natureza, as brincadeiras, as artes, a convivência, garantidos pelo cuidado e profissionalismo dos educadores, criando um ambiente fértil para o pleno florescimento da criança.

### **Escola da Ponte**

Figura 12 - Escola da Ponte



Fonte: (Nós Cidadãos, 2015)

É uma Instituição pública de Portugal, fundada em 1976, idealizada pelo educador José Pacheco, influenciado pelos pensamentos de Paulo Freire e Celestin Frenet, compreende que o percurso educativo de cada estudante supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e um relacionamento solidário com os outros.

Foi inserida no sistema público de educação e localizada no município de Santo Tirso (próximo à cidade do Porto). A Escola da Ponte não adota um modelo de séries ou ciclos. Os estudantes de diferentes idades se organizam a partir de interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. Os grupos se formam e se desfazem de acordo com os temas e a partir das relações afetivas que estabelecem entre si, os que sabem mais determinados assuntos ensinam uns aos outros.

Ao invés de séries e turmas pré-determinadas, os alunos se organizam a partir de interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. O processo de aprendizagem é acompanhado por um tutor, que pode ser qualquer um da comunidade escolar (professor, funcionário ou pais). O modelo pedagógico da escola almeja formar pessoas autônomas, responsáveis, solidárias, mais cultas e comprometidas<sup>3</sup>.

Segundo Rubens Alves (2000),

Podemos dizer que a Escola da Ponte é uma Comunidade educativa profundamente democrática e auto regulada.

Democrática no sentido de que todos os seus membros concorrem genuinamente para a formação de uma vontade e de um saber coletivo. Auto regulada no sentido de que as normas e as regras que orientam as relações sociais não são impostas mas são regras próprias decorrentes das necessidades sentidas por todos.

Um único espaço, partilhado por todos, sem separação por turmas, sem campanhas anunciando o fim de uma disciplina e o início da outra. A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam. Não há competição. Há cooperação. Ao ritmo da vida: os saberes da vida não seguem programas. É preciso ouvir os "miúdos", para saber o que eles sentem e pensam. É preciso ouvir os "graúdos", para saber o que eles sentem e pensam. São as crianças que estabelecem as regras de convivência: a necessidade do silêncio, do trabalho não perturbado, de se ouvir música enquanto trabalham. São as crianças que estabelecem os mecanismos para lidar com aqueles que se recusam a obedecer às regras. E assim vão as crianças aprendendo as regras da convivência democrática, sem que elas constem de um programa

A Escola da Ponte também foi uma referência para nós, no âmbito social, político e educacional. No que tange à semelhança com Escola Aldeia: as crianças aprendem com liberdade, vivenciando cada experiência, em um ambiente solidário, harmônico e cooperativo, em que todos aprendem e todos ensinam. Sendo assim, sentem prazer em aprender e a se desenvolverem.

---

<sup>3</sup> <http://www.escoladaponte.pt/novo/>, 2016.

## Escola da Vila

Figura 13 - Escola da Vila



Fonte: (Escola da Vila, 2016)

Originada em 1980, a partir da criação de uma escola considerada pioneira no Brasil, a Criarte, fundada em 1972 e dissolvida em 1979, a Escola da Vila foi desdobrada junto com a Escola Novo Horizonte.

A escola da Vila, dissidente da escola Criarte, era tida como a escola alternativa a ser seguida como modelo, em vista dos sucessos que vinha tendo, tanto a nível de proposta pedagógicas como administrativa. Além disso a Escola da Vila contava com educadores de peso como era o caso de Madalena Freire, filha do pedagogo Paulo Freire, sendo a pessoa que dava mais prestígio a escola. (SÁ, 1995, p.55)

Em 1980, a Escola da Vila iniciou seu projeto pedagógico com o objetivo de educar crianças de 2 a 6 anos e formar professores através de seu Centro de Formação. Seus fundadores, todos professores, compartilhavam o desejo de trabalhar na vanguarda do pensamento sobre educação escolar no país.

As ações de seu Centro de Formação se ampliaram para além dos limites da cidade de São Paulo e, hoje, a Escola da Vila se transformou em um importante centro de referência nacional.

É importante salientar o seu papel na formação de centenas de professores da rede pública e privada por meio do seu Centro de Estudos e o fato de ter-se tornado uma espécie de paradigma de escola construtivista bem-sucedida. Vale dizer que, para nós, essa Escola teve

uma importância singular, pois cheguei a fazer vários cursos de formação enquanto estava na direção da Aldeia. Inclusive o livro de Madalena Freire (1983), que atuava como educadora nesta escola, “*A paixão de conhecer o mundo*”, foi lido por todos os professores da Aldeia na época.

O projeto pedagógico da Escola da Vila se organiza a partir de três valores essenciais – conhecimento, cooperação e autonomia; três aspectos fundamentais na construção de personalidades que acreditam na estreita relação entre conhecimento e transformação social e cultural, cooperação e construção de comunidades solidárias e sustentáveis, autonomia e desenvolvimento de relações democráticas<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> <http://www.vila.com.br> , 2016.

#### 4. (RE)CONHECENDO A ESCOLA ALDEIA

Figura 14 - Escola Aldeia - Crianças brincando no parque (1982)



Fonte: Acervo da Autora

“Senti que o tempo é apenas um fio. Nesse fio vão sendo enfiadas todas as experiências de beleza e de amor por que passamos. Aquilo que a memória amou fica eterno.” (ALVES, 2010)

A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança do desenvolvimento humano neste período; pois ela é a representação autoativa do interno – representação do interno, da necessidade e dos impulsos internos. A brincadeira é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana como um todo – da vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem a fonte de tudo que é bom. A criança que brinca muito com determinação autoativa, perseverantemente até que a fadiga física proíba, certamente será um homem (mulher) determinado, capaz do autossacrifício para a promoção do bem estar próprio e dos outros. Não é a expressão mais bela da vida da criança neste momento, uma criança brincando? – uma criança totalmente absorvida em sua brincadeira? – uma criança que caiu no solo tão exausta pela brincadeira? Como já indicado, a brincadeira neste período não é trivial, ela é altamente séria e de profunda significância. Cultive-a e crie-a, mãe; proteja-a e guarde-a, pai! Para a visão calma e agradável daquele que realmente conhece a Natureza Humana, a brincadeira espontânea da criança revela o futuro da vida interna do homem. As brincadeiras da criança são as folhas germinais de toda a vida futura; pois o homem todo é desenvolvido e mostrado nelas, em suas disposições mais carinhosas, em suas tendências mais interiores (FROEBEL, apud ARCE, 2002, p. 60-61).

A escola “Aldeia Recreação Infantil” foi fundada em 1980 e nasceu do desejo de oferecer uma vivência educativa ampla, inovadora e diferenciada para as crianças da cidade de Araraquara - SP. Instalada num local privilegiado, com extensa área verde, propiciou o desenvolvimento de atividades com hortas, com animais, jardinagem, culinária e teatro.

Era uma Escola particular que atendia um público, em sua maioria, da classe média, com crianças na faixa etária de 1 a 6 anos; primava por ser uma escola inclusiva, atendia alguns bolsistas, oriundos de classes menos favorecidas e recebia algumas crianças especiais. Ressalto o termo inclusão no aspecto mais amplo de tratar todos com o mesmo respeito e direito, sem excessão.

Nesse momento histórico, as famílias da classe média, buscavam novos modelos educacionais em consequência do declínio da escola pública em relação à formação do cidadão.

A Aldeia integrava uma equipe de 22 pessoas, sendo 1 secretária, 1 responsável pela limpeza, 1 coordenadora pedagógica, 1 administradora, 18 educadores, sendo 9 professores e 9 assistentes. Parte desses educadores cursavam Pedagogia, sendo que o critério de seleção priorizava mais as pessoas que compreendessem a importância da proposta pedagógica e que tivessem abertura e flexibilidade para trabalhar nesse sistema, do que propriamente sua formação acadêmica. Contava com uma organização aberta, participativa e cooperativa, com a missão de buscar uma vivência coletiva que integrasse as necessidades da Escola, das crianças e das famílias.

Vale destacar o fato de que, nesse período, o atendimento às crianças de 0 a 6 anos ainda não era reconhecido pela Constituição Federal, tornando-se um dever do Estado e um direito da criança do ponto de vista legal a partir 1988 (BRASIL, artigo 208, inciso IV da Constituição Federal). Essa determinação foi reafirmada pela a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº9.394, promulgada em 1996. Tanto que, nessa época, contávamos com poucas creches da Prefeitura na cidade de Araraquara.

Tratava-se de uma ação educacional de vanguarda, numa época em que a ideia de práticas sustentáveis na educação não era contemplada pelo currículo escolar. Primava fundamentalmente pelo respeito ao desenvolvimento integral da criança no seu processo de aprendizagem e estimulava o seu contato direto com os elementos da natureza, como: os ciclos, as estações, as plantas, o solo, a água, os alimentos, os animais e desenvolvia atividades que incluíam todo um sistema integrado de vivências práticas da vida, além de criar conexões entre a criança e a terra.

Nela, a criança era respeitada em sua liberdade de expressão e sua individualidade era valorizada em todas suas manifestações. Valia-se de todo e qualquer material expressivo que não delimitasse a comunicação, mantendo a criança livre para usufruir de todo seu potencial criativo. Todos os desenhos e expressões artísticas tinham que ser inspirados pelas próprias crianças e cabia ao professor, como observador, incentivá-los, para que sua criação ganhasse forma e vida.

*- A proposta da Aldeia era baseada na educação pelo sensível, através da experiência da criança com o mundo (a matéria e os materiais; o pensamento e a criatividade; o seu mundo próprio e o mundo coletivo). O educador era visto como um acompanhante, e não como um mestre. A pedagogia não era diretiva, mas acreditando que a criança sabe do que necessita, o papel do adulto era de saber / aprender a ouvi-la, respeitando sua identidade. O aprendizado pelo brincar, pela experiência, o contato com a natureza e a compreensão dos ciclos, o desenvolvimento da criatividade livre pelas artes, o respeito pela identidade e pelas diferenças, o viver em grupo. A brincadeira era considerada atividade primordial da criança, e nesse sentido, como coisa muito séria. Através da brincadeira a criança entrava em contato com sua identidade, com o ambiente e com o outro. A brincadeira era um modo de apre(e)nder o mundo (Claudia Cavicchia, professora Aldeia, 2017).*

*- Uma escola voltada para a infância através da experimentação e vivenciadas pelas crianças para aprender e ampliar o contato com as artes, com as ciências através da horta, do contato com os animais, da cozinha experimental, das diferentes expressões como teatro, a música, o jornal, os jogos e brincadeiras, as aulas passeio. Uma escola com uma proposta pedagógica avançada para a época e ao mesmo tempo tão atual (Eloina Barbosa Leal, professora Aldeia, 2017).*

Haviam salas temáticas como: Música, Artes, Casinha de Boneca, Cozinha Experimental, Jogos criativos; Oficina de criação. A seguir, as descrições das salas temáticas:

**Música:** A música era utilizada em todas as atividades como um elemento de conexão com a alma, propiciando a vivência de diferentes estados de humores, do estímulo corporal e contemplava a dança, o canto, o estado de relaxamento e a meditação.

Além dos instrumentos comprados, haviam outros feitos de sucatas, como a casca do côco seco, sementes, madeiras em diferentes tamanhos, entre outros; construídos pelas próprias crianças.

*- Na Aldeia tínhamos muita música, com sucata, batendo panela, coco, tinha uma sala de música, lembro muito... Essas atividades com certeza tiveram influência hoje na minha vida. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

A música, na cultura tradicional da infância, faz parte de um organismo maior, vivo, constituído pelo brinqueado, cujas dimensões são: a palavra, a música, a movimentação, o caráter, a relação com o outro. Todas essas dimensões não existem separadamente para a criança, tudo faz parte de um todo indivisível.

A música é indutora da atividade motora, afetiva e intelectual em razão de seus elementos constitutivos – ritmo, melodia, harmonia, timbre –, de seus parâmetros formadores – duração, altura, intensidade, densidade, textura – e de seus movimentos sintáticos e relacionais, todos com poder de co-mover o receptor que, na escuta, acaba por responder afetiva, intelectual e corporalmente a esses elementos de “comunicação” postos em jogo por ela, música (SEKEFF, 2007, p. 42 – 43).

Por entender que a música ajuda a harmonizar e equilibrar o processo respiratório, físico, anímico e social entre outros benefícios, tínhamos como objetivo dar vasão à musicalidade latente em cada um e propiciar momentos de escuta, de valorização do silêncio, de apreciação das músicas de várias culturas, incluindo as canções tradicionais da cultura popular brasileira, cirandas, parlendas, cantigas de rodas, a experimentação e a criação. E, ainda, desenvolver a consciência corporal utilizando o corpo como instrumento. A sonorização de histórias também era um recurso para enfatizar as emoções. (Figura 15) Vale ressaltar que a música, assim como a arte e por fazer parte desta, era contemplada em quase todas as atividades desenvolvidas na escola, não se detendo apenas a um ambiente.

*- Música, me lembro de muitas músicas, a gente fazia roda de músicas, me lembro o Balão Mágico, de cantigas de roda, lembro da forma de roda, a gente em roda com músicas. O papel da Escola é muito importante, pois não tenho memória na minha casa de ter música, as lembranças de todos estes aprendizados foi na escola. Todos os aprendizados de Artes, foi na escola. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Figura 15 - Escola Aldeia - Crianças tocando instrumentos (1980)



Fonte: Acervo da Autora

Uma música com movimento, aliada à representação e a uma geometria no tempo. É uma música no corpo, próxima ao outro, com o outro, movida pura e simplesmente pela livre vontade de brincar. É a cidadania plena, por índole e direito, sensível e inteligente. Sua prática proporciona o exercício espontâneo da música em todas as suas dimensões, mesmo que de forma elementar, e se constitui, por si mesma, a base de uma educação do sensível e pressuposto fundamental da identidade cultural. (HORTÉLIO, 2012, s.p.)

**Sala de Sucata:** Esse espaço era equipado com a colaboração da família, que trazia de suas casas os mais variados materiais, propiciando, assim, o desenvolvimento de atividades multisensoriais que contemplavam: a forma, o tamanho, as cores, a textura e as infinitas possibilidades de criação de objetos sonoros, brinquedos, jogos, experiências na área da física e química e a livre manipulação imaginativa. Caixas de diferentes tamanhos, latas, botões, tubos, carretéis, tampinhas de garrafas, tubos de papel, tubos de pvc. Além do oferecimento de objetos rústicos naturais, tais como pinhas, sementes de vários tamanhos, tocos de madeira de vários tamanhos e formas, conchas, pedras, raízes e tudo que poderia estimular a fantasia da criança, que logo encontraria uma “utilidade” para suas criações.

Além de servir como material didático, essa proposta visava sensibilizar os pais quanto à questão cultural do consumo irrefreado e seus impactos sobre a natureza, e apontar para outras possibilidades de criação de brinquedos, outros que não os industrializados.

As crianças, esses seres em constante criação e transformação, merecem de nós o não pronto, o não estruturado, para poderem se sentir respeitadas como produtores de conhecimento, de cultura, de imagens e poesia. Oferecer sempre

o já imaginado, o fechado para novas possibilidades, e sem espaço para a criação, é deixar claro que não acreditamos no seu potencial criador e, assim, que estão longe de conseguirem criar algo interessante. Quando possibilitada de reunir materiais com características flexíveis e mutáveis, as crianças revelam gestos e formas de uma estrutura imaginária que dá base para o mais humano de si. Mostram seus saberes e necessidades genuínas através da conversa com esses materiais que lhes permitem estar no protagonismo da ação. Uma valorização estruturante que lhes abre o canal do ousado, do imprevisto e da experimentação, fundamentais no processo de potencializar-se (MEIRELLES, 2009, s.p).

Atualmente, a indústria de brinquedos tem se utilizado das crianças como objeto de consumo. O imaginário das crianças é manipulado através da mídia, que as leva a conviverem com um mundo adulto infantilizado, criando uma ruptura com a essência do brincar.

Os brinquedos industrializados, na sua maioria, são descartáveis, propiciando uma concepção das relações também descartáveis. Muitos promovem o comodismo, pois já vêm prontos, não exigindo nenhuma criação por parte da criança, outros não fazem parte da nossa cultura e ficam destituídos de sentido.

*- Não era sistemático, no passado as pessoas buscavam algum sistema, mas, na época, a própria Aldeia buscava a criatividade. Uma coisa que eu lembro, algumas aulas, a gente não podia levar brinquedo, a gente fazia com sucata, por exemplo, rolo de papel higiênico, fazia brinquedo com macarrão. Não levava brinquedo pronto (Rodrigo Gatti, 2016, ex-aluno).*

**Sala de construção:** brinquedos pedagógicos, jogos de madeiras, como quebra-cabeça, dominó, pinos, tijolinhos, jogo de memória, alguns construídos por eles, outros comprados. Realizávamos experiências com tubos de ensaios, entre outras atividades científicas.

*- Era um sala de laboratório de química e física, um brinquedo de tubo de ensaio, a gente fazia experiências, tinha um brinquedo de tubo de ensaio, fazia muito sucesso, me lembro bem (Aluisio Baracat, 2016, ex-aluno).*

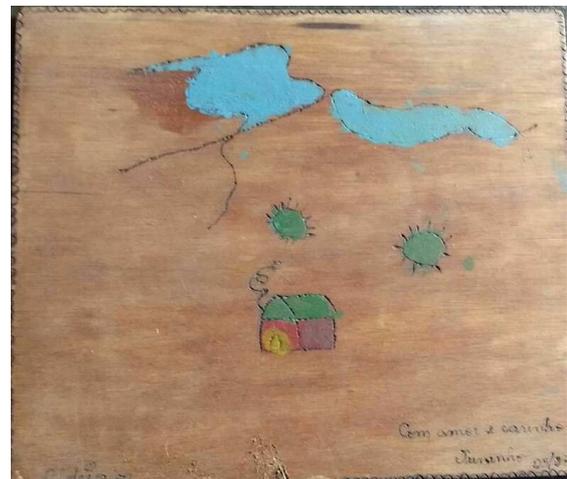
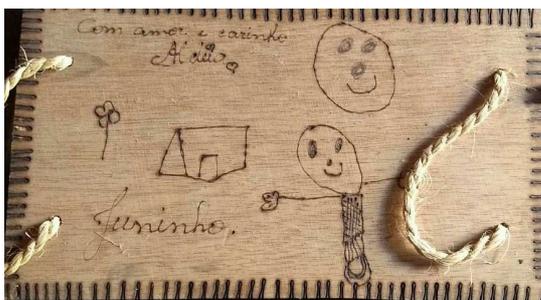
**Artes Integradas:** Localizada na área externa, a sala de artes tinha a função multiuso, onde as crianças desenvolviam atividades com argila, pintura, desenho e teatro.

Utilizávamos a arte em todas as atividades da Aldeia, no brincar, na imaginação, na areia, na casinha de bonecas, enfim era um espaço que oferecia à criança a oportunidade de criar e expressar sua arte em todos os parâmetros. Pois a arte pode ser uma ferramenta fundamental:

Ao dar livre curso às expressões das imagens internas, o indivíduo, ao mesmo tempo em que as modela, transforma a si mesmo. Ao conhecer aspectos próprios, ele se recria, se educa e, sobretudo, pode experimentar inserir-se na realidade de uma maneira nova. A pintura, o desenho e toda expressão gráfica ou plástica, bem como a música, a dança, a expressão corporal e dramática formam um instrumental valioso para o indivíduo reorganizar sua ordem interna, e ao mesmo tempo reconstruir a realidade. (ANDRADE, 2000, p.125)

- *Lembro muito de desenho livre, da pintura a dedo, adorava pintar, tenho ainda trabalhos em casa, tenho uma desenho pirografado na madeira. Lembro da argila, lembro muito, aquela massa que ficava na mão, tenho um trabalho de argila daquela época (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno). (Figuras 16, 17).*

Figuras 16 e 17 - Atividades com pirógrafo em madeira. (1982)



Fonte: (Antonio Carlos de Avelino Junior)

- *Este tipo de atividade me lembro fazendo, com pirógrafo (...) o que me marcou mais forte foi as atividades artísticas, lembro de contar histórias, da música. Eu acho que tem a ver com esta ideia do livre, de uma liberdade, de uma criatividade que permanecem até hoje (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).*

- *Lembro muito de desenho, de sentar no chão, fazendo desenho, argila, são atividades que eu lembro. Muita arte, brincar, música, a gente ensaiava no teatro música para apresentar. Eu acho que esta relação com a Escola, natureza, horta, Artes, Música, ficou muito mais desta primeira infância do que nos outros anos porque não me lembro destas atividades em outra escola. Era uma escola feliz... Música, dança, correndo, cantando. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna). (Figura 18).*

Figura 18 - Pintura coletiva na área externa da escolar (1982)



Fonte: Acervo da Autora

Não há praticamente nada mais eficaz que as artes (as artes visuais, a música, as artes cênicas) para desenvolver e refinar a capacidade natural de uma criança de reconhecer e expressar padrões. Assim, as artes podem ser um instrumento poderoso para ensinar o pensamento sistêmico, além de reforçarem a dimensão emocional que tem sido cada vez mais reconhecida como um componente essencial do processo de aprendizagem. (CAPRA, 2006)

Várias técnicas eram utilizadas na manipulação de diferentes tipos, texturas e tamanhos de papel para gerar criações individuais ou coletivas. Bonecos de papelão, colagem, entre outras criações. O teatro também estava incluso:

O teatro, também conhecido como jogo de papéis, constitui-se no maior jogo de faz-de-conta, no qual os atores brincam de serem outros, representam, simbolizam, transformam-se, assumem personagens e expressam suas verdades e suas dúvidas. (FRIEDMANN, 2014 p. 49)

Havia um palco de teatro e um baú cheio de fantasias (de animais, panos e peças que os pais traziam de casa como roupas exóticas, colares e panos). Serviam de estímulo para as criações cênicas (figura 19). Tinham liberdade de criarem suas próprias histórias. Normalmente, além das apresentações em festas temáticas, criavam cenas para as comemorações de aniversário.

Figura 19 - Pintando as crianças no palco de teatro



Fonte: Acervo da Autora.

Fazer uso da arte e da criatividade para dar nova forma e cor às coisas do mundo, expressando sentimentos e novos significados – eis uma ferramenta de trabalho que não poderia faltar em um projeto voltado para o relacionamento das crianças com a natureza. A arte devolve a liberdade à alma e leva à concretização das necessidades do ser humano. (ARCURI, 2004)

Desenvolvíamos a modelagem com argila e visitávamos com frequência uma olaria que, além de fornecer a argila, queimava as obras feitas pelas crianças que ali tinham a oportunidade de conhecer todo o processo de feitura e de transformação do barro em peças de cerâmica, a manipulação do torno, o tempo para queimar, etc.

*- Lembro dos trabalhos de argila, que a gente fazia e que depois ia pro forno e voltava pronto durinho, eu achava o máximo. Lembro de uma coisa que eu adorava que era o pirógrafo, que até hoje eu tenho um quadrinho que fiz com pirógrafo, lembro muito dos trabalhos manuais (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

Assim, pela nossa experiência e pelos aportes teóricos utilizados nesta pesquisa, concluímos que:

A arte, seja ela qual for, é um canal de expressão que se utiliza de diferentes técnicas, instrumentos e materiais para trazer nossos sentimentos, nossa alma, nosso momento específico. A arte é uma forma de brincar e o brincar é uma forma de arte. (FRIEDMANN, 2014, p.53)

**Casinha de boneca:** Construída com alvenaria, contava com muitos detalhes e apetrechos como panelinhas, utensílios de cozinha, vassourinha, rodinho entre outros que permitiam as crianças criarem e vivenciarem suas histórias. Era o lugar preferido das crianças que, nas horas livres, brincavam e imitavam frequentemente os padrões familiares, o que nos servia de base para uma maior proximidade e compreensão do cotidiano vivido por elas (figura 20).

Figura 20- Casinha de boneca (1980)



Fonte: Acervo da Autora

- *Brincar de casinha, eu adorava entrar, sair, tinha um tanque do meu tamanho, era pra criança, aquela porta, enfim lá era um espaço muito apropriado pra brincar, amava. Eu não tinha em casa um espaço para criança. Era esse brincar aprendendo que era bem bom que não tem nada a ver em sentar e abrir uma apostila, enfim, não tem nada a ver então ficou isso (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

- *Casinha de boneca, eu adorava brincar na casinha. Aprontando, lembro que a gente se escondia pra não entrar na sala, correndo atrás do outro... (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

- *Lembro da casinha, tenho muita memória da casinha, a gente brincava muito de fazer comidinha (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

**Horta:** Tínhamos um espaço dedicado à horticultura, onde plantávamos diversas espécies de verduras, legumes e ervas. Este espaço foi posteriormente ampliado de modo que em todos os canteiros de terra plantávamos árvores, cultivávamos flores. Aprendendo assim a importância do solo, da água, do vento, dos ciclos. As crianças acompanhavam o desenvolvimento das sementes ou mudas e eram responsáveis pelos cuidados necessários para sua manutenção. (figura 21)

Figura 21 - Plantando árvores (1983)



Fonte: Acervo da Autora

Na jardinagem, integramos os ciclos alimentares naturais nos nossos ciclos de plantar, crescer, colher, descartar e reciclar. Através desta prática, aprendemos também que o jardim como um todo está integrado a sistemas maiores que são, novamente, redes vivas com seus próprios ciclos. Os ciclos

alimentares interseccionam-se com esses ciclos maiores, ou seja, os ciclos de água, estações, e assim por diante, formando em conjunto a cadeia de elos da rede de vida planetária. (CAPRA 2006, p.89)

*- Lembro da horta, de plantar, colher, tínhamos uma relação ali, não era só que alguém cuidava e a gente estava alheio, lembro das coisas da alimentação, a gente cuidava, participava de tudo (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Estas atividades marcaram sobremaneira a memória de muitas crianças, pois achavam mágico o crescimento do milho, da cenoura, que se transformava em receitas saborosas nas aulas de culinária ou nas refeições coletivas.

*- Lembro de como vocês lidavam com a questão da terra, com a questão do cultivo, eu lembro de cenoura, da gente pegando a cenoura, e eu tenho na minha memória, a gente ficava regando, a gente via aquilo crescer, a gente brincava muito, tanto que eu falei que eu não me recordo muito da sala de aula. O que a gente planta a gente vai comer, a cenoura foi fantástico. Quando me lembro da cenoura, aquela descoberta, e aquilo a gente fez, porque a gente plantava, colocava água pra crescer e colher aquela cenoura era mágico pra mim. A horta nos ensinava a plantar, nos ensinava a cuidar, foi uma semente plantada lá que nos fez adultos mais preparados. A culinária prepara a criança pra vida, lembro muito destas atividades (Luisa de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

Plantávamos periodicamente árvores frutíferas e nativas, abordando a importância fundamental das florestas e das árvores em nossas vidas como fonte de alimento, energia, água, entre tantos outros. Algumas plantávamos no próprio espaço da escola, algumas vezes em vasos.

*- Foi uma época muito boa, lembro da horta, dia da árvore, de plantar árvores, de regar, cavocar plantar, sujava a mão de terra, cuidava das plantas, ensinavam a plantar (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno). (Figura 22).*

Figuras 22 - Plantando árvore (1983)



Fonte: Acervo da Autora

Uma sala de aula apropriada para criança é a horta da escola. Por religá-las aos fundamentos básicos da comida – na realidade, com a essência da vida – ao mesmo tempo em que integra e enriquece praticamente todas as atividades escolares. Quando a horta da escola passa a fazer parte do currículo, aprendemos sobre os ciclos alimentares, por exemplo, e integramos os ciclos alimentares ao ciclo do cultivo, colheita, elaboração de alimentos, compostagem, reciclagem. Por meio desta prática, descobrimos também que a horta da escola esta embutida também em sistemas maiores que são teias vivas com seus próprios ciclos. Os ciclos alimentares se cruzam com estes ciclos maiores, da água, das estações, e assim por diante, todos formando conexões na teia de vida planetária (CAPRA, 2006, p.14)

**Cozinha:** Construída de forma adequada ao tamanho das crianças, era utilizada para aproximá-las do universo alimentar, propiciando a manipulação e o conhecimento da origem, da forma, das cores e sabores dos alimentos. Elaborávamos receitas saudáveis que somavam os ingredientes produzidos na nossa horta a outros trazidos por eles. O viver a experiência de todo o processo de fazê-lo, são momentos de saber que possibilita a elas o pertencimento. A sociedade em que vivemos nos convida, diariamente, para afastarmo-nos dos processos das

coisas para experimentá-las prontas. Essas experiências marcaram a lembrança de muitos alunos:

*- Lembro que a gente ia na cozinha, fazia bolachinha de goiaba, toda semana tinha uma receita que a gente levava pra casa, única época que lembro de cozinhar na minha vida... agora quando vou fazer alguma coisa, lembro de uma sementinha plantada naquela época... A cozinha eu adorava, as receitas que tenho até hoje, tenho muita memória... que levávamos talvez uma vez por semana pra casa, eu sempre queria fazer em casa. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna)*

*- A gente fazia muita culinária, na cozinha, colhia a mandioca da horta. Até hoje eu trago esta paixão comigo pela culinária, adoro cozinhar, acho que foi daí, então tenho muitas memórias boas. Adoro cozinhar. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno)*

*- A coisa de fazer comida, eu lembro que vocês mandavam uma receitinha depois um pouco do que fazíamos, eu sentia muito prazer com este tipo de atividade... a comida tem uma preparação, tem o cuidado, acho que é um valor, que faz diferença, não é só saúde, isso interfere nas relações, na maneira de se relacionar. (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluno)*

*- De novo a Bolachinha, eu lembro desta coisa, todo mundo junto, então também tinha um coletivo ali, neste momento da cozinha, de fazer que nossa, todo mundo fazia junto, lembro de todos com garfinho, a massa de enrolar, fazíamos uma cobrinha, cortar e amassar com garfinho. Eu sou “docenta”, lembro muito da bolachinha de nata. Eu amo até hoje e a massa..., é a coisa da massa, enrola, escultura, argila, é uma coisa que eu adoro, moldar com as mãos o que for, acho que a bolachinha também tinha isso, não era só o comer, era uma experiência toda ali. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna)*

Os valores saudáveis dessa experiência eram extensivos à família que recebia uma mostra dos quitutes elaborados, junto com as receitas escritas, para que pudessem ser repetidas em casa.

*- Participei muito como mãe na Aldeia, nós trabalhávamos com o lanche, a gente ia algumas vezes, auxiliar a fazer lanchinho. Uma coisa que foi muito importante da Aldeia pra vida dos meus filhos e da minha casa foi a introdução de uma alimentação mais natural, eu nunca pensei*

*introduzir na minha casa o açúcar mascavo, que passou a ter por causa da proposta da Aldeia de ter uma alimentação mais saudável e mais natural. (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012)*

### **Animais**

A Escola tinha ainda alguns animais como coelhos, tartarugas, patos, gato e cachorro. Era um grande atrativo e uma forma de possibilitar um vínculo afetivo no processo de integração e aprendizado. O contato com os animais permite uma vivência mágica e preciosa para a criança, possibilita uma relação fraterna e comunicativa, principalmente quando há diversidade de espécies. É notável as observações de suas naturezas específicas, como ritmo, comunicação, ação, permeando a identificação, a observação e o toque. Em muitos casos propicia a superação de medos incultidos desde cedo em ambientes familiares (tipo quais?), além de inúmeros benefícios que essas relações trazem no cotidiano da escola, como as brincadeiras que se expressam em diferentes linguagens (Figuras 23, 24).

Figuras 23 e 24 - Crianças brincando com animais (1983)





Fonte: Acervo da Autora

A criança pequena está com seus sentidos todos muito abertos para o mundo que elas vão descobrir. Em um ambiente natural, a criança está cercada de estímulos que proporcionam que ela descubra o mundo enquanto se descobre.

Segundo Richard Louv (2016), ambientes naturais são essenciais para um desenvolvimento saudável da criança, porque esses estimulam todos os sentidos e integram a brincadeira à aprendizagem. Experiências multissensoriais em ambientes naturais ajudam a desenvolver estruturas cognitivas necessárias para um desenvolvimento intelectual.

*- Os animais, o coelhinho, a tartaruga, a horta, estar na cozinha, era muito legal pra mim, não percebia na época, mas agora fazendo um link eu gostava de reproduzir o dia a dia, digamos assim, mas brincando, né, aquela coisa de brincar de boneca, acho que eu brincava de ser gente grande acho... não sei... (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

Figura 25 e 26 – Crianças observando os coelhos (1983)



Fonte: Acervo da Autora

*- Em termos de natureza eu acho que o que me marcou foi os bichos, os coelhos, da horta, mas mais dos bichos, de histórias que aconteceu com os eles... Minha mãe costuma falar que eu fiquei fanática por bichos, gato, cachorro, por culpa da Aldeia, porque eu lembro que lá a gente falava que os animais eram seres vivos, lembro deste termo (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

Sempre demos muita importância ao brincar livre, tanto no tanque de areia como nas brincadeiras imaginárias, embaixo das árvores, as cabanas para os animais, os balanços, os pneus, as corridas no campo de futebol, no parquinho, no jardim, na horta; aos professores e educadores cabiam incentivá-las, sem interferir na liberdade e criatividade espontânea inata dessa fase de desenvolvimento. Brincar, para a criança, implica muito mais que a própria ação. Durante o ato de brincar, podemos conhecer a criança, suas emoções, a maneira como ela

interage com seus colegas, seu desempenho físico-motor, seu estágio de desenvolvimento, seu nível linguístico e sua formação moral.

O brincar nasce no corpo, e o corpo é natureza. A criança, antes de ser intelecto, é instinto, é sensação. Seus sentidos são portadores de uma sabedoria que ajuda a estruturar sua relação com o mundo. A criança evidencia a presença do pensamento corporal e sensorial como formas de interagir com o mundo e conhecê-lo. Nossos sentidos assimilam, produzem e são continentes de conhecimentos significativos da nossa existência. Lembremos, como afirma Schiller, que “o impulso sensível começa a trabalhar antes do racional porque a sensação precede a consciência; e é nessa prioridade do impulso sensível que encontramos a chave de toda a história da liberdade humana. (HORTELIO, 2016)

### **Comunidade Escolar**

A Aldeia oferecia tempo para a diversão, o convívio, a alegria e a fraternidade se instaurarem. Por contar com um ambiente familiar, acreditamos que, para muitos pais, foi uma oportunidade de se integrarem no processo educativo de seus filhos com participação e acompanhamento dos conceitos que buscávamos desenvolver, permitindo uma comunidade feliz e harmoniosa.

Nossas festas eram famosas por proporcionarem vivências inusitadas para os pais. Em uma delas, no dia das Mães, preparamos 3 opções de atividades envolvendo o Teatro, as Artes e a Culinária, para que a mãe e seu filho(a) pudessem optar por uma delas e no final apresentassem os resultados para os participantes. Essa proposta visava a aproximação das mães com os seus filhos, fato que raramente acontecia em seu cotidiano. Foi emocionante ver o resultado dessas interações e os relatos narrados pelas mães.

No dia dos Pais, fomos a uma chácara onde cada pai tinha que fazer uma pipa para ele e para seu filho(a). Muitos pais relataram que nunca haviam feito uma pipa antes... Foi simplesmente maravilhoso ver a interação entre pais e filhos manifestada num céu forrado de pipas coloridas (figura 27).

Figura 27 - Pais soltando pipa com os filhos (1984)



Fonte: Acervo da autora

*- Dia dos pais, não era aquelas festas que as crianças ficavam dançando que nem um robozinho, lembro de uma festa dos pais, que era o dia da Pipa, uma festa muito legal, que os pais tinham que levar a seda, leva o bambu, montava junto com os filhos e ficava soltando as pipas e sempre tinha estas coisas bacanas (...) Lembro da festa da pipa que a gente foi num local que era o dia dos pais, os pais e os filhos fizeram a pipa no local, lembro do céu bem repleto de pipa com bastante crianças, foi um momento bacana, diferente do que se possa ter. (Rodrigo Gatti, 2016, ex-aluno)*

No mesmo evento, com o intuito de promover um contato mais íntimo entre pais e filhos, foi proposta uma atividade sonora corporal entre pais e filhos, cuja vivência foi permeada pelo toque e o movimento.

- Uma coisa que me traz sempre na memória eram as festinhas que integravam os pais com as crianças e professores. Lembro também da parte social, da convivência com os amigos, aprendizados, estes encontros, eram muito legais. Lembro da corrida com os pais de andar em cima do pé do pai. Essas oportunidade de estar mais próximo com os pais eram importantes. (André Nigro, 2017, ex-aluno) (figura 28)

Figura 28- Pais vivenciando movimentos e brincadeiras (1984)



Fonte: Acervo da Autora

- Eu tenho uma memória fotográfica, lembro de várias festas, a “Festa do sorvete”, tinha morango e chocolate, “Festa da Bicicleta”, você aprendia os sinais vermelho, amarelo, verde. Festa da pipa, né? Era muito bons tempos, lembro que tinha um senhor que tocava violão para os alunos, lembro de uma vez que minha mãe foi lá ensinar a escovar os dentes (Aluisio Baracat, 2017, ex-aluno).

- Era uma proposta natural, tomavam este cuidado em todas as datas que festejavam, inclusive no Natal, o primeiro Natal da Aldeia foi na Fazenda Salto Grande, me lembro muito bem de uma cena que meu filho estava interpretando um mago, eles interpretaram uma cena de Natal, eu tinha esta imagem na minha cabeça, dele com o chapeuzinho de mago, e tudo isso ficou

*muito marcado em minha vida. O carinho de vocês sempre esteve presente (Regina Gatti, mãe, 2012).*

Os pais tinham um papel fundamental nas atividades da Escola, buscávamos, nas frequentes reuniões, aproximá-los dos conceitos que buscávamos desenvolver para que pudessem acompanhar, contribuir e se integrarem na comunidade escolar. Vale ressaltar que tivemos dificuldades por parte de alguns pais em aceitarem a liberdade que oferecíamos para as crianças como, por exemplo, o fato de voltarem “sujas” para casa, sendo motivo de até a saída de alguns alunos. Outro fator que demandou esforço, informações e participação foi a proposta de uma alimentação saudável, para os quais pedíamos para evitar determinados lanches nocivos, mas que, mesmo assim, alguns insistiam em colocar na lancheira de seus filhos. A maioria que nos apoiava passou até a introduzir novos hábitos em suas casas.

## **Equipe**

*“Quando são as crianças que ensinam nós nos tornamos sábios: aprendemos a arte de viver”*  
(ALVES, 1999, p. 199).

Nossa equipe técnica era formada por educadores que se afinavam a essa pedagogia, que, na verdade, era uma nova proposta (sugestão) em que todos éramos aprendizes. Primávamos pelo respeito a liberdade da individualidade de cada criança, principalmente no que se refere a sua expressividade, tanto na comunicação como na arte e ação na vida. A proposta parece ter cada vez mais fundamento na medida em que nos apoiamos em diferentes autores para justificá-la:

Sou de parecer que, por outra parte, o coração do educador deve desempenhar uma tarefa cuja importância mal podemos avaliar devidamente. Recordamos com reconhecimento os professores competentes, mas sentimos gratidão em relação àqueles que se dirigiram ao nosso íntimo. A matéria do ensino se assemelha ao mineral indispensável, mas é o calor que constitui o elemento vital que faz crescer a planta e também a alma da criança. (JUNG, 2008, p. 149)

Diariamente, após as aulas, eram realizadas reuniões de avaliação com os educadores, na qual eram abordadas as questões ocorridas no dia para uma troca de experiência e refinamento da metodologia e ideologia da Escola. Essas reuniões possibilitavam uma análise crítica das nossas ações e promoviam uma integração maior entre o corpo docente, favorecendo

uma construção coletiva e coesa nas expectativas e superação de dificuldades. Afinal, como alerta Freire:

O educador é o sujeito social de sua prática e sua formação deve ser constante e sistematizada; a prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento; o programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular. (FREIRE, 1996 )

*- Uma escola com uma proposta pedagógica avançada para a época e ao mesmo tempo tão atual. Estudávamos muito nas reuniões o trabalho em equipe também era um fator importante. Aprendia junto com as crianças... Aldeia, todos juntos para educar uma criança (Eloina Barbosa Leal, professora, 2017). (figura 29)*

Figura 29- Professores da Escola Aldeia – Encontro 2012



Fonte: Acervo da Autora

Para dar suporte teórico e reflexivo mais amplo a toda equipe da escola, constantemente chamávamos profissionais de várias áreas (Pediatra, Psicólogos, Pedagogos) que colaboravam para uma adequação nas nossas ações diárias. Tendo caráter inclusivo necessitávamos, sobretudo, de orientação para casos específicos que exigiam relevância no encaminhamento de crianças especiais, que nos traziam desafios de comportamento.

Possibilitar um espaço que envolva o respeito e a cooperação; a harmonia biológica e cultural, a confiança e o prazer da convivência, o afeto, a doçura e o amor; a participação, a flexibilidade e a solidariedade; a admiração pela beleza e o mistério da vida, a união e a veneração pela natureza, a criatividade, o conhecimento intuitivo e a dimensão espiritual do ser humano. (GUTIERREZ 2008, p.84)

*- Tudo era muito conversado, tínhamos muitas reuniões onde trocávamos ideias e experiências. Foi um pouco empírico também. A nossa relação com as crianças o tempo todo: não tínhamos grupos de pessoas conversando enquanto as crianças brincavam, brincávamos juntos. Minha palavra, amor. Amor pelo trabalho, amor pela nossa convivência, pelo prazer em ir trabalhar, nossa união e amor; que tive e recebi das crianças, pais e amigas(os) (Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora, 2017).*

A articulação dessas atividades era a fonte de diretrizes para a sistematização de conteúdos que eram trabalhados nas diferentes idades pelos educadores. Fazíamos constantes reuniões com os pais em que apresentávamos conteúdos pedagógicos que vínhamos trabalhando com as crianças e, na sequência, fazíamos reuniões individuais com cada família para apresentar um diário de classe sobre a participação e desenvolvimento da criança.

*- Eu lembro dos registros também, que foram importante depois, acho que eu devia ter 7 anos, já sabia ler e minha mãe ainda tinha guardado os registros da Aldeia, das nossas atividade. Hoje a Denise fez... não sei o quê... Nossa, que trabalho, hein?! Escrever de todos os alunos? Nossa!! Mas era uma coisa consistente a descrição do que a gente tinha feito lá, eu ficava encantada de ler aquilo e saber que era o registro do meu dia a dia, de quando eu era menor. Eu lembro de olhar com curiosidade assim estes registros que ela guardou depois (Denise Zakaib, 2016).*

O registro e a reflexão-ação sempre foram prerrogativas para o desenvolvimento da Escola na medida em que

A escola não deve ser concebida como simples agência repassadora de conhecimentos prontos, mas como contexto e clima organizacional propício à iniciação em vivências personalizadas do aprender a aprender. A flexibilidade é um aspecto cada vez mais imprescindível de um conhecimento personalizado e de uma ética social democrática” (ASSMANN, 2007, p.3).

*- Tivemos momentos de avanço pedagógico sem mesmo nos apercebemos disso, o compromisso e o gosto com que trabalhávamos nos dava esse vanguardismo. Lembro-me de nossos encontros ao fim das tardes, nós, professores nos colocávamos como profissionais discutindo situações reais e efetivas de nossa prática, legitimando nossa ação com o desenvolvimento profissional – e olha que éramos todas iniciantes, acho que isso foi outro ponto importante, todos estávamos muito interessados em aprender. Essa forma de trabalhar era uma excelente oportunidade de desenvolver temas que perpassavam as ações sociais,*

*cognitivas, emocionais e da natureza. O mais importante era a preocupação e o respeito com o desenvolvimento do grupo e do aluno/indivíduo. Lembro até de psicólogas que iam às nossas reuniões, quando necessário. Foi importante e lindo!! (Julia Pimenta, professora, 2017)*

Como diz Paulo Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Assim eram os nossos encontros diários: euma construção coletiva, um laboratório de aprendizado, em que compartilhávamos os sucessos e refletíamos sobre novas possibilidades de caminhos, que eram apresentadas pelas próprias crianças.

*- A relação profissional foi sempre muito sã, nenhuma forma de desrespeito, autoritarismo ou conflito de função jamais existiu. Apesar da liberdade que existia na Aldeia, as funções de cada um eram muito claras e eu jamais me senti desamparada, apesar de minha pouca idade e experiência. Uma experiência totalmente positiva que serviu de base para que eu pudesse acreditar no sucesso das posteriores; que existia um lugar / modo de trabalho coerente e harmonioso para os que pensavam “diferente” (Claudia Cavicchia, professora, 2017)*

A Aldeia primava por ter uma gestão democrático-participativa; valorizava a participação da comunidade escolar no processo de tomada de decisão; concebia a docência como trabalho interativo e apostava na construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola, por meio da dinâmica intersubjetiva, do diálogo.

*- Como eu trabalhava na Unesp, na área da Educação, algumas vezes fui convidada para participar das reuniões pedagógicas. A direção teve o cuidado de encontrar professores que tivessem os mesmos propósitos educacionais, a mesma concepção de educação, sem dizer que tipo de linha teórica, mas sabendo o que queria fazer com uma criança, e estas reuniões se passaram de uma maneira muito informal, como tudo na Aldeia, sentávamos nas cadeirinhas das crianças, às vezes até no chão, fazíamos as nossas discussões, sobre o que seria bom que as crianças pudessem receber de atividades, no aprender através do brincar, do lúdico. As professoras estavam muito engajadas no processo de cuidar, de brincar sem perder a emoção do sorrir e do chorar (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

A participação da família evidencia que a metodologia da Aldeia estava inserida na teoria sistêmica como abrangência a uma educação inclusiva e participativa, em que todos aprendiam, cada qual tecendo suas habilidades, unindo os saberes. Foi fundamental a

contribuição dos pais neste caminho. Como afirma, Capra (2006), precisamos criar comunidades de aprendizado, compatíveis com um sistema vivo, com disposição para o diálogo e inclusão, criando um clima de amizade, benevolência e vínculos. Um contexto educacional que traga sentido a vida, a uma mobilização ao encontro.

## 5. MEMÓRIAS QUE VIRAM HISTÓRIA

Figura 30 - Escola Aldeia (1980)



Fonte: (Acervo da Autora)

Falamos de nossas lembranças de quando criança. Falamos também daquilo que não lembramos, mas que é parte de nós e nos deixou marcas. Ainda falamos do que está para além de nossa biografia que é a imaginação. Esta fonte, este reino antigo pertencente à memória coletiva dos homens que se manifesta com conteúdos muito anteriores, além da pouca idade da criança. Ao falarmos da imaginação dissemos que ela se manifesta na infância com muito mais vigor, pois é também responsável por auxiliar nas forças formadoras do corpo e da alma da criança. É tão poderosa que por muito tempo não permite que existam fronteiras entre a criança e o mundo, entre o mundo e a criança. Assim, a imaginação na criança é força criadora, com capacidade estruturadora, construtora e regeneradora. (AIRES, 2012)

A coleta de dados, aqui, feita nos possibilitou penetrar no campo da memória, reviver histórias, redirecionar sensações, fatos significativos, como reconstrução de uma época na qual a fantasia e o descobrimento pulsavam a vida. Seguir neste caminho até ouvir as vozes que trouxeram um alinhavo para cada fato revisado, ouvir a voz do corpo pela descrição vivenciada das emoções e sentimentos que permaneceram como imagens significativas. Diante da magia do encontro, da descoberta do outro, das lembranças revividas e percorridas que, girando tal qual uma ciranda, todos puderam reavaliar, um passado, ainda presente, que possibilitou um conhecimento e reconhecimento de si.

Ao ouvir os depoimentos desses meninos e meninas, hoje adultos, ficamos impressionados com os detalhes resgatados que chegam repletos de emoções, mas também a capacidade crítica que permite a eles avaliarem o que vivenciaram, e o que de valor ficou. Conteúdos riquíssimos que trouxeram vida e voz a esta pesquisa. Como cita Bosi, a memória acorda e ressignifica o presente.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Utilizamos a Análise Textual Discursiva que permitiu ter uma abordagem de constante reconstrução de caminhos. “É um processo em que o pesquisador movimenta-se com as verdades que tenta expressar: um movimento em direção a novos paradigmas, com ênfase na autoria de um sujeito que assume sua própria voz ao mesmo tempo em que dá voz a outros sujeitos” (MORAES; GALIAZZI, 2006). Realizada a partir de um conjunto de dados inicialmente dispersos, essa metodologia sugere uma delimitação rigorosa dos temas mais relevantes à pesquisa que, uma vez organizados em categorias e construídos a partir de um referencial teórico, possibilitam comunicar novos sentidos e significados à mesma. Como cita (LÉVY, 2003, p. 35): “Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações”.

Neste processo de pesquisa e, principalmente durante a análise dos depoimentos, houve uma reconstrução conjunta de parte da trajetória da autora, na qual pôde rever conceitos e desconstruir tendências, em busca de certa neutralidade, para melhor entender o ponto de vista dos narradores, sentir suas emoções, sem, no entanto, buscar uma lógica dos caminhos por eles percorridos, mas sim buscando uma reconstrução dos conceitos que emergiam das suas próprias percepções. Remetendo às palavras de Morin: “As fronteiras são sempre vagas, os conceitos não se definem nunca por suas fronteiras, mas a partir de seu núcleo” (MORIN, 2003, p. 106)

A criança não estetiza o mundo, mas habita, em suas imagens do brincar, a virtude estética, o halo criacional, do qual o homem deixando sua infância, distanciado do poder mágico das imagens, só se beneficiará quando voltar-se à estetização, à esperança. Por isso, como Durand (2002) nos diz, que “qualquer recordação de infância é, em si, um ato estético, pois a nostalgia da infância é a nostalgia do ser”. (AIRES, 2013, p.19)

Envolta em sentimentos nostálgicos diante dos depoimentos realizados, cada aluno trouxe, com suas lembranças e contextualizações desse período, conteúdos significativos que

tocou-nos profundamente. A vida é um espiral de muitas passagens, na qual reaprendemos a aprender e essa é, sem dúvida, a maior magia: quando deixamos que a rigidez dos conceitos padronizados, cedam espaços aos saberes internos que são sempre reconstruídos para melhor nos atualizarmos no presente da vida.

A possibilidade de rememoração, provocou uma série de reflexões sobre o passado, o presente, o futuro e possibilitou a reconstrução dos sentidos das experiências vividas a partir da ótica do presente. Uma reavaliação de percurso e do processo de compreensão de suas práticas.

O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade” (BOBBIO, 1997 p. 30-31).

Esse processo rememorativo pode alterar o futuro de cada sujeito pesquisado, pois, ao terem a oportunidade de modificar o presente por meio da instauração de uma outra perspectiva de compreensão de suas práticas, eles passam a ter a oportunidade de uma nova consciência de si mesmo.

Pois conhecer o passado é uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar estrelas, já que, mesmo bem documentado, ele tende a se tornar fugidío e imenso em sua extraordinária dimensão e variedade de situações. (LOWENTHAL, 1981, p. 73)

A partir de alguns tópicos, separadas por temas, que foram abordados nos depoimentos, traçamos o caminho de construção de uma análise em que o próprio discurso sinalizou a direção a ser tomada. Assim, embora buscássemos dar voz aos depoentes em sua íntegra, em muitas categorias, percebemos uma transversalidade de temas que se interconectam, tornando difícil a especificidade de cada uma delas. Confirmando assim a visão de Frijot Capra sobre a teoria dos Sistemas, segundo a qual existe uma conexão de todo sistema vivenciado que se expressa em diferentes áreas das memórias. Desta forma, o eixo da análise se deu na interrelação dos seguintes tópicos: Corpo, Liberdade, O Brincar, Natureza, Horta e Cozinha, Coletividade, Espaço Escola, Vivência Comunitária, Valores, Escolha de Profissão, Visão de Educação, A entrada no ensino convencional, Valores e Reverberação da memória.

## 5.1. Corpo

Temos que nos dar conta de que nosso corpo é a nossa vida. Em nosso corpo, todo inteiro, estão inscritas todas nossas experiências. (...). E quando aqui digo o corpo, digo a vida, digo eu mesmo, você, você inteiro, digo (GROTOWSKI, 1993, p.43).

Tomando o corpo como o centro de recepção das vivências, da subjetividade e das memórias, buscamos situá-lo no âmbito desta análise, seguindo a conceituação de Merleau-Ponty (2006, p. 203): “o corpo é nosso modo próprio de ser-no-mundo”. É o corpo que realiza a abertura do homem ao mundo, colocado-o em situação: “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (Merleau-Ponty, 1994 p.203). Assim, em contraposição à visão positivista para a qual o corpo é tomado como uma estrutura mecânica, que recebe o conhecimento unicamente através do intelecto, adotaremos como referência o conceito de corpo permeado de subjetividade e que conserva, na memória, o campo de suas vivências. Visto por este ângulo, justifica-se que, apesar das experiências desse grupo ter se dado em tão tenra idade, elas permanecem vivas, posto que estão impressas na memória corporal, que responde aos gatilhos sensoriais e afetivos contemplados nesta pesquisa. Percebemos, ao longo da análise, que as sensações registradas em cada entrevistado, são de ordem sensorial e não da mental e intelectual. Afinal: “Tenho consciência do mundo por meio de meu corpo” (Merleau-Ponty, 2006, p.122).

O corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda (LELOUP, 2011, p.15).

A inteligência se desenvolve através do corpo. A criança conhece suas possibilidades e seus limites enquanto descobre o mundo concretamente: experimentando-o. A partir da aprendizagem concreta, a transição ao pensamento abstrato acontecerá de forma natural.

*- Eu não tenho tantas lembranças visuais, me lembro do espaço, mas o que ficou mais forte pra mim foram as impressões, que marcou muito a minha vida.... Não é por que não registrou o fato e por que não marcou, o que ficou foi o afeto, que ficou de outro modo, uma memória corporal... (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna)*

*- A sensação para mim é muito importante, do sentidos, pra mim é muito vivo, muito significativo, então eu busquei isso dentro da minha profissão, porque pra mim foi muito importante (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

- *Eu tenho uma memória afetiva de passar pela frente da escola e lembrar do tempo que estudei lá. Gosto de terra, cheiro de terra quando chove me lembra Aldeia. (Carolina Guimarães, 2016, ex-aluna).*

- *Eu fico impressionado com o tanto das memórias que eu tenho, porque eu converso com outras pessoas sobre o jardim I, jardim II e a maioria das pessoas não tem as memórias que eu tenho, e foi muito marcante, eu realmente adorava a Aldeia, foi um luto quando eu sai... Eu tenho uma memória da gente desenhando em volta do corpo, eu não sou boa de identificar... (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

Podemos observar, pelos depoimentos acima mencionados, que as memórias sensoriais são gravadas como sensações a todos os sentidos corporais, como o cheiro e o afeto, advindos de um prazer sentido. Impressões que remetem a um registro de um tempo de um corpo vivido feliz.

## **5.2. Liberdade**

A criança é eminentemente um ser que explora, experimenta e transforma o ambiente em que vive por meio da inteligência de seu corpo. Privada dessa experimentação livre, a criança deixa de exercer sua dignidade. Movimentos espontâneos brotam de camadas muito profundas, revelando infinitudes de gestos que estão ali encobertos a espera do momento propício de se revelar. É brincando que ela desenha no seu espaço vital ritmos que vão afirmando sua singularidade. É nesse exato momento que o Brincar cumpre sua função transcendente, ordenando os elementos singulares em um espaço que se liberta do cotidiano e, suspendendo o tempo, cria outra realidade. Esse corpo que brinca carrega o mistério da espontaneidade e naturalidade como linguagem humana de origem. O Brincar é o território da Alegria em que a ação da alma é também a ação do corpo e vice-versa. O conhecimento que vem da infância é considerado o mais importante, porque pertence à linguagem do sensível em que a vida, pulsando em liberdade, abre caminho para o imprevisível encontro consigo mesmo, com o outro e com seu entorno. O exercício de ser criança é, pois, o direito mais significativo da criança, aquele que lhe permite “Ser em plenitude e liberdade”. Tendo conhecido o que isto significa, a criança guardará para sempre a lição maior, a experiência mais inteira de Vida, como tesouro e meta de toda sua busca como ser humano. (HORTÉLIO apud CRUZ 2005. p. 78).

A escola Aldeia primava por permitir que a criança se expressasse livremente, em suas diferentes linguagens, proporcionando espaços de acesso ao brincar livre, respeitando o tempo, as escolhas e ampliando as possibilidades de criação das crianças. As experiências lúdicas pressupõem a não obrigatoriedade, a liberdade de expressão de seus desejos, a necessidade de tempos alongados e não fragmentados, o convívio espontâneo entre pessoas, objetos e equipamentos que não imprimam uma resposta única preestabelecida. Um lugar de sensibilização do olhar para as belezas produzidas diariamente pelas crianças, sendo ela a própria geradora de conteúdos e brincadeiras.

Figura 31 - Desenho na madeira- Escola Aldeia (1980)



Fonte: (Arcervo da Autora)

- *Era um lugar muito livre, que deixava a criança muito livre, tinha muitas atividades artísticas... Acho que era uma liberdade que me marcou, que eu experimentei e que acho que se eu não tinha outros espaços em que eu vivia isso, naquele momento aquele era um espaço que me dava mais liberdade do que outros que eu tinha (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna). (Figura 31).*

- *É isso mesmo acho que respeito e liberdade para se expressar. Porque eu não sentia uma rigidez, mas eu não sentia uma bagunça, sabe quando o negócio é tão rígido que você precisa dar uma liberada pra extravasar, não tinha porque eu acho que a liberdade também estava fluindo junto com a responsabilidade, quando a gente tem que fazer a nossa parte para tudo acontecer, nem sabia que eu tinha tantas memórias, de uma coisa tão remota. Me admiro de ter tantas memórias, está fazendo 35anos... (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- A Aldeia remete, pra mim, uma coisa solta, uma coisa livre, do brincar... Aldeia era o quintal de casa, parecia uma extensão, até me arrepiar... Fecho o olho e vejo a gente correndo, isso tá ligado à liberdade.... Na Aldeia sentia que eu tinha liberdade, acho que é a maior lembrança que me vem. Ficava muito à vontade, não tenho memórias de eu chorando, eu ficava muito confortada... Lembro das tias brincando com a gente, correr, isso é algo muito legal. Não tinha uma ideia de escola, era uma extensão da casa, um lugar que eu podia brincar com amigos. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

Sensações gravadas de um espaço onde a liberdade era permitida. Nesse contexto, as memórias registradas confirmam a afirmação de Friedmann, “O ambiente deve constituir uma força geradora de situações emocionais e cognitivas de bem estar e confiança; deve deixar à criança desenvolver sensações físicas, psicológicas olfativas, imaginativas, auditivas, táteis”. (FRIEDMANN 2014, p.111)

*- No geral, eu guardei boas lembranças, uma época boa, tinham muitas brincadeiras, não tinha cobrança.... Engraçado que não me lembro de atividades dentro da sala. Me lembro disso que as coisas eram mais soltas eu não trabalhei com conteúdos formais, mas me lembro muito de ter espaço pra correr livremente, me lembro de ter aprendido isso, que é o que mais chega. **Aldeia simplesmente dava espaço para a criança poder se desenvolver de um jeito bom pra criança. Ela respeitava o tempo da criança, trabalhar os sentidos, o motor, a natureza. Tudo acontecia naturalmente, era um espaço que respeitava o tempo da criança. Quando me lembro, era um espaço muito gostoso, porque a gente ia lá fazer o que a criança gosta de fazer, então tinha essa conexão com o tempo da criança, isso acho que era muito legal** (Luciana Lupo, 2016, ex-aluna, grifos nossos).*

A possibilidade de vivenciar a liberdade, marcaram esse percurso. Percebemos que as lembranças ao livre brincar são mais citadas que as atividades dentro das salas; ao ponto de muitos dos entrevistados chegarem a perguntar se realizávamos de fato atividades dentro das salas, pois os mesmos não tinham registros em ambientes internos. Como diz Friedmann (2014, p. 37): “No ato de brincar, assim como no ato de dançar, há movimento, entrega, expressão. Assim como na dança, no brincar podemos atingir uma elevação do nosso espírito através do nosso corpo”.

*- Tinha liberdade para desenvolver e amplitude para brincar, para jogar água nas crianças,*

*as crianças só usarem calcinhas, coisas que nunca vi em outras escolas, não tinham essa abertura, esse diferencial, eu carreguei e carreguei como experiência. A alegria de trabalhar; foi o período profissional mais gostoso que teve. A liberdade que a gente tinha de brincar com eles sem camisa, descalço, eu não me sentia um professor, eu era criança com eles. Eles me viam como criança, chegava muito sujo em casa, minha mãe até brincava, nossa você veio mais sujo que as crianças. Tudo isso me fez ter um olhar muito diferente, pois lá eu tinha que vê-los pelo olhar deles, descobrir os multimovimentos de coordenação, de ritmo, de lateralidade, brincando, que se apresentaram nas experimentações (Adalberto do Carmo Grifoni, professor de Educação Física, 2017).*

*- O que mais me marcou na Aldeia foi a questão da liberdade que tínhamos lá dentro, tanto os professores, os funcionários e os alunos. Este contato com a natureza, a coisa gostosa do cheiro, do gosto, do respeito, do zelo pelos animaizinhos, a gente tinha de tudo um pouco... A horta, um zoológico pequenininho com coelhinhos, tartarugas onde as crianças podiam ter este contato direto. Aprendi muito mais do que ensinei, o amor a vida! (Suzana Volpe, professora da Aldeia 2017).*

É nítido observar que os professores também partilhavam deste sentimento de liberdade, o que assegurava a intenção de proporcionar às crianças um ambiente feliz, pois se sentiam parte desta construção. Havia um interesse comum e prioritário em criar um espaço livre em que sua identidade fosse protegida.

### **5.3- O brincar**

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação.” (WINNICOT, 1975, p.63)

No projeto pedagógico da escola Aldeia sempre evitamos proporcionar às crianças brinquedos prontos que lhes reduzissem as possibilidades por meio de uma pré-determinação de uso. Ao contrário, oferecíamos elementos da natureza, como água, pedras, areia, conchas, folhas, madeiras, flores, sementes, sucata e outros com os quais as crianças pudessem dar vazão ao seu mundo de fantasia e criar a partir daquilo que se encontrava em seu interior. O estímulo à criatividade e à comunicação daquilo que as crianças desejavam expressar era respeitado e considerado em todas as expressões artísticas e gráficas, inseridas em vivências cooperativas de inclusão e harmonia.

Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e também sobre os significados culturais do meio em que está inserida. O brincar é, portanto, experiência de cultura, por meio da qual valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças (BORBA, 2009, p.70).

“Ser uma consciência, ou antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.142).

O sujeito não é um espectador imparcial frente à vida, mas participa dela ativamente, por meio de seu corpo, com seus movimentos, afetos, pensamentos, percebendo, sendo percebido e se auto-percebendo, reconhecendo-se como ator e co-autor de sua história, ao lado dos outros significativos com os quais convive em sociedade.

*- A gente brincava muito, tanto que eu falei que eu não me recordo muito da sala de aula.... Vocês estimulavam a criatividade, deixavam a gente assumir outros papéis. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

*- Atividades com criatividade, com companhia de amigos, brincando mas aprendendo, uma delícia, acho que foi momentos deliciosos, por isso que ficou, marcou e que ficou, acho que absorvi tudo isso, porque foram momentos bons, se fosse momentos ruins, eu ficaria com aquela aversão... lembro da natureza na Aldeia, mas além da natureza (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- Lá a gente não sabia que a gente estava aprendendo, a gente estava achando que estava brincando o tempo todo, não tinha uma coisa que diferenciava o aprender do brincar, este é um valor importante, entender que você pode fazer as coisas sérias importantes da vida, até na vida adulta de uma forma mais leve. (Mariana Ferrari Smirne, 2017, ex-aluna).*

Aprender pelo brincar pressupõe (sugestão) leveza, permite o prazer e o sentido do desenvolvimento; permite a lembrança feliz que ousa perpassar pelo tempo e querer perpetuar nas gerações vindouras. O brincar, na natureza, resignifica os sentidos. “Os elementos da

natureza convidam a criança a agir ativamente no mundo, transformando a matéria a partir de sua imaginação e ação” (MEIRELLES, 2016, p.64).

Brinquedos da flora, brinquedos da fauna, brinquedos minerais são reinos do brincar. Nestes reinos do brincar a imaginação é senhora soberana. Traz informações e imagens de grande conteúdo valorativo, pois são imagens oriundas da natureza acumuladas na experiência humana. Assim quando a criança vive o brincar neste universo material, quando faz das flores secas hélices de voo, do sabugo ou da palha do milho sua boneca, esta matéria imaginada pela criança repercute em reconhecimentos imaginários. Amplifica a imaginação às longínquas ramificações. Traz valores deste *quando* vivido pelos homens do decorrer dos tempos. Isto não quer dizer que brincar com outros materiais não seja brincar. Mas brincar com os materiais naturais, nas árvores, na terra, com a água, com as folhas e cascas, as sementes e frutos aproxima a criança das impressões mais íntimas da imaginação. (AIRES, 2012, s.p.)

*- A brincadeira era considerada atividade primordial da criança e, nesse sentido, como coisa muito séria. Através da brincadeira a criança entrava em contato com sua identidade, com o ambiente e com o outro. A brincadeira era um modo de apre(e)nder o mundo (Claudia Cavicchia, professora 2017).*

Conceituar o brincar foi uma tarefa constante dos profissionais da Aldeia, o respeito e permissão a adentrar em suas fantasias, era sempre o mais relevante olhar pedagógico.

*- As crianças tinham muitas atividades fora de brincar e o brincar era sempre desde a chegada até a saída; neste brincar aparecia a natureza, por exemplo, o dia da água, eles chamaram o bombeiro pra jogar água nas crianças, era falado sobre a água, desenhavam e o bombeiro molhavam todas as crianças na área livre. Elas brincavam e se divertiam junto com as professoras, todos saíam sujos e felizes da escola, e isso fazia muito bem pra gente que era a mãe (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

O aprender era feito de forma lúdica, assegurando à criança em seu brincar, permitindo o seu tempo de ser criança, sendo apoiada pelos professores e pais.

## 5.4 - Natureza

*“A natureza do brincar é a alegria.  
A natureza é seu território primordial.”* (LYDIA HORTÉLIO, 2012)

“A natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 4).

A relação da criança com a natureza propicia múltiplos movimentos, como correr, pular, saltar, rolar, trepar, escorregar, subir, descer, viver, respirar, sentir, plantar, colher desafios físicos que o corpo precisa para promover novas sinapses necessárias ao seu desenvolvimento neuromotor. Viver é sinônimo de conhecer; o ser humano aprende com o corpo inteiro. O conhecimento é corpóreo, está gravado no corpo humano e inclui as sensações e os sentimentos vivenciados, além da dimensão racional. De acordo com Frijot Capra (2006), o homem é dependente do meio. Sua atividade será modelada por influências ambientais e é importante que corpo, mente e ambiente constituam um sistema equilibrado.

É com seu corpo brincante no chão da natureza que a criança recebe e celebra a memória, ampliando e atualizando o passado. Os ensinamentos do brincar dizem respeito a algo como a memória do futuro. O brincar é uma função transcendente do humano, uma vez que extrapola a condição de tempo e espaço do cotidiano. Ao brincar as crianças sabem transitar naturalmente entre esses dois lugares: vão da Terra ao Céu em poucos minutos, conversam com seres imaginários, inventam personagens, projetam mundos, inauguram espaços novos, solucionam possíveis conflitos do cotidiano através dos recursos de sua capacidade de imaginação. Brincando, são capazes até de suspender o tempo. Nas brincadeiras, as crianças representam em ato um imaginário com infinitas possibilidades de exploração, alterando a ordem estabelecida e criando outras ordens. (HORTELIO, 2009, s.p.)

*- Lembro do meu contato, com terra, com bichos, tinha brincadeiras, tinha coisa de usar fantasia, de fazer comida, lembro do biscoitinho de goiabada, de fazer pipoca. Tenho alguns flashes* (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).

Experiências na natureza ajudam a amadurecer a cognição das crianças, incluindo sua habilidade de análise, síntese e avaliação. Segundo Louv (2016, p.118), “a natureza oferece um ambiente onde facilmente contemplam o infinito e a eternidade”.

- *Eu olhando hoje, do que aprendi quando criança, acho que a melhor coisa que eu tenho hoje é a consciência com a natureza, com os animais, com o meio ambiente, com o mundo, adoro estar no meio do mato. Recentemente fui pra África, não fui porque está na moda, mas porque eu sinto prazer de estar na natureza, minha mulher é envolvida em proteção aos animais, se a gente pegar minhas últimas viagens são todas na natureza selvagem, sinto prazer. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno)*

Segundo Louv (2016, p.235), “As crianças que frequentam escolas com ambientes naturais diversificados são mais ativas fisicamente, mais conscientes em termos de nutrição, mais civilizadas umas com as outras e mais criativas”. É notória a percepção de que, uma vez vinculadas a espaços junto a natureza na infância, ampliam-se a sensibilidade e o vínculo amoroso na idade adulta, a sensação de estar mais pleno em ambientes naturais.

- *Eu adoro a natureza, sempre procuro estar em um lugar mais próximo à natureza, me sinto bem. Hoje eu adoro estar no meio da floresta... (André Nigro, 2017, ex-aluno).*

- *Gosto muito de apreciar a natureza, deixo minhas filhas plantarem, adoro flores, plantar, entender de onde vem os alimentos, de simplicidade, isso que tem valor. Fui criada perto da natureza, de estar solta, de liberdade, sem dúvida isso é importante, ficar nesta parte mais simples, tenho muita lembrança gostosa disso, vejo elas felizes brincando na terra, plantando... Meu marido também gosta de plantar. (Fernanda Serafim, 2017)*

O desejo de proporcionar aos filhos esse contato tão rico com a natureza traz muito significado pelo fato desses valores se revelarem como eixo de conexão. “Na Educação ecológica domina a consciência de que as interações são mais importantes sobre o objeto de estudo do que o objeto em si mesmo.” (FRIEDMANN, 2014, p.114). Uma vez experimentadas essas vivências em ambientes naturais na infância a sensação de liberdade permanecem como signos de referências na idade adulta.

- *Lembro que tinha muito contato com a natureza, plantávamos árvores, que as professoras contavam histórias de como preservar a natureza... Acho que a Aldeia teve muita influência a gostar de natureza e gostar de animais, tanto que eu não fumo, não gosto de beber... Eu protejo muito a natureza, não gosto de ver alguém jogar lixo na rua, sou até meio chato com essas*

*coisas... Pego lixo dos outros; fui bem instruído quando era pequeno (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016).*

*- Lembro muito do contato com a natureza, não sei se aquele quintal que a gente tinha era tão grande tão cheio de natureza como eu imagino... (Luciana Lupo, 2016).*

A vivência com a natureza, na infância, propicia um vínculo amoroso com ambientes naturais, uma atração e uma certa familiaridade que, para alguns, se tornam-se necessárias às suas vidas. Como diz Louv (2016, p.140): “o tempo na natureza não é de lazer, é um investimento na saúde infantil”. Isso comprova a evidência da necessidade da natureza para o desenvolvimento saudável das crianças.

## 5.5- Horta e Cozinha

Figura 32 - Arquivo Aldeia - Crianças plantando na horta (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

Quando a vivência é inteira plena de significados, ela permanece viva na memória, a referência ao plantar, ao semear, o cuidar e o colher, vivenciada pelo corpo se expressam de diferentes formas e ficam gravados de forma muito peculiar. Esta relação com a terra, no contato íntimo com os ciclos, acompanhando o desenvolvimento da semente magicamente se transformar em frutos e depois ser degustado ou transformado e elaborado. Práticas que

demarcam um valor que muitos recuperam e reposicionam em suas vidas. Como cita Gadotti (2009, p.03),

Perceber a Terra através da terra. Ver a semente assumir a forma de planta e a planta forma de alimento, o alimento que nos dá vida. Ensinamos a paciência e o manuseio cuidadoso da terra entre o semear e o colher. Aprender que as coisas não nascem prontas. Precisam ser cultivadas, cuidadas. Aprendendo, também, que o mundo não está pronto, está se fazendo, está nos fazendo; que sua construção exige persistência, paciência esperançosa da semente que, em algum momento, será broto e será flor e será fruto.

*- Não tem nada mais que adoro do que plantar sementes, mudas, ver crescer; na minha casa, eu fiz uma horta, e sei que isto vem da Aldeia, porque na minha casa não tive esta oportunidade. Na minha casa fiz uma horta vertical, lógico que isso eu carrego de algum lugar, por isso procurei uma escola para meu filho que tivesse este contato. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- Lembro de plantar na horta, de fazer os buraquinhos e plantar, esta é uma atividade que me lembro. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro que tínhamos uma horta e que usávamos as coisas da horta na cozinha, isto eu lembro, mas não consigo ver a imagem, só lembro da horta e usávamos na cozinha depois. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

Cozinha é fundamento, através da comida você se comunica, manifesta seu amor. Fazer juntos o alimento é amor em ação. Na cozinha aprendemos sobre culturas, sobre de onde vem os alimentos, como são plantados. Possibilitar esse ciclo na educação de plantar, colher e processar o alimento, envolve tudo de belo e sustentável.

Na cozinha trabalhamos a variedade de cores, aromas e sabores, cuja vivênciapassa a ser um aprendizado para toda vida. A verdadeira Educação permite o cuidar o compartilhar e o incorporar a natureza. Assim, acionamos a interconecção de todos os ciclos e nos inserimos ao sistema que pulsa vida. São saberes que permanecem e se estabelecem em diferentes referências.

*- A gente fazia muita culinária, na cozinha, colhia a mandioca da horta. Até hoje eu trago esta paixão comigo pela culinária, adoro cozinhar, acho que foi daí, então, tenho muitas memórias boas. Adoro cozinhar. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

*- A coisa de fazer comida, eu lembro que vocês mandavam uma receitinha depois um pouco do que fazíamos, eu sentia muito prazer com este tipo de atividade, e tento passar pra ela, a coisa*

*com a comida, a Ana Clara (filha), faz comigo, na cozinha, ela vai ao mercado comigo... Em casa eu tento fazer isso, eu fico um período com ela, de ver a preparação do alimento, e ela come super bem, brócolis, verduras, frutas. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna)*

*- A cozinha eu adorava, as receitas que tenho até hoje, tenho muita memória que levamos talvez uma vez por semana pra casa, eu sempre queria fazer em casa.*

*Lembro da horta, de plantar, colher, tínhamos uma relação ali, não era só que alguém cuidava e a gente estava alheio, lembro das coisas da alimentação, a gente cuidava, não era alheio. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

É fato que cada vez mais a cozinha está distante na educação e no convívio familiar. Esse acesso ao manuseio do alimento, especialmente quando acompanhado de seu crescimento gera uma intimidade com valores intrínsecos e com os diversos ciclos por ele associado, propõem uma compreensão do tempo, do desenvolvimento. Tempo de plantar, de colher, tempo de coser, além da diversidade de elementos que esta prática acompanha, como os cheiros, as cores, as formas e a alquimia da transformação.

*- A gente tinha lá o cuidado, mas a preocupação com a preservação, o quanto é importante, o quanto é bom ter uma horta, um privilégio, um luxo, tenho um canteirinho em casa, vasos, meu maior prazer é comer o tomatinho que eu colho da horta. Lembro bastante da bolachinha de nata, fazia bolachinha de nata... Teve isso né? Que a gente amassava com garfinho e cortava e enrolava também. Eu lembrava das coisas, sabe, pequenas ali do fazer, amassar, por exemplo, o olhar, mais micro do que macro, eu acho que tenho mais esta memória das coisas, micro e o que foi super importante, porque levou também para o dia a dia, né, porque eu estou fazendo as coisas na cozinha, cozinho todo dia, e alguma coisa que cozinho em casa, e talvez lá eu tive a oportunidade de participar de uma atividade como esta que está presente no dia a dia de qualquer família, mais talvez do que na minha casa, porque eu não participava de cozinha e marcou pra caramba. É uma coisa que eu sempre lembro, bolachinha de nata, me acompanhou assim... Esta memória durante a vida toda. (Denise Zakaib, 2017, ex-aluna).*

É perceptível que atividades simples como, plantar, cuidar, colher, cozinhar, permanece viva na memória dos depoentes, perdurando como valores que ressignificam hoje em suas vidas, esse tempo de acompanhar o ciclo alimentar proporciona um elemento indicativo como referência em suas memórias e trazem sentido hoje, com novos significados.

O cuidar e o fazer o alimento se manifestam em diversas percepções. Esse cuidar reflete no amor, no vínculo com a terra, na permanência de pertencimento que reproduz na educação uma referência ao adulto sensível ao mundo.

Experiências na natureza ajudam a criança a entender a realidade dos sistemas naturais por meio de uma experiência primária. Elas demonstram os princípios naturais como as teias, os ciclos e os processos evolutivos e ensinam que a natureza é um processo regenerativo único (MOORE, 1997, p.108).

## 5.6- Coletividade

Figura 33 – Escola Aldeia 1980 - Apresentação de teatro



Fonte: (Acervo da Autora)

A Memória tem origem na Cultura. Portanto, não existe Memória desarticulada de um processo de significados construído no social. A Memória individual é ao mesmo tempo plural, por interações de múltiplas vozes que a constituem e que assumem contornos de sentidos a partir do momento presente e não necessariamente da ocorrência no tempo passado (VYGOSTISKY, 1989).

A escola Aldeia sempre buscou proporcionar um ambiente harmonioso, ajustando a criança ao meio, através da sua própria cultura, diminuindo as possibilidades de conflito, adquirindo solidariedade, cooperação, auto-estima e disciplina, exercendo a tolerância dos maiores com os menores, a inclusão de crianças de diferentes classes sociais, de diferentes etnias, comportamentos, experimentando um sentimento que ultrapassasse a consciência coletiva.

- *Por ser filha única, me lembro que Aldeia foi o primeiro lugar de uma vivência coletiva. Nunca tive dificuldade de estar junto com as pessoas, sempre achei gostoso, prazeroso fazer coisas juntas, com certeza essa experiência colaborou pra viver no coletivo. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

- *Eu lembro de todos juntos, e quando chegava a hora de ir pra sala de aula, daí eu não lembro mais... (Luisa de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

- *Eu lembro que era tudo muito coletivo, isso que eu me lembro, desde os lanches, as brincadeiras, eu não tenho muitas lembranças de separação de classes, de quem era da minha classe, parecia que era tudo um pouco todo mundo, essa coisa do coletivo era muito forte lá eu acho que eu gostava bastante (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

- *Talvez seja uma referência mais forte o coletivo, é engraçado, não me lembro muito dos colegas, mas me lembro que sempre fazíamos tudo juntos, atividades, comidinhas, lembro que tinha uma mesa grande que a gente fazia quebra- cabeça, os trabalhos. Quando alguém fazia aniversário, juntávamos todos pra fazermos um presente para o colega, isso eu lembro bem disso (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

- *De valores na vida, o coletivo tenha ficado bastante por entender que as coisas só fazem sentido no coletivo, só acontecem assim, lógico todo mundo tem um mundo individual, mas a construção do dia da cidade, da sua casa, ela é no coletivo da sua vida mesmo, acho que também isso, talvez tenha sido plantado esta sementinha lá. (...) todo mundo fazia com garfinho, entendeu, então, também tinha um coletivo ali neste momento da cozinha de fazer, que nossa, todo mundo fazia junto, lembro de todos com garfinho... a massa de enrolar (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

- *Coletivo, extremamente importante, de não ter diferença, de não prestar atenção no que o outro tinha, não tem registro de comparação, falar mal dos outros.*

*Lugar que a gente podia estar junto sem desrespeitar a individualidade do outro, as regras não invadem a gente, mas ao mesmo tempo protegem. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

Vale destacar a menção ao respeito à individualidade, em um ambiente onde não havia comparação ou preferências. Fato esse que ressalta como a criança registra esses valores no decorrer de suas vidas. A construção conjunta possibilita uma integração, uma aceitação das diferenças. Essa oportunidade de vivenciar atividades coletivas harmonicamente propiciou uma referência de valor para alguns depoentes.

### 5.7 - Espaço Escola

“A brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz a relacionamento grupais.” (WINICOTT, 1975, p.63)

Figura 34 – Escola Aldeia (1982)



Fonte: (Acervo da Autora)

A cultura da infância se valoriza em pequenos gestos de vivências, em seu ser múltiplo, que exercitam o corpo em trabalhos emocionais, interpessoais e transpessoais. A educação vinculada à natureza permite vivências diversas; cria princípios que se tornam valores. Ao brincar, a criança desenvolve habilidades que serão utilizadas por toda sua vida. Ela desenvolve a autoestima, a criatividade, a orientação espaço-temporal, desenvolve a noção de si e, a partir daí, a noção do outro, treinando habilidades para a convivência social, aprende a se concentrar e a resolver problemas.

Hoje talvez se possa esperar uma superação efetiva daquele equívoco básico que acreditava ser a brincadeira da criança determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando, na verdade, dá-se o contrário. A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda. Conhecemos muito bem alguns instrumentos de brincar arcaicos, que desprezam toda máscara imaginária (possivelmente vinculados na época a rituais): bola, arco, roda de penas, pipa – autênticos brinquedos, tanto mais autênticos quanto menos o parecem ao adulto. Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva (BENJAMIN, 2002, p. 92).

*- Lembro da área externa, no jardim. Isso me gravou me marcou as atividades livres, acho que a gente passava mais tempo fora do que dentro. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- Acho que esta questão de ter muita arte, muitas atividades criativas, de ter muito contato com a natureza, eu me lembrava dos bichinhos que tinham lá, do espaço, tartaruga, coelho, de que a gente se vestia com fantasia. (Ana Silvia de Moraes, 2016, ex-aluna).*

*- A Aldeia trazia estas coisas legais de sucata, de folclore, de fazer pipa. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

*- Não me lembro da gente em sala, me lembro da gente fora de sala, mato, terra... Lembro da gente sentada juntas no chão, de teatro de fantoche, os amigos juntos, da gente assistindo alguma coisa, de brincando fora, de horta. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro das coisas simples, mas foi muito marcante, tipo o esguicho com água, os animais, a toca dos coelhos, a tartaruga, a horta, o futebol, os pneus, que a gente brincava livremente. (Aluisio Baracat, 2017, ex-aluno).*

*- A primeira vez que aconteceu um episódio que todo mundo chorou e vocês souberam lidar com esta situação, que foi uma situação que a tartaruga sentou no rabo do coelho, tinha também um cercadinho onde tinham alguns animais, e todos ficavam juntos. O que aconteceu foi que o coelho quis sair e machucou o rabo, porque a tartaruga era grande, e daí aquela coisa, vamos levar no veterinário tal e a criançada toda chorando e vocês souberam lidar, dizendo que fazia parte da natureza, eles conviverem juntos, mas pode ser que aconteça alguma coisa e a gente tá aqui pra administrar isso, eu tenho esta memória ate hoje, eu tenho 40 anos e tinha 3 ou 4 anos tinha muita grama, não sei explicar da sala de aula, tinha uma sala grande, mexia com argila, pintura, não consigo lembrar que era sala de aula... Lembro que tinha um palco de teatro que fazíamos apresentações, lembro das pias... Lembro que a gente cantava, tinha instrumentos de percussão, talvez eu não me recorde das salas de aula porque era um formato diferente, não tinha um formato formal de sala de aula, por isso não me gravou parecia que não tínhamos aula dentro de salas... (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

As brincadeiras de casinha, de plantar de fazer comidinhas trazem motivos da vida adulta, representam papéis sociais, de modo genérico, dentro da cultura do grupo, colocando-a de modo simbólico em contato com atitudes, comportamentos, valores e que caracterizam o indivíduo como pertencendo a certa comunidade. A criança pequena está com seus sentidos todos muito abertos para o mundo que elas vão descobrir. Em um ambiente natural a criança está cercada de estímulos que proporcionam algo para que descubram o mundo enquanto se descobrem.

É importante enfatizar que o modo próprio de comunicar do brincar não se refere a um pensamento ilógico, mas a um discurso organizado com lógica e características próprias, o qual permite que as crianças transponham espaços e tempos e transitem entre os planos da imaginação e da fantasia explorando suas contradições e possibilidades. Assim, o plano informal das brincadeiras possibilita a construção e a ampliação de competências e conhecimentos nos planos da cognição e das interações sociais, o que certamente tem conseqüências na aquisição de conhecimentos nos planos da aprendizagem formal (BORBA 2006, p.38)

*- Tenho uma memória afetiva muito forte, lembro das professoras, lembro do viveirinho que tinham os bichos, dos trabalhinhos manuais que a gente fazia, eu lembro de quase tudo. Lembro das músicas; que tinha uma coleção das músicas do Chico, que tinha livrinhos, as historinhas*

*e os disquinhos. Lembro bem da casinha de bonecas, mas não gostava muito de brincar de bonecas, preferia brincar de correr com os meninos, trabalhar todos juntos, a gente fazia uns passeios loucos, lembro de irmos em uma pedreira, a gente pegou as pedras para fazer trabalho, colhemos as pedras, pintamos uma pedra e dei para meu pai no dia dos pais, para segurar papel. Paramos no meio do caminho e cortamos cana, chupamos cana, passeios muito legais que fizemos que nunca vou esquecer. Tenho esta pedra até hoje. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro de algum dia da bicicleta. A casinha de boneca eu adorava, eu achava o máximo brincar lá. Eu lembro que na sala tinha uma torneira, a sala de artes, lembro da gente pintando desta torneira, tinha um filtro, um cantinho que ficava perto da casinha de bonecos, me lembro dos pequenos, perto do portão, lembro da gente cantando música, numa sala, lembro da cozinha. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

A diversidade de sensações registrada pelo corpo, ao explorar o espaço da escola, reforça que suas memórias remetem mais ao espaço físico externo da escola, lembram de brincadeiras, de correr, jogar bola, pneu, do amplo espaço. Da casinha de boneca, da mangueira, do convívio livre. Notamos que muitos lembram dos animais e de suas histórias. “O corpo é nossa memória mais arcaica. Nele, nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda “(LELOUP, 2011, p.15).

## **5.8 - Vivência comunitária**

O Eu é uma dimensão social humana que se realiza por meio de uma dada corporeidade e surge como um entrecruzamento específico das diferentes conversações que constituem e definem a comunidade social em que esse Eu vive com outros Eus em mútua aceitação. Portanto, toda criança deve adquirir seu Eu – ou identidade individual social – como uma forma particular de ser em sua corporeidade, mediante o viver numa comunidade específica de mútua aceitação. Isso ocorre naturalmente, à medida que a criança cresce na estreita intimidade do encontro corporal, em confiança e total aceitação de sua mãe, bem como na de todas as crianças e adultos com as quais convive. (MATURANA; ZÖLLER, 2004, p.141).

Figura 35 - Festa Junina – Aldeia (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

À medida que a cultura da escola se integra à comunidade de aprendizado, em que professores, estudantes, administradores e pais se interligam numa rede de relações, trabalhando juntos para facilitar o aprendizado permite desenvolver coletivamente um currículo integrado.

A família integrada na dinâmica escolar propicia uma apropriação da cultura de conhecimento, todos se interagem na construção desses saberes, existe uma troca real na formação dos valores em questão.

- *“Dia dos Pais”, não era aquelas festas que as crianças ficavam dançando que nem um robzinho, lembro de uma festa dos pais, que era o “Dia da Pipa”, muito legal, uma festa muito legal, que os pais tinham que levar a seda, leva o bambu, montava junto com os pais e ficava soltando as pipas, e sempre tinha estas coisas bacanas. Estas memórias que ficaram gravadas das festas, no “Dia da Pipa”, “Dia da Água” que foi o Bombeiro, nas Festas no Salto Grande, ficaram muito marcadas para mim, de ver minha família participando, Minha mãe sempre falou muito da Aldeia, ela lembrava na minha adolescência da experiência que tivemos na Aldeia, este prazer de estar em grupo, em família, com amigos, vem deste estímulo da infância de curtir estar junto com as pessoas. (Rodrigo Gatti, 2017, ex-aluno).*

Figura 36 - Festa da Pipa – Chácara (1984)



Fonte: (Acervo da Autora)

Em alguns eventos realizados na escola, o convívio íntimo com os pais ficaram gravados no depoimentos de alguns, relevando sobre o contato físico de carregar a criança, fazer a pipa juntos, andar em cima do pé do pai, à cavalo, o toque que às vezes não é tão frequente, por não haver tempo suficiente para esse diálogo corporal entre pais e filhos; essas atividades deixaram marcas em suas memórias. A educação, quando compartilhada, proporciona uma confiança mútua da escola com a família e a comunidade, abrindo caminhos para que o coletivo congrua para o mesmo ideal.

*- Lembro que vocês faziam comemoração e vocês deixavam os irmãos irem e a KiKa (irmã) ia e me sentia orgulhosa de apresentar a escola pra minha irmã, um lugar que eu não chorava e que eu curtia... A gente fazia muita comemoração no “Dia das Mães”, do dia do índio que a gente pintava, me marcou muito a festa das mães, que eu cantava “Bate Coração”. Eu me lembro que você se fantasiava, de palhaço e outras fantasias... a Carol tinha medo de palhaço. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

*- Lembro dos Bombeiros, que a gente fechou a rua, eu acho que jogaram água, andar no carro. Isso marcou muito. Lembro de algum dia da bicicleta, teve um dia, tem umas fotos da festa da Pipa em uma chácara, um lugar grande aberto, que foi maravilhoso. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

- *Eu adorava as “Festas na Chácara”, lembro de uma festa do papagaio, lembro do teatro, que eu usava uma camisola branca, de meus pais. Ah... Lembro que foi um dia muito feliz, lembro como um dia bom na minha vida. Mas eu adorava as festas na chácara. Escola sem sofrimento, aprendia com alegria, muito acolhida, as professoras conheciam nossos pais, os pais conheciam os professores, eles estavam sempre presente, era uma escola que incluía os pais, as classes não eram tão grandes e a Escola era uma escola que chamava a família pra participar. Tanto que encontra na rua hoje e mantém a amizade. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

- *Tinha um grupo de pais que acreditavam de certa forma, eram crianças de pais que podia ter alguma coisa diferente, e foi um projeto conjunto, um pouco desta coisa mais alternativa, essa construção coletiva da família, que deram espaço para crianças que congruam para estes valores. E que também as famílias deram espaço para este ser montado. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

As festas temáticas nas chácaras, os jogos de voley aos finais de semana, as frequentes reuniões pedagógicas com os pais e também a participação deles em algumas atividades na escola deram suporte para criarmos uma Comunidade Aldeia. Vários depoentes citaram sobre o convívio pós-aula, nas casas de amiguinhos, mesmo após terem deixado de estudar na escola, favorecendo os laços fraternos de amizade que permanecem até hoje.

O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem (MATURANA, 2002, p. 29).

- *Tivemos também muita participação dos pais na escola, foi fundamental. Fomos autênticos, tivemos respeito, e foram sim, crianças cuidadas com amor, dedicação. Fomos muito felizes! (Maria Cristina Gonçalves Dias Giansanti, professora, 2017).*

- *Penso duas coisas: a escola e a família, acho que a família interferia nesta escola e a escola interferia muito na família, meus filhos são o que são hoje, uma parcela da família e com certeza uma parcela veio da Escola, eu diria que é uma história grande educacional dos filhos da gente, e a Aldeia fez um bom começo que com certeza eles se lembram de fatos que ocorriam na escola, são capazes de conversar sobre a Escola, meus três filhos e muitas vezes continuam*

*rindo daquilo que fizeram e o que aconteceu durante o período de aula ou nas festinhas, também (Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, mãe, 2012).*

*- Eu percebi que era uma amizade verdadeira entre a escola e a família. Esta confiança é muito importante, porque eu trabalhava, e é muito importante deixar seu filho com um tratamento carinhoso, eu tinha confiança e tranquilidade de deixar meus filhos na escola e esta proposta de deixar a criança ficar descalço, em contato com a horta, foi muito importante pra vida dele, com certeza refletiu em sua vida (Regina Gatti, mãe, 2012)*

Fato registrado pelos professores e pais que os vínculos permanecem até hoje de amizade, confiança e amor. Das festas onde todos compartilhavam seus saberes e aprendiam ser possível a harmonia na diversidade, o respeito ao coletivo, uma comunidade de aprendizado.

## **5.9 - Valores**

A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é, portanto, uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base. (...) Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. (BERGSON, 2010, p.280)

Os valores são demarcados pelas vivências que nos tomamos como referências nas práticas da vida, levadas à consciência a partir de uma reflexão somamos conceitos que geram uma compreensão apropriada em nosso caminho. Dos depoimentos, mencionam-se valores em vários aspectos de suas vivências, sendo difícil restringí-los em uma categoria. São referências mencionadas que dialogam no olhar sensível ao mundo, na visão que se adquire a partir de sua base. Princípios que se tornam consciência a partir de uma recuperação de uma trajetória estabelecida. É nítido que a apropriação de uma vivência livre em um ambiente harmonioso propicia estabelecer vínculos estruturais na personalidade, que se manifesta na individualidade e nas escolhas da vida adulta. O aprender a cuidar, a compartilhar, acompanhar o crescimento de uma planta, utilizá-la como alimento, o respeito a si mesmo e ao outro perpetuam nas relações.

Ao narrar algo do passado no presente, há uma nova oportunidade de vivenciar a experiência e, com olhos novos, compreendê-la melhor. Sob essa abordagem da narrativa pode-se tentar experimentar outro passado no momento presente. Ainda que os fatos passados não sejam modificados, a percepção sobre eles pode ser modificada. (FERREIRA- SANTOS, 2013, p. 102)

- *Eu acredito que esta experiência que eu tive na Aldeia foi fundamental na construção de meu caráter, acho que começou ali, uma sementinha que foi plantada, irrigada, bem cuidada, para os valores repercutirem na vida adulta. Os valores que eu tenho hoje, eu devo muito a Aldeia, pois foi fundamental na construção do que sou hoje. Acho que isso é uma experiência marcante esta diversidade de alunos, Isso é uma experiência marcante, essa diversidade, é muito rico. (Claudia Petlik,2016, ex-aluna).*

- *Cabiam diferentes personalidades, e eram escutadas, e isso tinha na Aldeia.... Acho que essa experiência foi uma das coisas mais importantes, que todos conseguiram vivenciar todas as coisas do jeito que podiam, emocionalmente podiam, de diferentes formas, e tinham espaço e respeito pra isso... eu não lembro desta demanda na Aldeia, de valorizar o que o outro tinha, isto não me recordo na minha vida... **De respeito por todas as pessoas eu aprendi lá...** Eu gosto de vivenciar, dentro do consultório eu sinto isso, de permitir, capacidade de resolver problema, você poder criar você poder criar mentalmente coisas, soluções e possibilidade, e eu acho que eu tenho isso, **vamos resolver, encontrar caminhos.** Acho que sou mais livre, por exemplo, dentro do consultório, pra mim, é muito importante respeitar a demanda de cada criança, porque eu tenho uma coisa de dançar com as crianças, tenho uma desenvoltura pra fazer coisas, pra interpretar coisas, acho que isso também sinto que vem da minha experiência que vivenciei na minha infância. A fantasia é muito mais importante, é gratificante e realizadora. Eu acho que é isso, eles são bem estimulados a criarem. (Mariana Ferrrari Smirne, 2016, ex-aluna, grifos nossos).*

Referências profundas que remetem a valores fundamentais na visão de mundo como, por exemplo, a sensação de ter espaço para manifestar sua identidade, a segurança de não ser comparado ao outro, de ser aceito, encontrando um caminho de dialogo, merecem relevância. Assim: “Aprender o respeito pelas diferenças dos outros, implica sentirmo-nos respeitados nas nossas diferenças: ritmos, motivações, gostos, aspirações, preferencias” (FORMOSINHO; OLIVEIRA, 2011, p.41). As crianças que têm vivência de ser acolhidas aprendem elas próprias a acolher, a respeitar os ritmos, aprendem a escuta sensível e reproduzem quando adultos esse valor a seus filhos.

- *Acho que isso, a Aldeia proporcionou... e aí quando a gente pensa, eu como ser humano, se eu tiver pego um pouquinho disso, já foi um monte, **de eu poder também olhar pro outro e dar***



*entender que as coisas levam um tempo pra fazer, você precisa comprar, precisa escolher, fazer, o contrário do que comprar uma coisa pronta, que você está passando também uma relação, que uma relação não é imediata... Acho que por ele não ter passado por isso, ele não consegue entender o valor que isto tem. Para o meu marido, a relação com a família é diferente, porque na Aldeia vem o de “fazer junto”, além disso, de “ver de onde ela vem”, o fazer junto, e esta dimensão pra mim hoje é muito importante, porque acentuou, e porque acentua e transforma. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

*- Se eu tivesse estudado em outra escola tradicional na primeira infância não seria o que sou hoje. Ela foi uma escola de vanguarda, até hoje, que faz muito mais sentido do que muitas escolas atuais, com o que eu penso na formação do indivíduo. Do que foi construído dentro de cada pessoa que estudou lá, é uma forma de saber que este trabalho repercutiu por anos e gerações, porque agora eu estou redigindo um projeto e lembrando do que aconteceu lá!!! (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

“Sentir que o tempo é apenas um fio. Nesse fio vão sendo enfiadas todas as experiências de beleza e de amor porque passamos. Aquilo que a memória amou fica eterno.” (ALVES, 2010). A permanência na memória de experiências vividas, demarcam referências que desabrocham e repercurtem em diferentes percepções e dimensões.

*- Eu era muito tímido, eu sou filho único, era meio egoísta, não gostava de dividir e lá eu aprendi a dividir porque a gente dividia o lanche, porque eu não tinha que repartir em casa, mas hoje eu gosto de dividir, de conviver. Na Aldeia **nunca senti qualquer rejeição** e isso foi importante pra mim, porque eu nunca senti bullying e hoje a maioria de meus amigos são brancos, eu nunca namorei uma negra e casei com uma mulher branca, sempre frequentei muitos lugares que só tinha eu de negro e nunca me senti excluído, por isso, sempre me dei bem com todos. Não me preocupo com os outros. (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2016, ex-aluno, grifos nossos).*

*- Aldeia foi realmente muito importante pra mim, pra minha construção como pessoa, continuando os valores que meus pais quiseram nos dar, continuando com a simplicidade, da maneira que nos conduzia ao respeito à natureza, com respeito às diferenças, foi assim que eu procuro fazer com meus filhos também pra ser mais feliz neste mundo tão conturbado, cheio*

*de diferenças, é assim que me sinto, que a gente cada vez tem que respeitar mais, viva Aldeia!! (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

*- Os valores que meus pais me passaram, a Aldeia foi uma continuação e são os valores que eu passo para meus filhos, que é esta simplicidade, o contato e o respeito com a natureza, e ausência de preocupação com as coisas, assim, tipo, vamos brincar com argila, vamos plantar, vamos dançar, fazer atividades ao ar livre. Isso foi importante, sem muitas regras, sem muitas ordens. (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).*

Na infância, a criança vive o mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma... Vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e a respeitar os outros. (MATURANA, 2002, p.29-30)

*- O Rodrigo é um menino muito seguro e com certeza eu acredito que esta formação, este carinho que ele teve desde pequeno, tanto na escola como no lar, ele conseguiu estar onde ele está hoje, esta segurança que ele tem hoje, com certeza, é reflexo deste carinho que teve logo no início da infância com a escola. (Regina Gatti, mãe, 2012).*

A consciência dos valores proeminentes que foram perceptíveis em suas vidas como, o respeito, o cuidado, a vivência na diversidade, o aprender a ver pelo sensível, merecem uma atenção do quanto essas sementes perpetuam como referência em suas vidas, tornando-se conceitos claros em valores que desejam perpetuar.

## **5.10 Escolha de profissão**

A ciência cartesiana acreditava que em qualquer sistema complexo o comportamento do todo podia ser analisado em termos das propriedades de suas partes. A ciência sistêmica mostra que os sistemas vivos não podem ser compreendidos por meio de análise. As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior. Desse modo, o pensamento sistêmico é pensamento 'contextual'; e, uma vez que explicar coisas considerando seu contexto significa explicá-las considerando seu meio ambiente, também podemos dizer que todo pensamento sistêmico é ambientalista (CAPRA, 1996, p. 46).

Como define Capra, a escolha da profissão é um misto de outras vivências e influências no decorrer de suas vidas, mas aqui podemos nos remeter à visão de mundo que também vem

sendo construída, mas que permanece em princípios, que demarcam territórios de referências em algum lugar na atuação e na visão de mundo. Influências que demandam valores experimentados, abrindo opções de escolhas de forma diferenciada se pronunciam com evidências em alguns depoimentos. Em algum momento do passado, a semente germinou.

O corpo é conteúdo e veículo de experiências que, muitas vezes, nem sequer nos damos conta que estão aí, potenciais. Atualizar, experimentar, abrir-se para escutar o corpo-memória nos permite acessar aquilo que nos define como únicos e, ao mesmo tempo, pertencentes a uma cadeia de gerações. Somos herdeiros e portadores de uma ancestralidade (FERREIRA-SANTOS, 2012, s.p.)

- *Comecei a fazer uma Especialização em Arte Terapia e quando comecei a estudar, me veio muitas memórias da Aldeia. Que tinha uma ligação, que eu estava resgatando a alguma coisa que estava lá. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

- *Eu acho que é o primeiro tudo, eu acho que qualquer coisa que venha depois se junta a esta memória, eu acho que quando você vai pra faculdade, você utiliza daquilo que você tem, e é por causa da primeira infância do ambiente que você viveu, se sua escola te proporcionou coisas boas, você vai usar isso na profissão que você escolher, se você é espontânea, você vai escolher e a espontaneidade, e só na primeira infância, ou você tem ou você perdeu. Minha formação em Psicanálise infantil, acho que a escola teve muita influência por ter escolhido a profissão, o desenvolvimento humano, a hora que eu fui escolher a teoria que iria seguir, dentro da Psicanálise infantil, porque basicamente, a princípio tem dois grandes focos: da sensação, Winnicott, que segue mais os sentidos, e o outro e uma escola mais Klein, que trabalha a raiva a inveja. Acho até que faz sentido, mas, pra mim, é muito mais nítido e nesta questão a Aldeia é diferencial, principalmente por causa do cheiro, da questão dos sentidos. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

- *Provavelmente carrego essas memórias no meu trabalho que além de ser engenheiro civil, carrego foco na natureza, criei esta empresa com foco na construção sustentável, telhado verde... Criamos no último projeto uma área verde dentro da casa. Talvez este meu legado de passar as áreas verdes pra frente vem desta fase. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

- *De valores, esta questão de hoje eu trabalhar com arte educação e valorizar a criatividade, tenho certeza que está plantado ali... Me sinto bem de poder ter na formação experiências que*

*colaborem até para eu ajudar neste desenvolver do mundo, estar no mundo de uma maneira, eu acho que um pouco contra-corrente, porque ainda tem muito desrespeito, ainda tem muito segmentação, divisão das pessoas, ainda tem muito, mas eu acredito na corrente que vai contra isso, e assim, e ter ferramentas pra também fazer isso acontecer, faz parte da Educação dar essas ferramentas, e aí eu acho que na minha vida inteira só foram me dadas na educação na Aldeia, depois me deram outras ferramentas para outras coisa, passar no vestibular, enfim, mas esta construção do mundo... só lá. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

*- Sempre quis fazer alguma coisa pra ajudar, cuidar, sempre tive esta vontade de cuidar das pessoas, de buscar um crescimento, profundo, a gente vai e volta, legal pensar nisso agora, a gente faz uma ponte lá atrás e ver que tudo tem a ver, nossa construção... A minha formação, eu sempre gostei de estar com as pessoas, de compreender, de empatia, de não ficar muito em mim, olhar o outro, se colocar no lugar do outro. Isso sem dúvida contribuiu para minha formação, para a escolha da minha profissão, sendo que a Aldeia foi o primeiro lugar que eu convivi com as pessoas, por ser filha única, de brincar, de dividir, e eu amava a Aldeia. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Eu fui para humanas, porque pra mim ficou muito marcado a importância do lado humano, deste olhar humano pra vida deste desenvolvimento, pode ser que tenha influenciado na escolha da minha profissão. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

## **5.11 Visão de Educação**

É o interesse que nos liga ao que não é nós, a vida que o passado, por sua prova continua, encontra em nós e nos traz, é sobretudo a vida que ele continua a levar em cada criador que reanima, relança e retoma em cada quadro o empreendimento inteiro do passado (MERLEAU-PONTY, 2002, p.99).

Figura 37- Aldeia (1983)



Fonte: (Acervo da Autora)

A visão de educação que orientou a implantação da Escola, de forma intencional ou intuitiva, era orientada pela liberdade, pela escuta das crianças, pela valorização das atividades da criança, que se referia em respeitar o tempo, respeitar a voz, o interesse, e essa visão é compreendida pelas crianças e reelaboradas agora pelos adultos.

Narrar é compreender, enquanto se narra, processos internos que vão ganhando dimensões de leitura e significação mais verticais e amplos, ao mesmo tempo. E ao reviver o antigo sob outro enfoque, o passado se refaz sob as *benesses* da imaginação, narramos de outro modo, depois dessa experiência. Nossos devires se abrem a partir daquele outro passado reconstruído no presente. Ao relembrar nossa origem, reconhecer nossos processos identitários, abrimo-nos ao devir, esperando pelo inevitável fim com a aceitação da vida de quem constata a tradição da filosofia trágica (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012 p.102).

Interessante observar que a maioria dos entrevistados mencionou que voltaram a rememorar a escola Aldeia quando tiveram filhos e gostariam de oferecer a mesma vivência que tiveram em sua infância, na escolha da Escola para seus filhos.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança. (POULET, 1992, p. 54-5)

- *Eu comecei a lembrar muito mais na Aldeia, depois que eu tive a minha filha, porque eu comecei a pensar que tipo de escola eu queria oferecer pra ela. Foi ai que eu descobri que o mundo está muito diferente do que o que a gente viveu... Eu senti muita falta disso, porque na minha lembrança, a gente teve uma educação livre até eu ir para o Pré-Primario, isso eu me lembro bem, porque este período da Aldeia não foi marcado por regras, das coisas acontecerem de forma rígida, de cumprir horários.... Porque quando eu comecei a escolher a escola para minha filha me vieram todas estas questões, o que a gente quer ensinar, como que a gente faz pra encontrar uma escola como a gente acha que tem que ser.... Como a nossa infância reaparece quando a gente se torna pai e mãe, ai que a gente começa a perceber a importância de algumas vivências de alguns elementos que eram parte daquele comecinho, e que a gente talvez nem soubesse, e dai, chega uma responsabilidade como essa, e ter tido uma base legal, aparece neste momento, eu queria uma Aldeia para meus filhos!!! Queria uma Aldeia em Recife. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

Como afirma Froebel (1887, p. 55), “A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança – do desenvolvimento humano neste período; é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem a fonte de tudo que é bom.” A educação precisa abordar não só a vida intelectual do aluno, mas também sua vida afetiva, corporal, social e espiritual, em busca do reencantamento do processo ensino-aprendizagem, por meio destes depoimentos confirmamos que, ao receber essas vivências, é natural o desejo de reproduzir a seus filhos este bem.

- *Queria que meus filhos tivessem uma Aldeia pra estudar, porque acho que foi fundamental na minha vida e vou sempre carregar no meu coração, e obrigado por esta oportunidade de rever, pra reviver estas histórias. (Luiza de Miranda Costa Moldan, 2017, ex-aluna).*

- *Depois que a Julia (filha) nasceu, veio o desejo de proporcionar pra ela este contato com a natureza e com os animais. Quero passar para minha filha essa simplicidade, a ligação com a essência do que é natural, a alimentação saudável. (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).*

- *Meus filhos estudam em uma escola muito parecida com Aldeia, com horta, animais, arte, areia, voltam imundos, nunca vai ser igual pra mim pois a relação que eu tinha com as professoras, é diferente, falta, mas consegui um lugar que dá um pouco disso pra eles... Eles*

*tém música, é um bairro alemão, as professoras tocam flauta, violão... Hoje fico pensando muito se meus filhos podem lembrar como eu, se eles irão ter a mesma vivência que eu tive...Se eles irão ter tão boas memórias como eu tive. Eu fico tentando proporcionar as melhores experiências para eles receberem o que eu recebi, isso confirma o quanto foi boa esta minha experiência, pra você ver como essa experiência me marcou até hoje porque quero oferecer com a mesma intensidade. (Claudia Petlik, 2016, ex-aluna).*

*- Nos finais de semana, eu chorava que queria ir pra escola, eles tinham que me levar na Escola, pra provar que a Escola estava fechada, minha mãe teve que me subir no muro pra mostrar que não tinha ninguém pra me acalmar, de tanto que eu queria ir pra Aldeia. Tanto que ficou isso na minha cabeça quando fui escolher uma escola para meu filho, e encontramos uma que tem uma imensa área verde, mas acompanha que tem este incentivo no contato com a natureza, e a primeira palavra dele foi árvore, antes de mamãe... Eu deixo muito meu filho livre, sentado na grama, regar as plantinhas, coisas que foram passadas pra mim. Sempre quis participar muito com meu filho, estar presente, me interagir com meu filho, porque eu vivi isso na minha infância, e também procurei uma creche que tivesse espaço verde, contato com natureza, colocar o pé na terra, pois vejo as crianças que não têm este contato faz muita diferença na evolução, custa colocar a criança em uma escola com espaço verde, sim, mas vale a pena, pois eu vivi isto por isso quero dar ao meu filho. (André Nigro, 2016, ex-aluno).*

*- É difícil pra mim não querer dar pra minha filha um pouco do que vivi, seria uma violência, simplesmente negar isso, eu não consigo colocar ela numa escola o dia inteiro sem nenhum tipo de vivência doméstica. Porque eu acho que na Aldeia tínhamos atividades domésticas, um pouco uma continuidade de casa, e isso que era interessante também e hoje fica difícil não dar uma partezinha possível, do que tive pra ela. Acho que algo disso marca um ponto de querer transmitir uma vivência um pouco mais próxima. Que também tem a ver com ritmo, deixar a criança mais livre, tive uma briga com a escola dela o ano passado, porque a professora era muito inexperiente, porque as crianças não ficavam paradinhas, ouvindo a história no momento que tinham que ouvir, e reclamando porque ela tinha sono e briguei pelo desrespeito não respeitava o ritmo da criança. Eu briguei muito, porque é um desrespeito em relação ao ritmo da criança. A Escola, pra mim, tem que ser uma continuidade da família (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

A busca de uma educação aos seus filhos, próxima ao que receberam na infância, pressupõe uma apropriação da valorização do que viveram, na idade em que eles se encontram, sendo que, em sua maioria, não encontraram um espaço adequado em relação ao que buscavam como referência, acentuando a dificuldade de Escolas que ofereçam essa visão mais amplificada de valorizar o tempo e o espaço que valorize o ser criança

- *Eu procurei uma escola para minhas filhas que elas pudessem receber o que eu recebi de liberdade, uma experiência bacana (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

O central na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. A biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela. (MATURANA, 2002, p.32)

## **5.12 A entrada no ensino convencional**

Essa compreensão de corporeidade poderá incendiar a paixão de ensinar e aprender como princípio educativo, visível nos gestos, no tom de voz, na palavra, no olhar, no silêncio, na impaciência e na quietude, no riso e no choro, no medo e na ousadia, no abraço, na proximidade e na distância. A agenda do corpo na educação e no currículo deverá necessariamente alterar espaços e temporalidades, considerando o ato educativo um acontecimento que se processa nos corpos existencializados e é atravessado pelos desejos e pelas necessidades do corpo e que, seguramente, não é propriedade de nenhuma disciplina curricular, mas que pode oferecer-se, não sem resistência, como projeto de inusitadas colaborações nesse espaço e tempo da educação que compreendemos como currículo. (NÓBREGA, 2005, p.613)

Falas que se expressam de um corpo vivido. Deixaram-nos impressionados as memórias referidas à saída da Escola e a entrada em um modelo de ensino convencional, muitas vezes usado com o termo ruptura. A perda da liberdade, talvez, foi a menção mais citada em todos os depoimentos, que sinalizam a percepção dos sentidos no corpo quando alteradas suas possibilidades. Fatos que trouxeram até uma certa nostalgia ou responsabilidade de não termos dado continuidade a este sistema de Educação.

Num mundo assim, sem uma relação básica com a natureza, sem liberdade de movimentos e de escolha de companheiros para brincar, não é possível desenvolver adequadamente uma consciência corporal, uma autoconsciência, uma consciência social e uma consciência de mundo. Num mundo estranho, elas vivem alienadas de si mesmas e crescem como seres manipuláveis e socialmente alienados. Assim, desprotegidas, num ambiente que não lhes

proporciona confiança nem aceitação, elas jamais alcançam um desenvolvimento total de suas possibilidades humanas naturais de auto-orientação, auto-respeito, responsabilidade pessoal e social, liberdade e amor (MATURANA; ZOLLER, 2004, p.195- 196).

Infelizmente, o nosso sistema educacional tradicional não permite que a criança explore e se descubra, em seu próprio ambiente. Privada de liberdade e expressão ela se torna passiva diante de seus impulsos naturais, submetendo-se a uma ordem relativa que molda projetos unilaterais de visões de ordem puramente cognitivas, tendo seu tempo de infância aprisionada em salas de aulas com métodos e regras inflexíveis a individualidade de seu ser.

*- Quando sai, senti muita dificuldade de adaptar, a falta de liberdade, de seguir regras, de ser direcionado, impositivo, mais responsabilidade, principalmente a perda de liberdade (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna).*

*- Porque aquele ambiente, pra mim, era acolhedor, eu precisava de mais tempo na Aldeia, porque depois eu voltei a ter medo, fui pra uma Escola Municipal, alguém tinha que ficar comigo, eu precisava olhar o pé da pessoa, eu chorava todos os dias na escola, dai eu fui transferida, pra outra Escola Estadual, e também encontrei uma professora um acolhimento, mas eu não me sentia bem, só fui melhorar no terceiro e quarto ano da Escola, quando eu voltei pro Escola Municipal de novo. Na minha memória, depois que sai da Aldeia, era um martírio ir pra Escola, não era nada de gostoso, não me traz boas recordações (Luiza de Miranda Moldan, 2017).*

*- Aí eu identifico uma ruptura quando fui para uma Escola particular, enfim porque a proposta era outra, outro momento, mas esta idéia do ritmo mudou, na Aldeia era um ritmo mais orgânico. (Ana Silvia de Moraes, 2017, ex-aluna).*

*- Passei esses 3 anos na Aldeia sendo muito livre ... uma aluna ativa , era totalmente diferente e não teve uma continuidade, porque depois eu fui para outra escola particular, e é muito engraçado porque na minha memória escolar, lembro da Aldeia como ótimos anos da minha vida, os melhores anos da minha vida naquela época, e os três anos que passei no outra escola, foram os piores anos escolares da minha vida, principalmente porque eu era muito livre, eu queria brincar na areia do parquinho e, não podia, aquela saia de preguinhas eu ia com shorts embaixo e queria tirar a saia na hora do intervalo e não podia... e não podia fazer nada, enfim a professora chegou a chamar o meu pai pra falar que eu tinha problemas que eu tinha dislexia, e, na verdade, eu não tinha dislexia coisa nenhuma. (Carolina Guimarães, 2017, ex-aluna).*

*- Quando eu sai da Aldeia, eu senti muito, senti falta dos professores, como era, da liberdade, tinha atividade livre, quando entrei na Escola eu chorei muito, senti muita dificuldade em me adaptar. Eu não queria ir, chorei mais de uma semana, porque não tinha liberdade, ficava dentro de uma sala sentado, na Aldeia eu podia correr, dei muito trabalho para minha mãe, eu queria voltar a ter aquela liberdade. Demorou pra me acostumar. (Antonio Carlos de Avelino Junior, 2017, ex-aluna).*

De acordo com Friedmann, (2014), os sistemas tradicionais precisam dar este passo desafiador de se flexibilizarem já que nossa história é testemunha da grande falta de flexibilidade e adaptação, aspectos que realmente são imprescindíveis para abrir caminho para a transformação e adequação, tão necessárias, nos diversos âmbitos e propostas educacionais.

*- Foi um período conturbado, inclusive depois que sai da escola, não parava quieta, falava pra caramba, me mudavam de lugar, eu não parava de falar com quem estava do meu lado de novo. Eu tive dificuldade inclusive na Escola em relação a isto depois, porque o ensino da Arte não é muito enfatizado na criatividade, a maioria das vezes, é geralmente enfatizado no conteúdo, enfim, quando é enfatizado, digamos assim.... E acho que é o maior benefício que pode se tirar de um momento de criação que exercita outras linguagens que não só as letras, é a criatividade, né, então eu acho que plantou esta semente e hoje eu só consigo ver sentido na arte educação desta maneira e assim, quando estava na escola tive esta dificuldade por não ter uma habilidade fina motora pra entregar um desenho muito bem pintado exatamente como era pedido, era difícil e eu ficava de recuperação de artes imagine isso? ... Que não exige de repente que você fique quieta. (Denise Zakaib, 2016, ex-aluna).*

Segundo Lydia Hortelio, 2009, o atual discurso pedagógico e psicológico, em geral, encontra-se ainda carregado de uma compreensão do brincar como meio para se atingir uma finalidade específica de aprendizagem destituindo dele seu caráter de liberdade e criatividade humana.

*- Eu me lembro de ser tratada igual a todas as crianças. Não tinham diferenças de tratamento. Ali, era um respeito a minha produção, livre, solto, podia cantar, dançar, brincar... Não tinha nenhuma censura, critica, eu tinha uma sensação de felicidade... Depois eu tive outras referências de professores, que me reprimiam.*

*Se a gente tivesse tido outras escolas na mesma linha, porque quando eu fui para escola particular... Talvez seria mais fácil e melhor se tivesse continuada no ensino pedagógico da Aldeia (Claudia Petlik, 2017, ex-aluna).*

A fala do corpo na educação, descrito por Nobrega onde podemos refletir elementos que infelizmente ainda imperam no atual currículo escolar.

Quando perguntamos sobre o lugar do corpo na educação, indagamos fundamentalmente sobre o modo pelo qual o corpo foi compreendido nos currículos escolares, sobretudo na relação com a construção e apropriação dos saberes na cultura escolar. A perspectiva de currículo aqui abordada certamente não esgota a questão; o objetivo principal é refletir sobre algumas maneiras de compreender a cultura do corpo na educação. Neste sentido, apresentamos elementos para o debate e aprofundamentos em contextos mais específicos e que consideram as distintas realidades que configuram o espaço escolar (NÓBREGA, 2005, p. 60)

Pelos apontamentos destes depoimentos, notamos que, para muitos, a passagem ao ensino convencional foi traumática, ocorrendo uma ruptura de um sistema integrado, principalmente no aspecto da liberdade de escuta e expressão. Fato este que alguns anos após ser aberta a Aldeia, a pedido de alguns alunos que haviam saído e dos pais, iniciamos uma turma extra curricular, para que pudessem dar continuidade ao sistema de ensino que oferecíamos. (Figura 38).

Figura 38 - Turma extra curricular Aldeia (1984)



Fonte: Acervo da Autora

### 5.13 Vínculos afetivos

A vinculação é uma forma não verbal de comunicação psicológica, uma harmonia intuitiva que funciona fora e além dos modos de pensamentos e percepções comuns, racionais e lineares. A vinculação envolve o que chamo de “processamento primário”, função biológica de valor prático imenso, mas perdida em grande parte pela tecnologia. (PEARCE, 1989, p.75)

Como cita Pearce, o vínculo criado em um processo de comunicação harmônica permanece e se fortalece com o tempo. Vários participantes fizeram menções a estes vínculos que de alguma forma tiveram continuidade pós Aldeia. Pensamos que esta referência foi nutrida pela forte integração da família na Escola, que possibilitou criar uma Comunidade participativa, em que os próprios pais se afinaram entre si, criando uma extensão desses convívios que se perpetuou, em alguns casos até hoje.

Devido a intenso desenvolvimento tecnológico temos hoje crianças com déficit de amizades, crianças solitárias, com alto risco de depressão, devido ao longo período na televisão e no computador, que, além da falta de atividade física, não criam vínculos afetivos tão importantes neste período da vida.

*- Até hoje tenho vínculo com crianças que estudaram comigo, varias crianças, a Caca, a Lala, a Aninha, a Chica, a Mala, a Marilia Baracat, até hoje somos amigas e começou na Aldeia. Permaneceram mesmo estudando em outras escolas. (Luiza de Miranda Moldan, 2017)*

*- Engraçado que todos os meus amigos atuais são daquela época, então muita gente que eu convivo hoje, éramos amigos da época da Aldeia, o Felipe, o Fabio, a Claudia, que criou este vínculo de amizade. E a gente mantém ate hoje (Rodrigo Gatti, 2016).*

Quando é proporcionado uma aceitação da individualidade favorece a instauração de vínculos,

Somente se minhas relações com o outro se derem na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência e, portanto, na confiança e no respeito, minhas conversações com esse outro se darão no espaço de interações sociais (MATURANA, 2002, p .69).

*- E amigos que tenho até hoje por causa da Aldeia, isso eu acho forte, porque o vínculo que mantemos, realmente foi um vínculo importante. Algumas mudaram de escola e a gente*

*mantinha este vínculo, mesmo em escolas diferentes, minha mãe levava na casa, os pais incentivavam este vínculo, e a gente continuou este vínculo, mesmo quem não era da minha classe, ah, você estudou na Aldeia, ficou uma Comunidade mesmo. Lembro de todos meus amigos, as poucas fotos que eu tinha me ajudaram a manter a memória, mas me lembro de situações de cada um.*

*A maior parte de meus amigos de Araraquara são os que estudaram comigo na Aldeia, eu tive esta escolha por toda vida. (Claudia Petlik, 2016)*

*- Algumas conexões, que estabeleci na Aldeia eu nunca perdi. Este vínculo, mesmo com as que não estavam na minha sala. A Mala, por exemplo, foi uma pessoa com quem eu mantive, mesmo sem estudar na mesma escola. A Claudinha eu também mantive. Quando eu me lembro da Aldeia, (ficou emocionada) ela era amiga que eu tinha maior conexão, eu tinha muita troca com amigos, ia na casa brincar. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna).*

*- Todas as primeiras vivências da minha vida, de felicidade, de morte, de machucado foram todas na Aldeia, isso fez eu querer de alguma forma manter isso na minha vida. Sou amiga da Fernanda desde a Aldeia, eu acho que a importância deste período pra criança e até pra minha vida é essencial, não tenho duvida nenhuma. (Mariana Ferrari Smirne, 2016, ex-aluna).*

*- É interessante como ficou uma aliança muito gostosa entre nós, uma união muito boa, parece que os 35 anos não passaram, ficou este vínculo até hoje com os professores. (Regina Gatti, mãe, 2012)*

A Aldeia foi significativa na vida de todos que passaram por lá, a troca de informações de forma informal, mas direcionada, permitiu a toda equipe e pais construirmos um ambiente de harmonia e confiança, o que propiciou um vínculo presente até hoje – como se fosse a criação de um espaço de possibilidade de afeto para que as relações pudessem florescer da forma como podiam ser, aqui descrita por PEARCE (1992, p.140-141):

A criança vinculada, em geral é a mais inteligente que a não vinculada. A presença constante dos pais- comunicando-se, acompanhando e sancionando eventos na experiência do filho- determina, num grau incomensurável, a profundidade da capacidade cognitiva da percepção sensorial daquela criança.

#### 5.14 Reverberação da memória: Encontro com alguns depoentes

Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade” (BOBBIO, 1997, p.30)

Figura 39 - Encontro 2017



Fonte: Acervo da Autora

No decorrer da pesquisa, tivemos dois encontros sucessivos com alguns dos depoentes, sendo uma das questões em nossas rodas de conversa, se houve alguma reverberação após os depoimentos realizados.

Interessante observar que todos afirmaram que o que mais reverberou depois de nosso encontro, foi a atenção na educação com seus filhos, alguns passaram a proporcionar algumas atividades semelhantes das que fazíamos lá. Provavelmente a apropriação de suas memórias na infância, intensificou o desejo de proporcionar a eles experiências semelhantes, posto que, em sua maioria, seus filhos se encontram com a mesma idade que tinham quando estudavam na escola. É fato também que embora já houvessem mencionado estas afirmações nas entrevistas, essa intenção ficou mais avivada, como reflexão e clareza do que realmente predomina de valor, neste período da vida. Como cita Bobbio, as recordações nem sempre afloram; se não vamos procurá-las, elas tomam outras formas, quando avivadas.

- As memórias, eu fui falando , parece que elas ficaram mais vivas depois que eu falei, acho que depois de verbalizar, dá uma organizada, parece que como se tivesse acontecido há poucos anos atrás, parece que eu lembro do filtro, do espaço físico , as pessoas, ficou mais vivo... **Cada vez que a gente revisita o passado tem um resgate de alguma coisa nova, de uma leitura nova, de um novo olhar, não é estático, reverbera, não tão consciente, recupera sonhos, outro olhar....Este resgate, organizar a memória,** verbalizar o que a gente viveu, pra mim, foi super importante pra fase de maternidade, porque meus filhos estão nesta fase, de quando eu estava na Aldeia, e toda hora eu pergunto pra eles o que vocês se lembram do ano passado, da escola, porque é legal ir consolidando a memória... A maioria das pessoas não tem tantas memórias, eu acho legal estimular e a pessoa se conhece assim..Repercurte nos valores, o que mais fica, os valores mais recentes. Nas escolhas que eu faço para meus filhos, na maternidade, nas escolhas de música, nas atividades que faço com eles, sempre a base, é o que vivia na Aldeia (Claudia Petlik, 2017, ex-aluna, grifos nossos).

Vale destacar, nesta fala da depoente, a força mística que acompanha a recuperação da memória, que transmuta o presente ao mesmo tempo permite se apropriar de sua história, pois a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam. “Toda consciencia do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado. (LOWENTHAL, 1981, P.75)

- Você começa a voltar no passado, é muito gostoso, dá uma sensação boa, de voltar, porque você não para muito pra pensar na sua infância, algumas vezes você encontra uma amiga e fala: lembra? ...Mas voltar no resgate há quantos anos atrás? Estou com 40 agora, 36 anos atrás é gostoso uma sensação boa, de olhar como foi bacana a minha infância no passado... Tanto que eu resgatei algumas coisas que eu tinha, da Aldeia, eu comprei argila, brinquei com meus filhos com argila... foi muito bom!!! (Luiza de Miranda Moldan, 2017, ex-aluna).

Como afirma Bobbio (1997, p.30) “O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa, mas é uma atividade salutar”. A rememoração fortalece o que reverbera em nossa essência, recuperamos o prazer do que nos deu prazer.

Figura 40 - Encontro 2017 – Filhos dos depoentes brincando com argila.



Fonte: Acervo da Autora

*- Aldeia simplesmente dava espaço pra criança poder se desenvolver de um jeito bom pra criança. Ela respeitava o tempo da criança, trabalhar os sentidos, o motor, a natureza. Tudo acontecia naturalmente, era um espaço que respeitava o tempo da criança, quando me lembro, era um espaço muito gostoso, porque a gente ia lá, fazer o que a criança gosta de fazer, então tinha essa conexão com o tempo da criança, isso acho que era muito legal, e isso, por exemplo, quando a gente se torna pai, mãe, começa a olhar para os nossos filhos, é o que a gente gostaria de oferecer a eles, que eles pudessem se desenvolver, a aprender coisas, sem um desrespeito, sem um atropelo, com uma escuta, do que esta ao lado deles. (Luciana Lupo, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

Figura 41- Encontro 2017



Fonte: Acervo da Autora

*- A Aldeia fez parte de quem eu sou hoje, construí minha personalidade com esta base, com a natureza, tanto que eu coloquei minhas filhas na escola que tem uma mini fazenda, e ela adora os animais, eu lembro dos animais dos coelhinhos, eu tenho foto, e este contato com a natureza, com a simplicidade, é fundamental, e quero transmitir isso pra minhas filhas, e transmito. Vai ficar pra sempre na minha memória, um lugar familiar. Foi demais pra mim, nunca esqueci todas as lembranças estão sempre vivas na minha história. (Mariana Lauand, 2017, ex-aluna).*

Percebemos o quanto as atividades simples, mas tão ricas em conteúdos, permanecem e atuam como referências em suas vidas. “A natureza por si só constitui-se no currículo pelo fato de propiciar a aprendizagem, desenvolver a autonomia, oferecer liberdade, garante um brincar de qualidade, potencializa as relações entre os pares, permite observar a natureza de perto com suas especificidades (CARRUTHERS, 2010).

*- Foi super legal conversar sobre este assunto, pois me levou a recuperar algumas memórias lúdicas, me fez pensar em pontes que não eram presentes mais em mim. E vêm coisas muito legal. Mexe muito essas coisas sempre mexem bastante, porque voltar um pouco na nossa história, e a gente vivenciar e com outro papel, porque eu vivo este papel efetivamente com minhas filhas com a idade que estava na Aldeia, então foi muito significativo, comecei a pensar bastante depois do nosso encontro, e tentar viver mais o que que a gente viveu hoje aqui, antes com as crianças, o que eu aprendia, os valores lá da Aldeia, estas questões, da horta, da culinária, da terra, de valorizar e de viver o que é mais importante da vida, estes momentos mais simples, mas tão grandes, acabam ficando grandiosos sendo valiosos pra gente levar que é o que fica na nossa memória assim. (Fernanda Serafim, 2017, ex-aluna, grifos nossos).*

No tempo presente, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade muitas vezes descartável das informações, tendem a desaparecer os narradores espontâneos, aqueles que fazem das lembranças, convertidas em casos, lastros de pertencimento e sociabilidade. Nessa dinâmica de velocidade incontida, desenfreada, perdem-se as referências, diluem-se os substratos da vida, reduzem-se as possibilidades de construção do saber. (DELGADO, 2003, p.25)

Figura 42 - Encontro com alguns depoentes



Fonte: Acervo da Autora

Impressionam as falas dos depoentes ao afirmarem o quanto essas práticas simples, mas de sobremaneira gravadas em quase todos, repercurtem, hoje, na reprodução e desejo de oferecer as mesmas experiências aos seus filhos. Para Marieta Ferreira (2000, p.111), “A memória é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” As narrativas coligidas para esta pesquisa são preciosas e permitiram a recuperação de uma trajetória e a reconstrução de um saber que se apresentam com mais fundamento e apropriação, ancoradas pela memória dos próprios alunos, de vivências que permaneceram vivas, mobilizando, o desejo e ensejo de serem levadas às próximas gerações.

Compactuo com a definição de educação como recuperação da vida.

Para que educar? Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão. Quero um mundo em que respeitemos o mundo natural que nos sustenta, um mundo no qual se devolva o que se toma emprestado da natureza para viver. Ao sermos seres vivos, somos seres autônomos, no viver não o somos. (MATURANA, 2002, p.34-35)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desta pesquisa demonstrou o grau de importância das aquisições de valores ocorridos na experiência vivida pelas crianças na escola Aldeia e reforçou a premissa de que o estado de consciência adulto não pode existir, a não ser em uma relação sincrônica com o conhecimento corporal e o processo primário. O processo primário abrange a experiência passada, atual e potencial. Neste sentido, a essência absorvida dessas vivências sinalizam sementes que de formas diferentes desabrocharam em suas vidas, permitindo a assimilação de conceitos próprios que refinaram as escolhas e valores em suas vidas adultas.

Podemos citar como pontos relevantes que fundamentam e direcionam esta pesquisa: a compreensão do corpo como o veículo do sensível; a natureza como o habitat natural da criança; o brincar como a linguagem da criança; a valorização das linguagens expressivas; a compreensão do ser humano integrado, com aspectos conscientes e inconscientes, que traz a história da humanidade, familiar e pessoal e que nos aponta para o futuro.

Os conceitos que a fundamentaram foram analisados a partir de uma abordagem teórica transversal que, se captados por uma sensibilidade desperta, podem amparar uma nova visão de educação que tenha como objetivo o desenvolvimento humano e a sustentabilidade da vida. Como núcleo central, valemo-nos da interface dos princípios da teoria Sistêmica referida por Fritjof Capra e da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, a partir de um diálogo com outros pensadores, a fim de analisar o conteúdo das vivências relatadas pelos sujeitos da pesquisa, comprovando que alguns valores, aqui, entendidos como fundamentais para convivência harmônica com a comunidade humana e natural, foram estruturados na infância enquanto os mesmos estiveram frequentando o espaço educacional da Aldeia.

Pela Teoria do Sistema, que entende o mundo como um todo integrado, evidencia-se que os fenômenos vividos pelos sujeitos estão interconectados e tecem uma teia de relações que se retroalimentam, de modo a favorecer a apropriação de uma nova visão de mundo. Pautados nesta afirmação, constatamos que, apesar das experiências dos sujeitos dessa pesquisa terem se dado em tão tenra idade, elas permaneceram vivas, posto que impressas na memória corporal por eles registradas e que elas são de ordem sensorial e não mental e ou intelectual. A corporeidade como unidade perceptiva funcionou como instrumento afinado de leitura do mundo que nos permitiu acessar de forma congruente a inteireza no ato existencial. Se o corpo guarda a memória da ação, podemos mesmo pensar que a sustentabilidade do conhecimento depende do registro corpóreo.

O fato dessas vivências terem ocorrido em um curto espaço de tempo e repercutido em suas vidas e nas suas percepções de mundo, influenciando, inclusive, nas suas escolhas profissionais e nas abordagens ideológicas, demonstra o quanto o conhecimento, que não se restringe apenas ao cognitivo, vivenciados na primeira fase da vida está carregada de direcionamento e fundamentos para o futuro.

É notável também a ênfase no discurso de quase todos os depoentes quando afirmam que voltaram a pensar em sua infância quando tiveram filhos e que gostariam de oferecer as mesmas vivências a eles. São por esses ciclos que enxergamos as vias da apropriação desses valores, pois “Aquilo de que me aproprio é uma proposição de mundo” (RICOEUR, 1988, p.58). O fato de buscar no passado uma referência de valores para proporcionar a seus filhos, sinaliza o quanto essas práticas se sustentam no presente e direcionam o futuro.

O pensamento sistêmico pode ser melhor apreendido a partir dessas novas janelas da alma – corpo e sensibilidade. Ver o todo nas partes e vice-versa e discernir a rede de relações que se estabelece entre elas. Neste sentido, acentua uma reflexão mais abrangente e inclusiva das vivências na infância; permite-nos cultivar um pensamento dialógico que busca reunir referências do passado no presente, preservando as diferenças, possibilitando uma nova forma de olhar a educação.

Vale ressaltar que a recuperação da memória possibilita, além de uma reconstrução do saber passado, uma possibilidade de alteração do presente e uma nova visão futura. Acreditamos que estas narrativas alteraram a visão de mundo dos entrevistados, assim como da autora, devido a fortes emoções da recuperação de vivências aqui narradas, que possibilitaram uma revisão e integração de novos valores em suas vidas, assim como o desejo de dar continuidade dos mesmos nas próximas gerações.

A reconstrução da trajetória da Escola Aldeia, por meio dos depoimentos, possibilitou averiguar a importância da mesma na vida de seus ex-alunos e ex-professores como um ambiente inovador em que a educação pode ser vivenciada de forma plena no que tange ao respeito à natureza, aos cuidados com o tempo e o espaço da criança, à arte, à celebração da vida em comunidade, etc. Enfim, de valores que perpassam pelo acolhimento da infância, entendendo a criança como geradora de cultura e saber. Posteriormente, ao nos aprofundarmos teoricamente nos temas suscitados nas entrevistas, pudemos averiguar a pertinência do que era feito nessa Escola. E tal qual um ciclo que se nutre, referencia-se e se abre em diálogo, sem que um fator elimine outro, mas ache paridade e respaldo, a história da autora se mescla e se mistura às outras narrativas, dando ensejo e contexto ao que foi descrito e estudado. A pesquisa se

iniciou neste movimento: a história particular reverencia a história coletiva e se faz presente novamente enredando a vida da Aldeia. Há um vínculo que não se isenta de aparecer em que o pesquisador se aproxima de seu objeto de estudo.

Conduzir o processo de aprendizagem, dentro de um ambiente amoroso, garante o percurso de apropriação da afetividade. Assim, deduzimos que a cognição, em todo seu processo de desenvolvimento, não subjuga o afetivo, mas com este se articula no ato de conhecer. O amor é, sem dúvida, o indicativo fundamental para promover um desenvolvimento de confiança, respeito e soberania, que dá sentido a todas as ações.

A natureza em seu mais completo e complexo sistema nos ensina a estarmos no caminho do eterno aprendizado, a dar relevância ao que realmente tem valor, que reverbera e nos mobiliza para atuarmos com consciência ampliada nesta vida.

Nos ciclos que vivemos e revivemos ancoramos novos acordos de evolução. Gostaríamos de incentivar, por meio desta pesquisa a expansão de espaços que ofereçam uma nova perspectiva de educação e que estabeleçam propostas pedagógicas dentro de uma visão sistêmica do desenvolvimento humano, em que a natureza seja uma constante nos espaços educacionais, e não uma excepcionalidade.

Concluimos que as experiências da infância reverberam na idade adulta em diferentes expressões e manifestações de consciência, capazes de ancorar valores essenciais de convívio harmônico com a diversidade, por meio da integração e do aprendizado com a natureza. No caminho da simplicidade, na sensibilidade da escuta e na oportunidade de proporcionar um ambiente de amor, assim como a natureza nos proporciona.

A educação, ao perceber que corpo, natureza e cultura se interpenetram através de uma lógica recursiva, poderá compreender que o corpo natural é cultural, humano e animal, universal e singular, portanto, histórico. Logo, ao perceber que não é possível ir em busca de um corpo isento de história e ao reconhecer a responsabilidade que possui ao colaborar com a reescrita dessa história, ela tem o desafio de permitir desabrochar as subjetividades, abrindo espaços que possibilitem a florir o ser selvagem, o ser do abismo, um ser que, ao se modificar constantemente, provoca mudanças no ambiente, na sociedade, na cultura. Uma educação que seja capaz de fazer desvendar a capacidade criativa de um corpo que, ao viver, se reestrutura mediante imprevistos, fazendo desvelar a complexa condição humana. (NOBREGA; MENDES, 2004, p.136)

## REFERÊNCIAS

AIRES, P. G. **O quanto da natureza e do brincar.** Palestra proferida no Seminário Internacional de Jogos Tradicionais, realizado na EEFÉ-USP entre 15 e 17 de ago. 2012.

\_\_\_\_\_. **O brinquedo e a imaginação da terra:** Um estudo das brincadeiras do chão e suas interações com o elemento fogo, João Pessoa, 2013- Dissertação. Disponível em: <<http://text-br.123dok.com/document/q5m16mgy-o-brinquedo-e-a-imaginacao-da-terra-um-estudo-das-brincadeiras-do-chao-e-suas-interacoes-com-o-elemento-fogo.html>>. Acesso em 23 set. 2017.

ALVES, R. **A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas, SP: Papyrus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Do Universo à Jaboticaba.** (Crônicas). São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

ANDRADE, L. **Terapias Expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.

ARCE, A. **Friedrich Froebel:** O pedagogo dos jardins de infância. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARCCURI, I. G. (org.). **Arte-terapia** - Um novo campo de conhecimento. São Paulo: Vetor Ed. Psico-Pedagógica Ltda, 2006

ASSMANN, H. **Reencantar a Educação:** Rumo à Sociedade Aprendente, 10.ed., Petrópolis, R.J.: Vozes, 2007.

BARBIERI, S. **Interações:** Onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

BARROS, M. **Memórias Inventadas:** a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BERGSON, H. **Matéria e Memória:** Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** Trad. Marcos Vinícius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BOBBIO, N. **O Tempo da memória.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORBA, A. M. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patricia (org). **Educação Infantil** – cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BOFF, L. **Saber cuidar:** ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire.** Disponível em: <[http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque\\_metodo\\_paulo\\_freire.pdf](http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf)> Acesso em: 15 fev.2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. / Brasília :MEC/SEF,1998. Volume1.

BUITONI, D. S. **De volta ao quintal mágico:** A educação infantil na Te-Arte. São Paulo: Ágora, 2006.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**, editora UNESP, 1999.

CATALÃO V. M. L. **A Redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade**, 2013. Rede Brasil de Transdisciplinaridade. Disponível em: [www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.org/pluginfile](http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.org/pluginfile). Acesso em: 13 nov. 2017.

CATUNDA, R. **Brincar, criar, vivenciar na escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

CAPRA, F. **O Tao da física.** São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Ponto de Mutação.** São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização Ecológica:** a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização Ecológica:** O Desafio para Educação do século 21. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Formação%20Continuada/Educação%20Ambient al/ALFABETIZAÇÃO%20ECOLÓGICA.pdf>> . Acesso em 29 out. 2016.

CARRUTHERS, E. As experiências das crianças ao ar livre: um sentimento de aventura? In: MOYLES, J. (org) **Fundamentos da Educação Infantil:** enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CATROGA, F. Memória e História. In: PESAVENTO, S. J. (org.). **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2001.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação.** vol.23, n.1-2 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci_arttext)> . Acesso em: 18 nov. 2016.

CRUZ M. C. M.T. **Para uma educação da sensibilidade:** a experiência da Casa Redonda. Centro de Estudos, 2005, ECA- USP. Disponível em: <

[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/.../AEDUCACAODASENSIBILIDADE.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/.../AEDUCACAODASENSIBILIDADE.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2017.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidade**. Moodele. UFSC. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod\\_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20-%20História%20oral%20e%20narrativa.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20-%20História%20oral%20e%20narrativa.pdf). Acesso em: 27 abr. 2017.

FERREIRA-SANTOS ; PEREIRA. A sensibilização da memória por meio dos contos filosóficos na formação de educadores. **Revista Educação: Teoria e Prática**, set. 2012. Disponível em: <https://www.library.caltech.edu/eds/detail?db=edb&an=93477674&isbn=15179869>> . Acesso em 3 out. 2017

FERREIRA-SANTOS, M. O ancestral: entre o singular e o universal. In: AMARAL, M. (Org.). **Culturas Juvenis**. São Paulo: FAPESP, 2012. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/ancestral\\_singular\\_universal.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/ancestral_singular_universal.pdf)>. Acesso em 17 set. 2017.

FERREIRA M. E. M. P. O corpo segundo Merleau-Ponty e Piaget. **Ciências & Cognição**. Revista interdisciplinar de estudos da cognição, 2010. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/424/233>>. Acesso em: 23 set. 2017.

FERREIRA, M. M. **História do Tempo Presente: desafios**. *Cultura Vozes* v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000. Trata-se de uma revista?

FERRER CERVERÓ, V. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, J. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

FORMOSINHO, J.; ANDRADE, F. **O espaço e o tempo na Pedagogia em Participação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2011.

FREINET. C. **O método natural**. Trad. Franco de Sousa e Teresa Balté. Lisboa: Estampa, 1969.

\_\_\_\_\_. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na Pedagogia Freinet**. Tradução: Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **O Universo Simbólico da Criança: Olhares Sensíveis para a Infância**. São Paulo, Vozes, 2014

FROEBEL, F. **The Education of Man**. New York: D. Appleton and company, 1887.

GADOTTI, M. **Ecopedagogia e Educação para a Sustentabilidade**. Instituto Paulo Freire, Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <[http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/det/palestra3\\_eco\\_educacao\\_sustentabilidade](http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/det/palestra3_eco_educacao_sustentabilidade)>

[gadotti\\_1998.pdf](#)>. Acesso em: 18 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da terra**. 5.ed. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 2000. 217p.

\_\_\_\_\_. **História da Idéias Pedagógicas**. Editora Ática: São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ecopedagogia e educação para a sustentabilidade**. Canoas: Gráfica da ULBRA, 2005.

GIROUX, H.; MACLAREN, P. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.18, n.2, p.21-35, jul./dez. 1993.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez, 1999.

GROTOWSKI, J. Número Especial de Homenaje: Grotowski. **Máscara Escenologia**, Ciudad del Mexico, n.11, Ano 3, Jan. 1993.

HORTÉLIO, L. **História de uma manhã**. São Paulo: Massao Ohno, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise e Sugestões** - Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil. Salvador: Editora ou Universidade, 1998.

\_\_\_\_\_. **A importância do brincar**. Disponível em: <<http://www.familiarte.com.br/familia-e-sociedade/entrevista-com-lydia-hortelio-sobre-a-importancia-do-brincar/>>. Acesso em: 13 jun. 2017

LELOUP, Jean Yves. **O corpo e seus símbolos** Uma antropologia essencial. Petrópolis- RJ: Vozes, 2011.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

LIMA, E. de S. **Brincar para quê?** São Paulo: Editora InterAlia, 2007.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: Resgatando nossas crinacas do transtorno do deficit de natureza. São Paulo, Aquariana 2016.

LOWENTHAL, D. **Como Conhecemos o Passado**. São Paulo: EDUC, 1981.

JUNG, C. G. **The earth has a soul**-The Nature writings of C.G. Jung. Berkeley: North Atlantic Books, 2001.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, C. G; KERÉNYI, K. **A criança divina**: uma introdução à essência da Mitologia. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Reflexões Junguianas).

KELEMAN, S. **Mito e corpo** - uma conversa com Joseph Campbell. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

KISHIMOTO, M.T. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MARA, A.; LUIZ, A. Gonçalves. **Obesidade infantil e depressão**. Disponível em: <[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id\\_materia=2071&fase=imprimeacesso](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=2071&fase=imprimeacesso)> Acesso em: 6. nov.2016.

MATURANA H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MATURANA, H; VERDEN-ZOLLER, G.. **Amar e brincar-fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena , 2004.

MEIHY, J. C. B. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIRELLES, R. Org. **Território do brincar diálogo com escolas**. Territórios do brincar. 2014. Disponível em: [http://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio\\_do\\_Brincar\\_-\\_Di%C3%A1logo\\_com\\_Escolas-Livro.pdf](http://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio_do_Brincar_-_Di%C3%A1logo_com_Escolas-Livro.pdf). Acesso em: 02 jun.2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_(2000). **A natureza**: notas: cursos no Collège de France. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**. Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003 . Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 23.set.2017.

MORAES R., GALIAZZI C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí- RS: UNIJUI, 2016.

\_\_\_\_\_. Análise Textual Discursiva: Processo Reconstutivo de Múltiplas faces. **Ciência & Educação**. Bauru, SP, v. 12, p. 117-122, 2006. Disponível em : <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=251019514009>>. Acesso em: 23 set. 2017

MOORE, R. C. The Need for Nature: A Childhood Right. Social Justice 24.v3 London 1997.

MORIN, E. **O método I: a natureza da natureza**. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

\_\_\_\_\_, **Cabeça bem feita** - repensar a reforma-reformar o pensamento, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos

cognitivos e currículo. **Educ. Soc.** [online]. maio/ago. 2005, vol.26. Disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

NÓBREGA, T. ; MENDES, M.I. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a08.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NEEDLEMAN, J. **O coração da filosofia**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1991.

NEVES, M. de S.. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

PEARCE, J. C. **A Criança mágica**: A redescoberta da imaginação na natureza das crianças. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1989.

\_\_\_\_\_. **O fim da evolução**. Editora Cultrix, SP, 1992

PELIZZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REVAH, D. As Pré- Escolas Alternativas. **Caderno de pesquisa**. São Paulo, n.95, p.51-62, nov. 1995, Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/825/833>> Acesso em: 18 mai 2017.

RICOEUR, P. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SÁ, M. H. N. **Uma Escola Alternativa- Avaliando sua trajetórias** -Faculdade de Educação, - UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 1995. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_134e8dff4ae520707ddd04e285cb001f/Details](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_134e8dff4ae520707ddd04e285cb001f/Details)> . Acesso em: 13 mai. 2017.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002.

SANTHIAGO. R. Da fonte oral à História: debates sobre legitimidade. **Saeculum - Revista de História** (18); João Pessoa, jan./jun. 2008. (p, 33-46).

SAURA S. C. O imaginário do lazer e do ludico anunciados em praticas do corpo brincante. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2013. 7 Seminário “Brincar: práticas diferenciadas no espaço escolar”, SESC Ipiranga, 17/nov./2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rbefe/2013nahead/rbefe\\_aop\\_1513.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbefe/2013nahead/rbefe_aop_1513.pdf)> Acesso em: 31mai. 2017.

SINGER, H. **República de Crianças**: uma investigação sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEKEFF, M. de L. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 15, Abril, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975

VASCONCELLOS, C. Reflexões sobre a Escola da Ponte. **Revista de educação**. n. 141 out./dez.2006. Disponível em: <[www.celsovasconcellos.com.br](http://www.celsovasconcellos.com.br)>. Acesso em 18 mai. 2017.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VON SIMSON, O. (Org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

ABRAHÃO, M. H. M. B. **História de educação**. Memória, narrativas, e pesquisa auto biográfica. - 2003. UFRGS; Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>>. Acesso em: 19.out.2016.

ESCOLA DA PONTE. **Escolas alternativas**. Disponível em: <<https://noscidadaos.pt/2015/01/07/nos-cidadaos-reve-se-no-modelo-pedagogico-da-escola-da-ponte/>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

ESCOLA DA PONTE. **Escolas alternativas**. FONSECA. R.N.V. UNB, 2012. Disponível em :<[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4395/1/2012\\_RaimundoNonatoVerissimodaFonseca.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4395/1/2012_RaimundoNonatoVerissimodaFonseca.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2016.

ESCOLA DA VILA. **Escolas alternativas**. Disponível em : <<http://www.escoladavila.com.br>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

SUMMERHILL SCHOOL. **Escolas Alternativas**. Disponível em : <<http://www.summerhillschool.co.ukhttp>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

TE-ARTE **Escolas alternativas**. Disponível em : <<http://www.band.uol.com.br/m/conteudo.asp?id=/100000683281/&programa=/Cinema/&editoria=/entretenimento/>>. Acesso em: 16. maio.2017.

## APÊNDICE - A

### **- Roteiro da Entrevista semi- estruturada com os ex- alunos da Escola Aldeia Recreação Infantil**

- 1- Quais são as memórias de sua infância na Aldeia?
- 2- Qual o período que permaneceu na Escola?
- 3- Que importância teve na sua vida pessoal ou profissional a experiência de ter sido uma criança da escola Aldeia?
- 4- Quais valores você acredita que repercutiram em sua vida
  - Você identifica algo com relação a criatividade?
  - Com relação a natureza?
  - Com relação a coletividade?
  - Com relação a escolha da profissão?
- 5- Você se imagina diferente se não tivesse participado desta experiência
- 6- Você ainda tem amigos que foram desta época?
- 7- Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

**APÊNDICE -B-**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**Dados de identificação**

Título do Projeto:

Pesquisador Responsável:

Nome do participante:

Idade:

R.G.:

Responsável legal (quando for o caso):

R.G.:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “\_\_\_\_\_” (*título do projeto*), de responsabilidade do (a) pesquisador (a) \_\_\_\_\_ (*nome*).

**Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:**

1. O trabalho tem por objetivo a recuperação das memórias de ex- alunos que frequentaram a Aldeia Recreação Infantil, no período de 1980 a 1986.
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em realizar um depoimento das memórias sobre as vivências no período que frequentei a Escola. Autorizo a gravação e filmagem no ato da entrevista e posteriores encontros, para serem utilizados como recurso na pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_  
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Cidade, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento